

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



## **DINÂMICAS DA RECIPROCIDADE NO DESENVOLVIMENTO DE INDIVÍDUOS, FAMÍLIAS, COMUNIDADES E PROGRAMAS**

**Um olhar sobre a pobreza, a conexão e o bem-estar**

**Maria Picão Fernandes da Gama Minas**

**Orientadores:** Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

Professor Doutor James Penrose Anglin

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de doutor.

Doutoramento Inter-universitário em Psicologia Clínica | Área Temática:  
Psicologia da Família e Intervenção Familiar.



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA



# **DINÂMICAS DA RECIPROCIDADE NO DESENVOLVIMENTO DE INDIVÍDUOS, FAMÍLIAS, COMUNIDADES E PROGRAMAS**

**Um olhar sobre a pobreza, a conexão e o bem-estar**

**Maria Picão Fernandes da Gama Minas**

Orientadores: Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

Professor Doutor James Penrose Anglin

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de doutor. Doutoramento Inter-universitário em Psicologia Clínica | Área Temática: Psicologia da Família e Intervenção Familiar.

Júri:

Presidente: Doutora Isabel Maria de Santa Bárbara Teixeira Nunes Narciso David

Vogais: Doutor James Penrose Anglin

Doutora Carmen Leontina Ojedaa Ocampo More

Doutora Mariana Reis Barbosa

Doutora Maria Sofia Seabra Pereira Cabral Menéres

Doutora Madalena Moutinho Alarcão Silva

Doutora Luana Cunha das Neves Teixeira Ferreira

Instituição financiadora: Fundação Ciência e Tecnologia



*A todos os que deram alma a esta tese,  
Que fique impresso em nós o poder da conexão e da reciprocidade.*

## AGRADECIMENTOS

Esta é a secção mais querida e importante da tese. Capta a sua essência e revela as suas incontáveis autorias. Desde o princípio me dei conta de que seria difícil captar todos os obrigados. Por isso foi a primeira coisa a começar a ser escrita, acompanhando e oferecendo entusiasmo a todo o percurso desta história de investigação.

A aventura deste doutoramento proporcionou a descoberta e apropriação do sentido de família. A humanidade como uma família alargada... Como o conceito Ubuntu – eu sou porque tu és – neste percurso tive o privilégio de ganhar consciência e me perceber e sentir parte e ligada a todos. De sentir com e sentir-me implicada. Esta descoberta foi acompanhada por uma impressão de gratidão, de sentido e expansão do coração, dos horizontes... Por isso, o tom de fundo com que esta tese é escrita é familiar e aquilo que lhe dá alma e vitalidade são os laços de amor que foram surpreendendo e enriquecendo este percurso...

Da abertura de portas à partilha de recursos e de histórias de vida, à inspiração, às palavras de confiança, à ajuda a ultrapassar obstáculos, este projeto reflete a boa vontade de mais de 200 pessoas. É deste processo de abertura e transformação conjunta que as páginas desta tese se nutrem.

Obrigada...

#### *Família nuclear*

Pais, pelo porto seguro, pelos conselhos, pelo carinho, pela educação, pela admiração, pelas oportunidades e pelo exemplo de força e união a superar fases mais desafiantes.

Luis, por tantas ajudas e por assumires tarefas que me foram ajudando a focar, Manel, pelo exemplo de concentração, dedicação e paixão no que fazes, Vasco, pelos abraços, pelos mimos e alegria contagiada. Aos três, pela paciência e tão boa companhia.

Tia Gaigai, minha querida madrinha e sua espetacular família, que puseram os ares do campo à disposição, para me retirar cá dentro, e me encheram de carinho na reta-final da tese.

*Família alargada...*

Mira, Luísa, Beatriz, Katia, Susana, Ana, Nuno, Patrícia, Filipa, Rosa, Jorge, Diogo, Ana, Paula, Tatiana, Beta, Hector, Vielka, Carmen, Beatriz, Nick, Luceny, Beimar, Pamela, Irving, Victor, Hector, Vilson, Alan, Guga, Nadir, Ivone, Silvana, Willian, Rocio, Fernanda, Américo, Claudina, Ramón, Maria, Djair, Renata, Camila, Lorena, Suenia, Jessica, Petra, Tosca, Ray, Jackie, Almudena, Marit, Yii, Hege, Anne-Bente, Katherine, Zeibub, Kristof, Patrick, Agata, Mihau, Harald... Todos os participantes e profissionais que me receberam de braços e coração aberto e que, ao partilharem as suas perspetivas, sabedoria e experiência, dotaram esta tese de luz e de essência.

Fundação Ciência e Tecnologia, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Couchsurfing, Centro Paroquial de Carcavelos, Centro Paroquial de Santo António dos Cavaleiros, Creche do Menino de Deus, EB1 nº 121, Pressley Ridge, Movimento ao Serviço da Vida, Mais Cidadania, Nós, Irmãs Doroteias, Better Beginnings Better Futures, KIPP, Middle Class Express, Circo Volador, Laudes Infantis, Terapia Comunitária, Companhia de Jesus, Instituto Vilson Groh, Observatório de Favelas, Fundação Rais, ForandringsFabrikken, Hijas de Jesus, Borderland Foundation, Serviço Jesuista aos Refugiados... Organizações que deram asas a este projeto e que constroem o bem-comum!

*Família adotiva (por me acolherem onde quer que fosse)*

Gaelle e Alan, Sandra, Mariana, Simão, Margarida, Marcela, Pachito, Maria Paula, Catalina, Alejandro, Elvenia, Eveline, Suenia, Sheila, Ana, Nut e Pear, Maria, Paulina e mãe, Mónica, Zuzana, Tereza, Debbie, Gary, Sammy, Jerry, Lizz, Martha, Fernando, Nena, Susan, Rita, Hugo, Maria, Manel, Sara, Gil, Francisca, Petra, Hugo, David, Madalena e João, Aldo, Edilberto, Sílvio,



Eliomar, Miguel, Quica, Sofia, Miguel, Mimi, Joana, Teresa, João, Leo, Sa, Micha, Paulo... Que me fizeram sentir em casa e em família, à primeira vista, em qualquer parte do mundo. Pela confiança, carinho e generosidade do acolhimento.

#### *Família da faculdade*

Maria Teresa Ribeiro, muito querida orientadora, pela confiança profunda, pela relação carinhosa e familiar, pelos convites e desafios marcantes e pela incansável e apaixonada dedicação a este projeto.

James Anglin, my great mentor and dear advisor, who taught me how to passionately get immersed in the art and science of doing Grounded Theory, and passed me the eagerness of always wishing to move onward and upward.

Rubén Parra Cardona, por haber apoyado este proyecto en los primeros momentos cruciales, permitiendo que se realizara un doctorado tan internacional...

Ana Ferreira, pela enorme dedicação, disponibilidade e encanto em partilhar o mundo da estatística. Pelo nosso trabalho de equipa, que permitiu explorar possibilidades, aprofundar aprendizagens e estreitar a relação.

Teresa Lupi, pela paixão pela estatística e gosto em colocar o seu talento à disposição de quem está a aprender. Caiu do céu o nosso trabalho de equipa e “pegou-me” o prazer por descrever resultados estatísticos. Da nossa colaboração fica a memória das gargalhadas, do à vontade e de um tempo rico, intenso e muito bem passado.

Liliana Sousa, Sofia Rodrigues e Madalena Alarcão, pelas dicas partilhadas quando o projeto era ainda uma tábua rasa.

Rita, Sónia, Joana, Ana e Rita Ferreira, que escolheram fazer o mestrado colaborando com este projeto de doutoramento e assim lhe acrescentaram a vossa parte, levando-o mais longe. Guardo memórias emocionantes que partilhámos, o entusiasmo de construirmos em conjunto,

a admiração pelo que fui aprendendo com cada uma e a multiplicação de rumos que proporcionaram.

Luana e Rita Francisco, por partilharem comigo a sua experiência e sabedoria na área da análise.

Professor Alfredo Bruto da Costa, cujas reflexões e discussões trouxeram luzes para o processo de análise.

#### *Família ComParte*

Bruna, Carmo e Margarida, pela inspiração para ser coerente, acolhedora de perspetivas, aberta e genuína nas relações, pelo gigante carinho que nos liga e pelo que temos construído, integrado e aprendido a ser em conjunto.

Ana, Joana, João, Lourenço, Mariana, Teté, Catarina pelo empurrão para me focar na tese, por “darem conta do recado” e por, sempre que nos reencontramos, me fazerem sentir bem-vinda à equipa.

Saiming, Catarina, Lisandra, Ianique, Edmilson, Ronaldo, Alfaela, Enamul, Obai, Ismael, Mustafa, Alexander, Diaby, Fatu e todos os outros Prós, pela vossa maneira de ser, que me marca, emociona e encanta, pelo que crescemos, partilhamos e construímos em conjunto, pela força dos vossos abraços e da confiança... por acrescentarem sentido à minha vida!

Cristina, pelas palavras e textos inspiradores, pelo mimo e pelo carinho que põe em cada coisa, até a tratar das burocracias que permitem darmos passos importantes...

Maria José, Carlos, Maria e toda a administração da Fundação Maria Rosa, pela confiança sem limites, pelo exemplo, familiaridade e força que transmitem, e por terem colocado todas as condições para que a entrega da tese se tornasse uma “missão cumprida”.

#### *Família do coração*

Rita Coelho, pela ajuda a organizar e estruturar *deadlines* para conseguir chegar à meta. Pela partilha e amizade profunda, cá, em São Tomé ou onde quer que formos. Miguel Alves Martins, por me dizer que tenho alma de empreendedora e me apresentar à Ashoka. Pedro Palma, por me ter incentivado a sonhar e a aventurar neste projeto. Zezinho, Luisinha Cantista, Inês Coutinho, Teresa Ribeiro, Inês Sousa, Diogo Paiva e Beia, Maria Nolasco, Francisco Sassetti, Luís Amaral, Pedro Miranda, Duarte Ramada Curto, Zé David, Ana Montez por fazerem pontes que permitiram conhecer pessoas incríveis! Sofia Vaz Pinto por teres oferecido as tuas palavras em inglês quando ainda não as sabia escrever. Teté Nazareth, pela força da amizade, a inquietação partilhada por fazer a diferença, pelo exemplo e partilha do que resulta e por me apresentares o *conference alerts*! Sofia Soares, pela escuta profunda e disponível, que me desperta para o “norte”, e pelas dicas e injeção de determinação, tão importantes para continuar, quando achava que as dores de costas me estavam a bloquear. Jared, pelos livros e artigos recomendados, pela ajuda nas revisões finais e pelo ânimo para continuar. André, pela admiração, pelo interesse em acompanhar profundamente, por criar condições e desfazer obstáculos, pela casa que serviu tantas vezes de “bolha de concentração”, pela paciência e por toda a confiança e força e carinho transmitidos. Leonor, Joaninha, Inês, Joana Louro, Joana Novais, pela amizade profunda e incondicional, pela motivação e esperança que me transmitem.

Sinto-me profundamente agradecida por esta etapa de história, que me fez crescer e conhecer pessoas que marcam tanto a minha vida, e dar voltas à cabeça, e expandir o coração....

**Obrigada.**

O trabalho de investigação conducente a esta dissertação foi cofinanciado por fundos nacionais do Ministério da Ciência e Ensino Superior e pelo Fundo Social Europeu, no Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN, 2007 -2013) – Programa Operacional Potencial Humano (POPH), através da Bolsa de Doutoramento com a referência SFRH / BD / 70322 / 2010, concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

### **Declaração**

De acordo com o artigo 25º do Regulamento de Estudos Pós-Graduados da Universidade de Lisboa, aprovado pela Despacho n.º 2950/2015, esta dissertação engloba artigos científicos submetidos para publicação em livro e revistas nacionais e internacionais com comités de seleção, em colaboração com outros autores. A autora declara que foi responsável pela recolha de dados, análise e interpretação dos resultados, assim como pela redação, submissão e revisão dos manuscritos dos artigos enviados para publicação.

Maria Picão Fernandes da Gama Minas

Outubro de 2017

## RESUMO

A realidade social está marcada por dificuldades e contrastes a nível económico, social e cultural, mas também por um enorme potencial humano que, quando estimulado, pode levar a mudanças surpreendentes e positivas. Esta investigação pretendeu estudar dois fenómenos que estão na base de tais contrastes, a pobreza e a exclusão social, a partir de uma abordagem holística, sistémica e centrada em boas-práticas, com vista a compreender que fatores contribuem para a sua superação, contribuindo para o bem-estar coletivo. O conceito de bem-estar coletivo foi colocado no horizonte desta investigação, procurando assim desenhar linhas de estudo novas, que incluíssem atores habitualmente não tomados em consideração, potenciando a emergência de novas compreensões e possibilidades. Com tal perspetiva, desafios como a pobreza e a exclusão, são compreendidos como fenómenos complexos, enraizados nas dinâmicas sociais, que afetam todos e onde todos podem colaborar na criação de soluções. Três estudos foram então desenvolvidos procurando perspetivar o fenómeno em estudo sob diversas lentes. O papel das redes primárias, das redes secundárias – tendo em conta experiências nacionais e internacionais – e as crenças e perceções da sociedade portuguesa relativamente às suas relações sociais e satisfação foram analisados, com vista a compreender o seu potencial para gerar conexão e bem-estar. Foram ainda intercalados diversos prismas de análise, complementando abordagens qualitativas e quantitativas, de análise *Grounded Theory*, temática e estatística.

O primeiro estudo, de cariz qualitativo e focado nas interações ao nível da rede primária, em Portugal, introduz e explora o potencial da metodologia das Sessões com Audiências Apreciativas (Madsen, 2007) no contexto da investigação, descrevendo os processos psicossociais que emergiram da participação por grupos constituídos por participantes em situação de pobreza e participantes que não viviam em situação de pobreza (N=28), que frequentavam um mesmo espaço social e viviam na mesma comunidade, ainda que não se conhecessem.

O segundo estudo, de cariz qualitativo e focado na prestação da rede secundária, apresenta 15 programas sociais e educacionais reconhecidos como boas-práticas a nível nacional e internacional, e faz um levantamento dos processos identificados como geradores de impacto e sucesso (N=91).

O terceiro estudo envolve uma abordagem quantitativa para compreender as percepções e dinâmicas relacionais relativas à satisfação, apoio social percebido, sentido de comunidade, necessidade de competir, comparação social, vergonha externa e desejo de contribuir, numa amostra da população portuguesa (N= 1187).

Em termos da análise, primeiramente foi desenvolvida uma *Grounded Theory* que envolveu os dados recolhidos no primeiro e segundo estudos. Essa análise levou à emergência de um modelo teórico “as dinâmicas da reciprocidade no desenvolvimento de indivíduos, famílias, comunidades e programas”. De seguida, procedeu-se a um aprofundamento específico de cada estudo, com recurso a análise temática, no caso dos estudos 1 e 2, e com recurso a análise estatística no caso do estudo 3.

Com base nos resultados e aprendizagens recolhidas ao longo da investigação, é apresentado o processo de criação de um projeto social em Portugal – ComParte, refletindo-se sobre a integração entre a teoria e a prática.

Finalmente, na discussão integrada refletimos sobre os contributos que esta investigação traz para o conhecimento teórico e prático na área do combate à pobreza e à exclusão social, bem como ao desenvolvimento de bem-estar coletivo. Terminamos esta reflexão ponderando limitações da investigação, sugerindo potenciais linhas de investigação futuras e sintetizando as principais linhas orientadoras para combater a pobreza e exclusão social, identificadas nesta investigação.

**Palavras-chave:** Reciprocidade, pobreza, bem-estar coletivo, comunidade, programas sociais.

## **ABSTRACT**

Social reality is marked by difficulties and distinctions in economic, social and cultural terms, but also by vast human potential, which, when stimulated, can lead to surprising and positive transformations. This study set out to explore two such markers, the phenomena of poverty and social exclusion, through a holistic, systemic and best-practices approach, seeking to understand what factors contribute to their reduction, as well as to overall collective well-being. In doing so, this research aims to break new ground by using the concept of collective well-being as a frame, while also including actors whose voices have been often overlooked, ultimately enabling the emergence of new understandings and possibilities. Seen through this perspective, the challenges of poverty and exclusion can not only be understood as complex phenomena rooted in social dynamics that affect entire societies, but also propose a means by which all involved might collaborate in the generation of solutions. Three studies were thus designed to analyze the same phenomena through diverse lenses. Taking into account national and international practices, the role of primary and secondary networks, as well as the beliefs, and perceptions of Portuguese society with respect to their social relationships and levels of satisfaction, were analyzed, in pursuit of understanding their potential in fostering poverty reduction, connection, and well-being. The study employed diverse and complementary prisms for analysis, including qualitative and quantitative approaches, using Grounded Theory, thematic analysis and statistical methods.

The first, qualitative study, which focused on the primary network-level of relationships, was carried out in Portugal. It introduces and explores Madsen's Appreciative Audiences methodology (2007) in the context of research, elaborating upon processes that emerged from the participation of groups constituted by members who struggled with poverty, as well as those who did not, but who nevertheless frequented the same social spaces or lived in the same geographic area, despite being unacquainted with one another (N=28).



The second, also qualitative study, focused on the performance of a secondary network. It presents 15 social and educational programs recognized nationally and internationally for their use of best practices, analyzing the processes and practices that these programs use to generate positive impact and success (N=91).

The third study, which employed a quantitative approach involving a sample of Portuguese citizens (N=1187), sought to understand the perceptions and relational dynamics with respect to overall levels of life satisfaction, perceived levels of social support, sense of community, the need to compete, social comparison, external shame, and willingness to contribute.

With respect to analysis, a Grounded Theory was developed in order to encompass the data that was collected in the first and second studies. Grounded Theory analysis led to the emergence of a theoretical framework entitled “dynamics of reciprocity in the development of individuals, communities and programs”. Subsequently, each study was revisited in depth, with thematic analysis used for studies 1 and 2, and statistical analysis employed for study 3.

The findings and lessons collected throughout the research were integrated in the creation of a social program in Portugal – ComParte. The processes involved in the conception and implementation of the program are examined in this thesis, reflecting the intersections between theory and practice.

A final discussion considers the contributions of this research to the theory and practice in the arena of poverty studies, social exclusion and collective well-being. The dissertation’s conclusion suggests lines for future research while providing practical guidelines for continuing development of work and knowledge in these arenas.



## Índice Geral

Índice de Tabelas e Quadros.....	xxi
Índice de Figuras.....	xxiv
Estrutura da Tese.....	xxviii
<b>Parte 1 – Fundamentação e Contextualização da Investigação.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I. Enquadramento Teórico.....</b>	<b>2</b>
<b>Capítulo II. Enquadramento Metodológico.....</b>	<b>41</b>
<b>Parte 2 – Análise Macroscópica.....</b>	<b>60</b>
<b>Capítulo III. Modelo Teórico das Dinâmicas da Reciprocidade.....</b>	<b>61</b>
<i>Fio condutor (I).....</i>	<i>62</i>
TRAJECTORIES ON THE PATH TO RECIPROCITY: A THEORETICAL FRAMEWORK FOR COLLABORATING WITH SOCIO-ECONOMICALLY DISADVANTAGED COMMUNITIES.....	63
<i>Fio condutor (II).....</i>	<i>92</i>
BUILDING RECIPROCITY: FROM SAFETY-NET TO SOCIAL TRANSFORMATION PROGRAMS.....	93
<i>Fio condutor (III).....</i>	<i>118</i>
BUILDING RECIPROCITY: THE DIALECTIC PROCESSES OF CREATING A GROUNDED THEORY AND THE EMERGENCE OF A THEORETICAL FRAMEWORK.....	119
<b>Parte 3 – Análise Microscópica.....</b>	<b>141</b>
<b>Capítulo IV. Rede Primária.....</b>	<b>142</b>
<i>Fio condutor (IV).....</i>	<i>143</i>

REFLECTING-TEAM WITH APPRECIATIVE AUDIENCES: BRINGING TOGETHER FAMILIES FROM DIFFERENT SOCIO-ECONOMIC BACKGROUNDS.....	144
<b>Capítulo V. Rede Secundária.....</b>	<b>170</b>
<i>Fio condutor (V).....</i>	<i>171</i>
SOCIAL AND COMMUNITY PROGRAM APPROACHES TO PARTICIPANTS: EXPLORING BEST PRACTICES .....	172
<i>Fio condutor (VI).....</i>	<i>193</i>
BOAS-PRÁTICAS DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E SOCIAL.....	194
<b>Capítulo VI. Sociedade.....</b>	<b>217</b>
<i>Fio condutor (VII).....</i>	<i>218</i>
CAN WE COUNT ON EACH OTHER? AN INQUIRY ABOUT PORTUGUESE CITIZENS' INDIVIDUAL AND RELATIONAL DISPOSITIONS.....	219
<b>Parte 4. Implementação prática.....</b>	<b>246</b>
<b>Capítulo VII. Integração entre teoria e prática.....</b>	<b>247</b>
<i>Fio condutor (VIII).....</i>	<i>248</i>
COMPARTE: A SOCIAL PROGRAM ROOTED ON DYNAMICS OF RECIPROCITY.....	249
<b>Parte 5. Discussão geral e considerações finais.....</b>	<b>266</b>
Referências bibliográficas.....	321
Apêndices.....	
Apêndice A: Projeto de doutoramento original (junho, 2011)	
Apêndice B: Linha do tempo	

Apêndice C: Roteiro das viagens

Apêndice D: Crônicas do blogue Lugares Comuns

Apêndice E: Guião de dinamização de Sessão com Audiências Apreciativas – 1º estudo

Apêndice F: Guião de entrevistas semiestruturadas com participantes – 2º estudo

Apêndice G: Guião de entrevistas semiestruturadas com profissionais – 2º estudo

Apêndice H: Guião de dinamização de *focus groups* – 2º estudo

Apêndice I: Protocolo de investigação – 3º estudo

Apêndice J: Prova de aceitação de manuscrito 1

Apêndice K: Prova de submissão de manuscrito 2

Apêndice L: Prova de aceitação de manuscrito 3

Apêndice M: Prova de submissão de manuscrito 4

Apêndice N: Prova de submissão de manuscrito 5

Apêndice O: Prova de submissão de manuscrito 6

Apêndice P: Prova de submissão de manuscrito 7

Apêndice Q: Prova de submissão de manuscrito 8



## Índice de Tabelas e Quadros

### CAPÍTULO II. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Quadro 1. Esquema-resumo do desenho da investigação.....	57
--	----

### CAPÍTULO III. MODELO TEÓRICO DAS DINÂMICAS DA RECIPROCIDADE

#### **Building reciprocity: From safety-net to social transformation programs**

Table 1. List of programs and length of researcher involvement.....	98
---	----

Table 2. Brief description of the visited programs.....	99
---	----

Table 3. Interview format and participant observation per program.....	100
--	-----

#### **Building reciprocity: The dialectic process of creating a Grounded Theory and the emergence of a theoretical framework**

Table 1. Theoretical sampling process: Timeline, location and activities.....	123
---	-----

### CAPÍTULO IV. REDE PRIMÁRIA

#### **Social and Community Program Approaches to Participants: Exploring Best Practices**

Table 1. Brief description of the visited programs.....	178
---	-----

Table 2. General best practices.....	181
--------------------------------------	-----

Table 3. Best practices and outcomes according to the programs' approach to participants..	185
--	-----

## **Boas-práticas de desenvolvimento comunitário e social**

Tabela 1. Identificação e localização dos projetos visitados.....	199
Tabela 2. Boas-práticas de acordo com aspetos organizacionais, perspetiva dos respondentes e países.....	201

## **CAPÍTULO VI. SOCIEDADE**

### **Can we count on each other? An inquiry about Portuguese citizens' individual and relational dispositions**

Table 1. Descriptive statistics and Cronbach Alpha for all variables.....	230
Table 2. Mann-Whitney test results: mean ranks, test statistic, significance and effect size measure.....	230
Table 3. Descriptive statistics by group: mean and standard deviation.....	232
Table 4. Kruskal-Wallis test results and effect size measure.....	233
Table 5. Kruskal-Wallis pairwise comparisons adjusted significance.....	244

## **CAPÍTULO VII. INTEGRAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

### **ComParte: A social program rooted on dynamics of reciprocity**

Table 1. Signs of reciprocity in ComParte's conception, implementation and development....	261
Table 2. Scope, culture and member's relationships in ComParte.....	262

### **Parte 5. Discussão geral e considerações finais**

Quadro 1. Grelha-síntese de boas-práticas.....	306
--	-----



## Índice de Figuras

### CAPÍTULO II. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Figura 1. Mapa conceptual.....	47
--------------------------------	----

### CAPÍTULO III. MODELO TEÓRICO DAS DINÂMICAS DA RECIPROCIDADE

#### **Trajectories on the path to reciprocity: A theoretical framework for collaborating with socio-economically disadvantaged communities**

Figure 1. Reciprocity Dynamics' Theoretical Framework.....	76
Figure 2. Three trajectories of reciprocity.....	77
Figure 3. Quadrants of reciprocity.....	81
Figure 4. Types of programs.....	84

#### **Building reciprocity: From safety-net to social transformation programs**

Figure 1. Reciprocity Dynamics' Theoretical Framework.....	103
--	-----

#### **Building reciprocity: The dialectic processes of creating a Grounded Theory and the emergence of a theoretical framework**

Figure 1. Example of open coding.....	125
Figure 2. Reciprocity Dynamics' Theoretical Framework.....	130

**CAPÍTULO VI. SOCIEDADE**

**Can we count on each other? An inquiry about Portuguese citizens’ individual and relational dispositions**

Figure 1. Reciprocity Dynamics’ Theoretical Framework.....225

Figure 2. Distribution of the studied variables along the groups, according to their distribution and significance.....234

## **Estrutura da Tese**

Esta tese está compilada em 5 partes: 1) Fundamentação e contextualização; 2) Integração macroscópica da teoria: um modelo teórico; 3) Integração microscópica da teoria: especificidades estudo a estudo; 4) Integração prática; 5) Integração conclusiva da teoria e da prática.

### **Parte 1 – Fundamentação e contextualização da investigação**

O capítulo 1 versa sobre o estado da arte no que se refere à pobreza, à conexão social e ao bem-estar individual, relacional e coletivo, integrando os principais conceitos desta investigação, identificando tensões e dualismos e espaços promissores para nova investigação e prática.

O capítulo 2 é dedicado à síntese e articulação da metodologia e desenho que deram forma e cunho a esta investigação.

### **Parte 2 – Integração macroscópica da teoria: um modelo teórico**

A segunda parte da tese apresenta o modelo teórico e conceitos centrais da investigação, resultantes de uma análise integrada e holística do 1º e 2º estudos, com recurso à metodologia Grounded Theory. O capítulo 3 identifica, assim, as Dinâmicas da Reciprocidade e sua relação com a superação da pobreza, conexão social e bem-estar coletivo, através dos artigos “Trajectories on the path to reciprocity: A Theoretical Framework for Collaborating with Socio-Economically Disadvantaged Communities” que apresenta as várias dimensões do modelo teórico e suas interconexões e “Building reciprocity: From safety net to social transformation programs” que descreve em detalhe uma tipologia de programas, relacionando-a com os processos de reciprocidade. Por sua vez, o artigo “Building Reciprocity: The dialectic processes of creating a *Grounded Theory* and the emergence of a theoretical framework” foca-se em particular no processo de *Grounded Theory* que permitiu a emergência do conceito central

desta tese – a reciprocidade – detalhando com rigor os passos que conduziram ao desenvolvimento do modelo teórico que é transversal a esta tese.

### Parte 3 – Integração microscópica da teoria: especificidades estudo a estudo

Na terceira parte da tese é adotada uma lente microscópica – de profundidade, que explora e caracteriza as especificidades de cada estudo. O capítulo 4 foca especificamente a rede primária, como nível de análise, nas suas dinâmicas de reciprocidade. São, assim, apresentados os resultados do primeiro estudo, com base num aprofundamento temático da análise global inicial. O artigo “Reflecting-Team with Appreciative Audiences: Bringing together families from different socio-economic backgrounds” descreve a que níveis a metodologia das Audiências Apreciativas permitiu gerar conexão e significado.

Por sua vez, o capítulo 5 é dedicado às dinâmicas da reciprocidade na rede secundária, baseando-se nos resultados de uma análise temática aprofundada do 2º estudo. Os artigos “Social and Community Program Approaches to Participants: Exploring Best Practices” e “Boas-práticas de desenvolvimento comunitário e social” apresentam as dimensões inovadoras resultantes deste aprofundamento.

O capítulo 6 reflete sobre as sinergias entre sociedade e reciprocidade, focando-se na compreensão das dimensões que caracterizam as interações sociais e a percepção de bem-estar na sociedade portuguesa. O artigo “Can we count on each other? An inquiry about Portuguese citizens’ individual and relational dispositions” apresenta os resultados do terceiro estudo, que envolveu uma metodologia quantitativa e o recurso a análise estatística, bem como a articulação entre os resultados quantitativos e os resultados da *Grounded Theory*.

### Parte 4 – Integração prática

A quarta parte da tese é dedicada à aplicabilidade dos resultados desta investigação. Desta forma, o capítulo 7 reflete a retroalimentação entre teoria e prática a partir de um caso

concreto – a criação de um projeto social inspirado nos processos e aprendizagens desta investigação. O artigo “ComParte: A social program rooted on Dynamics of reciprocity” debruça-se sobre as dinâmicas de construção e influência mútua entre o processo de investigação e a conceção e implementação do ComParte, um projeto social.

#### Parte 5 – Integração conclusiva da teoria e da prática

Finalmente, a quinta parte é dedicada à discussão integrada de todos os estudos. Nesta secção inclui-se a discussão integrada dos resultados, face à literatura, e principais contributos para a teoria e para a prática, limitações e pistas e notas para o futuro.



# Parte 1

Fundamentação e Contextualização da Investigação

---

## CAPÍTULO I. Enquadramento Teórico



Este trabalho de revisão teórica, aspirando a ser rigoroso, integrou o cunho e a curiosidade da investigadora. Assim, foi sendo construído em interação com referenciais anteriormente aprendidos, movido pelo que despertava sentido e emoção... Implicou tomar decisões – umas certamente mais conscientes que outras, todas suportadas em valores e reflexões críticas. Ao longo do percurso foram-se esboçando narrativas, pautadas pelas lentes, que conscientemente se queriam integradoras. Neste processo de aprendizagem, interrogação e descoberta humana e científica, o espaço de conciliação e de interconexão de perspetivas foi aquele que mais despertou potencial e chama. A perspetiva de que o reconhecimento, valorização e integração da multiplicidade promove a sabedoria e a identificação e a intuição de que, por contraste, a polarização pode gerar efeitos de paralisação e divisão foram tecendo o pano de fundo desta revisão. Assim esta história foi sendo tecida nas intersecções, num intento ativo para balançar e reconhecer os contributos das diferentes personagens e atos da história. E porque, quer a história do mundo, quer a do ser, é feita de tensões, esta nota traz à luz um dilema pessoal: entre a queda para abraçar a visão e sentimentos dos marginalizados/desfavorecidos (na intenção de equilibrar o que está desequilibrado, mas correndo o risco de reproduzir separação e distinção), e a razão, talvez mais forte, de um olhar integrador que procura palavras, sinais e atitudes que apontem para um bem-estar de todos e para todos. Talvez nas entrelinhas se expresse esta tensão, entre o instinto natural de contrabalançar, tomando partido, e a vontade consciente de contar uma história de que todos nos sintamos parte, projetando orgulho, visão comum e esperança de continuarmos a contribuir para a construção da “casa de todos”.

Destas interações nasceu a versão da história que vai ser apresentada – o processo levou a autora a uma pontuação surpreendentemente nova e inesperada. O desejo é de que este “viés”<sup>1</sup> permita também ao leitor deixar-se afetar por inteiro e ter vontade de conversar

---

<sup>1</sup> Mesmo pretendendo ser integrador e valorizador de múltiplas perspetivas é importante lembrar que continua a ser apenas um ponto de vista, dos imensos possíveis.

com a história, transportando-se – a si e a esta história inacabada – para novos patamares de conhecimento e de conexão.

...

## **Aspirações humanas: Bem-estar e conexão social**

### **Bem-estar**

O bem-estar está no centro das aspirações dos seres humanos, das ciências sociais, das organizações e estruturas sociais (Rojano, 2004). A definição de bem-estar deve ter em conta múltiplas facetas e esferas de vida (Nelson & Prilleltensky, 2010). Prilleltensky (2005) define bem-estar como um estado positivo, que alia a satisfação de necessidades individuais, relacionais e comunitárias. Considera também que não podemos pensar em bem-estar, sem perspetivar, paralelamente, o conceito de justiça. O bem-estar implica um sentido de ser holístico, que, além da dimensão individual, inclua a iniciativa e sentido de pertença enquanto membro da sociedade (Sullivan, 2011). O bem-estar é, assim, altamente influenciado pela qualidade das relações e pelo nível de satisfação da comunidade de pertença (Prilleltensky, 2005). Focarmo-nos apenas no bem-estar individual é insuficiente para melhorar as vidas das pessoas e das suas comunidades (Sandler, 2007).

As dimensões relacionais e coletivas do bem-estar têm vindo a ser cada vez mais reconhecidas e aprofundadas (Bowles & Gintis, 2011; Freire, 1970; Romero, 2003; Smith, 1759; Yunus, 2009). Não é possível um desenvolvimento pleno em isolamento, é necessário abraçar processos colaborativos e de solidariedade. Não somos autenticamente humanos quando colocamos obstáculos que condicionam o desenvolvimento dos outros (Freire, 1970). É inerente à natureza humana a capacidade de contribuir para o seu próprio bem-estar e para o bem-estar coletivo (Bowles & Gintis, 2011; Smith, 1759; Yunus, 2009). Adam Smith (1759) sugere, assim, que o ser humano procure domar o seu egoísmo e envolver-se em relações de

interajuda. Segundo Van Lange (2000), a tomada de atitudes voltadas para o benefício dos outros e o envolvimento em interações positivas gera sentimentos de felicidade. Algumas pessoas escolhem assim beneficiar os outros, mesmo quando isso envolve custos pessoais (Bowles & Gintis, 2011). A participação coletiva na construção do bem-comum e da justiça são condições fundamentais para a vida em sociedade (Aron, 2014; Bowles & Gintis, 2011; Bruni, 2012; Morkel, 2011; Romero, 2003). Para tal, é necessário gerar uma atmosfera de confiança, onde todos se sintam convidados a contribuir para o bem-estar uns dos outros, a qual, quando proporcionada, é geradora de paz (Romero, 2003). Tal mobilização, deve também ter em conta a qualidade das interações humanas e com o ambiente (Aron, 2014; Morkel, 2011). É cada vez mais clara a relação de influência mútua entre a qualidade de vida dos indivíduos e da comunidade. A felicidade da comunidade depende da felicidade de cada indivíduo que a ela pertence e vice-versa (Nelson & Prilleltensky, 2010). Ao mesmo tempo, a felicidade está também dependente da resposta dos outros, da forma como devolvem amor, amizade e reciprocidade (Bruni, 2012).

Associada ao bem-estar está a satisfação de necessidades – que vão desde a garantia da sobrevivência até à descoberta do sentido de vida e espiritualidade – as quais são atingidas por cada pessoa de forma complexa e não linear (Krumer-Nevo, 2003; Rusbult & Van Lange, 2003). Na pirâmide das necessidades, Maslow (1943) também descreve as necessidades fisiológicas e de segurança como as mais prioritárias. As necessidades de nível mais elevado, de amor/pertença, valorização e realização serão apenas prosseguidas, caso as necessidades mais básicas tiverem sido satisfeitas. De extrema importância é também a satisfação das necessidades de participação, contribuição e sentido de identidade e de autoria (Anderson, 2012). Da mesma forma, Becker (1990) e Cowen (1991) referem o sentido de pertença, de utilidade, de propósito e o valor pessoal, como fatores essenciais para uma vida plena e produtiva. Por outro lado, viver bem e com saúde, envolve o acesso a uma série de recursos como educação, saúde, segurança, trabalho, participação cívica, etc. (Deaton, 2003; Sandler,

2007). A participação é vista como um fator de peso, sendo ao mesmo tempo uma forma de ação e um modo de pertença (Wenger, 1999). Também as questões de poder – de escolha, de agência, de influência – afetam o bem-estar. O conceito de empoderamento vem assim ganhando atenção de vários autores, sendo associado a confiança, sentido de consciência crítica e à capacidade de exercer influência e controlo sobre a realidade (Zimmerman, 2000). Por outro lado, surgem também como condições para o desenvolvimento de bem-estar a nível individual, organizacional e comunitário, a prosperidade económica, a liberdade, a igualdade e a inclusão (Prilleltensky, 2011). Não obstante, de acordo com Bruni (2008), o bem-estar é mais condicionado por dimensões relacionais do que por questões monetárias. O bem-estar é ainda fortemente influenciado pelos macrossistemas da sociedade, que condicionam o acesso a oportunidades de vida, à justiça e partilha de poder. No entanto, estas dimensões estruturais tendem a ser pouco tidas em conta (Rappaport, 1977). Nesta linha, Gamble (2012) propõe que, para existir bem-estar, é necessário eliminar a pobreza, a opressão e todas as formas de violência na sociedade, bem como proteger e recuperar os recursos da natureza.

Para compreendermos de forma plena o conceito de bem-estar, não podemos dissociá-lo do sentido de justiça social, bem como do seu impacto a nível macro (Prilleltensky, 2005; Sanler, 2007). No entanto, a maioria dos estudos na área do bem-estar não faz referência às questões de justiça (Prilleltensky, 2005). A justiça remete-nos para o respeito por todos os seres humanos, para a distribuição de oportunidades e bens de forma equilibrada, para a valorização da diversidade e o acesso igual a direitos humanos e cívicos (Ruesga & Puntenney, 2010). As teorias da justiça social são caracterizadas por diversas linhas de pensamento. Entre elas, perspetivas que enfatizam o respeito pelos direitos humanos; a justiça distributiva, que foca a igualdade na distribuição de recursos e oportunidades; a tradição legalista – que enfatiza o respeito e igualdade perante a lei como via para garantir justiça; a perspetiva do empoderamento, que enfatiza o aumento de poder social, económico e político de pessoas e grupos em desvantagem social e económica; a tradição dos valores partilhados,

que acredita que ao apelar a valores comuns e à identificação entre seres humanos está a ser fomentada a harmonia; a perspectiva do relativismo cultural, que envolve o respeito pelas perspectivas diferentes do nosso referencial cultural; a tradição *triple bottom line* que confia que a promoção da responsabilidade social das empresas pode gerar soluções para os desequilíbrios e desigualdades do mundo (Ruesga & Puntenney, 2010). É também importante ter em conta os processos de decisão e não apenas os resultados das decisões, bem como pensar em termos de justiça global e não apenas de forma circunscrita (Miller, 1999). Bruni (2012) critica a tendência para procurar justiça investindo exageradamente numa lógica legislativa, pois dessa forma as relações são codificadas e transformadas em contratos. É fundamental que os cidadãos se importem e cultivem a justiça, para que as leis e a governança por eles criadas sejam justas. Democracias fortes devem assentar em cidadãos virtuosos. Do mesmo modo, Prilleltensky (2005) nota que refletir sobre o bem-estar em termos de justiça torna-nos conscientes da nossa responsabilidade e possibilidade de, como agentes, transformarmos as condições de injustiça. Consistentemente, Bandura (1998) reconhece os benefícios herdados graças a quem viveu antes de nós e se comprometeu com a promoção de reformas sociais que permitissem mais justiça e condições de vida para todos. Deste modo, a nossa eficácia coletiva terá um forte impacto na forma como as futuras gerações irão viver.

### **Conexão Social**

A conexão social surge com especial relevo e importância vital no que toca à existência humana e à vida em sociedade. As conexões são fundamentais para pertencer a um grupo, para desenvolver sentido pessoal, para viver e para crescer (Baumeister & Leary, 1995; Bruni, 2012; Gilbert & Procter, 2006; Melton, 2010). Neste sentido, vários autores propõem que esforços a nível teórico e prático sejam canalizados para a prossecução de conexão e bem-estar coletivo, uma vez que, deste modo, todos são abrangidos e favorecidos. Sugerem assim que não seja investida tanta energia em leituras e práticas que segmentam e fragmentam a

sociedade (Tacket, et al., 2009; Wilkinson, 1996). Na mesma linha, Tacket et al. (2009) consideram que discursos alinhados com a conexão social criam espaço para o crescimento da aceitação, equidade, justiça e cidadania. É importante reconhecermos e celebrarmos a nossa interconexão, a necessidade que temos uns dos outros, assumindo a nossa vulnerabilidade. O olhar voltado para o que nos une está na gênese da convergência de interesses e propósitos (Jordan, 2008). Ao nos reconhecermos interligados, enquanto sociedade, constatamos que o nosso desenvolvimento está conectado com o dos outros, o que estimula a colaboração (Morkel, 2011). Assim, a consciência da interdependência e o sentido de corresponsabilidade são motores para a construção de bem-estar individual, relacional e coletivo, logo de sociedades saudáveis (Aron & Corne, 1996; Oxfam, 2014; Sullivan, 2011; Tacket et al., 2009; Wilkinson, 1996).

Paralelamente, a investigação na área da inclusão contribui com uma perspectiva complementar, que salienta a importância de recuperar uma identidade pessoal e política, através do empoderamento. A inclusão envolve uma lógica de conexão e de valorização de diferentes perspectivas. Num ponto de vista relacional, a inclusão remete para o acolhimento e o apoio mútuo e de um ponto de vista social transporta-nos para a promoção de igualdade e possibilidade de acesso a recursos (Nelson & Prilleltensky, 2010).

A noção de conexão surge também associada ao sentido de comunidade e ao desenvolvimento de relações e interações de qualidade. Promover o sentido de comunidade deveria ser uma prioridade (Freire, 1970; Melton, 2010; Nelson & Prilleltensky, 2010). Relações e parcerias positivas são caracterizadas por respeito, valorização e benefícios mútuos, balanço de poder e um diálogo aberto. Tais relações proporcionam oportunidades para todas as partes envolvidas contribuírem e desenvolverem sentido de agência e de autoria (Christopher, Watts, McCormick & Young, 2008). A reciprocidade é uma peça-chave das relações positivas, integrando a riqueza da experiência e perspectiva de todos, numa lógica de co-aprendizagem e

crescimento conjunto (Freire, 1970; Li & Julian, 2012; Minkler, Garcia, Rubin & Wallerstein, 2012). Em termos comunitários, o espírito de confiança, envolvimento e participação são fatores habitualmente presentes em comunidades saudáveis (Minkler et al., 2012). Comunidades com alta coesão social tendem a ter baixos níveis de criminalidade, violência e os seus membros têm menos probabilidade de vir a desenvolver doenças mentais (Jack, 2000).

### **Constrangimentos: Desconexão social e desigualdades**

Estudos na área da saúde vêm mostrando uma clara correlação entre diferentes tipos de doença e uma das seguintes situações de vida: experiências de sofrimento na infância; pobreza; isolamento social; falta de poder e de autoestima (Albee, 1986). De acordo com Nelson e Prilleltensky (2010), a maior parte das questões com que nos debatemos, a nível comunitário, radicam numa profunda injustiça social. Essas injustiças levam a um sofrimento sentido nas várias esferas da sociedade, tendo uma particular incidência em certas comunidades (Sandler, 2007). Muitas vezes, a presença de problemas na vida das pessoas leva a um afastamento das suas redes sociais (Madsen, 2007). Quando um grupo é marginalizado, toda a comunidade empobrece, a vários níveis (Payne, 1996). O isolamento é, assim, visto como uma das principais fontes de sofrimento humano (Jordan, 2008).

Noutro prisma, a comunicação mediada por computadores tem introduzido transformações nos moldes de conexão interpessoal e de partilha de informação. Tais avanços acarretam oportunidades e desafios (Wellman, 2005).

### **Desconexão social**

Uma investigação levada a cabo por Melton (2010), na Carolina do Sul, mostra que nas últimas décadas tem havido transformações no sentido de um maior isolamento, desconfiança e menor envolvimento na vida cívica e comunitária. Da mesma forma, uma investigação que recolheu dados entre 1985 e 2004 nos EUA observou uma significativa diminuição do tamanho das redes sociais (McPherson, Smith-Lovin & Brashears, 2006). Hoje em dia, uma parte

considerável da população dos EUA descreve não ter ninguém para falar sobre assuntos que considera importantes. Num estudo onde foi feito o levantamento de necessidades existentes na sociedade portuguesa concluiu-se que existe falta de espírito comunitário e de confiança nas instituições públicas. Assim, considerou-se urgente fazer uma reflexão sobre estratégias de recuperação da confiança, do reforço da coesão social, bem como da promoção da cidadania (Pinto, Guerra, Martins & Almeida, 2010). A nível comunitário, as redes sociais estão a tornar-se mais pequenas, mais densas e mais homogéneas, cada vez mais focadas nos laços familiares. As pessoas estão muito menos conectadas agora do que estavam há 19 anos atrás. A investigação tem mostrado que redes sociais fracas ou inacessíveis estão associadas a uma saúde e recuperação fracas, bem como a uma maior mortalidade (Sluzki, 2010). A falta de conexão social ameaça a sociedade como um todo, com a perda de valores coletivos e pondo em causa a solidariedade (Bitter, Robertson, Roig & Disqueact, 2004; Tacket et al., 2009).

A exclusão social surge associada à quebra de coesão social e marca também os nossos tempos, acarretando com ela um historial de violência (De la Rey, 2000). A exclusão reflete um poder de escolha e participação limitados e o estigma e marginalização que assola determinados grupos sociais. Tais grupos tendem a ser entendidos como problemáticos e não como vítimas de um sistema socioeconómico que cria fragmentação (Tacket et al., 2009).

Pérez (2007) propõe que o tónus da investigação na área social se centre antes na conexão/desconexão – incluindo na análise todos os atores sociais e as relações entre eles. Na sua perspetiva, um foco nos vínculos sociais, por contraste com leituras segmentadas da realidade que apenas consideram partes da equação, estimulará o debate, abandonará perspetivas de culpabilização e défice, centrando assim a discussão em múltiplos e vastos contextos de interação. Na mesma linha, Tacket et al. (2009) salientam a importância de nos afastarmos da construção da exclusão como um defeito, perspetivando-a como uma consequência de interações complexas que envolvem múltiplas esferas e fatores sociais.



## Desigualdades

O mundo é altamente desigual. A desigualdade é uma consequência do progresso e, ao mesmo tempo, afeta o próprio progresso (Deaton, 2013). A desigualdade, historicamente e culturalmente entranhada, divide grupos favorecidos e desfavorecidos e compromete o bem-estar para todos na sociedade (Albee, 1986; Aron, 2014; Cowen, 1991; Freire, 1970; Grabe, 2012; Lykes, Blanche & Hamber, 2003; McBride, Brav, Menon & Sherraden, 2006; Aron & Corne, 1996; Nelson, Prilleltensky & MacGillivray, 2001; Sen, 1999; Tacket et al., 2009; Wilkinson, 1996; Zimmerman, 2000). A desigualdade produz tensões e segregação, representando uma forma de violência estrutural que ameaça sistemas económicos e políticos (Aron & Corne, 1996; De la Rey, 2000; Oxfam, 2014; Sullivan, 2011; Tacket et al., 2009; Wilkinson, 1996). Wilkinson (2004) sugere que a desigualdade está associada ao *stress*, à dominação e à submissão. Alternativamente, a equidade gera sociedades equilibradas, coesas e marcadas por laços de entreaajuda.

Dependendo de onde estão geopoliticamente posicionadas em relação às disparidades que dividem o mundo, algumas pessoas sentem esperança e outras sentem desespero (De la Rey, 2000). Existe um grande contraste entre ricos e pobres e a carência dos pobres está conectada com o bem-estar dos ricos. Tal como Shipler (2004) faz notar, o luxo é produzido por mãos humildes. Este desfasamento não promove bem-comum, mas pelo contrário, gera violência e indignação (Deaton, 2003; Piketty, 2014; Smith, 1776; Yunus, 2009). Perspetivas verticais fazem a leitura da desigualdade enquanto um contínuo, onde quem está posicionado mais acima, goza de considerável poder e estatuto, os quais estão intrinsecamente ligados à falta de poder e estatuto daqueles posicionados mais abaixo (Tacket et al., 2009). De acordo com Piketty (2014) a competição pura mantém a desigualdade, pois aqueles com mais recursos vêm-se inclinados a defender os seus interesses, limitando o acesso àqueles que estão em desvantagem económica. O facto da maioria dos bens estarem concentrados nas

mãos de alguns, leva a que haja o risco da democracia se converter em plutocracia – num governo de ricos (Bruni, 2012).

Quase metade da riqueza do mundo é neste momento propriedade de apenas 1% da população (Oxfam, 2014). Em vez de avançarmos em conjunto, estamos cada vez mais separados pelo poder económico e político, o que leva ao aumento de tensões e ao risco de colapso social (Morvaridi, 2012; Oxfam, 2014; Yunus, 2009). A diferença de rendimento entre ricos e pobres numa nação está claramente correlacionada com a saúde, a esperança média de vida, as taxas de criminalidade, violência e saúde mental da população desse país. Quanto maior a diferença, piores os níveis destes índices. Quanto menor a diferença, maior a saúde, a esperança média de vida, a saúde mental e menores os crimes (Albee & Fryer, 2003; Nelson & Prilleltensky, 2010). Particularmente em relação à saúde, estudos têm mostrado que as pessoas mais ricas têm vidas mais longas e saudáveis (Deaton, 2013; Wilkinson, 1996). Este efeito significativo na saúde e longevidade tem mais impacto nos pobres do que nos ricos (Deaton, 2013).

Identificando fatores que alimentam a desigualdade, Bitter et al. (2004) consideram que a cultura dominante discrimina indivíduos e comunidades que não estão em conformidade com a maioria, pressionando-os a seguir regras convencionais e a desconectar-se da sua herança cultural. Por outro lado, o poder estrutural, onde uns indivíduos têm mais controlo sobre recursos do que outros, é um dos aspetos que mais contribui para as desigualdades sociais (Grabe, 2012). Assim, o estatuto social tem condicionado o acesso a recursos fundamentais (Doron & Parot, 2001). Os recursos podem não contar toda a história sobre poder, mas são essenciais para o exercício de poder. O poder sobre – a capacidade de um indivíduo ou grupo para controlar outros – deriva de uma posição de vantagem num padrão de relação e de transação de recursos (Neal & Neal, 2011). De facto, indivíduos privilegiados gozam de mais poder, influência nas tomadas de decisão e oportunidades para participação

(Bruni, 2012; Combs & Freedman, 2012; Tacket et al., 2009). Bourdieu (1986) sugere que a maioria dominante tenderá a subir na hierarquia económica ao longo da sua vida. Em relação às minorias o processo é inverso – quando mais baixa a posição de uma pessoa na hierarquia económica, maior a probabilidade de decrescer. A transformação destes padrões é difícil de atingir, uma vez que ameaça o poder de grupos dominantes na sociedade (Nelson & Prilleltensky, 2010).

Para compreender a problemática da desigualdade, alguns autores descrevem a dinâmica relacional opressor-oprimido, caracterizada por uma interação assimétrica de poder entre indivíduos, grupos, comunidades ou sociedades (Freire, 1970; Nelson & Prilleltensky, 2010). A opressão tem vindo a ser associada com relações de poder assimétricas, polarizadas entre dominação e subordinação. Grupos subordinados veem o seu acesso a recursos restringido, enquanto indivíduos favorecidos encontram condições para exercer poder e controlo sobre outros (Neal & Neal, 2011; Nelson & Prilleltensky, 2010; Nygreen, 2006; Rusbult & Lange, 2003). Segundo Stout (1996) a opressão prejudica todas as partes envolvidas. Nesse sentido, Freire (1970) sugere que tanto opressor como oprimido deveriam mudar e trabalhar juntos para transformar estruturas injustas.

As pessoas que detêm o poder económico e político na nossa sociedade tendem a não estar conscientes dos problemas que as pessoas em desvantagem social enfrentam (D'Arlach, Sánchez & Feuer, 2009; Nelson & Prilleltensky, 2010). Devido à falta de conhecimento e distância entre estas realidades, as pessoas favorecidas tendem a construir uma visão dos problemas em termos de “culpabilização da vítima”. Por outro lado, a cultura do privilégio, aliada ao espírito de consumismo e individualismo, leva a um sentimento de direito e de ser devido, que deixa os que fazem parte de grupos sociais dominantes autocentrados e pouco interessados em mobilizar recursos para o bem-comum (Maton, 2000). O acesso à riqueza não depende apenas do nosso esforço ou mérito, prende-se também com eventos providenciais, como a zona do mundo onde nascemos, o amor recebido na família, a oportunidade de

estudar, etc. Se privilegiarmos a perspectiva da riqueza como um dom, então partilhá-la e canalizá-la para efeitos de bem-comum torna-se uma responsabilidade e um dever para com a justiça (Bruni, 2012).

Se nos detivermos sobre a faceta da pobreza, compreendemos que a sua redução é vital para todos os que aspiram a construir a paz no mundo (De la Rey, 2000). Já em 1776, Adam Smith constatava que as sociedades não podem prosperar enquanto a maioria dos cidadãos for pobre. De facto, a pobreza e a exclusão não afetam apenas o bem-estar dos indivíduos, como também têm impacto a nível global (Eurobarometer survey on poverty and social exclusion, 2009). A pobreza impõe múltiplos custos à sociedade. A considerável parte da população que vive em situação de pobreza torna-se um fardo para a sociedade, em vez de potencial contribuidora para o bem-estar coletivo (Wilkinson, 1996).

A pobreza, num sentido geral, é a experiência de falta de recursos para satisfazer as necessidades (Bradshaw, 2007). Para praticamente todas as famílias, a pobreza envolve áreas financeiras, áreas psicológicas, áreas pessoais, áreas sociais, relacionadas com o passado e com o presente (Shipler, 2004). Está intimamente ligada a uma série de outros fatores, incluindo a educação, o emprego, a habitação e os cuidados de saúde (Jack, 2000). As definições de pobreza refletem valores e paradigmas. Bradshaw (2007) identificou variadas perspetivas sobre a pobreza: tónus nas deficiências individuais – segundo as quais a pobreza é mantida por responsabilidade dos próprios; subcultura – apontando para a necessidade de aculturar os indivíduos de maneira a poderem adaptar-se à cultura dominante; distorções político-económicas – entendida como um problema social que precisa de ser solucionado estruturalmente; disparidades geográficas – a espiral de problemas tem essencialmente uma origem geográfica; questões cumulativas – a falta de recursos gera múltiplos problemas que vão desde questões psicológicas até ao capital social. O paradigma que reúne mais consenso na sociedade associa a pobreza a necessidade e deficiência, considerando aqueles por ela

afetados como sendo preguiçosos, destrutturados, etc. Existe uma confusão em relação às causas e ao significado da pobreza e, portanto, também se regista confusão em relação às estratégias a tomar para superar a pobreza (Payne, 1996). Teóricos conservadores tendem a atribuir as causas da pobreza a fatores individuais, enquanto que teóricos liberais apontam para aspetos estruturais (Bradshaw, 2007). A pobreza é causada pelos comportamentos dos indivíduos, pelas estruturas políticas e económicas, bem como pela interação entre estes dois vetores (Payne, 1996). Na perspetiva de Sen (1999) a pobreza deve-se, em parte, à falta de oportunidade para escolher e fazer o exercício de agência. Por outro lado, para compreendermos a pobreza precisamos de olhar para a estrutura das classes sociais e para as suas inter-relações. Entender a pobreza como uma questão de estratificação remete-nos para o fenómeno mais abrangente da desigualdade (Sen, 1982). Waldegrave (2005, 2009) considera que as condições de vida das famílias pobres são contextualmente induzidas, devido à exposição a fatores como a violência, o abandono, o crime e a falta de suporte estável. Deaton (2013) defende que a pobreza não é o resultado de falta de recursos ou de oportunidades, mas de instituições pobres, governos pobres e políticas tóxicas. Rank, Yoon e Hirschl (2003) criticam o facto da investigação sobre pobreza se focar essencialmente nas pessoas que são prejudicadas pelo contexto económico, em vez de se focar no próprio contexto que produz as desvantagens. Bradshaw (2007) considera que o ciclo de pobreza é alimentado por causas complexas, sendo necessário resolver de forma integrada e não apenas focando partes da solução.

A literatura vem demonstrando o forte impacto que a pobreza tem na produção de psicopatologia e de múltiplas desvantagens socio-emocionais (Albee, 1982; Gómez, Muñoz & Haz., 2007; Krumer-Nevo, 2003; Krumer-Nevo, Weiss-Gal & Monnickendam, 2009; Najman et al., 2010; Rothman, 2009; Nelson, Lord & Ochoka, 2001; Wadsworth & Berger, 2006; Wijnberg & Reding, 1999). As pessoas que se encontram em posições de baixo estatuto, sentindo falta de aceitação ou de aprovação, tendem a desenvolver um comportamento submisso,

acompanhado por ansiedade e depressão (Gilbert, 2000). Quanto mais uma criança está exposta à pobreza maior é o risco de vir a ter problemas de saúde física e mental, no futuro (Najman et al., 2010). As crianças pobres têm três vezes mais probabilidades de ter mais tarde problemas com a polícia e oito vezes mais probabilidades de abandonar a escola (Kendall, Rodger & Palmer, 2010). A escassez de recursos económicos aliada ao baixo nível de instrução, à falta de segurança e a outras dificuldades existentes no ambiente e, consequentemente, ao *stress* turvam a capacidade de os pais serem responsivos às necessidades emocionais dos filhos (Ceconello & Koller, 2003). As famílias pobres têm um acesso limitado a recursos e capital social, enfrentando múltiplos constrangimentos ao nível das escolhas de vida, da capacidade de inserção, de influência, de participação e de contribuição social (Deaton, 2013; Freire, 1970; García & MacDowell, 2010; Goodkind, 2006; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rothman, 2009; Tacket et al., 2009; Waldegrave, 2005, 2009). Uma das características mais debilitantes da pobreza é a falta de esperança (Shipler, 2004).

Além da pobreza, também as disparidades intensificam o isolamento social, que incide mais fortemente sobre pessoas pobres, minorias e mães solteiras (Sampson, Reudenbush & Earls, 1997). Deaton (2013), considera que o rendimento afeta mais os pobres do que os ricos, sendo que os pobres se mostram geralmente muito insatisfeitos com as suas vidas. Bruni (2012) sugere que existem “pobrezas” de ricos que podiam ser transformadas com as “riquezas” dos pobres. Para tal bastaria que se conhecessem, se encontrassem e se tocassem. Estes fenómenos dizem respeito a todos. Ao aproximarmo-nos uns dos outros, em particular dos que se movem em esferas socioeconómicas diferentes das nossas, podemos identificarmo-nos, compreendermo-nos e conectarmo-nos. A transformação será potenciada quando todos nos implicarmos no desenvolvimento e implementação de estratégias para combater a desigualdade e a injustiça e além disso fizermos chegar à praça pública os problemas com que as famílias desfavorecidas se debatem (Waldegrave, 2005, 2009). O desenvolvimento da consciência social, a mobilização contra as injustiças e a paixão pela transformação social são

antídotos para esta complacência. Esbater as desigualdades implica uma disposição coletiva para a solidariedade e um esforço consciente daqueles em posições privilegiadas, para abrirem mão da detenção de poder e se deixarem transformar nestas relações (Nelson & Prilleltensky, 2010).

### **Paradigmas sociais**

Segundo Albee (1982), se reconheçêssemos que muitos dos desafios que a nossa sociedade enfrenta estão relacionados com influências de paradigmas e estruturas, alguns pouco humanizantes, tal visão convidaria a uma profunda reforma social.

#### **Positivismo**

A ciência e a investigação têm uma forte herança do paradigma do positivismo. O positivismo pressupõe que a verdade pode ser descoberta e medida, através de métodos neutros e objetivos. Considera assim que o conhecimento é verdadeiro e universal e que deve ser captado livre de enviesamentos e da subjetividade do investigador. Estas assunções, enraizadas nas ciências naturais, propõem que toda a investigação deveria ser feita a partir de um posicionamento exterior ao campo. Assim, o investigador deve estar separado do que está a observar e, enquanto autor, deve fazer-se invisível e apresentar as conclusões como dados certos, sem viés. Assim, admitir afinidades políticas ou proximidade com os participantes levaria à falta de validade e questionamento dos resultados (Nygreen, 2006). O positivismo tem clivado artificialmente investigador e sujeito de investigação. O indivíduo surge assim autónomo, desligado e descontextualizado de relações sociais e de história (Fine, 2006).

#### **Modelo médico**

No campo da saúde, em particular da saúde mental, o modelo médico tradicional levou à criação de uma separação entre ajudante e ajudado. A conceção da ajuda foca-se na resolução de problemas individuais que são definidos pelo terapeuta. Os profissionais são

considerados especialistas e responsáveis por apresentar soluções e prescrições para o paciente, ao qual é atribuído um papel passivo (Albee, 1969; Allen, Lehrner, Mattison, Miles & Russell, 2007; Anderson, 1997; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rappaport, 1977; Rober & Seltzer, 2010). Apesar das boas intenções dos profissionais, intervenções nestes moldes contribuem muitas vezes para manter ou até aumentar as dificuldades sentidas pelas pessoas (Sousa, 2005; Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

Com o modelo médico, assistimos à adoção de perspectivas assentes no défice, que moldam o estilo de relação estabelecido entre serviços e famílias e influenciam a perceção das mesmas acerca das suas próprias capacidades (Ausloos, 1996; Early & GlenMaye, 2000; Fraenkel, 2006; Freedman & Combs, 2009; Garcia & McDowell, 2010; Guadalupe, 2009; Imber-Black, 1988; Lee et al., 2009; Madsen, 2007; Pernice-Duca, 2010; Sousa & Ribeiro, 2005; Waldegrave, 2005). Uma visão focada no défice envolve a sobrevalorização dos problemas na vida dos indivíduos e a crença de que um problema implica fraqueza, doença e supostamente a existência de outros problemas. Com uma tal lente é possível descobrir uma infinidade de problemas e riscos, levando à identificação de um serviço específico para cada detalhe da situação problemática, o que gera o fenómeno da multiassistência (Asen, 2007; Imber-Black, 1988; Sousa & Ribeiro, 2005). Esta perspectiva conduziu também a um olhar sobre as famílias que recorrem ao apoio social como “caóticas”, “disfuncionais” e “multiproblemáticas” (Madsen, 2007; Sousa et al., 2007; Sousa & Ribeiro, 2005).

### **Capitalismo**

O paradigma do capitalismo tem potenciado o progresso, afetando positivamente a vida de biliões de pessoas (Yunus, 2009). No entanto, o desemprego e a pobreza continuam a assolar uma porção significativa da sociedade. São poucos os que têm acesso a privilégios e muitos os que se debatem com dificuldades económicas e este padrão tende a extremar-se (Bruni, 2012). Este sistema assenta numa distribuição desigual da riqueza e envolve a



necessidade de vários indivíduos liderados. Assim, para funcionar, poucas pessoas devem estar no topo, concentrando-se a maioria das pessoas na base (Stout, 1996). Segundo Shipler (2004), a prosperidade do país fica assim assente num sistema de pagamento reduzido aos trabalhadores. Os trabalhadores no limiar da pobreza são essenciais para que exista prosperidade, mas o bem-estar deles não é tido como uma parte importante do todo.

Na génese do capitalismo está o conceito da mão invisível, proposto por Adam Smith (1776), que pressupõe que a prosperidade da sociedade acontece graças ao interesse próprio do indivíduo. Este conceito aplicado à vida em comunidade é limitado e arriscado, uma vez que alimenta relações verticais, movidas por interesse individual e dependência, relegando a proximidade e o apoio mútuo para segundo plano (Bruni, 2012; Yunus, 2009). Ainda que, de um ponto de vista de eficiência económica, a competição baseada no interesse próprio, em condições de mercado reguladas, possa funcionar, este sistema pode não levar a uma justa distribuição de recursos e de bem-estar. De forma a contrabalançar esta situação, habitualmente os governos assumem o papel redistributivo, procurando garantir a todos os cidadãos os mínimos indispensáveis para garantir a sobrevivência e algum bem-estar (Santos, 2012).

O capitalismo tem também influenciado a forma de pensar e de nos relacionarmos. Assim, o valor pessoal está cada vez mais associado àquilo que as pessoas têm (Romero, 2003). A cultura do capitalismo é avessa à vulnerabilidade. Assim as estruturas desenvolvem-se de forma hierárquica, aumentando distâncias entre as pessoas, procurando assim alguma imunidade, principalmente entre diferentes (Bruni, 2012).

### **Comunismo**

O comunismo, enquanto ideologia social, económica e política, propõe a coletivização dos bens, a ausência de classes e a abolição da propriedade privada (Burkharin & Probrzhensky, 1920; Engels, 1947; Marx & Engels, 1969). Na base desta ideologia está um

entendimento da história e do desenvolvimento, como negativamente marcados pela luta de classes e pela exploração e opressão de uma parte da sociedade pela outra. Considerando que as ideias dominantes, ao longo dos séculos, foram impostas pelas classes dominantes, o comunismo sugere a rutura radical com tal legado (cultura, religião, relações de propriedade, etc.). Assim, critica o modelo capitalista, considerando que os moldes de produção de mercado beneficiam apenas uma minoria, gestora, desfavorecendo os trabalhadores (Engels, 1947; Marx & Engels, 1969). Como reforma, o comunismo propõe a formação de uma classe proletária, que faça valer interesses comuns e que, no limite, leve a que deixem de existir classes em oposição e relações de exploração (Bukharin & Preobrazhensky, 1920; Marx & Engels, 1969). Assim, os meios de produção deverão estar sob controlo da sociedade como um todo e não nas mãos de indivíduos capitalistas. Propõem ainda a redistribuição da riqueza e uma forte taxação progressiva da mesma. Nestas circunstâncias, a sociedade seria transformada numa grande organização laboral de produção cooperativa. (Bosteels, 2014; Bukharin & Preobrazhensky, 1920). As críticas a este modelo centram-se por nos seus princípios e teoria subjacente (Taras, 2015) – os quais são entendidos como centralizadores de poder, utópicos e incentivadores de disputas entre classes (Correia et al., 1957) e de uma preguiça generalizada (Marx & Engels, 1969); nos aspetos relacionados com os estados comunistas do século XX, os quais se revelaram totalitários, negando liberdades, fracassando e levando a um empobrecimento daquelas regiões (Bosteels, 2014; Correia et al., 1957; Livezeanu, 2003); e nos estados comunistas atuais, que mantêm modelos de ditadura e onde se têm vindo a adotar estilos de produção capitalistas, para aumentar maximizar a capacidade de produção e, assim, o poder económico das regiões (Dagger & Ball, 2017).

### **Modelo ecossistémico**

Nunca uma epidemia foi controlada ou eliminada através do tratamento individual de cada pessoa afetada individualmente (Albee, 1982). Segundo Bronfenbrenner (1979), o

fundador do modelo ecossistêmico, o ser humano é uma identidade dinâmica e atuante que continuamente interage com e influencia o seu entorno, num processo bidirecional e de acomodação mútua. A essência da perspectiva ecológica é construir uma leitura das inter-relações entre as estruturas sociais e os processos sociais de grupos, organizações e comunidades nos quais vivemos (Kelly, Ryan, Alman & Stelzner, 2000). Bronfenbrenner (1979, 1994) introduziu a Teoria Ecológica dos Sistemas, apresentando um modelo teórico para estudar o modo como o ambiente afeta o desenvolvimento e o bem-estar humano. Descreve uma série de estruturas ecológicas que crescem em nível de abrangência: microssistemas – referindo-se ao ambiente imediato (e.g. envolvendo família, grupo de amigos, colegas de trabalho); meso-sistemas – ligações entre dois ou mais sistemas que envolvem a pessoa (e.g. as interações entre a família e a escola); exo-sistema – as relações entre dois ou mais subsistemas, sendo que pelo menos um deles não envolve a pessoa em causa, ainda que tais processos a influenciem; macrosistemas – padrões de crenças, valores e costumes associados a uma cultura ou subcultura específica; crono-sistemas – consistência ou transformação ao longo do tempo, quer ao nível das características da pessoa como do seu ambiente envolvente. Este autor propõe que a compreensão integrada das interações entre estas esferas potencia o desenvolvimento humano e social. O seu trabalho provocou um forte impacto ao nível das ciências sociais, levando a que lentes mais holísticas passassem a ser adotadas.

Vem crescendo, assim, o reconhecimento na literatura da importância de envolver os sistemas em presença, desde os microssistemas até às estruturas macro e sociopolíticas, no estudo e colaboração com famílias e comunidades (George & Wulff, 2006; Peirson, Boydell, Ferguson & Ferris, 2011; Rappaport, 1977; Waldegrave, 2005, 2009). Apenas tendo na mira o contexto complexo e a multiplicidade de sistemas em que as pessoas se movem será possível entender com maior profundidade as suas vivências, comportamentos e os fatores que contribuem tanto para a existência e manutenção de problemas como para a sua solução

(British Academy Working Group, 2010; Bronfenbrenner, 1979; Landau, 2007; Lee et al., 2009; Parra-Cardona, 2007; Rojano, 2004; Twemlow, Fonagy & Sacco, 2005; Waldegrave, 2005; Wijnberg & Reding, 1999). Fatores contextuais como a educação, a cultura, o espaço habitacional, a empregabilidade, entre outros podem potenciar ou constranger o desenvolvimento de recursos (Bronfenbrenner, 1979; Garcia & McDowell, 2010; Rauer, Karney & Wei Hou, 2008; Silverstein, Bass, Tuttle, Knudson-Martin & Huenergardt, 2006; Twemlow et al., 2005; Wadsworth & Berger 2006; Waldegrave, 2005, 2009). Waldegrave (2005, 2009) afirma que quando falamos de famílias pobres nos deparamos com questões contextuais. Parece ser fundamental considerar o nível macro como recurso e meta de intervenção, visando a promoção da justiça social (British Academy Working Group, 2010; Early & GlenMaye, 2000; Garcia & McDowell, 2010; Lehrner & Allen, 2008; Maton, 2000; Twemlow et al., 2005). Uma lente ecológica abrangente, que combine múltiplas perspectivas, permite assim chegar a uma compreensão mais profunda e alargada do que leituras lineares e individuais (Speer & Hughley, 1995).

### **Construcionismo social**

Tanto na literatura como na prática, assistimos à emergência de novos paradigmas que visam encontrar formas ecológicas de compreender e colaborar com as pessoas, famílias e comunidades. A emergência do paradigma pós-moderno e do construcionismo social possibilitaram o desenvolvimento de novas abordagens, especificamente as abordagens colaborativas e narrativas (Fraenkel, 2006; Freedman & Combs, 2009; Landau, 2007; Lee et al., 2009; Lykes et al., 2003; Madsen, 2007; Maton, 2000; Tseng et al., 2002; Waldegrave, 2005). O construcionismo social postula que a percepção da realidade é mediada pela construção coletiva de significado. As abordagens narrativas tendem a interessar-se mais pelos significados do que pelos factos, pela complexidade e por múltiplas possibilidades, do que pela estandardização e uniformidade (Combs & Freedman, 2012).

A nível da investigação, surgem assim epistemologias alternativas críticas, que postulam que todo o conhecimento é parcial, situado e ligado a relações de poder (Nygreen, 2006). O pós-estruturalismo é desenvolvido a partir do estruturalismo e não pretende posicionar-se enquanto “anti estruturalismo”. Os pós-estruturalistas acreditam na construção contextualizada de sentido, em vez de em verdades universais. A sua abordagem é focada na construção de significado, de maneira que a cultura, a linguagem e o discurso passam a ser foco de atenção dos investigadores. Os pós-estruturalistas criticam a posição de especialista objetivo no que concerne à experiência de outra pessoa, adotando assim abordagens mais colaborativas, que acolhem diversas perspetivas e significados (Combs & Freeman, 2012). Assim a investigação é cada vez mais concebida como uma forma de reconhecer diversos tipos de conhecimento, produzindo processos mais ricos do que qualquer perspetiva individual (Fine, 2006; Goodkind, 2006; Nygreen, 2006; Morkel, 2011).

Deste modo, investigadores e profissionais começaram a ouvir e a valorizar as perspetivas das pessoas, reconhecendo o seu conhecimento e experiência e passaram a focar-se em dinâmicas relacionais mais complexas – focando o sistema familiar e alargando a outras esferas, entre as quais a comunitária (Anderson, 1997; Krumer-Nevo, 2003; Ribner & Knei-Paz, 2002). O sistema terapêutico começou a ser concebido como um espaço para relações mais horizontais, democráticas e iguais (Anderson, 1997).

Neste contexto, o conceito e definição de famílias multiproblemáticas vai deixando de ser adotado, emergindo visões alternativas que realçam capacidades e abrangem variáveis contextuais (Ausloos, 1996; Early & GlenMaye, 2000; Fraenkel, 2006; Freedman & Combs, 2009; Garcia & McDowell, 2010; Guadalupe, 2009; Imber-Black, 1988; Landau, 2007; Lee et al., 2009; Madsen, 2007; Pernice-Duca, 2010; Rojano, 2004; Sousa & Ribeiro, 2005; Waldegrave, 2005, 2009).

## **Tensões/dualismos**

Os modelos que descrevemos estão na gênese de uma série de polaridades, que moldam as visões individuais e as relações familiares e sociais na atualidade.

Uma das tensões que marcam as nossas sociedades é o equilíbrio entre motivações individuais e coletivas e a tendência para sobrevalorizar uma em detrimento da outra (Bandura, 1998; Boff, 2013; Klapwijk & Van Lange, 2009; Simpson & Willer, 2007). O desafio que se apresenta a cada pessoa e às sociedades é o de procurar cuidar, com responsabilidade, o equilíbrio e articulação entre ambas (Boff, 2013). Enquanto o individualismo, a autoafirmação e a competição revelam orientações individuais, a cooperação, a integração e generosidade refletem orientações coletivas (Van Lange, 2000). A autoafirmação favorece a conservação e integridade do indivíduo, enquanto que a integração o conecta a uma rede de relações e de interconexão, a um todo maior, que permite a entreaajuda e a continuidade da humanidade (Boff, 2013). É possível considerar que, dentro de qualquer cultura, tanto a linguagem individualista e a linguagem de compromisso coletivo coexistem (Denborough, 2008). As pessoas não vivem as suas vidas em autonomia, muito do que procuram só é alcançável através de esforços interdependentes. Ambas as dimensões são necessárias, para o pleno desenvolvimento humano e social (Bandura, 1998). O social e o individual constituem-se mutuamente e cada pessoa desempenha múltiplos papéis, enquanto construtora de sentido e participante social. Quando uma destas forças predomina, a outra é negligenciada, gerando ou imposição da individualidade, dos interesses auto-centrados e segregação ou a imposição do coletivismo, dos interesses sociais e achatamento das individualidades (Boff, 2013). É importante reparar o corte construído entre indivíduo e sociedade (Jordan, 2008; Maton, 2000). À medida que negociamos a nossa integração na sociedade, precisamos de ter consciência do sistema e da nossa posição dentro do mesmo (Wenger, 1999). Dependendo dos contextos, umas orientações podem ser mais adaptativas do que outras (Van Lange, 2000). A

integração de ambas as dimensões pode levar a leituras e práticas mais holísticas e inovadoras (Jordan, 2008; Maton, 2000).

Não obstante, a compreensão dos contextos sociais é por enquanto bastante mais limitada do que a compreensão acerca dos indivíduos (Jordan, 2008; Maton, 2000). Van Lange (2000) fundamenta esta perspectiva, considerando que as sociedades ocidentais estão a tornar-se mais individualistas ao longo dos anos, subvalorizando o coletivismo. Além disso, nota que a tomada de atitudes que beneficiem os outros e o envolvimento em interações positivas está ligado a sentimentos de felicidade. Mendonza (2012) também chama a atenção para este desequilíbrio, propondo que as instituições e as políticas travem a sobrevalorização da individualidade autónoma, cultivando mais a solidariedade e o exercício partilhado de poder.

Outra dicotomia que marca as leituras sociais está ligada à tensão entre estrutura e agência (Bandura, 1998; Hays, 1994). A estrutura é vista como sistemática e padronizada, enquanto a agência é contingente e aleatória. A estrutura é tida como um constrangimento e a agência como libertadora. A estrutura é estática enquanto a agência é ativa. A estrutura é coletiva, enquanto a agência é individual. As estruturas são sistemas duráveis, padronizados por lógicas internas. A agência está por detrás da criação, recriação e transformação das estruturas sociais (Hays, 1994). Bandura (1998) salienta a importância de reconhecer que as pessoas são, ao mesmo tempo, produtoras e produto dos sistemas sociais. Assumindo esta bidirecionalidade de influência, rejeita um dualismo entre estrutura social e agência pessoal. Uma plena compreensão do comportamento humano implica uma perspectiva integrada. Para o sistema funcionar deve haver um equilíbrio entre estrutura e processos e um balanço entre componentes estáveis e flexíveis do sistema (Kelly et al., 2000). A vida social é fundamentalmente estruturada. A resiliência das estruturas sociais permite-nos funcionar no nosso quotidiano com um certo sentido de segurança e previsibilidade. As estruturas também são a base para o pensamento e ação humanos, permitindo uma variedade de escolhas no dia-

a-dia. Não obstante, as escolhas feitas pelos indivíduos usualmente tendem a reproduzir aquelas estruturas. As estruturas transcendem os indivíduos, mas não existiriam sem a participação desses mesmos atores (Hays, 1994). Uma transformação com vasto alcance consegue-se através da simultânea ativação de abordagens de baixo para cima (*bottom-up*) e de cima para baixo (*top-down*). Os indivíduos precisam de mudar, de maneira a que seja possível viver em ambientes em transformação; ao mesmo tempo, os valores e normas sociais devem ser transformados, de maneira a que as comunidades e os contextos possam mudar. Não é uma questão de um ou outro, mas de abranger múltiplos níveis, que incluam dimensões individuais e sociais (Maton, 2000).

### **Apoio social**

As redes de apoio são essenciais para a existência humana e para a vivência em comunidade (Guadalupe, 2009). O apoio social envolve a provisão de recursos específicos – materiais ou emocionais. Entre essas provisões, os autores identificam a orientação, a integração social, o reconhecimento de valor, entre outros (Weiss, 1974). O apoio social percebido é compreendido como o apoio social que um indivíduo considera ter disponível no caso de necessidade (Cohen & Willis, 1985). As relações de rede podem ser fontes de apoio e/ou de *stress*, pelo que é importante examinar a natureza das relações dentro da rede para compreender se as mesmas promovem ou constroem o desenvolvimento individual e familiar (Jack, 2000; Sluzki, 2010). Quando bem articulado, o apoio social relaciona-se com indicadores positivos de bem-estar psicológico (Pernice-Duca, 2010). O apoio social pode prevenir a percepção de eventos como stressantes, uma vez que as pessoas têm recursos emocionais ou instrumentais suficientes para lidar com situações desafiantes (Nelson & Prilleltensky, 2010).

O aumento de necessidades na vida de uma pessoa, normalmente gera uma pressão a nível das relações sociais, uma vez que as pessoas passam a sentir-se mais invisíveis (Myerhoff,



1982, 1986). Ribner e Knei-Paz (2002), numa investigação com famílias pobres onde procuraram compreender o que é que as famílias pensavam estar na base de uma relação de ajuda satisfatória, verificaram que as relações positivas eram referidas como episódios isolados no meio de uma longa história de interação com os serviços sociais, caracterizada por expectativas e necessidades não satisfeitas e recorrentes decepções. Mais do que qualquer assistência técnica, aquilo que valorizavam era a dinâmica humana na relação com os profissionais. Sousa e Rodrigues (2009) observaram que as famílias normalmente preferem recorrer a apoio informal e evitar o apoio formal, procurando envolver-se em relações marcadas por altos níveis de reciprocidade e menores diferenças de poder. Indivíduos que partilham benefícios e se ajudam mutuamente fortalecem a sua relação. A reciprocidade surge assim associada ao estabelecimento de relações fortes, revelando-se tão ou mais importante do que a provisão de assistência em si (Jung, 1990).

O apoio informal envolve indivíduos e grupos informais que podem prestar apoio em atividades quotidianas (Durnst & Triveste, 1990). Cada vez é dada mais atenção aos recursos naturais das famílias, especificamente à família alargada, vizinhos, amigos e comunidade (Asen, 2007; Barnett, 2008; Freedman & Combs, 2009; Garcia & McDowell, 2010; Imber-Black, 1988; Kendall et al., 2010; Landau, 2007; Madsen, 2007; Parra-Cardona, 2007; Rojano, 2004; Sluzki, 1996, 2010). A literatura vai-nos descrevendo que os apoios informais são mais estáveis e duradouros, podendo constituir uma fonte de suporte muito consistente (Rojano, 2004). As fontes de suporte informal são caracterizadas por confiança mútua e reciprocidade e deixam ao critério das pessoas a ajuda que desejam aceitar e oferecer. Este tipo de apoio é fundamental para o desenvolvimento de relações saudáveis (Dunst et al., 1997). Jack (2000) considera, assim, que os profissionais deveriam canalizar esforços para o reforço dos sistemas de suporte naturais, em vez de tentarem criar novos sistemas. Landau (2007) refere também que a solidariedade informal é um recurso chave e que o seu estudo deve ser uma prioridade. Sluzki (2010) sugere que o fortalecimento das relações com a família, com colegas de estudo e

de trabalho e com vizinhos tem impacto ao nível da recuperação/manutenção de saúde e para o bem-estar.

O apoio formal está conectado com instituições e profissionais a que as pessoas podem recorrer em caso de necessidade (Durnst & Triveste, 1990). Uma multiplicidade de programas está a ser criada por todo o mundo, tentando encontrar soluções para a complexidade de problemas associados à saúde mental e à pobreza (Albee & Fryer, 2003; Brodsky & Cattaneo, 2013; Imber-Black, 1988; Tseng & Seidman, 2007).

Muitos destes esforços envolvem processos descoordenados, que não tomam em consideração as inter-relações entre diferentes níveis sistémicos, resultando em apoios unidirecionais e fragmentados que se traduzem em ligeiras e passageiras melhorias (Albee & Fryer, 2003; Brodsky & Cattaneo, 2013; Imber-Black, 1988; Sousa, 2008; Sousa et al., 2007; Tseng & Seidman, 2007). As intervenções fazem-se desarticuladamente e os elementos da família convertem-se em espetadores. Cancrini, Gregório e Nocerino (1997) também observaram uma atitude de substituição por parte dos profissionais, a qual consideram que em nada promove o desenvolvimento de competências familiares, convidando, pelo contrário, a uma postura de delegação e perda de responsabilidade que diminui a autoestima das famílias. As famílias pobres são na sua maioria multiassistidas por inúmeros serviços, o que muita vez contrasta com a escassez de apoios primários (Alarcão, 2000/2005; Imber-Black, 1988). A rede secundária, ao ignorar os recursos e potencialidades da rede primária, converte-se num elemento mais alienador que potenciador (Alarcão, 2005; Madsen, 2007).

Abordagens individuais, reativas, baseadas no défice, que promovem uma lógica de paternalismo e clientelismo em vez de cidadania e democracia têm dominado o campo dos serviços sociais ao longo de décadas (Albee, 1982, 1986; Prilleltensky, 2005). Habitualmente os cidadãos estão na ponta recetora das decisões tomadas por profissionais ou políticos. Tais decisões colocam os cidadãos no papel de pacientes ou utentes, mas raramente no papel de

parceiros (Cornwall & Gaventa, 2001; Prilleltensky, 2005). As famílias que estão em permanente interação com serviços foram-se acostumando a assumir uma posição de complementaridade *one-down*, desempenhando o papel de recetores de apoio, de conselhos e críticas pelos profissionais, os quais ocupam uma posição *one-up* (Imber-Black, 1988). Os profissionais que assumem uma posição de especialistas definem quais são as necessidades das pessoas pobres e responsabilizam-nas, considerando que as mesmas devem mudar para se adaptarem aos contextos sociais (Fraser, 1991; Llobet, Litichever & Magistris, 2012; McBride et al., 2006; Nelson & Prilleltensky, 2010; Payne, 1996). Os cidadãos são vistos como tendo pouco interesse pelas deliberações políticas e também com limitada capacidade para contribuir efetivamente para o processo. Assim é deixado nas mãos de especialistas – profissionais, políticos e gestores, a responsabilidade de garantir que as necessidades dos beneficiários são bem servidas (Cornwall & Gaventa, 2001). Freire (1970) sugere que um dos elementos que alimenta a relação opressor-oprimido é a prescrição, uma vez que cada prescrição envolve a imposição da decisão de um indivíduo sobre o outro. Práticas influenciadas por modelos tradicionais são também descritas como hierárquicas, unidireccionais e encorajadoras de dependência (Anderson, 1997; Henry & Breyfogle, 2006; Zimmerman, 2000). Rober e Seltzer (2010) notam que os terapeutas, procurando proteger os indivíduos, correm o risco de cair em abordagens colonizadoras. Apesar das boas intenções para curar, a simples ideia de curar vem sempre associada a uma ideia de “poder sobre” (Anderson, 1997). Apenas uma pequena percentagem dos pobres nas comunidades, pelo mundo fora, precisa de assistência, no sentido do alívio de uma situação de crise. Atuar como se fossem destituídos faz mais mal do que bem, tanto aos que são ajudados como aos que ajudam (Corbett & Fikkert, 2012; Deaton, 2013). Os títulos atribuídos aos profissionais e a linguagem por eles utilizada, que remetem para o seu alto nível de instrução e conhecimento, também podem ser obstáculos (Alarcão, 2005; Madsen, 2007). As pessoas pobres tendem assim a internalizar visões deficitárias e um

sentido de opressão que inclui culpabilização, sentimentos de inutilidade e vergonha (Freire, 1970; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rappaport, 1977; Shippler, 2004; Sousa, 2008; Stout, 1996).

A maioria dos programas mantém-se focada em melhorar o bem-estar individual, a um nível superficial, largamente negligenciando as condições sociais que levam as pessoas a pedir ajuda (Evans, 2012a; Prilleltensky, 2005; Rappaport, 1977). Ainda que as intervenções individuais possam reduzir sintomas psicológicos específicos a taxa destes sintomas na população continua a crescer (Albee & Fryer, 2003).

Também na ajuda externa há um fluxo de recursos que é passado de países ricos para países pobres, que procura melhorar a vida dos pobres. No entanto muitos são deixados com um agravado legado de desigualdade (Deaton, 2013). Apesar do acesso a recursos ser essencial e primário, a provisão de recursos por si só não promove pleno desenvolvimento (Neal & Neal, 2011; Nelson & Prilleltensky, 2010). Durante anos a ajuda externa para o alívio da pobreza tem seguido a seguinte ordem: a ajuda chega, o problema é reduzido, a ajuda termina, o problema volta (Li & Julian, 2012). Não é claro que tipo de parceria pode ser sustentável quando um lado tem todo o dinheiro. Não é possível desenvolver o país de outro a partir de fora. A ajuda externa leva a que os governos se tornem menos responsivos às necessidades dos pobres (Deaton, 2013).

A assistência pergunta “como posso ajudar estas pessoas pobres?”. A solidariedade pergunta “como posso trabalhar em conjunto com estas pessoas na promoção da nossa causa comum, a justiça?” (Aron, 2014). Nelson e Prilleltensky (2010) sugerem que ações transformativas, orientadas para desinstalar o status quo das estruturas da sociedade e as relações de poder recebem menos investimento do que iniciativas que visam a melhoria de condições de vida para as pessoas pobres. Brodsky e Cattaneo (2013) consideram que a transformação interna não é suficiente para promover empoderamento e justiça social.

Propõem assim a ideia de *status quake*, que envolve integrar objetivos individuais e comunitários para desconstruir desequilíbrios de poder e transformar os sistemas estruturais.

As abordagens colaborativas têm contribuído para melhorar a qualidade do apoio formal prestado, fomentando a construção de parcerias com os participantes e com outras organizações (Anderson, 1997; Sousa & Ribeiro, 2012). O primeiro passo, na criação de uma parceria é o desenvolvimento da confiança (Nelson & Prilleltensky, 2010; Sousa & Ribeiro, 2012). Uma parceria bem-sucedida cria espaço para que todas as partes se expressem e exerçam influência, para se sentirem parte de algo importante, para satisfazerem as suas necessidades e ao mesmo tempo contribuírem para o bem-estar de todos os membros, ao passo que permite o desenvolvimento de conexão e vínculos entre os vários membros (Nowell & Boyd, 2010). Anderson (2012) caracteriza as abordagens colaborativas como contendo uma forte dimensão pública e uma natureza de transformação mútua. Cultivar práticas horizontais é uma potencial alternativa à visão tradicional da transmissão vertical do conhecimento e da ajuda (Wenger, 1999). Assim, a mudança vem crescentemente sendo compreendida como um processo colaborativo, que envolve a combinação de conhecimento de todos os indivíduos em interação (Anderson, 1997). Jung (1990) observou que construir relações de reciprocidade, por si só, podia ter mais impacto no bem-estar do que receber apoio social. Pessoas envolvidas reciprocamente em dar e em receber reportam mais satisfação do que aquelas que são apenas recetoras ou prestadoras de apoio (Florin & Wandersman, 1990; Jung, 1990; Levine, 1988; Maton, 2000; Pernice-Duca, 2010). As pessoas valorizam mais a ajuda mútua, a oportunidade de ajudar outros ou de lutar pelos seus direitos do que ter as suas necessidades satisfeitas por um profissional (Zimmerman, 2000).

Para nos tornarmos adultos plenamente desenvolvidos, partimos de um ponto de dependência até nos tornarmos independentes ou interdependentes (Payne, 1996). Corbett e Fikkert (2012) propõem que, enquanto profissionais, nos questionemos: a pessoa tem

possibilidades de se ajudar a si própria? Caso tenha, uma postura assistencialista pode comprometer a capacidade de a pessoa assumir as rédeas dos seus próprios recursos e capacidades. É importante ajudar as pessoas a reconhecerem o seu próprio poder de impacto, de maneira a que comecem a desenvolver as suas capacidades de liderança. Se pudermos levar as pessoas a acreditarem que têm o poder de fazer a diferença, então seremos capazes de criar um movimento capaz de transformar o mundo (Stout, 1996).

Neste contexto, vários autores se começaram a interessar pelo desenvolvimento das práticas narrativas nos contextos comunitários (Combs & Freedman, 2012; Denborough, 2008; Rojano, 2004; White, 1999, 2007). Propõe-se assim o desenvolvimento do diálogo, que fundamenta uma lógica mútua e recíproca (Lord & Hutchison, 1993). É fundamental que os profissionais respeitem e reconheçam a sabedoria, competência e valores da família e que trabalhem com a família e não por ela, de modo a evitar contribuir para aumentar as desigualdades sociais (Alarcão, 2005; Garcia & McDowell, 2010; Landau, 2007).

Numa investigação em que se perguntou a beneficiários de serviços que características mais valorizavam nos profissionais, as descrições incluíram proporcionar um ambiente informal, de igual para igual, colocando-se ao mesmo nível do participante e utilizando uma linguagem simples e facilmente perceptível (Ribner & Knei-Paz, 2002). Destacaram também a disponibilidade e a flexibilidade do profissional para fazer atividades conjuntamente com a família, manter o contacto e fazer o papel de mediador entre a família e o serviço social. Ribner e Knei-Paz (2002) concluíram que trabalhar conjuntamente com o participante é motivador e incentiva-o a ser mais ativo. Através do reconhecimento das capacidades da comunidade e do trabalho conjunto, uma relação positiva é desenvolvida entre organização e a comunidade. Os profissionais desempenham o papel de facilitadores, permitindo à comunidade gradualmente assumir mais responsabilidade (Li, 2012). Os profissionais devem ser terapeutas solidários ou aliados, mobilizando-se contra os problemas que afetam as famílias e trabalhando em equipa com elas para promover a justiça social, em vez de

entenderem as pessoas como os problemas que precisam de mudança (Fraenkel, 2006; García & McDowell, 2010; Madsen, 2007; Rojano, 2004; Sousa et al., 2007). Cunningham e Henggeler (1999) sugerem que o terapeuta tente colocar-se na pele do cliente. St. George e Wulff (2006) acrescentam a importância de preparar terapeutas comunitários, capazes de fomentar transformações a vários níveis sistémicos. Neste sentido, quando sinais de desigualdade são encontrados, a estrutura, instituições e práticas de tomada de decisão devem ser vistas como as potenciais causas ou, pelo menos, como os mecanismos que ajudam a perpetuar a desigualdade (Ruesga & Puntenney, 2010).

Madsen (2007) propõe que olhemos para cada família como uma particular microcultura, cujos comportamentos e atitudes podem ser entendidos quando contextualizados e que reconheçamos que as famílias são especialistas na sua experiência. O papel passivo de utente ou recetor de serviços deve ser transformado, para se tornar co-agente e contribuidor, podendo servir de recurso e apoio para outros. Em vez de tratar as famílias como clientes, deveriam ser tratadas como cidadãs (Evans, 2012a; Rojano, 2004). Desta forma as famílias deixariam de ser classificadas e de se auto-classificar como dependentes e impotentes e passariam a ver-se como potenciais fontes de apoio e recurso. A baixa autoestima das famílias pobres poderá ser substituída por sentimentos de validade, utilidade e poder e a sua posição social começará assim a mudar automaticamente (Rojano, 2004).

Nesta sequência, muitos autores vêm reconhecendo o potencial da participação cívica para o desenvolvimento individual e estrutural. Programas que incentivam a participação, estruturas horizontais, liderança e tomadas de decisão partilhadas promovem o desejo nos participantes para partilharem conhecimento, para se mobilizarem para o desenvolvimento do bem-estar coletivo e para serem transformados no processo (Cornwell & Gaventa, 2001; Evans, 2012a; Ford, 2007; Foster-Fishman, Collins & Pierce, 2013; Foster-Fishman et al., 2009;

Nelson, Lord et al., 2001; Nelson, Prilleltensky et al., 2001; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rojano, 2004; Trickett, Beehler et al., 2011; Zimmerman, 2000). É assim fundamental encorajar e apoiar os cidadãos a contribuírem permanentemente para as suas comunidades, através do acesso a papéis sociais valorizados, tais como trabalhador, voluntário, mentor, amigo (Lord & Hutchison, 1993; Rojano, 2004). A partir da participação, os utilizadores dos serviços podem moldar as políticas sociais, não apenas como beneficiários de programas pré-determinados, mas como cidadãos exercendo os seus direitos de agência, voz e participação (Cornwall & Gaventa, 2001). A liderança surge assim também como um processo importante para o desenvolvimento individual e social. Ao desenvolver capacidades de liderança, reconhecendo potencial para dar e contribuir, as pessoas reforçam a sua autoestima e sentido de pertença (Nelson, Lord et al., 2001). Nesta linha, Stout (1996) concebe uma liderança partilhada como um ciclo em expansão, que cresce à medida que inclui mais líderes.

Têm vindo, assim, a ganhar expressão novas áreas do saber que aspiram compreender que processos potenciam transformações estruturais. A transformação de sistemas é uma dessas áreas, tratando-se de um processo intencional desenhado para transformar o *status quo*, promovendo mudanças de segunda ordem, através da reforma e alterações no funcionamento de um determinado sistema (Foster-Fishman, Nowell & Yang, 2007). Para tal, são promovidos processos dinâmicos e ecológicos dentro dos sistemas, em vez de simplesmente a nível individual (Tseng et al, 2002). O desvio positivo, por outro lado, identifica ações que se desviam da norma provocando uma melhoria contextual (Marsh, Schroeder, Dearden, Sternin & Sternin, 2004; Mazutis, 2014). Esta abordagem assenta na convicção de que os recursos necessários para o desenvolvimento podem já existir nas comunidades. Desta forma, em vez de propor soluções externas, algumas organizações têm optado por amplificar desvios positivos que eram desempenhados por pequenos grupos de famílias. Como resultado muitas comunidades têm melhorado consideravelmente e de forma sustentável os cuidados a nível de saúde e de nutrição das crianças (Ochieng, 2007). Também o empreendedorismo



social pretende desenvolver soluções locais, com vista a ter relevância global. O empreendedorismo social está a ter profundas implicações no sistema económico, ao criar novos modelos de negócio que canalizam recursos para problemas sociais que têm sido negligenciados (Santos, 2012). A maioria das abordagens define empreendedorismo social como uma atividade com um propósito social (Austin, Stevenson & Wei-Skillern, 2006), levada a cabo por profissionais que abraçam missões sociais (Dees, 2001; Martin & Osberg, 2007). Os empreendedores sociais são movidos pelo objetivo de criar valor para a sociedade e tendem a trabalhar em áreas que beneficiam aqueles em maior desvantagem em dada população. Procuram desenvolver soluções sistémicas e sustentáveis, pelo que apontam para a raiz dos problemas e usam uma lógica de empoderamento e de parceria com as comunidades, onde todos se constituem como parte fundamental da solução (Santos, 2012). O empreendedor social adota uma mentalidade centrada nas oportunidades, que o leva a procurar ativamente ocasiões para gerar ou amplificar impacto social (Dees, 2001).

### **Capital social**

Por outro lado, Twemlow et al. (2005) sugerem o conceito de capital social, que implica a conceção das pessoas como estando integradas num contexto de intercâmbios sociais, podendo ganhar ou perder capital através da sua participação em múltiplos sistemas. Bourdieu (1986) definiu capital social como a totalidade de recursos associados à relação com outros – sejam instituições ou pessoas – que constituem a base do sentido de pertença a um grupo. Assim, os intercâmbios entre indivíduos e os seus contextos deveriam resultar numa acumulação de recursos, tais como o aumento de contactos, conhecimento e oportunidades. Não obstante, a acumulação de capital é mais acessível para aqueles que pertencem a grupos socialmente dominantes (Garcia & McDowell, 2010).

## **Sentido de comunidade**

A existência de apoio social promove um sentimento de comunidade (Nelson & Prilleltensky, 2010). Fazer parte de uma comunidade envolve um grupo de pessoas com um sentido de pertença e propósito comuns, que interage e partilha recursos e que cuidam uns dos outros (Amaro, 2007; McMillan & Chavis, 1986). O desenvolvimento de sentido de comunidade pode contribuir para a eficácia coletiva, uma vez que os laços sociais e o trabalho conjunto podem ser meios efetivos para alcançar transformação social (Foster-Fishman, Pierce & Van Egeren, 2009). McMillan e Chavis (1986) propõem que o sentido de comunidade inclui 4 dimensões: pertença, influência, conexão emocional e satisfação de necessidades. Para desenvolver um forte sentido de comunidade o grupo deve ser capaz de satisfazer as necessidades do grupo e de cada indivíduo. Ainda que o apoio social e sentido de pertença a uma comunidade permitam minimizar algumas das consequências da desigualdade não corrigem desequilíbrios de poder (Nelson & Prilleltensky, 2010).

## **Na investigação**

A história da investigação tem sido marcada por estudos “sobre” em vez de “com” as famílias e as comunidades, resultando na estigmatização ou rotulação das mesmas (Christopher et al., 2008). Numa análise documental de artigos, levada a cabo por Trickett, Espino e Hawe (2011) em revistas na área das ciências sociais, constatou-se que muito poucos artigos se focam em tópicos relacionados com a transformação sistémica, o desenvolvimento de programas, o desenvolvimento comunitário ou de lideranças. A história também tem mostrado que sem confiança entre participantes e investigadores, a investigação não pode ser bem-sucedida (Christopher et al., 2008). Nygreen (2006) sugere assim que os investigadores procurem tomar consciência sobre se os métodos de investigação reproduzem ou desafiam as relações de poder existentes. Escolher palavras multidirecionais em vez de unidirecionais poderá abrir espaço para leituras mais complexas e abrangentes (Tseng et al, 2002).

Cada vez mais, na área social, ganha expressão a concepção da investigação em íntima relação com a prática, bem como o envolvimento ativo dos participantes nas tomadas de decisão ao longo de todo o processo de investigação (Israel, Schulz & Parker, 2005; Fine, 2006; Florin & Wandersman, 1990; Lazarus, Bulbulia, Tailep & Naidoo, 2015). Assim, uma série de metodologias tem ganho expressão, como a investigação-ação, projetos de investigação com base comunitária, inserção ecológica, *service-learning*, entre outros (Christopher et al., 2008; D'Arlach et al., 2009; Fine, 2006; Goodkind, 2006; Henry & Breyfogle, 2006; Israel et al., 2005; Minkler et al., 2012; Paludo & Koller, 2004; Secor-Turner, Sieving, Garwick, Spratt & Duke, 2010). O envolvimento dos participantes em projetos de investigação-ação está a transformar antigos processos unilaterais em processos multidirecionais e multidimensionais, onde os vários membros trabalham em conjunto, contribuindo com as suas perspetivas e conhecimento para a co-criação do processo total de investigação (Israel et al., 2005; Minkler et al., 2012; Secor-Turner, et al., 2010).

Um tipo de investigação que propicia uma verdadeira colaboração e parceria é a investigação baseada na comunidade (Israel et al., 2005; Minkler et al., 2012; Oetzel et al., 2015). Com base nesta metodologia, todos os parceiros contribuem com o seu conhecimento e partilham tomadas de decisão e autoria (Christopher et al., 2008). O objetivo da investigação baseada na comunidade é aumentar o conhecimento e compreender um dado fenómeno integrando o conhecimento aprendido com práticas, políticas e transformação social para melhorar a qualidade de vida dos membros da comunidade. São princípios orientadores o foco nas forças e recursos, a colaboração e trabalho em parceria, a partilha de poder, a confiança e o respeito mútuo, a comunicação aberta e a partilha de informação e recursos, as tomadas de decisão partilhadas, a co-aprendizagem, a geração integrada de conhecimento e prática, o processo de longo-termo e compromisso com a sustentabilidade (Israel et al., 2005; Minkler et al., 2012). Projetos assentes neste tipo de investigação estão a potenciar a conexão, o respeito

e o envolvimento entre participantes e investigadores (Christopher et al., 2008; Lazarus, Bulbulia, Taliep & Naidoo, 2015; Oetzel et al., 2015).

A inserção ecológica é também proposta como uma metodologia de investigação. Tendo como base o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979, 1994), permite a aproximação entre participantes e investigadores, uma vez que os investigadores se inserem no ambiente ecológico dos participantes, conversando informalmente com eles, fazendo entrevistas e observando, com o objetivo de conhecer a sua realidade (Paludo & Koller, 2004). Ao proporcionar processos de interação social, a inserção ecológica é vista simultaneamente como investigação e prática (Cecconello & Koller, 2003).

O *service-learning* advoga uma epistemologia alternativa – a necessidade de o conhecimento ser local e co-criado com a comunidade (D’Arlach et al., 2009). Esta metodologia foca-se na desconstrução de papéis tradicionais de ajudante e ajudado, no balanço de poder no trabalho conjunto entre populações de contextos socioeconómicos diversos (D’Arlach et al., 2009; Goodkind, 2006; Henry & Breyfogle, 2006).

O recurso a metodologias qualitativas, como entrevistas narrativas ou a *Grounded Theory* permitem a emergência de novos dados que não são manipulados pelas hipóteses dos investigadores (Krumer-Nevo, 2003; Ribner & Knei-Paz, 2002). Fraenkel (2006) refere que os métodos qualitativos podem ser entendidos por elementos de comunidades pobres como mais atrativos e menos ameaçadores que os métodos quantitativos. De qualquer forma, o cruzamento de metodologias qualitativas e quantitativas é essencial para que seja possível aprofundar o conhecimento e melhorar a intervenção com famílias e comunidades pobres.

Finalmente, lições recolhidas de boas-práticas precisam de ser documentadas e disseminadas, de maneira a que sejam apresentadas orientações e linhas de ação para a contínua melhoria da qualidade dos programas (Foster-Fishman, et al., 2007; Prilleltensky, 2005; United Nations Development Program, 2011).

Esta revisão de literatura traz à luz diversas áreas e prismas de investigação futura, que poderão apetrechar a teoria e a prática de novos recursos e potencialidades:

- Adotar uma lente de “curiosidade positiva”, explorando os processos que contribuem para o desenvolvimento de conexão, superação e de bem-estar nos indivíduos, famílias, comunidades e sociedade;
- Utilizar métodos de investigação abrangentes, que permitam compreender os fenómenos em estudo à luz da multiplicidade sistémica;
- Desenvolver mais investigações ao nível das redes primárias, compreendendo fatores potenciadores da conexão entre indivíduos;
- Estudar programas reconhecidos como boas-práticas comunitárias e sociais;
- Atender aos fenómenos estruturais e macro que afetam o bem-estar dos indivíduos, das famílias e das comunidades;
- Compreender os contributos, articulação e integração dos diversos paradigmas sociais e o seu impacto individual, familiar e social;
- Focar as relações e intersecções entre diversos atores sociais – em particular aqueles que têm sido menos considerados, no estudo da pobreza e do bem-estar (ex. compreender as interações entre famílias de diversos contextos socioeconómicos);
- Compreender a relação entre pobreza e bem-estar coletivo;
- Desenvolver projetos de investigação de proximidade, que explorem as forças e recursos nos sistemas e que integrem os contributos dos participantes.



## CAPÍTULO II. Enquadramento Metodológico

Esta investigação nasceu de uma inquietação: reconhecer o sofrimento decorrente da pobreza e da falta de coesão social nas pessoas, nas famílias, nas comunidades e na sociedade. A inquietação derivou em interrogações: como podemos superar a pobreza? De que maneira é que pessoas, famílias, comunidades e sociedades combatem a pobreza? Que estratégias de superação têm sido encontradas? O que nos leva a mobilizar por causas de bem-comum? Enquanto profissionais, podemos fazer a diferença? De que maneira?

### **Objetivos**

Aprender estratégias de superação da pobreza, de desenvolvimento da conexão social e do bem-estar coletivo, com vista à sua disseminação e à integração do conhecimento aprendido em futuras práticas profissionais, foi o propósito que moveu esta investigação. Assim, foram alinhavados os seguintes objetivos<sup>2</sup>:

#### Gerais

- Compreender que fatores favorecem e constroem a conexão social e o bem-estar coletivo;
- Analisar a interface entre famílias – redes de apoio social – e comunidade, sob uma perspectiva ecossistémica;
- Conhecer e caracterizar programas sociais reconhecidos como boas-práticas na colaboração com indivíduos, famílias e comunidades pobres, a nível nacional e internacional;
- Propor um guião-resumo de boas-práticas.

---

<sup>2</sup> Os objetivos – a linguagem e o foco – foram sendo ajustados ao longo do processo da investigação. Para comparar com o projeto original ver Apêndice A.



## Específicos

### Estudo 1 – Foco na rede primária

- Compreender o ponto de vista das famílias em situação de pobreza sobre a sua realidade;
- Identificar recursos e competências na forma como as famílias lidam com os desafios que lhes são impostos;
- Promover a interação entre famílias de contextos socioeconómicos diferentes;
- Aplicar a técnica “Equipas Reflexivas com Audiências Apreciativas” (Madsen, 2007) e avaliar o seu potencial, neste contexto.

### Estudo 2 – Foco na rede secundária

- Fazer um levantamento de boas-práticas na colaboração com indivíduos, famílias e comunidades em desvantagem social e económica, a nível nacional e internacional;
- Conhecer os projetos *in loco*, de modo a observar e compreender as dinâmicas do seu funcionamento e as estratégias de colaboração;
- Identificar que abordagens e metodologias estão na base de colaborações bem-sucedidas;
- Conhecer a perceção de participantes e profissionais relativamente à aplicação e eficácia dessas mesmas abordagens e metodologias.

### Estudo 3 – Foco na sociedade

- Aplicar a uma amostra de cidadãos portugueses um questionário, avaliando perceções relativas a apoio social, sentido de comunidade, situação socioeconómica e bem-estar;
- Compreender o que potencia e constrange o apoio e a conexão entre cidadãos portugueses;
- Comparar e integrar os resultados dos estudos qualitativos com os resultados do estudo quantitativo.

## **Valores orientadores**

Os valores foram moldando esta investigação. Nasceram em conjunto com o sonho de fazer este projeto e foram ganhando expressão, sendo acrescentados e transfigurados ao longo do processo. Tiveram assim um forte impacto sobre a definição da metodologia e, ao longo do processo, no estilo de implementação e ajustes concretizados.

- Valorização – Reconhecer a riqueza do conhecimento e experiência dos participantes, valorizando a oportunidade de aprendizagem e o impacto dos seus contributos para a ciência;
- Respeito – Desenvolver um trabalho respeitador dos contextos em que fomos convidados a entrar;
- Informalidade – Assumir uma postura que permitisse o desenvolvimento de relações de confiança e marcadas pela humanidade;
- Colaboração – Desenvolver um trabalho de parceria, de partilha e de troca de aprendizagens com os participantes;
- Flexibilidade – Desenvolver um modo de investigar capaz de se acomodar e transformar organicamente, de acordo com o *feedback* dos participantes e com a reflexão decorrente da interação com os contextos em estudo;
- Procura de coerência – entre teoria/prática, atitudes/valores, etc. Procurando criar condições, em cada pequena decisão ou encontro, para que todos os participantes se sentissem valorizados e satisfeitos. Continuamente refletir se as ações e decisões estavam a ser consistentes com os valores que pretendíamos que as pautassem.

## **Desenho da investigação**

Tendo por base os paradigmas ecossistémico, construcionista e pós-positivista, concebemos um desenho metodológico misto, que envolveu a integração de dois estudos qualitativos e de um estudo quantitativo. A escolha do desenho metodológico e das

estratégias de recolha e análise a implementar herdaram a visão holística e integrativa da lente sistémica; do construcionismo social imbuíram o foco nos significados, narrativas e perspetivas dos participantes, a atenção às construções sociais envolventes, bem como a lógica indutiva e a abordagem colaborativa (Creswell, 2009); e do pós-positivismo a compreensão da realidade como complexa e em transformação, uma abordagem orientada por valores, que inclui o intuitivo e se aproxima dos participantes (O’Leary, 2004).

A opção por um desenho metodológico misto teve por base a intenção de aliar as ferramentas qualitativas e quantitativas, complementarmente, por forma a gerar informação robusta, passível de ser comparada, reforçando a validade e o impacto dos resultados da investigação. Não obstante, seu cunho foi maioritariamente qualitativo, pois as estratégias de recolha – mais próximas e gratificantes para os participantes – e a informação gerada – que potenciava a emergência de uma multiplicidade de significados – estavam mais em consonância com os valores e princípios da investigação. Procurando expandir os resultados de um método, a partir do método implementado de seguida (Creswell, 2009), o desenho assumiu uma configuração sequencial: os dois primeiros estudos assentaram numa exploração e emergência qualitativa; e, *a posteriori*, o estudo quantitativo foi informado pelos resultados emergentes na etapa qualitativa, permitindo aprofundar a compreensão de algumas variáveis em estudo e abranger uma amostra mais ampla. Finalmente, foi possível comparar e compreender os resultados, de forma holística, nas suas múltiplas dimensões.

À medida que o processo de investigação evoluía, ao ser moldado pelos *feedbacks* dos participantes e marcado por um crescente espírito colaborativo, foi revelando afinidades com metodologias de investigação-ação, investigação baseada na comunidade e com a inserção ecológica: em relação à investigação-ação esta investigação partilhou a abordagem orgânica e emergente e o espírito de concretização prática (O’Leary, 2004); com a investigação baseada na comunidade, partilhou a abordagem colaborativa, informal e horizontal, a partilha de

informação e a aprendizagem e benefícios mútuos (Israel et al., 2005; Lazarus et al., 2015; Secor-Turner et al., 2010); em comum com a inserção ecológica, o processo assentou na interação com os participantes e com os seus contextos; as metodologias de observação participante envolveram a imersão nos contextos em estudo, a convivência e conversas informais com os participantes; e uma análise que incluiu e cruzou diferentes níveis ecossistémicos (Cecconello & Koller, 2003).

O papel da investigadora foi auto-caracterizado de “inter-changemaker” (conceito “emprestado” de uma entrevista com um participante). Para além do objetivo de gerar teoria para promover transformações sociais (O’Leary, 2004, p. 92), foi um ponto assente desde o início que os resultados da investigação refletiriam o trabalho colaborativo entre investigadora e participantes, a sabedoria integrada de todos os que colaboraram na investigação (participantes, investigadores, orientadores, etc.), conciliando, sempre que possível, as fases da investigação com ações que se refletiam na prática.

Assim, no decurso da investigação, surgiu a oportunidade de colocar as aprendizagens recolhidas ao longo do percurso ao serviço da conceção e implementação de um programa social, em Portugal. Este projeto foi incorporado como parte do todo da investigação, dotando-a de carácter de investigação-ação e de robustez, pela complementaridade entre teoria e prática e pela oportunidade de testar e ir ajustando a aplicabilidade e relevância dos resultados.

Tendo sido feita uma extensa revisão de literatura científica, orientada pelo intuito de idear potenciais questões e formas de acrescentar valor ao conhecimento até então produzido, desenhámos três estudos, sistemicamente inter-relacionados:

Estudo 1 (qualitativo) – Com recurso à técnica Equipas Reflexivas com Audiências Apreciativas (Madsen, 2007) promovemos encontros ao nível da rede primária, entre famílias de contextos socioeconómicos diferentes, com vista a conhecer as experiências e perspetivas das famílias

acerca dos recursos e desafios encontrados nas suas realidades e do seu contexto envolvente, bem como a analisar o impacto desta técnica, na qualidade da interação entre os participantes e nas perceções individuais e relacionais.

Estudo 2 (qualitativo) – Reconhecimento e observação *in loco* de programas sociais e educacionais, nacionais e internacionais, reconhecidos como boas-práticas na colaboração com famílias e comunidades em contextos de pobreza.

Estudo 3 (quantitativo) – Caracterização das perceções e disposições de cidadãos portugueses relativamente a questões relativas ao apoio social, sentido de comunidade, estilos relacionais, satisfação com a vida entre outros, através de um questionário *online*.

Finalmente, a aplicação Prática, envolveu a conceção e implementação do ComParte, um projeto social inspirado nas aprendizagens recolhidas ao longo do processo de investigação (recolha, análise, teoria emergente) e cujo desenvolvimento serviu também para informar a investigação, testando a relevância e aplicabilidade dos resultados e permitindo continuar a atualizar/ajustar a teoria emergente.

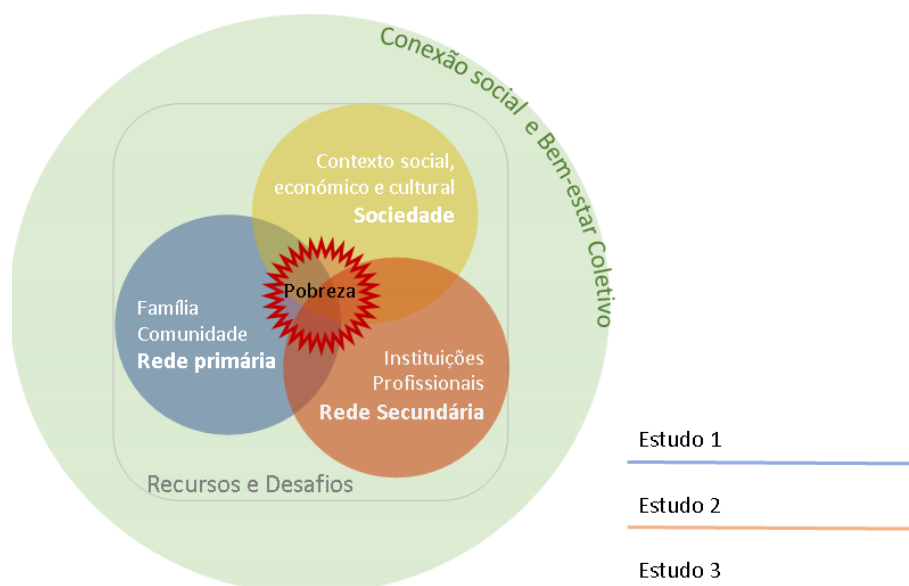


Figura 1. Mapa conceptual

Os estudos foram iniciados na ordem prevista. Primeiro foram desenvolvidos os estudos qualitativos (estudos 1 e 2), e, *a posteriori*, o estudo quantitativo (estudo 3). Ao longo do processo houve diversas interseções: as etapas de recolha e análise de cada estudo por vezes foram intercaladas, ou exploradas e aprofundadas separadamente e também ocorreram em simultâneo – ponderando, a cada passo, o que seria mais profícuo para a investigação. Estas decisões eram tomadas articulando o conhecimento teórico com a experiência prática, de acordo com um contínuo processo de reflexão e avaliação (ver Apêndice B – Linha do tempo).

Tendo a Fundação Ciência e Tecnologia atribuído uma bolsa mista a este projeto, a investigação incluiu etapas de recolha, de análise e de escrita noutros países, para além de Portugal (ver Apêndice C), sendo dotado de diversidade e riqueza experiencial e cultural.

### **Abordagem metodológica**

A abordagem metodológica tomou um lugar fundamental nesta investigação. A sua definição e implementação assumiram os contornos de um processo vivo e dinâmico, que foi crescendo e ganhando sentido na relação com os participantes. Não foi entendida como um meio para chegar a um fim. A escolha das metodologias a adotar ao longo do processo de investigação procurou assim conciliar e potenciar os propósitos da investigação, os valores que a orientavam e respeitar os participantes, tentando acrescentar valor para todos os envolvidos, nos ambientes em que era implementada. Assim, tornou-se simultaneamente geradora de novos sentidos, bem como de mudanças, alinhadas com os propósitos em estudo. A procura de perspetivas diversas e portadoras de novidade e o enraizamento no conhecimento experiencial, foram também critérios orientadores para a escolha das metodologias.

A diversidade e complementaridade das metodologias adotadas e a contínua partilha de informação e *feedback* entre participantes e investigadores permitiram potenciar a robustez da recolha e a validade da análise.

### **Recolha de dados**

Para a etapa da recolha de dados, recorreremos a uma combinação de metodologias, donde se destacam: Sessão com Audiências Apreciativas, entrevistas semiestruturadas, observação participante, *focus group* e questionário.

Todos os momentos de recolha incluíram a descrição do projeto e propósitos da investigação, o esclarecimento de dúvidas, o consentimento informado dos participantes, bem como uma apreciação/balanço final, de *feedback* sobre a experiência e integração de sugestões. Este processo permitiu criar relações de confiança e de enriquecimento mútuo, entre participantes e investigadores, assim como ter um impacto concreto no desenvolvimento das próprias metodologias, abordagens e desenho da investigação.

O processo de recolha de dados para cada estudo foi levado a cabo de forma colaborativa, tendo contado com o apoio de alunas de mestrado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Duas alunas contribuíram para a recolha de dados do primeiro estudo, duas alunas colaboraram na recolha de dados do segundo estudo (amostra portuguesa) e uma aluna contribuiu para o desenho e recolha de dados do terceiro estudo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Colaboração no Estudo 1: Governo, A. R. (2012). *Quem muito abarca pouco abraça: A perceção das famílias pobres multidesafiadas sobre as suas competências em diferentes níveis de apoio formal* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. | Sónia Silva – colaborou na recolha de dados do estudo 1.

Colaboração no Estudo 2: Silva, J. H. (2013). *Famílias multidesafiadas em contexto de pobreza: Vulnerabilidades e Forças Familiares – Refletindo sobre a intervenção* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa. | Tavares, A. (2013). *Intervenção eco-sistémica com famílias multidesafiadas em contexto de pobreza: Um olhar sobre a rede de apoio e os fatores protetores e de risco* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

Colaboração no Estudo 3: Ferreira, R. S. (2014). *A competição e o(s) outro(s): Estudo exploratório da relação entre crenças face à competição e o sentido de comunidade, o apoio social e o desejo de contribuir* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.

A etapa da recolha foi marcada por duas observações: uma, por parte das organizações e participantes envolvidos, acerca da importância de terem acesso aos resultados e impactos para os quais contribuíram; outra, por parte da investigadora, de uma forte noção de que, aquilo que estava a ter o privilégio de ouvir e aprender, poderia contribuir para inspirar muitas pessoas, não apenas num plano académico, mas também informal e cívico. Foi neste sentido que um blogue (ver Apêndice D) foi criado, para ir partilhando as aprendizagens ao longo do processo, num estilo informal e acessível a todos. Com o desenvolvimento do blogue, foi também notado que o facto do conhecimento partilhado pelos participantes e das aprendizagens recolhidas serem colocados em comum (e assim poderem influenciar e inspirar outros), era fonte de orgulho e motivação para os participantes. Nesse sentido, os participantes colaboravam na criação de alguns *posts* e revelavam a vontade de que o seu nome e fotografia aparecessem associados àquele conteúdo. Em sintonia com a vontade dos participantes e com a sua autorização, foram assim partilhados os conteúdos, nomes e imagens que se encontram no blogue.

### **Estratégias de recolha de dados**

De seguida, apresentamos as principais estratégias de recolha utilizadas nos diferentes estudos. Para além da combinação de alguns dos instrumentos apresentados, todos os participantes preencheram um questionário sociodemográfico. A forma original do questionário sofreu alterações, ao longo do percurso, ao notarmos que questões como a percepção da situação económica ou a etnia geravam desconforto nalguns participantes. Foi decidido remover esses itens nos estudos qualitativos por privilegiarmos a identificação dos participantes com a investigação, a relação de confiança com os participantes e o desejo de que a experiência de interação dos participantes com a investigação fosse gratificante, mesmo que envolvesse perder dados que poderiam possibilitar leituras mais complexas.



### Sessão com Audiências Apreciativas

As Equipas Reflexivas com Audiências Apreciativas (Madsen, 2007) tiveram origem nas *Definitional Ceremonies*, que Barbara Myerhoff (1982; 1986) desenvolvia com Judeus que viviam marginalizados, nos Estados Unidos, e na criação das *Reflecting-teams* por Tom Andersen (1987). Estes trabalhos foram importados para a área da terapia narrativa, inicialmente por White (1999, 2007) e depois consolidados por outros autores (Bitter et al., 2004; Carey & Russell, 2003; Denborough, 2008, Madsen, 2007).

O conceito destas sessões envolve reunir pessoas à volta de um tema relacionado com a experiência de vida dos participantes. Um entrevistador é responsável por dinamizar a sessão e a partilha, através de perguntas orientadoras. Os “contadores” partilham inicialmente a sua experiência de vida, sendo os protagonistas da sessão. As “audiências” primeiramente ouvem a partilha dos contadores, notando de que forma estão a ser afetadas por aquela história, o que chama a atenção e inspira, o que gostariam de aplicar às suas vidas e, num segundo momento, ecoam essas reflexões, revelando aos contadores de que forma a história que estiveram a ouvir as impactou.

Nesta investigação pessoas que vivem em contexto de pobreza assumiram o papel de contadores e pessoas que não vivem em contexto de pobreza assumiram o papel de audiências. Cada sessão envolveu participantes pertencentes a uma mesma área geográfica, que frequentavam uma mesma instituição, ainda que não se conhecessem entre si.

A literatura revelava que esta metodologia era geradora de múltiplos benefícios para todos os participantes, sendo indicada para questões relacionadas com isolamento e invisibilidade (Carey & Russell, 2003; Madsen, 2007). As sessões proporcionam a emergência de múltiplas perspetivas e fortalecem a visão que as pessoas têm acerca de si próprias (Bitter et al., 2004). Assim, os contadores têm oportunidade de se dar a conhecer nos seus próprios termos (Myerhoff, 1982, 1986) e vêem as suas histórias de vida servir como referência e

inspiração para outros participantes, o que é uma fonte de confirmação e esperança (Cooper, 2011).

Com base nos relatos positivos descritos na literatura, considerámos que utilizar esta metodologia para fins de investigação seria inovador, permitindo analisar que aspetos do seu formato promoviam os processos observados, bem como avaliar o potencial da metodologia para promover conexão entre pessoas de diferentes contextos socioeconómicos, desconstruir preconceitos e rótulos relacionados com a pobreza. Outros motivos que levaram a escolher esta metodologia prenderam-se com o facto da sua configuração fomentar a escuta mútua; permitir recontar histórias de vida a partir de uma perspetiva focada nas forças; envolver os participantes ativamente, potenciando uma participação gratificante e positivamente transformadora; e permitir experimentar diferentes papéis sociais (de influenciador e influenciado).

Foram realizadas 11 sessões, envolvendo, no total, 28 participantes.

A estrutura da sessão enquadrada nesta investigação envolvia diferentes etapas: 1) Introdução – apresentação dos participantes; revisão dos objetivos, princípios, questões relativas à confidencialidade e estrutura da sessão; 2) Partilha pelos “contadores” – os contadores narravam aspetos da sua história de vida, orientados pelas investigadoras (a audiência ouvia, notando de que forma se sentia afetada) ; 3) *Feedback* da Audiência – partilha pela audiência do que chamou a atenção, o que fez pensar e o que gostariam de aplicar às suas vida (os contadores ouviam, notando de que forma se sentiam afetados); 4) *Feedback* dos contadores – os contadores ecoavam o que sentiram e pensaram ao ouvir o *feedback* da audiência (audiência ouvia, notando de que forma se sentiam afetada); 5) Comentários finais – avaliação da sessão, conversa informal; 6) Lanche – a sessão acabava com um momento descontraído acompanhado de bolachas e sumo.

Procurando garantir que esta metodologia era implementada com sucesso, promovendo uma experiência gratificante e construtiva para todos, foi realizada uma sessão

piloto. Para tal, as investigadoras convidaram 3 pessoas (1 casal, que fez o papel de contador, e um indivíduo, que fez o papel de audiência) das suas redes de contactos, que não se conheciam entre si, para colaborarem com a iniciativa. A experiência foi avaliada como bastante positiva e gratificante por todos (participantes e investigadoras) e foi também recolhido e integrado *feedback* sobre ajustes relativos a aspetos da metodologia (como a clareza das perguntas, a duração de cada etapa, etc.).

Nas sessões propriamente ditas, os participantes de contextos de pobreza assumiram o papel de contadores e os participantes que não provinham de contextos de pobreza assumiram o papel de audiência. Procurando garantir, nas várias dimensões do processo, que a metodologia era apreciativa, as questões que facilitavam a sessão eram focadas nas forças e superações familiares e propunham a reflexão sobre as identificações encontradas entre os participantes. No Apêndice E pode ser consultado o guião orientador da sessão. Nos capítulos 3 e 4 esta metodologia é apresentada de forma mais exaustiva.

Também com o cuidado de assegurar os efeitos benéficos da sessão, bem como procurando assentar o processo em relações de qualidade e numa lógica de sustentabilidade (evitando que a sessão fosse um acontecimento isolado), cada sessão foi precedida de um encontro entre as investigadoras e os contadores e dois encontros entre as investigadoras e as audiências. Esses encontros iniciais serviram para: 1) apresentar, conversar e refletir, num espaço protegido, sobre os objetivos do estudo e a estrutura da sessão; 2) estabelecer uma relação de confiança e de “à vontade” entre os participantes e investigadoras; 3) e preparar as audiências para darem um *feedback* alinhado com a metodologia (postura de reconhecimento de aprendizagens e inspirações, manter o foco no contador, etc.). Três meses após a sessão, voltámos a reunir-nos com cada participante, individualmente, recolhendo *feedback* sobre o impacto da sessão e transformações decorrentes.

### Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas semiestruturadas complementaram tanto o primeiro estudo – integradas na Sessão com Audiências Apreciativas – como o segundo estudo, nas entrevistas individuais, com participantes e com profissionais dos programas visitados. As questões que compunham as entrevistas eram abertas e foram criadas de acordo com os objetivos específicos para cada estudo. No total foram feitas 46 entrevistas (11 no primeiro estudo e 35 no segundo estudo).

Estas entrevistas semiestruturadas são flexíveis, possibilitando ao investigador partir de um guião previamente alinhavado, adotando um estilo conversacional que permite fluidez e a emergência de tópicos introduzidos pelo participante (O’Leary, 2004). Optámos por este tipo de entrevista ao considerarmos que permitia criar um ambiente de naturalidade e gerar à vontade. Assim, tendo por base um fio condutor que possibilitou abordar as questões relevantes para o tema em estudo, permitiu, ao mesmo tempo, seguir e aprofundar, de forma orgânica, pontos significativos levantados pelos participantes. Os guiões das entrevistas podem ser consultados nos Apêndices E, F e G. Todas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

### Observação participante

Uma das estratégias adotadas para complementar a recolha de dados do segundo estudo foi a observação participante. Pretendíamos conhecer o fenómeno em estudo a partir da imersão da investigadora no próprio contexto. A observação participante permitiu à investigadora “experimentar na pele” as metodologias, o ambiente, as relações, potenciando a confiança e proximidade com todos os participantes. Desta forma, potenciou a qualidade das entrevistas e dos *focus groups*. A observação permite registar o que as pessoas fazem, complementando assim outras formas de recolha que permitem reter o que as pessoas dizem. Na observação participante os investigadores tornam-se parte da comunidade que estão a

estudar. O propósito é procurar conhecer o contexto natural e ganhar “empatia cultural”, conhecendo o fenómeno em estudo a partir da perspectiva do participante (O’Leary, 2004).

O estilo da observação foi ajustado a cada programa. Nalguns programas, ou em atividades que assim o justificavam, foi apenas possível observar, sem participar. Não obstante, no geral, houve a oportunidade de participar enquanto se observava. Houve até situações em que a participação ganhava expressão e a observação acontecia como reflexo. Sempre que era possível e adequado, as notas eram tiradas *in loco*. No entanto, na maioria das situações, como a observação envolvia uma participação ativa por parte da investigadora, só era possível assentar notas *a posteriori*. Para orientar as observações preparámos uma grelha de observação com indicadores. As notas recolhidas combinavam e distinguíam a descrição formal do que estava a ser observado, e impressões, *insights* da investigadora. Graças a este método de recolha de dados, foi possível interagir com os participantes, com o seu contexto e com o fenómeno em estudo com significativa profundidade e reciprocidade (Cecconello & Koller, 2003).

### Focus group

A implementação de *focus groups* teve como motivo e propósito, por um lado, recolher múltiplas perspetivas sobre um mesmo fenómeno, numa mesma sessão; por outro lado, considerámos que a metodologia de *focus group* poderia ser gratificante e útil para os próprios participantes/programas. Estes propósitos foram efetivamente alcançados: foi possível ter acesso a uma grande riqueza e multiplicidade de dados e os participantes revelaram-se gratos por participarem na sessão, expressando estarem mais conscientes das metas que tinham conseguido alcançar e das forças e qualidades do seu trabalho.

O *focus group* é uma técnica de recolha que envolve uma entrevista em grupo. A dinâmica gira à volta do tema proposto pelo investigador e da interação gerada entre os participantes. Entre as vantagens deste método destaca-se a capacidade de aceder a múltiplas

perspetivas, de forma temporalmente económica (Escobar & Bonilla-Jimenez, 2009; Krueger & Casey, 2009).

Foram desenvolvidos 9 *focus groups* com profissionais, de 15 programas sociais e educacionais, em 9 países. Cada *focus group* envolveu entre 4 a 12 participantes e durou entre 90 e 120 minutos.

A estrutura orientadora e semiestruturada do guião e das perguntas foi desenvolvida de acordo com os objetivos da investigação e as orientações metodológicas indicadas por Krueger (1998). Na sua base incluía uma pergunta de abertura, três questões introdutórias, duas questões de transição, 7 questões-chave e duas questões finais. Antes de terminar, o investigador fazia um balanço do que tinha sido partilhado pelos participantes e perguntava se lhes fazia sentido e se gostariam de acrescentar alguma coisa. No Apêndice H o guião do *focus group* pode ser consultado.

### Questionário

Foi implementado um protocolo de investigação, sob a forma de questionário *online*, que incluiu as seguintes escalas, aplicadas nesta ordem: Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985, adaptada por Simões, 1994); Escala da Necessidade de Competir para Evitar a Inferioridade (Gilbert et al., 2007, adaptada por Ferreira, Pinto-Gouveia & Duarte, 2011); Escala Breve do Sentido de Comunidade (Peterson, Speer & McMillan, 2008, adaptada por Colaço & Lind, 2010 – ver Colaço, 2010); Escala de Provisões Sociais (Cutrona & Russell, 1987, adaptada por Moreira & Canaipa, 2007); Escala de Comparação Social (Allan & Gilbert, 1995, adaptada por Gato, 2003); Escala de Vergonha Externa (Goss, Gilbert & Allan, 1994, adaptada por Matos, Pinto Gouveia & Duarte, 2012) e Escala do Desejo de Contribuir (criação e estudo exploratório desenvolvido no âmbito desta investigação) – ver Apêndice I.

Este protocolo tinha como objetivo compreender as disposições e atitudes de cidadãos portugueses em relação à satisfação com a vida, sentido de comunidade e necessidade de

competir, bem como a sua situação económica; por forma a comparar os resultados obtidos por esta via, com os resultados dos estudos qualitativos anteriormente desenvolvidos.

A construção do protocolo foi orientada pelos resultados e conceitos principais da investigação qualitativa e por uma extensa pesquisa literária. Após ter sido concebido, o protocolo passou por uma fase piloto, tendo sido preenchido por 10 pessoas de idades diferentes, que deram *feedback, a posteriori*, sobre questões e pontos que tiveram mais dificuldade em perceber e sugestões para melhorar o questionário. Essas sugestões foram integradas, envolvendo a clarificação de algumas introduções, bem como a alteração da ordem de apresentação das escalas. Estando o protocolo pronto para ser aplicado, foi introduzido na plataforma *online* Qualtrics. A divulgação do questionário foi feita essencialmente por *e-mail* e Facebook. Era incentivada a divulgação, para abranger o máximo de pessoas e diversidade, com vista a aumentar a relevância e utilidade dos resultados. Por motivos relacionados com limitações de tempo, o processo de amostragem foi de conveniência. Não obstante, foram utilizadas algumas estratégias que visaram diversificar e equilibrar a amostra (e.g. enviar mais convites para participação no estudo a pessoas do sexo masculino; procurar convidar pessoas com mais de 50 anos; pedir a pessoas de contextos económicos desfavorecidos para divulgarem junto das suas redes, etc.). Ainda assim, a amostra final denotava contrastes que não foi possível esbater. No total, 1187 participantes preencheram até ao final e validamente o questionário.

Quadro 1. Esquema-resumo do desenho da investigação

	Estudo 1	Estudo 2	Estudo 3	Aplicabilidade ComParte
Participantes	Cidadãos portugueses em desvantagem/ vantagem social e económica	Profissionais e participantes de projetos sociais e educacionais, nacionais e internacionais	Cidadãos Portugueses	Estudantes, refugiados e decisores
	43,5 anos (média) [15 – 67 anos] N= 28	34,7 anos (média) [12- 63] N = 91	34,6 anos (média) [18-70] N= 1187	---

Metodologia	Qualitativa – <i>Grounded Theory</i>				Quantitativa	Levantamento de boas-práticas Processo Participativo
	Audiências Apreciativas 11 sessões		Estudo de caso 15 programas		Questionário 1187	
Instrumentos	Audiências Apreciativas Questionário sociodemográfico		Observação participante Entrevistas semiestruturadas <i>Focus groups</i> Questionário sociodemográfico		Questionário sociodemográfico e Escalas: Satisfação; Provisões Sociais; Competição; Sentido de Comunidade; Comparação Social; Vergonha Externa; Desejo de Contribuir	<i>Focus groups</i> Caixas (questionários lúdicos) Fotografias (metodologia inspirada no <i>Photo Voice</i> )
Análise	GT	An. Temática	GT	An. Temática	Estatística	Reflexão-ação
Capítulos	3	4	3	5	6	7

## Análise de dados

### Qualitativa

Os dois estudos qualitativos foram primeiramente analisados em conjunto, com recurso à metodologia *Grounded Theory*. Este foi o método que considerámos estar mais alinhado com os princípios e propósitos da investigação, uma vez que o desenvolvimento da teoria é baseado no conhecimento dos participantes. No artigo “Building Reciprocity: The dialectic processes of creating a *Grounded theory* and the emergence of a theoretical framework”, que apresentamos no final do capítulo 3, descrevemos em detalhe os fundamentos e procedimentos de *Grounded Theory* que permitiram chegar à conceção de um modelo teórico sobre a reciprocidade como central no desenvolvimento de indivíduos, sociedades e programas.

Com vista a, numa fase seguinte, compreender de forma singular, os resultados específicos do estudo 1 e do estudo 2, desenvolvemos análises temáticas independentes, para cada estudo (ver descrição detalhada nos capítulos 4 e 5). Assim, foi possível, para além de desenvolver um modelo teórico abrangente e macro, identificar e descrever fatores relevantes



e particulares de cada estudo. O *software* QSR NVivo (versões 8, 9, 10 e 11) serviu de suporte à análise de dados qualitativa.

### **Quantitativa**

Para proceder à análise estatística dos resultados recorreremos ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS, versões 22, 23 e 24)*. A análise envolveu três principais fases: 1) Estudo da precisão dos instrumentos; 2) Análise descritiva dos instrumentos; 3) Estudo correlacional das variáveis; 4) Definição de grupos de acordo com as variáveis da escala e dados sociodemográficos. A definição dos grupos foi informada pelo modelo teórico decorrente da análise de *Grounded Theory* dos estudos qualitativos. Para uma descrição detalhada da análise de dados, consultar o capítulo 6.

# Parte 2

Análise Macroscópica

---

### CAPÍTULO III. Modelo Teórico das Dinâmicas da Reciprocidade

## *Fio condutor (I)*

A reciprocidade foi o conceito nuclear emergente da análise *Grounded Theory* que envolveu os dois primeiros estudos deste processo de investigação. Neste artigo é apresentado o Modelo Teórico das Dinâmicas da Reciprocidade no Desenvolvimento de Indivíduos, Famílias, Comunidades e Programas, que sintetiza os resultados da análise. Assim, a inter-relação entre trajetórias de relação verticais, diagonais e horizontais e processos psicossociais (tais como o sentido de pertença, o desejo de contribuir, o sentido de vida, etc.), lentes adotadas (individual/coletivo, necessidades/objetivos, imediato/futuro) e tipologia de programas (assistência, promoção, co-construção e transformação social) é explorada, permitindo recolher orientações para uma melhor compreensão do fenómeno da pobreza, de potenciais estratégias de superação e da sua relação com o bem-estar coletivo.

### Abstract

The importance of cultivating connection to enhance individual, relational and collective well-being is gaining attention in the current literature on building community. Although these goals are being increasingly considered, the concept of reciprocity has been less prominent than may be warranted in the field of psychology. This article presents a theoretical framework on the dynamics of reciprocity which resulted from Grounded Theory research involving two complementary studies. The first study involved 28 participants from different socio-economic backgrounds engaged in “Reflecting-team with Appreciative Audiences” sessions (Madsen, 2007) in Portugal. The second study involved participant observation of 15 community programs recognized as good-practices in collaboration with socio-economically disadvantaged participants, at national and international levels, across 9 countries. The theoretical framework emphasizes the centrality of building reciprocity for the development of individuals, families, communities and programs. It integrates the trajectories of reciprocity; quadrants reflecting the standpoints assumed according to socio-economic and cultural positions; basic social-psychological processes inherent to the process of building reciprocity; and characterizes different types of programs. The resulting framework is analyzed in relation to prior literature for a broader understanding of synergies and challenges, and the article concludes by suggesting implications for further research and practice.

**Key-words:** Community, reciprocity, theoretical framework, socio-economic disadvantage.

---

<sup>4</sup> **ARTIGO 1:** Minas, M., Ribeiro, M. T. & Anglin, J. P. (in press). Trajectories on the path to reciprocity: A Theoretical Framework for Collaborating with Socio-Economically Disadvantaged Communities, *American Journal of Orthopsychiatry*. doi: [10.1037/ort0000239](https://doi.org/10.1037/ort0000239)

Despite some discrete references to *reciprocity* in the field of psychology, the importance of this concept for the development of individuals, families, communities and programs has not been fully recognized and explored (Jung, 1990; Li & Julian, 2012). However, a sense of co-accountability and interdependence for the construction of individual, relational and collective well-being has been increasingly recognized as indispensable for the development of healthy societies, while inequality is seen to lead to tensions and segregation, threatening political and economic systems (Aron & Corne, 1996; Oxfam, 2014; Taket et al., 2009; Wilkinson, 1996). Effects of inequality and exclusion involve a larger burden for socio-economically disadvantaged communities that experience their opportunities for growth and social contribution as increasingly limited (Deaton, 2013; Freire, 1970; Goodkind, 2006; Nelson & Prilleltensky, 2010). Efforts to provide help for these families and communities are organized at multiple levels, but in most cases, they do not take into consideration broader interrelations across different systemic levels, resulting in unidirectional and limited ameliorative outcomes (Brodsky & Cattaneo, 2013; Sousa, 2008; Tseng & Seidman, 2007). The research presented here was planned and initiated in 2010, when a significant economic crisis was dawning in Portugal and Europe. Austerity measures and employment fragmentation constituted a threat for society, intensifying people's experiences of vulnerability, distrust and social conflict. Such a crisis has potentially disruptive effects for citizens' lives, especially for the most defenseless who see welfare mechanisms subjected to instability and cuts (Centro Estudos Sociais & Observatório sobre Crises e Alternativas, 2013; European Commission, 2009). In this context, the need for efforts to develop transformational change and innovative social and economic paradigms has been acknowledged by the European Commission. Thus, it is timely to investigate successful community practices that inform the development of sustainable strategies and models capable of promoting collaborative action (Ashworth, 2013; Bruni, 2008). Bottom-up, grounded and participatory methods that are built with the communities

are one way to start generating change (Cornwell & Gaventa, 2000; Fine, 2006; Florin & Wandersman, 1990).

In this article, we present and open to reflection and critique a theoretical framework on the dynamics of reciprocity. The article starts with a brief review of the literature on the notion of reciprocity, followed by discussion of the methods that supported the data collection and analysis, the construction of the theoretical framework, and implications for future research and practice.

### **Reciprocity in the Existing Literature**

Theories such as interdependence theory, game theory, social exchange theory, attachment theory, evolutionary theory and attribution theory have recognized the importance of reciprocity for understanding interpersonal relationships (Bogumil, 2001; Bowles & Gintis, 2011; Rusbult & Lange, 2003). However, although the contributions of those theories are significant, Ashworth (2013) critiques their tendency to reduce reciprocal and gift relationships to linear cost-benefit economic exchanges, asserting that reciprocity implicates more complex interactions than hitherto recognized. Likewise, although in the economic sphere great attention has been given to reciprocity, such approaches have tended to adopt an isomorphic lens, reducing its scope to self-interest contracts, relegating the relational dimension to the background or to other disciplines. Since contemporary social sciences have been emphasizing the more complex and fundamental role of reciprocity in the pursuit of well-being – claiming well-being is more affected by relational dimensions than by income – economic theory is renewing its interest in such social processes (Bruni, 2008).

Bruni (2008) considers civil society to be characterized by different and complementary forms of reciprocity, such as self-interest exchange and mutual gifts, considering both essential in a good society. In the political sphere, Carlin and Love (2013) embrace the study of reciprocity, arguing that it can have extensive utility in the political

arena, while maintaining that it needs deeper and fuller consideration. In turn, Aron and Corne (1996) suggest political relationships can be characterized by collaboration or imposition, pluralism or control, freedom or oppression. In the moral philosophy arena, Becker (1990) considers positive reciprocal exchanges as a source of pleasure in themselves. He advocates that reciprocity is a crucial element for understanding issues concerning economy, social attachments, the development of friendships and love, good working relationships and civility, considering it as an instrumental good (p. 90).

The concepts of co-accountability and interdependence seem to intersect the concept of reciprocity, nonetheless, it is useful to underline the significance of each concept. Wenger (2010) defines horizontal accountability or co-accountability as a mutual, partnered, informal, negotiated form of engaging in collective learning, which represents an alternative to vertical forms of transmission of knowledge. There are many contexts where horizontal accountability assures best processes, nonetheless, when facing great complexity, it is useful to adopt directive approaches to potentiate communication and learning capability (Wenger, 2010). According to social interdependence theory, positive interdependence involves individuals engaged in facilitating each other's efforts of achieving goals and well-being (Choi, Johnson & Johnson, 2011). Individuals may assume one of three roles – cooperators, competitors or individualists. Cooperators look at others as equals, using resources to promote their success and the common good; competitors struggle to dominate others in order to attain superior hierarchical positions; individualists put themselves apart from others and try to gather resources for their own use (Choi et al., 2011, pp. 442-443).

The study of reciprocity also appears as a key concept for research and practice in the field of service-learning. In this context, deconstructing traditional helper/helped roles and balancing power when populations from socio-economic advantaged and disadvantaged contexts work together is highlighted (Goodkind, 2006; Henry & Breyfogle, 2006). Thus, all



parties involved in reciprocal relationships should change and learn in order to accomplish successful service-learning ventures.

Research has shown that individuals involved reciprocally in giving and receiving reported better satisfaction than those who were mainly receivers or providers of support (Florin & Wandersman, 1990; Jung, 1990; Pernice-Duca, 2010). Feelings of guilt were reported by people who received support without having the opportunity to give in return (Jung, 1990). Jung also noticed building reciprocity by itself could have a stronger impact on well-being than receiving social support. Nevertheless, the focus of social research and practice has been centered on providing social support.

Community engaged and action research methods are transforming more traditional unilateral processes, which approach participants as passive elements, into multidirectional ones, where the various members participate and work together, contributing with their perspectives and knowledge for the co-creation of the entire process of research (Israel et al., 2005; Secor-Turner et al., 2010). Community Engaged Research and Community-based Participatory Research are proving their potential to engage community and researchers, recognizing the importance of developing collaborative and leveled partnerships (Lazarus et al., 2015). Although reciprocity is not generally emphasized in the description of such methodologies, their guiding principles – co-learning, mutual benefit, sharing information, power and decision-making– encompass reciprocal dynamics (Israel et al., 2005).

In the field of mental health, the traditional medical model contributed to building a gap between helper and recipient. The conception of help was focused on fixing individuals' problems. Professionals were considered experts and responsible for presenting solutions and prescriptions to the patient, to whom was attributed a passive role (Albee, 1969; Anderson, 1997; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rappaport, 1977; Rober & Seltzer, 2010). Postmodern paradigms and the ecological approach, alternatives to the medical model, created space for

broader and more collaborative perspectives and practices (Lykes et al., 2003; Madsen, 2007; Waldegrave, 2005). Researchers and professionals started listening and valuing families' perspectives, acknowledging their expertise and know-how (Anderson, 1997; Krumer-Nevo, 2003; Ribner & Knei-Paz, 2002). The therapy system began to be conceived as a space for more horizontal, democratic and egalitarian relationships (Anderson, 1997). Interconnections between systems, ranging from micro systems to macro socio-political structures were perceived with increased complexity (Waldegrave, 2005, 2009). In turn, community psychology, along with feminist movements, critical and liberation psychology, have strongly embraced social justice purposes (Aron & Corne, 1996; Lykes et al., 2003; Rappaport, 1977; Riger, 1992). In such areas of knowledge, although topics respecting power dynamics and empowerment have been extensively explored (Gruber & Trickett, 1987; Nelson, Lord et al., 2001; Nelson Prilleltensky et al., 2001; Zimmerman, 2000), reciprocity has received less significant attention, being only peripherally connected to those concepts (Jung, 1990). Lord and Hutchison (1993) as well as Nelson and Prilleltensky (2010) affirm community psychologists should build reciprocity, assuming the role of agents and recipients, sharing power and resources to develop well-being. At the same time, some aspects of the concept of empowerment have been criticized. Gruber and Trickett (1987) point to the paradox of empowering others, assuming that, if one is in the position to empower others, it involves a top-down perspective that undermines the act of empowerment. Rober and Seltzer (2010) suggest the word empowerment can carry an expert and colonizer stance when it is rooted on the idea that it is possible to pull up someone placed in an inferior position.

Literature has been progressively recognizing the historically and structurally entrenched inequality and oppression dividing dominant and subordinate groups, which compromise wellness for everyone in society (Albee, 1986; Aron, 2014; Freire, 1970; Lykes et al., 2003; Aron & Corne, 1996; Sen, 1999). Stout (1996) argued that oppression hurts people standing at both poles of the oppression continuum and Freire (1970) claimed both oppressor

and oppressed should change and work together to transform unfair structures. Instead of compartmentalizing sectors of the society, turning the energies towards pursuing connection and collective well-being works in favor of all (Tacket, et al., 2009; Wilkinson, 1996). Tacket et al. (2009) add that discourses and perspectives acknowledging social connectedness create space for acceptance, opportunity, equity, justice and citizenship.

### **Overview of the Research Study**

This research was guided by values of collaboration, congruence and social justice. Therefore, each step of the research aimed to engage all participants in a co-constructive experience which involved gathering their input, feedback and suggestions on a continuous basis.

The purpose of this research was to understand the resources and strategies at a community level that contribute to poverty reduction and social connection. To achieve this, we assumed an ecological and collaborative stance, conceiving an investigation that acknowledged the interrelation between the various existing systems involved. Prior to initiating the studies, the research project was approved by the doctoral ethics committee of the Faculty of Psychology of the University of Lisbon and of the Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Coimbra.

The first of the two studies focused primarily on the informal network level. Its purpose was to understand the potential of developing a particular encounter between individuals who lived in the same geographic area and were not acquainted. To do this, we adopted the “reflecting team with appreciative audiences” methodology (Madsen, 2007). Such methodology involves the promotion of an encounter between three or more individuals, who assume different roles - teller(s), audience and interviewer(s), evolving along three stages: 1) telling (where the tellers share their story triggered by the questions of the interviewer); 2) retelling (where the audience express their feedback, guided by the questions of the

interviewer); 3) retelling of the retelling (where the tellers reflect about the resonances generated while listening to the audience feedback).

Portuguese social programs and schools situated in areas of mixed income in the Lisbon area were introduced to this study and asked to collaborate, by indicating potential participants. Seven institutions agreed to contribute to this research, indicating participants according to the sample criteria, facilitating the logistics and the contacts with participants and making available the space for meetings and sessions. Participants were previously contacted by the professionals and those who showed interest were then contacted by the researcher. In order to be included in the research, participants needed to have low income or else be economically advantaged and fluent in Portuguese.

In our study, each session involved 3 to 6 individuals. Participants lived in Portugal (districts of Lisbon and Torres Novas) and shared a connection to one organization (28 participants; 22 women, 6 men, median age = 43,54 years, age range: 15–67 years). Participants were invited to assume the role of tellers or audience members according to their socio-economic background. This way, low income individuals were invited to start with the role of tellers, while individuals who were not low-income were invited to start with the role of audience members (listeners).

In the first individual meeting with participants the project's purposes were discussed, and participants offered their informed consent. The participants who would start by playing the role of the audience joined another group session to learn about their role and to ensure the constructive and rewarding nature of the session. After that orientation, the tellers and the audience met in the formal session utilizing the appreciative methodology. To enhance the appreciative methodology our questions were focused on strengths and promoted the reflection about the connections identified between the two groups of participants. Here are some examples: How did listening to their experience make you reflect about your own life?

What have you learned from them? What would you like to take away with you/apply to your life? In total, 11 Sessions with Appreciative Audiences were developed. Finally, follow-up individual meetings took place to assess the impact of the sessions.

The second study focused primarily on the formal network level and was far more extensive in scope, involving visits to 15 international social, educational and community programs recognized as good-practices in collaborating with socio-economically disadvantaged communities. The purpose of this study was to identify the factors contributing to poverty reduction and social connection across a range of effective programs. To identify the good practices, we referred to scientific articles, Ashoka platform<sup>5</sup> and recommendations from experts. The selection of programs utilized criteria such as participants' backgrounds (socio-economically disadvantaged), innovation and social recognition (awards). The programs were situated in Portugal, Canada, United States, Mexico, Colombia, Brazil, Spain, Poland and Norway. There were 91 participants and professionals (62 women, 29 men, Mage = 34,7, age range: 12–63 years) who took part in either an individual semi-structured interview (participants, community leaders and professionals) or a focus group (professionals and community leaders). The selection of the participants for both semi-structured interviews and focus groups was taken in collaboration with the directors of the programs, driven by the criteria and purposes of the research. In addition, notes from informal conversations with program members were taken and included in the analysis. In the second study interviews were driven by open questions such as: If this program could talk, what would it say about itself? How would you characterize the relationships that you built in the program? Name five positive things about this program [Interviews with professionals and community leaders]. What are your main concerns? What do you consider to be the greatest advantages of participating in this program? How would you describe the professionals and the relationship you have with them? [Interviews with participants]. All participants gave their informed

---

<sup>5</sup> <https://www.ashoka.org/>

consent for this data gathering. The length of stay by the researcher ranged from two days to one month, being determined by a combination of factors, including the nature of the program, the openness of the leaders and the availability of the researcher. Four programs (Vilson Groh's Institute in Brazil, Laudes Infantis Foundation in Colombia, Middle Class Express in the United States of America and Forandringsfabrikken in Norway) were visited a second time allowing for an extended theoretical sampling and analysis.

### **Research Method**

Grounded Theory (GT) was the method chosen to encompass data collection and analysis, integrating findings from both studies as will be outlined below. The approach originally developed by Glaser and Strauss (1967) and further developed by Glaser (1978; 1998), sometimes referred to as "classic Grounded Theory" (Bryant & Charmaz, 2007), was utilized. This approach to GT was preferred as it offered a method that allows results to emerge from the data being gathered, avoiding the potential limitations of "forcing" of data into preconceived frameworks (Anglin, 2002). In addition, it is a rigorous, systematic and flexible method, specifically designed to support the development of theory (Glaser, 1978).

Our Grounded Theory analysis was driven by the question: "Which is the main concern participants are expressing and how are they trying to solve it?" (Glaser, 1998, p. 115-116). To make sense of the diverse concurrent answers that were being collected we went through a rigorous and systematic process of substantive coding, constant comparison, *memoing* and diagraming, substantive coding, selective coding and sorting, which led to the emergence of the core category and the theoretical framework.

Constant comparison: Doing constant comparison involved continuously comparing incidents, contexts and concepts (e.g. contrasting different sources of data, different people, new and old data, memos and incidents, emerging theory and data, etc.). This method is

fundamental to the rigor and validity of the theory – ensuring that it truly emerges from the data (Charmaz, 2004, 2006; Dillon, 2012; Glaser, 1978).

**Memoing:** Writing memos started from the first contact. Memos were initially brief and concrete, then they evolved, becoming more complex and theoretical, integrating the interconnection of multiple ideas (Charmaz, 2004, 2006; Glaser, 1978, 1998; Glaser & Strauss, 1967). We created a memo bank comprised of all the memos (over 500 memos in total). Each memo was referenced with date and title, then we freely noted ideas and connections and ended by indicating the incident that inspired the memo.

**Diagrams:** Finally, diagrams were a very useful complement of the analysis, adding a graphic representation of the results of the analysis. Drawing diagrams was a flexible exercise, allowing the researchers to summarize in one page the most relevant processes and constructs, and to outline their interconnections (Charmaz, 2006; Clarke, 2003; Glaser, 1978, 1998).

**Substantive coding:** We started line-by-line coding after having collected and transcribed data from the first and second studies (sessions from the first study and interviews, focus groups and field notes from the visits to the programs in the USA). The purpose of this stage is to be in direct connection with the data, analyzing it and constantly comparing incidents and patterns, resulting in the emergence of constructs and, ultimately, the core category in relation to which all other constructs would derive their meaning and significance (Charmaz, 2004, 2006; Clarke, 2003; Glaser, 1978, 1998). During this process, we constantly asked of the data: “What category does this incident indicate?” (Glaser, 1998, p. 140) This involved going through each line of each document and noting the idea that the participants were expressing. After going through the whole document, we started again from the top, and did focused coding – this time trying to catch the essence of the ideas noted in the line-by-line analysis. After completing this exercise, we pasted the results of the focused

coding on a new page and organized them by topics, in order to make sense of the emergent patterns. After this step, we would generate a diagram that portrayed the main topics and connections within the content of each document. We applied this exercise to 30 sources of data (documents), which included sessions from the first study and interviews, focus groups and field notes from the second study. We finished this task with two diagrams summarizing the main categories and patterns of the first and second study, separately, and then one final general diagram that condensed the entire analyzed content. It was at this point we realized that the topics from both studies were intrinsically interrelated, therefore we decided to include both studies in one Grounded Theory analysis.

Selective coding: After completing the substantive coding, some processes gained increased relevance and centrality (e.g. sense of agency, sense of meaning in living, etc.). This analysis served to focus the collection of further data gathering from programs in South America, revisiting programs in the USA and observing programs in Portugal. Our goal for this stage was to discover the core category with the greatest explanatory power in respect to collaborative social programs (Glaser & Strauss, 1967; Dillon, 2012; Glaser, 1978, 1998). Thus, we returned to the field having in mind the themes that were emerging as central in the analysis. It was at this point that the construct *building reciprocity* emerged as the central, core, construct.

The notion of reciprocity was directly and indirectly present in the program dynamics and discourses of the participants and professionals in the programs in South America. It also proved important in understanding the processes that were characteristic of the programs in the USA and Portugal. At this stage, we checked the concept of *building reciprocity* against the criteria for a core category identified by Glaser (1978, 95-96), and it proved to integrate the other key constructs into a meaningful whole.

Various research participants strongly illustrate this process:



For instance, you as a professional want to give. How much are you willing to give?

And are you only expecting to give? Community members would also like to know if you want to receive. [Community leader (male) – Bogotá, Colombia | Second study]

It is not “I change the people”. That doesn’t exist – the “change-makers”, right? I don’t believe in change-makers. I believe the change has to be a reciprocal change. I suggest a change and you change me and then, more than a change it becomes an interchange, right? – Professional (male) – Mexico City, Mexico.

The change of paradigm that we strive for involves deconstructing subordination and building reciprocity. We aim that multiple perspectives are respected as valid.

[Professional (female) – Florianopolis, Brazil | Second study]

Sorting: After *building reciprocity* gained its place as the central process of this theory, it was time to move forward to the sorting stage. The purpose of sorting is to weave the theory together, interconnecting the concepts around the central category (Charmaz, 2006; Glaser, 1978, 1998; Glaser & Strauss, 1967). To do that, we printed the memo bank and cut it into separate memos. Then, we re-read each memo and either kept its title or gave it a new title, putting each one in its corresponding pile. After having all the memos organized in piles, we further analyzed each memo set. This exercise was generative of more memos and theoretical codes, opening opportunities for the researchers to deeply explore the connections between the categories under study. We reached the end of this stage with a diagram that encompassed the core category and the key concepts of the research and their interrelations. It was refined on the basis of further review and discussion amongst the researchers into its final form (see Figure 1).

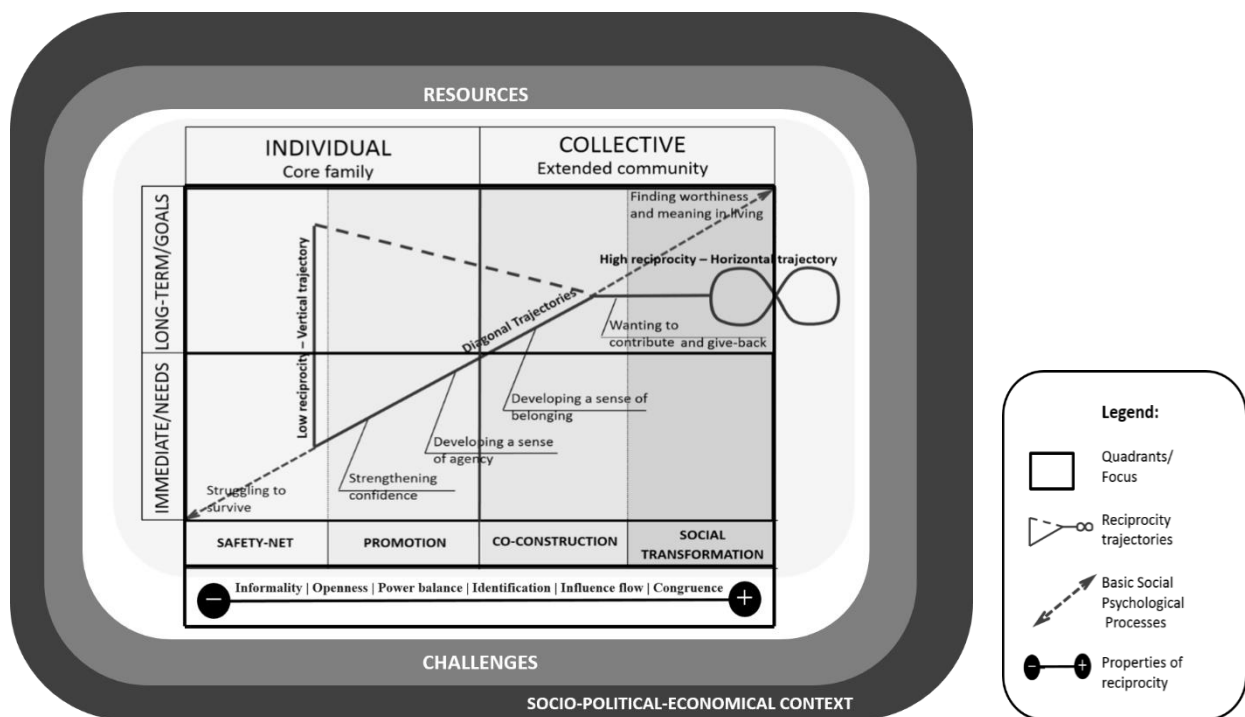


Figure 1. Reciprocity Dynamics' Theoretical Framework

## Findings

### Theoretical Framework: Trajectories, Quadrants, Social-Psychological Processes and Program Types

Most participants in this research suggested that having an impact on others was central for them to feel worthy and fulfilled. For that to happen, it was observed that both parts in a relationship need to be available to give and receive influence. *Building reciprocity* emerged as a powerful process capable of bringing together the needs and purposes of diverse individuals, potentiating mutual enrichment and benefits.

## Trajectories and Quadrants

The analysis of participant data pointed to the possibility of engaging in three different “trajectories” of reciprocity – vertical, diagonal and horizontal, as depicted in Figure 2.

Different positions along the line can be assumed, according to the characteristics of the various individuals involved and of the nature of the interaction, being also contingent on the context and time. Six properties of reciprocity were identified in the analysis, varying in degree depending on the trajectory: informality, openness, power balance, identification, influence flow and congruence.

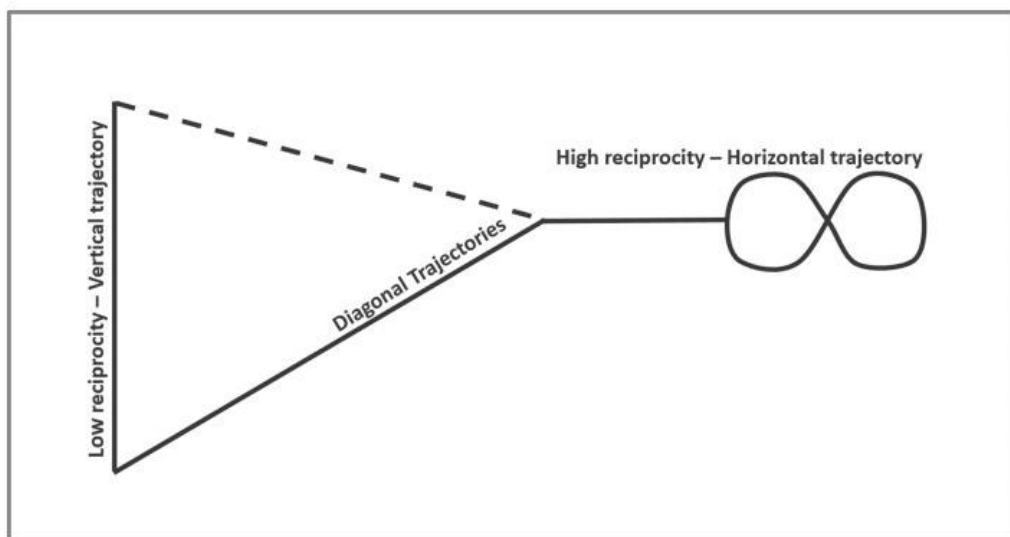


Figure 2. Three trajectories of reciprocity

Vertical trajectories are characterized by asymmetric relationships, involving dual higher/lower positions. Access to resources and power is greater the higher the place occupied on the vertical line. This way, the individuals positioned on the top of the line enjoy more privileges than the ones positioned below. Influence and power predominantly flow from the top to the bottom. This mostly unidirectional exchange leads to the establishment of rigid positions, where some individuals assume the role of “providers” and others the role of “receivers”. As a professional from Raleigh, United States, argues: “Everybody who was a coach were mentally in a rescue mode, ‘we don’t teach you how to do it, we just do it for you’

kind of mode.” The nature of vertical relations is marked by self-protection, lack of trust, segregation, and preservation/conservation of the status quo. In this sense, vertical trajectories tend to serve tradition, keeping the order and distribution of resources where they are, through a pressure for conformity to mainstream culture, social norms and assumptions. In vertical relations, the properties of reciprocity are at its lowest degree, being typically marked by formal, unidirectional influence, power imbalance, differentiation, rigidity and lack of congruence. A rigid delimitation of boundaries sets individuals in different layers or classes, feeding differentiation. Vertical trajectories of relationship are rooted on a win-lose assumption and in the notion that resources are to be differentially divided, since they are limited. A person’s value is attributed according to socio-economic status, instead of by intrinsic characteristics. The most common interactional top-down vertical dynamics are *imposing and demanding, focusing on deficits and problems, showing lack of expectations, acting as the “owner of the truth”, judging and labeling, providing impersonal assistance and holding information*. For those at the bottom, the main interactional dynamics towards those above are *asking or begging for help and complaining*.

Diagonal trajectories involve a transitional/transformational stage. Two main diagonal movements take place in this segment of the line – descendent and ascendant – converging towards greater connection. Individuals positioned on the top line (descending diagonal, dotted line) engage in trying to relinquish their positions of superiority, developing openness to be influenced and to question assumptions.

We are used to hold the knowledge, we believe we know more, that we must talk more, we must give advice, etc. And this practice leads us to realize that we need to listen more, we need to wait for the community to contribute and share their life experience in order for other people to grow and learn from them. (...) We are there to

give and take. To be a therapist is also to participate, to learn and to grow in that circle. – Professional (female), João Pessoa, Brazil

In turn, individuals on the bottom line (diagonal ascending, solid line) are attempting to take more control over their lives, influencing and impacting the systems of which they are part, through their agency and proactivity.

The community starts solving their own problems and hardships, not only relying on the little money that they receive from the State. We start being productive, to be citizens, participating in the decisions of the community and creating our own life project. – Community Leader (male), Bogotá, Colombia.

These two diagonal trajectories are interdependent as they evolve in parallel. For development within a diverse community to occur, both groups - those on the ascendant and descendant trajectories - need to change. The main interactional dynamics observed at this segment of the theoretical framework, from top to bottom, are *encouraging participation, valuing and showing trust, presenting high expectations, acknowledging barriers, showing availability and sharing resources, listening with respect, focusing on the person, learning with and showing vulnerability*. From the bottom to the top, interactional dynamics observed were *responding with trust, expressing opinions and presenting suggestions*.

On the horizontal trajectory, collaboration and reciprocity occur at the highest level. Individuals look at each other as being “the same”, once they are focused on their intrinsic value as human beings and not according to social labels.

When the professional, with his knowledge, is capable of eliminating all categories, eliminating the barriers we have between each other, we interchange, from you to you. – Community Leader (male), Bogota, Colombia.

Considering each other equally important and valid, an exchange of influence takes place and each individual actively gives and receives. In this sense, transformation is mutually welcomed and differences are considered as having an enriching potential. Relationships are then nurtured by mutual trust, standing in the belief that sharing resources will bring collective benefits. Since resources and competences are constantly shared, they tend to improve and multiply.

In horizontal relations, the properties of reciprocity are maximized: informality permeates interactions, influence flow tends to circulate fluidly in multiple directions, openness and power balance are expanded, the capacity to find identification generates a sense of connection and congruence which continuously grows across shared life spheres, interactions and systems. The horizontal line evolves into an infinite, non-linear trajectory, which expresses growing complexity and multiplication, involving the continuous development of human competences and interrelations across systems, as well as the dynamic and flexible interchange of roles and positions in interactions. The infinity symbol goes “outside the box” showing the possibilities that can be explored beyond the limits of actual knowledge and structures, stressing the need for continuous updating and systems change. The main horizontal interactional dynamics are characterized by bilateral and balanced exchange of *empathy, humbleness/vulnerability, affection, commitment, respect, and humor*.

Over the course of this research study, participants expressed different forms of experiencing and viewing reality, which proved to be connected to the predominant standpoint and interactional pattern each individual tended to assume in the trajectories of reciprocity. This way, the standpoint assumed in the trajectories of reciprocity affected the balance between resources/opportunities and challenges, the way individuals saw themselves and thought others looked at them, and the position they were considered to have in the

society, according to the socio-cultural economic context (see Figure 3). Next, we present the characteristics of each quadrant.

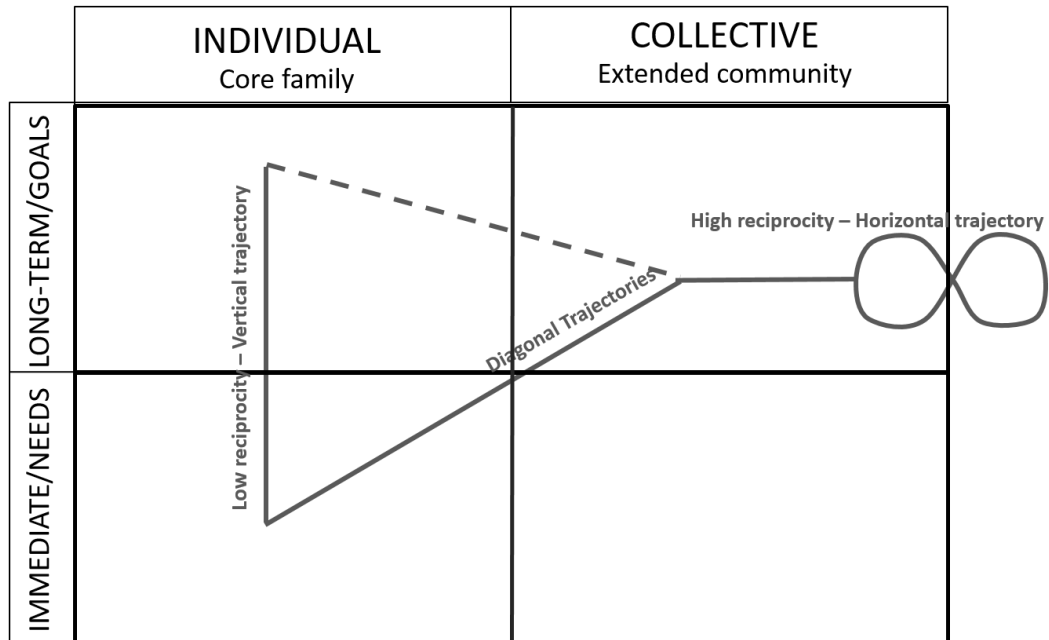


Figure 3. Quadrants of reciprocity

Individuals assuming the standpoints in the bottom quadrants – assuming the one-down position in the vertical trajectory of reciprocity – usually experience a lack of resources to address challenges, due to socio-economic constraints, leading them to focus on immediate needs. Experiencing such limitations, they center on protecting their core family needs and their own individuality. No energy is left for them to focus on needs or goals beyond that micro sphere. Individuals then get anchored in the immediate time, “living one day at a time” and experiencing “there is always something [holding me back]”. They tend to prioritize short-term gains, overlooking what could eventually bring benefits to the future. In this way, they experience being disenfranchised from the mainstream society, perceiving broader social spaces as being far away from them and believing they have little or no impact on it.

I worked, I looked for my family and nothing else. I didn't care about nobody else. I didn't care about the community. I was concerned about being paid so that I could buy my stuff and things for my family. – Community leader (male), Bogotá, Colombia.

Individuals assuming the upper-left quadrant's viewpoint – assuming the one-up position in the vertical trajectory of reciprocity – are usually in a more advantaged social and economic situation, having access to resources that allow them to cope with challenges. Individuals in the left quadrants – whether at the higher or lower levels – tend to be especially concerned about achieving individual benefits. However, having access to economic and social resources helps individuals in the upper quadrant to meet their needs, thus being able to make long-term plans and look for new goals to achieve.

Individuals who are situated in the upper-right quadrant – who engage in horizontal interactions – are more oriented to relational and collective issues. From this quadrant's outlook, individuals recognize multiple potentialities in social networks and have positive expectations about interchanges. By privileging interconnections, the accessibility to resources is maximized, allowing them to pursue long term goals. Furthermore, they are predominantly focused on collective purposes, beyond their immediate context.

The collective perspective breaks individualism, breaks the selfish sense... I look to the other that is by my side and build a relationship with him... It is from that relationship that a possibility is born, a possibility for improving that system (...) in the service of a broad social justice. – Professional (male), Florianópolis, Brazil

In order to move forward in the process of building reciprocity, there are six basic social-psychological processes that individuals, families and communities need to pass through that were identified in this research. They can be understood as forming a continuum of growing complexity that goes from *struggling to survive* to *finding a sense of worthiness and meaning in living*. As individuals progress through these developmental processes, they engage



in increasingly balanced and reciprocal relationships. Since they gradually trust and value themselves and others, they come to recognize the exchange of resources and power – interchangeably giving and receiving – as a collective benefit.

Individuals or groups who are *struggling to survive* are focused on subsisting and resisting threats. This anchors them in a self-protective mode, which is based on fear and lack of trust, constraining the development of balanced relationships. Moving to the stage of *strengthening confidence*, the identification of available intrinsic and extrinsic resources starts to occur, leading to the development of trust in the self and in others. Next comes *developing a sense of agency*, where individuals take another step forward, gaining further awareness about the capacity to master their own lives and start making decisions oriented to the pursuit of specific and longer-term goals. Individuals also recognize their actions can have an impact on others, so the collective dimension is increasingly included in their horizon. This is a stage where responsibility and accountability are particularly embraced. At this point, a *sense of belonging* can emerge, and with that, the opportunity to find identification with others and cherish what is “ours”. The sense of belonging expands from micro to macro spheres and grows through participation as the individuals begin to see themselves as part of such systems. Resulting from this process, individuals find themselves *wanting to contribute and give back*. They realize the emergent fulfillment from having an impact on others. At the same time, recognizing the opportunities that they were given, they become eager to share those opportunities and resources, in order to multiply their effects, benefiting others. This way, a civic sense is increasingly assumed. Finally, as individuals advance in this developmental course a *sense of worthiness and meaning in living* is discovered. Individuals increasingly feel fulfilled, grateful and free to be themselves, as well as deeply connected with others, finding their place and embracing causes within the society.



participation and partnership, so professionals and participants work together to develop activities and initiatives. Participants are encouraged to become “givers” and not just “recipients” in the programs. Co-construction programs boost the sense of belonging. Finally, programs that target *social transformation* involve participants in striving to change social structures and promote social justice. These programs enhance the development of a sense of worthiness and meaning in living.

As Figure 1 portrays, the iterations presented above are also interconnected with the balance between resources and challenges individuals and communities face, in the context of their socio-economic and political context. As a community leader from Florianópolis, Brazil, states: “People shouldn’t think ‘this problem is not mine...’ I ask people to think as if the problem belongs to them. Yes, that’s my problem, too.”

### **Discussion**

The theoretical framework presented in this article brings the notion of *building reciprocity* to the foreground of theory and practice in community development with socio-economically disadvantaged communities. It is highlighted as a key process for the development of social justice, connection and well-being. A strong cross-cultural research foundation supports its relevance, since the theoretical framework emerged from participants’ experiences and perspectives across diverse countries and international communities. Building reciprocity evokes the shared accountability of the various actors and systems involved, discouraging the adoption of polarized lenses and discourses, which tend to look for a side to blame. In this way, the framework points to the use of integrative lenses that conceive the fundamental contributions and collaboration of individuals, families and communities to the development of programs and social structures. The emergent framework we present recognizes the value of diverse and sometimes apparently opposing dimensions, conceiving them as complementary and evolving. It points to the potential multiplication of resources and

mutual benefits that can result from the exchange between diverse individuals and groups. Thus, the theoretical framework suggests that research and practice can generate valuable and unexpected processes and outcomes if an integrative and holistic approach is adopted.

Even though most of the concepts included in the framework have been explored previously by various authors, we believe this represents the first attempt to articulate and inter-relate them in an integrated whole, thus, allowing deeper and more complex understandings of the elements and processes of socio-economic community development. Its integrated conceptualization fosters understanding of some complex issues such as the intersection of poverty, exclusion and social justice, and multiple micro and macro levels of analysis, including socio-economic and cultural contexts over time. Its comprehensiveness and trans-theoretical nature offers the potential for it to be used for analysis by different areas of knowledge, such as economics, political science, psychology, sociology, theology, etc. Instead of creating rigid and limited categorizations, this framework can open space for creativity and innovative thinking and further research opportunities.

In a subsequent review of relevant literature, we found numerous synergies between the theoretical framework and prior research. We will illustrate some accounts from prior literature that, when connected with the presented theoretical framework offer more comprehensive understandings. The vertical, diagonal and horizontal trajectories presented in our framework connect with Bruni's (2008) three forms of reciprocity. He presents the first as contract or *cautious* – resonating with the protection nature of the vertical trajectory, the second as friendship or *philia* and the third as *unconditional* reciprocity (p. 10) – resonating with the multiple and fluid character of horizontal dynamics. There also exists a correspondence between the vertical trajectories described in this article and the characterization of oppressive dynamics. Oppression has been associated with asymmetric power relations, polarized into domination/subordination. Subordinate groups see their access to resources restricted, whereas advantaged individuals find conditions to manifest power and

control over others (Neal & Neal, 2011; Nelson & Prilleltensky, 2010). Based on vertical assumptions of superiority/inferiority, social discourses tend to characterize people in poverty as needy, lazy, deficient, and not to be trusted. This way, as reflected in the lower-left quadrant, socio-economic disadvantaged individuals seem to internalize deficit views and oppression, which include self-blame, feelings of personal worthlessness and shame (Freire, 1970; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rappaport, 1977). In the same manner, practices influenced by traditional models are also described as hierarchical and unidirectional, encouraging dependence (Anderson, 1997; Henry & Breyfogle, 2006; Zimmerman, 2000). Rober and Seltzer (2010) note that therapists run the risk of falling into colonizing stances when looking for self-protection.

In connection with both diagonal trajectories depicted in the theoretical framework, some authors suggest the concept of *depowerment* – corresponding to the descending diagonal line in the framework – as complementary to empowerment – resembling the ascending diagonal line in the framework – arguing individuals in socio-economically advantaged positions should *depower* themselves, give up privileges and express vulnerability, which would open opportunities for empowerment of socio-economically disadvantaged individuals (Anderson, 1997; Freire, 1970; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rober & Seltzer, 2010). Li and Julian (2012), as well, suggest adults involved in child development activities should gradually shift power balance towards the youth, removing their support so that the youth find space to develop, improving competence, control and independence. In connection with the diagonal ascending trajectory and the process of developing agency, Freire (1970) suggested the oppressed should develop consciousness, recognizing their power to resist and act in order to transform oppressive conditions and contribute to building justice. And corresponding to the convergence depicted as deriving from the diagonal trajectories in the framework, he claimed oppressor and oppressed needed to be co-workers and partners, changing together in order to alter tendentiously static vertical dynamics.

Horizontal relational dynamics have been presented as a pursuit by various authors and its characterization coincides in many points with the conceptual articulation of the framework. Freire (1970) envisions communion relationships where groups grow together, in committed solidarity. Horizontal relationships rely on power balance, involving sharing resources and information (Henry & Breyfogle, 2006; Nelson, Prilleltensky et al., 2001). Aron (2014) and Morkel (2011) emphasize the pursuit of common goals of justice and well-being, which imply human and environmental interrelations. Accordingly, Li and Julian (2012) propose relationships characterized by attachment, balance of power and progressive complexity in the dynamics of reciprocity are needed to promote positive development. This is in line with the broader integration of individual and collective dimensions portrayed in the right side of the framework. Evoking the infinity symbol surpassing the limits of the framework, Anderson (1997) and Henry and Breyfogle (2006) highlight the fluidness and flexibility of boundaries characterizing horizontal interactions, which allow the continuous questioning of assumptions as well as mutual change over time. At the same time, Stout (1996) conceives shared leadership and decision-making as an expanding circle that grows bigger and stronger as it enlarges to include more leaders.

Many more synergies between the theoretical framework and prior literature have been found in association with the quadrants' standpoints, basic social psychological processes and types of programs, and these are further developed in complementary articles (Minas, Anglin & Ribeiro, in press).

We believe this framework can add to the field of community psychology, emphasizing the power of *building reciprocity* to encompass diverse constructs and support community psychologists' efforts to broaden the analysis beyond polarized perspectives and discourses such as advantaged and disadvantaged, oppressor and oppressed, and the like. This framework can be used and applied to community work, emphasizing the relevance of

encouraging participation, so that participants become fundamental co-constructors of programs and social policies, and not mere receptors. It also implies that reciprocal partnerships could potentiate the work developed by different agencies. Programs and social policies can be enriched by accommodating diverse perspectives and contributions, fostering a sense of belonging and civic accountability. The framework is also proposed as a tool to identify the standpoints of specific communities and groups to better meet their needs and purposes, and to suggest pathways for individuals and professionals to build reciprocity in their life spheres.

We also believe the reciprocity framework can be useful for clinical and family psychologists, suggesting leads for the development of relationships, at various systemic levels. For instance, therapists can use the framework to analyze the psychosocial stage of their clients at a given moment and use it as guide to focus of the conversation and to adjust the dynamics of the interaction – more or less reciprocal/formal, etc. At the same time, the trajectories of reciprocity can be used as a tool to improve the understanding of family dynamics, leading conversations into greater insight, through the analysis of the properties of reciprocity, as power balance, influence flow, and identification, between its members.

With respect to research, the framework can facilitate the inclusion of participants and researchers as collaborators in the development of knowledge. Researchers are challenged to strive for congruence in their methods and allow vulnerability and openness during the process of investigation. For instance, the dynamics of reciprocity framework seem to be suited to support the reflexivity of Community Engaged Research and Community-Based Participatory Research, providing a framework and inherent conceptualization that allows partners to recognize their positions in relation to each other and to critically discuss the quality of their interaction and power dynamics (Lazarus et al., 2015). On the other hand, Community Engaged Research and Community-Based Participatory Research can be a fertile

ground to deepen the study of the reciprocal dynamics that occur throughout the research process.

For future research, it may be relevant to further explore the bottom-up interactional dynamics that contribute to building reciprocity; to deeply understand cultural singularities and commonalities, across countries; and to develop a formal theory of *building reciprocity*, encompassing different areas of knowledge, such as education, international cooperation, economics, conflict mediation and the like.

One of the limitations of the first study is the fact that the research was not connected to a consequent application of the methodology under analysis. The study would have benefitted from the application of the findings into practice, with the collaboration and engagement of the participants. At the same time, some ethical questions were raised. The economically advantaged participants, who were invited to start with the role of listeners, were given more information and perhaps more power, by being involved in an extra briefing which served to assure they were prepared to give a constructive feedback. Low income participants were invited to share their stories, but they were not briefed about any feedback guide-lines, since their role was to start as tellers. In future research, careful consideration needs to be given to the kind of information researchers should provide in order to promote congruence and maximize the ethics of the research. As well, it could be interesting if participants could participate in two sessions, experiencing both roles – starting as tellers and as audiences. In the second study, 15 programs were analyzed. The small sample in each country, as well as the variation according to target population, purposes and methods, constrains the possibility of a deeper understanding of the distribution of programs within each country as well as a sustained comparison between countries.



## Conclusion

The findings presented in this article highlight *building reciprocity* as a central construct in community development and as a means to generate connection, social justice and well-being. The emergent theoretical framework offers a conceptual integration with which to analyze relationships of different types and in a variety of contexts, and can be used as a tool to guide research and practice.

We hope the findings of this study will contribute to the growth of collective knowledge about collaborating with socio-economically disadvantaged communities. We welcome critiques and suggestions for further developing this learning and transformative process.

## *Fio condutor (II)*

Tendo sido apresentadas de forma abrangente as dinâmicas da reciprocidade, este artigo oferece uma compreensão mais específica e aprofundada da presença de tais dinâmicas ao longo do contínuo de programas emergente. Os programas de assistência, promoção, co-construção e transformação social são caracterizados, refletindo-se sobre que fatores potenciam o seu impacto, tendo em conta o ajustamento entre a natureza de cada programa e a fase de desenvolvimento dos indivíduos, famílias ou comunidades, a articulação entre programas e os processos de reciprocidade. É assim sugerida uma grelha de tipificação de programas, que permite reconhecer a esfera de ação, objetivos e fases de atuação de cada programa, bem como a contínua reflexão sobre a coerência entre objetivos, valores, perspectivas e ações.

### Abstract

Topics of societal concern such as mental health and poverty reduction increasingly require action programs which operate within broad psycho-social and social justice perspectives. Models of practice centered in individual needs, although important, are not powerful enough to bring about social change when they operate in isolation. In this article, we present the findings resulting from the observation of programs engaged in collaborating with socio-economically disadvantaged individuals, families and communities. The programs selected for study were nationally or internationally recognized for the quality and innovation of their methodologies or for having been subjected to scientific attention; some met both criteria. Altogether, 15 programs were visited, in North and South America and Europe. Through a Grounded Theory methodology, the processes of data collection and analysis led to the development of a theoretical framework which identifies a continuum of programs aimed at supporting the development of individuals, families and communities and which has at its core the central process of *building reciprocity*. This article presents and describes the continuum of programs and how each type relates to the process of *building reciprocity*, and also establishes links with other relevant and significant concepts in the framework. Finally, implications for further research are explored.

**Key-words:** reciprocity, socio-economic disadvantage, community development, well-being.

---

<sup>6</sup> **ARTIGO 2:** Minas, M., Ribeiro, M. T. & Anglin, J. P. (2017). Building reciprocity: From safety-net to social transformation programs. (Manuscript revised and re-submitted to the Journal of Community & Applied Social Psychology)

For years, foreign aid for poverty alleviation has followed a typical order of events: aid arrives, problem is reduced; aid leaves, and problem returns (Li & Julian, 2012). It is increasingly recognized that to deal with concerns related to poverty, deeper social and structural causes need to be tackled. Nonetheless, most programs remain focused on improving individual well-being, at a superficial and ameliorative level, largely neglecting the social conditions that lead people to ask for support (Evans, 2012a, 2012b; Prilleltensky, 2005; Rappaport, 1977). Even though individual interventions may reduce specific individual psychological symptoms, the rate of those symptoms in the population keeps increasing (Albee & Fryer, 2003).

In the United States, nonprofit employees numbered 10.7 million in 2010, involving, approximately, one professional per 28 United States' inhabitants. It is expected the numbers of services and professionals devoted to this sector will continue to grow (Salamon, Sokolowski & Geller, 2012). In Portugal, reports estimate the existence of 2652 to 7740 charities (Franco, Sokolowski, Hairel & Salamon, 2008; Quintão, 2011). During 2010, charities had a workforce of about 77438 professionals (Instituto Nacional de Estatística, 2013, p. 4), which equates to approximately 1 professional for 136 inhabitants. A report characterizing social programs in Portugal shows that the number of requests for support is also increasing, while programs are mainly focused on local and individual levels of action (Banco Alimentar Contra a Fome & Entreaajuda, 2010). In fact, a multiplicity of programs is being created worldwide, trying to bring solutions to the complexity of problems connected with mental health and poverty, but efforts usually involve fragmented and uncoordinated processes which turn into unsatisfactory outcomes (Albee & Fryer, 2003; Imber-Black, 1988; Sousa et al., 2007). At the same time, most intervention approaches and social policies are formulated by politicians, government officials and academics, without including the contributions of those most affected by them (Nelson & Prilleltensky, 2010). Ribner and Knei-Paz (2002) asked participants to describe experiences of

successful helping relationships, noting such instances were considered exceptional amongst a vast number of frustrating and disappointing interactions.

Social programs operate in the intersection between the state and the market assuming a critical role in society (Crutchfield & Grant, 2008; Quintão, 2011). Their boundaries are difficult to establish, since they change across time and history and combine characteristics from different sectors. They can also assume ephemeral or lasting shapes, formal or informal characteristics (Quintão, 2011). State programs such as cash conditional transfers in Brazil, Mexico and India are showing positive results with respect to the reduction of income inequality, but they can only serve as supplemental resources. They do not replace the public-sector action. Monetary assistance won't be an effective measure while broader structural constraints keep limiting the access of many to quality services such as health care and education (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2013). It is pivotal, then, to identify the processes that will enhance sustainable change at multiple levels of society (Allen et al., 2007; Foster-Fishman et al., 2007). Lessons from successes and good practices need to be documented and communicated widely, so that guidelines for improvement may be found and continually developed (Foster-Fishman et al., 2007; Prilleltensky, 2005; United Nations Development Program, 2011). Trickett, Beehler et al. (2011) suggest research would be enriched by moving from reporting "best practices" towards a "best processes" orientation. A research study undertaken by Trickett, Espino et al. (2011) showed that very few peer-reviewed articles reporting community interventions were focused on system change, organizational capacity-building and leadership development. The authors concluded that more complex and context sensitive theorizing is needed in this field.

In this article, we aim to present the process and findings of a research study on social programs recognized as good practices across a number of countries. A theoretical framework developed on the basis of this study may offer valuable guidance for practice. We intend to give special attention to the continuum of programs identified and that is depicted in our

theoretical framework, referring to the connections between those programs' actions and the process of building reciprocity. The article is organized in four sections: a brief overview of the theoretical framework's main categories and interrelations, an analysis of the dynamics within the continuum of programs, the articulation between presented findings and prior literature and finally implications for future research.

### **Method**

This research is rooted in the questions that disquiet me as a person aiming to effectively contribute to collective well-being: What actions can be taken or already are being taken to overcome poverty? What makes people want to embrace and mobilize for collective causes? Willing to learn from stories of community accomplishments, as well as to ground the investigation in the participants' perspectives, three guiding purposes were established: a) to identify social, community and educational programs recognized as good practices in the collaboration with socio-economic disadvantaged individuals, families and communities, at national and international levels; b) to understand which are the main factors contributing for the programs' success; and c) to develop a framework which articulates the research findings, to serve as a useful tool for groups and organizations involved in community development and poverty reduction.

As the research process evolved, we tried to find congruence between purposes and actions, making sure that each step and detail was respectful and beneficial for all. That way, an informal and open approach was embraced, insights were continuously discussed with participants and further integrated and a blog<sup>7</sup> was created to naturally share the learning experience over the course of the research process.

Since we intended to acknowledge and generate theory that was rooted in grounded perceptions and experience instead of preconceived hypotheses, while following a rigorous method, Grounded Theory methodology (Glaser and Strauss, 1967; Glaser, 1978) was chosen

---

<sup>7</sup> <http://lugarescomunss.blogspot.pt/>

as the method that could best meet these purposes. Through a systematic process that included theoretical sampling, substantive and selective coding, constant comparisons, generating memos and diagrams that were sorted into theoretical outlines, it was possible to find emerging patterns in the data and elevate them into theoretical integrated concepts. This process led to the identification of the core category of this research: *building reciprocity*, which proved to have the most explanatory power, encompassing the other relevant categories as sub-processes (Glaser, 1978).

To select the programs to include in our research we used three main sources: articles which identified programs recognized as good practices; Ashoka<sup>8</sup> platform which congregates successful innovative programs; and, finally, recommendations from other researchers and practitioners. For the initial data collection, a list of criteria to support our selection was checked against the analysis of the programs' information available online. We selected programs that were working with socio-economically disadvantage individuals and communities and whose work was recognized with awards or professional recognition for quality and innovation. Since Grounded Theory implies that the process of data collection and analysis evolve hand in hand, as the analysis unfolded, criteria for further theoretical sampling became more specific, so that the topics that emerged as central could be explored in greater depth. That way, in the last stage of data collection, which involved the programs in Norway, Poland and Spain, programs were approached for presenting themselves as targeting social structures and citizens in general, going beyond micro and individual approaches.

Data collection was based in participant observation, semi-structured interviews with participants and professionals and focus groups with professionals. Decisions about what data collection methods would be used in each setting were taken together with each program's staff. In some of the programs (see Table 3), extensive informal conversations offered sufficient data, and formal semi-structured interviews and focus groups were not conducted.

---

<sup>8</sup> <https://www.ashoka.org/>

As shown in Table 1, fifteen social, community and educational programs across 9 countries were selected as case studies.

Table 1. List of Programs and Length of Researcher Involvement

Programs	Country	Duration of the visit	Programs	Country	Duration of the visit
Knowledge is Power Program (KIPP)	USA	Apr 2012 (2 days)	Pressley Ridge (PR)	Portugal	Jan 2013 (2 weeks)
Middle Class Express (MCE)		May 2012 (2 weeks) March 2013 (2 weeks)	Mais Skillz (MS) [More skills]		Apr 2013 (2 weeks)
Better Beginnings Better Futures (BBBF)	Canada	Apr 2012 (2 days)	Movimento Defesa da Vida (MDV) Life Protection Movement		May 2013 (3 days)
Circo Volador (CV) [Flying Circus]	Mexico	Jun 2012 (2 weeks)	Nós – CAFAP [We]		May 2013 (3 days)
Laudes Infantis (LI) [Shining Children]	Colombia	Dec 2012 (1 week) Feb 2013 (1 month)	Fundación Rais (FR) [Rais Foundation]	Spain	March 2014 (1 week)
Instituto Vilson Groh (IVG) [Vilson Groh's Institute]	Brazil	Nov 2012 (3 weeks) Nov/ Dec 2013 (2 months)	Pogranicze (BF) [Borderland Foundation]	Poland	March 2014 (2 days)
Terapia Comunitária (TCI) [Community Therapy]		Nov 2012 (1 week)	Forandrings Fabrikken (FF) [Factory of Change]	Norway	March 2014 (4 days)
Observatório de Favelas (OF) [Observatory of Slums]		Dec 2012 (1 day)			Oct 2014 (1 week)



Table 2 summarizes the programs' characteristics according to the groups they involve, their purpose/vision, nature and scope (the information was retrieved from the programs' sites and document analysis and is presented according to their own terms).

Table 2. Brief description of the visited programs

	<b>Groups involved</b>	<b>Purpose/Vision</b>	<b>Other information</b>
PR	Vulnerable children, youth and families	To provide services for the adjustment and development of children and teenagers with behavior problems, in order for them to stay with their families and communities.	International NGO Foundation year: 2010 1278 participants/year
MS	Socio-economically disadvantaged youth	To prevent school dropout and to develop strategies that promote educational and professional qualification of low-achieving youth and adults, enabling the transition to working life.	Non-profit organization's program Foundation year: 2010 150 participants/year
PF	Children and youth at risk and their families	To preserve the family and prevent the institutionalization of children through intensive, immediate and individualized support for these most vulnerable families.	Non-profit organization's program Foundation year: 1996 157 participants/year
NOS	Children and youth at risk and their families	To promote the early identification of risk situations of abuse and neglect, to involve the child and the family in the risk assessment and to develop the necessary actions to meet those needs, promoting the access of users to full citizenship.	Non-profit civil organization's program Foundation year: 1995
KIPP	Socio-economically disadvantaged youth students	To create a national network of public schools that are successful in helping students from educationally underserved communities develop the knowledge, skills, character and habits needed to succeed in college and the competitive world beyond.	Charter school/Foundation Foundation year: 1994 162 KIPP Schools
MCE	Low-income Wake County residents	To help individuals and families to fulfill their life goals as they gain new skills and knowledge that moves them closer to the fulfillment of their life plan.	State program Foundation year: 2008 100 participants/year
BBBF	Low-income communities	To reduce the incidence of serious long-term emotional and behavioral problems in children; to promote social, emotional, behavioral, physical and educational development in children; and to strengthen the ability of communities to respond effectively to the social and economic needs of children and their families.	Non-profit organization Foundation year: 1991 8 communities
CV	Socio-economically disadvantaged youth	Strengthening youth identities and self-esteem, valuing their abilities and potentialities, stimulating youth participation and generating a sense of community identity (directed to the poor) and building and disseminating common languages (directed to mainstream sectors).	Non-profit Organization Foundation year: 1995 More than 320000 youth
LI	Low-income communities	To train individuals who can lead processes and programs within their communities and promote active participation in the different activities offered by the organization.	Non-profit organization Foundation year: 1999 3500 families/15000 participants
IVG	Civil society organizations	To propose public policies, in the management of resources and assistance to public sector institutions which advocate and support vulnerable populations.	Non-profit organization Foundation year: 1980 Scope: 7 organizations /5719 participants/year
TC	Impoverished and vulnerable communities	To unite the academic and popular knowledge in a complementary perspective, in order to build a network of solidarity and expand the possibilities for resolution of the everyday problems.	Program recognized by the State Foundation year: 1992 12000 community therapists
OF	All citizens	To undertake research, consultancy and public actions to produce knowledge and elaborate political proposals focused on slums and urban issues.	Non-profit organization Foundation year: 2001 More than 75000/year
FR	Homeless people	To bring about the integration of the socially excluded, accompanying them throughout a process designed to enable them to recover their independence and become active citizen again and mobilizing citizens, public and private institutions and social agents.	Non-profit organization Foundation year: 1998 6137 participants/year 8 centers, national wide
P	Borderland Communities (bordering with other countries)	To build bridges between the people of different religions, ethnicities, nationalities, and cultures.	Non-Governmental Organization Foundation year: 1990
FF	Youth	Development based on the responses from those involved in social systems, will contribute to better quality services.	Nature: Non-profit organization Foundation year: 1999

Beyond multiple informal conversations, 19 participants (12 women, 7 men, Mage = 27,7 years, age range: 12–47 years) and 16 professionals (7 women, 9 men, Mage = 41,5 years, age range: 28–63 years) participated in 35 semi-structured interviews and 56 professionals (45 women, 11 men, Mage = 35,1 years, age range: 22–59 years) participated in 9 focus groups (see Table 3).

Table 3. Interview format and participant observation per program

Program	Interview format				Observation
	Semi-structured (participant)	Semi-structured (professional)	Focus group (professionals)	Informal conversation	
PR	2	1	1 (7 participants)	More than 5	Participant observation
MS	2	1	1 (4 participants)	None	Site observation
PF	2	1	1 (5 participants)	None	None
NOS	2	1	1 (6 participants)	None	None
KIPP	1	1	None	More than 5	Site observation
MCE	1	1	1 (5 participants)	More than 10	Participant observation
BBBF	1	1	1 (5 participants)	More than 10	Participant observation
CV	2	2	1 (6 participants)	More than 10	Participant observation
LI	None	1	None	More than 10	Participant observation
IVG	1	2	1 (12 participants)	More than 10	Participant observation
TC	2	1	1 (6 participants)	More than 5	Participant observation
OF	None	None	None	Less than 5	Site observation
FR	1	1	None	More than 10	Participant observation
BF	1	1	None	More than 5	Site observation
FC	1	1	None	More than 10	Participant observation

With respect to the recruitment procedures, after selecting the programs, an e-mail was sent presenting our research project and requesting the programs' collaboration. Forty programs were contacted in total, but only the 15 that were visited were both available and

suggested timings and conditions that were compatible with the researcher's availability. The length of time for each site visit varied according to characteristics of the programs and the availability of both the programs and the researcher. While some programs required a more discrete presence of the researcher, in others there was an invitation to participate in the activities. All interviews and focus groups, as well as some informal conversations, were recorded. To do that, ethical principles and procedures were clarified, safeguarding participants' confidentiality, and participants offered their informed consent. After leaving the program site, follow-up e-mails were sent to the programs thanking them for their collaboration, giving them feedback about next steps in the research process and sharing our blog posts. Some programs showed a willingness to welcome the researcher again, offering an opportunity to combine data collection and analysis, writing work, as well as to maintain ongoing feedback from participants.

As a result of this generative process of data collection and analysis, outlined in detail in Minas, Anglin et al. (in press), findings were incorporated into a theoretical framework that integrated the central aspects of research participants' perspectives and experiences. To test out the relevance, fit and clarity of the theoretical framework for people in the field of social programming who were not involved in the research, we presented it in various national and international conferences and we used the collected feedback to improve and refine the framework. All the essential elements and dynamics of the framework resonated with both research program participants and those not involved in the research, thus indicating that we had identified a model that could be shared with those wanting to understand what makes a successful community program.

### **Theoretical framework**

Before focusing on the continuum of programs, we are going to outline the theoretical framework as it emerged, which was presented in more detail in a previous article (Minas, Ribeiro et al., in press).

The theoretical framework (see Figure 1) outlines the elements and dynamics of reciprocity in the development of individuals, families and communities engaged with social programs. The central line, constituted by a triangle, horizontal line and an infinity symbol shape, depicts three trajectories of reciprocity: vertical, diagonal and horizontal. At the bottom of the framework the six properties of reciprocity emergent in this research are displayed, namely: informality, openness, power balance, identification, influence flow and congruence. Four quadrants frame the focus and stances individuals assume depending on their social roles and economic positions: in the bottom-left quadrant, the focus is centered on the immediate moment and individual or family needs; the upper-left quadrant points to individual or family goals on a long-term basis; in the bottom-right quadrant the focus is centered on immediate needs, at community and collective levels; the upper-right quadrant, goals and purposes projected in the future are at stake, involving collective dimensions. None of the programs studied were positioned in the bottom right quadrant (i.e. collective focus and addressing only the immediate term and current needs). Along the trajectories of reciprocity, six major basic social processes that individuals and communities need to progressively accomplish to develop individual and collective well-being are indicated. A continuum of programs is presented at the bottom of the framework which correlates with the trajectories and processes discovered through this research. At the background of the framework, the first halo encompasses the resources and challenges that are present in the ecosystem and the second halo portrays the socio-political-economical context in which all the reciprocity processes are embedded.

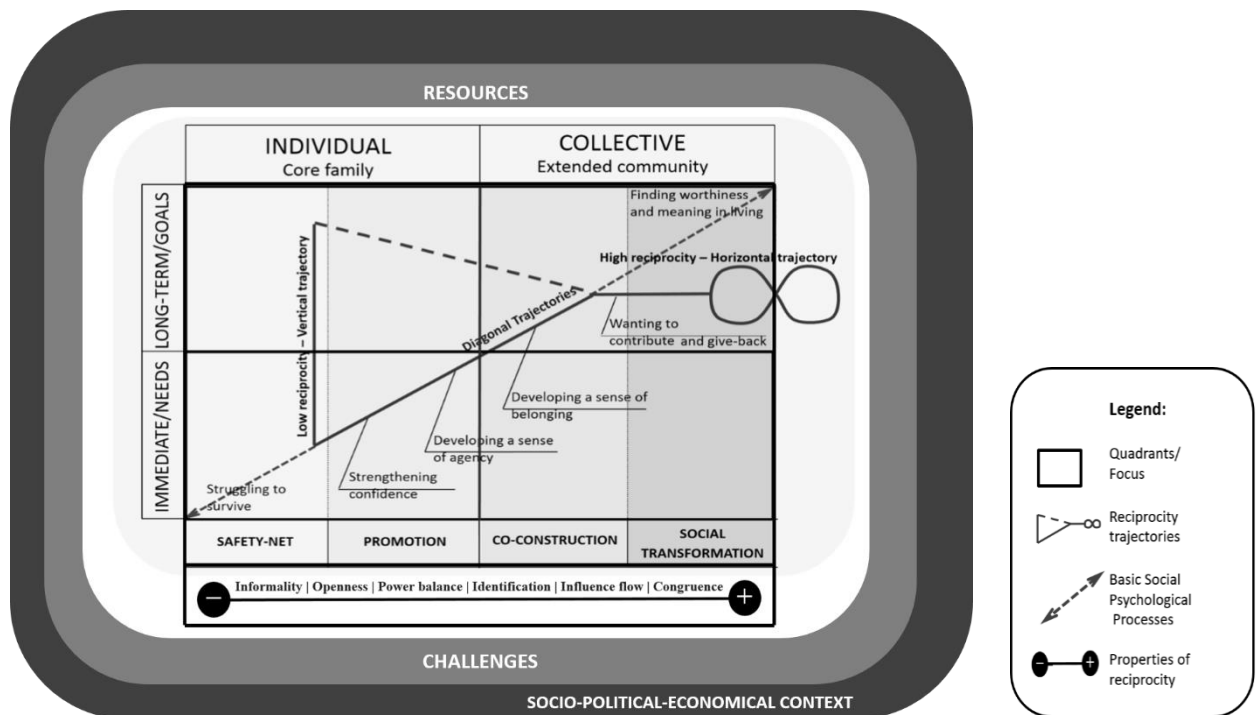


Figure 1. Reciprocity Dynamics' Theoretical Framework (Minas, Ribeiro et al., in press)

### The continuum of programs

Every program observed in this research was working with individuals and communities in order to promote their development and well-being, nevertheless they assumed different criteria to assess whether collaboration was successful or not. On that basis, diverse approaches, methods and strategies were put in place leading to different outcomes. Those variations have been integrated in the framework as a 'continuum of programs' typology. Each of the four types of programs that emerged in this research will now be examined, exploring their natures and characteristics as discovered through participant observation of the researcher, selected interviews, and focus groups.

#### Safety-net programs

The safety net type is positioned at the left edge of the continuum. Safety-net programs are configured to support people who are struggling to survive by providing them resources to meet their basic needs and enhance their stability. These programs can also be understood as lifelines, serving to take individuals out of risky situations. Individuals involved

in this type of program are situated in the bottom-left quadrant of the theoretical framework. They tend to struggle with issues associated with poverty, lack of health and unemployment. Due to the hazards they face, they are especially focused on individual and family immediate needs. Programs, as well, concentrate their energies on responding to immediate needs, confining the focus of analysis and action to an individual and micro level, typically not addressing issues related to their surrounding environment. In this sense, programs that operate strictly at this level, although having a fundamental role in tackling critical situations, usually don't approach the broader conditions and complex causes that led individuals and families to the programs. As a Middle-Class Express's professional, at Raleigh, United States, stated, "Most services are responding to immediate needs, but they are leaving the roots of the questions aside". Safety-net programs' activities are essentially centered on attending to and analyzing who is eligible for receiving support, assessing and monitoring needs and risks and distributing subsidies and other types of resources. They mostly provide financial, instrumental, emotional and psychological support. These programs are usually governed by bureaucratic and standardized guidelines and the length of support is usually limited to avoid generating dependency. Coercion was another characteristic found in most safety-net programs. Families are pressed to collaborate in order for them not to lose specific supports or rights. Programs that are positively recognized by professionals and participants try to balance this somewhat rigid structure by being informal, flexible and being sensitive to particular situations. Nonetheless, services offered by safety net programs are generally negatively connoted by the mainstream society. Individuals who attend these programs are seen as vulnerable and needy, and they generally feel ashamed to ask for safety-net support. As a Middle Class Express professional affirms: "when you [a client] get to child welfare I don't get to meet you on really happy terms. (...) I am going to come and the disaster has already hit". This is connected with the roles professionals and clients play in this kind of program, which are highly differentiated. Professionals tend to be seen as specialists who have the power and

resources to help and participants are mostly seen as receivers who have little say in pre-structured protocols, being expected to adapt and follow its rules. Even when programs ask for some type of involvement from the participants, it often has a mandatory nature. Like the participants, professionals are expected to execute protocols and to undertake prescribed work. These programs consider their action to be successful when basic needs are met and crises are controlled, at a short-term and micro level. As a professional from the Center for Family Support (CAFAP) said, “Our mission is exactly to eliminate the risk to which children are being exposed within their family, promoting a behavioral and functional change inside the family so that it is possible to avoid institutionalization of the children”. However, if this type of support ends without fostering confidence at individual and relational levels and, for instance, before an informal network of trust has been established, it is likely that individuals will keep returning for emergency help.

For them [professionals] this would be already over [the support relationship]. I was the one asking if there was any possibility, at least once a month, of receiving a visit at home, because it is always good to have somebody to talk to and to vent, who give us that friendly shoulder that we cannot find around us. (Center for Family Support (CAFAP) Participant)

If individuals and communities don’t find opportunities to keep developing and gradually reach higher levels of reciprocity in interactions, a sense of lack of control is developed, pushing them to keep struggling to survive. As a community leader from Laudes Infantis<sup>9</sup> expressed:

Unfortunately, in this country [Colombia] people receive lots of help but with very little resources that scarcely help them to survive. And people got used to receive, receive, receive and give nothing, contribute with nothing. They think they cannot do anything for their lives, for the community, for nobody. (Laudes Infantis’ community leader)

---

<sup>9</sup> English translations of programs’ names are included in Table 1.

Safety-net programs need to facilitate participants' transition and access to programs with a promotion nature. This way, a transition from struggling to survive to strengthening confidence can be fostered.

### **Promotion programs**

Programs that have a promotion nature are aimed to support participants in identifying and developing strengths and skills. The focus is put on resources and on the future, using goals and dreams as motivation and strategy. Activities and services are essentially focused on creating opportunities for capacity-building – such as training, workshops, formal and informal education, networking opportunities and the like.

Professionals assume the role of mentors, being responsible to support and motivate participants' efforts developing skills and pursuing goals. Participants are the initiators of their own process and path. They are recognized as agents, having the experience and knowledge to develop their preferred lives. As a Middle-Class Express's professional explains: "I had to learn not to be their parent. (...) They [Participants] don't see themselves as clients. They see themselves as participants, partnering with us, even though they are the ones receiving benefits". This excerpt illustrates how professionals make a conscious effort, trying to avoid vertical relationships. Nevertheless, they keep predominantly anchored to a top-down approach, where professionals unidirectionally provide opportunities and participants receive resources for their benefit. Limited influence of participants is evident at this point.

Consistently, in the framework promotion programs are depicted in the beginning of the diagonal line. Promotion programs intend to foster individuals' autonomy, aiming to release them from relying on social welfare and outside support. With such a purpose, they expect participants to reach a point where they leave the program because they become self-sufficient. This is connected with the length of the programs, which is expected to be, like safety-net programs, circumscribed in time. As a Pressley Ridge staff member says: "Our goal is to be temporary in people's lives. To be able to impact on a specific moment, to capacitate, to



support and then allow people to become autonomous, even though we will always be an open door". Thus, promotion programs consider success is achieved when participants adopt proactive attitudes and begin to take action towards pursuing and gradually achieving goals they set for their lives. These programs are responsible for fostering their participants' and staff's sense of agency, creating conditions for the development of a sense of belonging. According to the framework's continuum, promotion programs should be promoting participants' transition to co-construction programs, where development can move forward, towards a greater focus on community purposes and collective spheres.

### **Co-construction programs**

Co-construction programs aim to create environments that promote the mutual development of participants and professionals, in that way enhancing leadership and participation for all. Each member involved can be simultaneously leading and learning, and activities are defined in articulation between professionals and participants. According to Circo Volador's founder, "it is not that I change the people. I don't believe in changemakers. I believe that change has to be a reciprocal change. I suggest a change and you change me. Then, more than a change, it becomes an interchange". The onus in these programs is put on the group dynamics instead of in the individual. Co-construction programs are characterized by flexibility, informality, diversity and freedom to express and take initiatives. Everybody's perspectives are considered important and, whenever possible, they are converted into practice. Like another professional respondent from Circo Volador affirms: "Circo Volador is a place where they [participants] can be... where they can express themselves without fear. (...) It is a free space, an open space for all". Both participants and professionals express a sense of pride to be engaged in this kind of program. Professionals have the role of promoting leadership and establishing partnerships with participants, and the same is true for the governing board towards professionals. Participants, in turn, engage and commit to the program, developing capacities and leadership competences that they will later share with

others, feeding a multiplicative cycle. Then, as leaders, they will be the ones encouraging new participants to manifest their opinions and to take action.

They [participants] find a sense of belonging, knowing the time they are spending serves not only to learn but also to learn how to teach. Here we have prepared many teachers, many, many teachers. Maybe we have more teachers than students! [Circo Volador's founder]

Co-construction programs foster the development of a sense of belonging, strengthening members' sense of being part of a collective and their desire to contribute. As depicted in the framework (see Figure 1), co-construction programs are marked by the transition from diagonal to horizontal interactional dynamics. The most emergent and distinctive interactional dynamic in this type of program is encouraging participation. As a Circo Volador's professional mentions: "That's CV's advantage – to be opened to participation, to be nurtured by participants' abilities and potentialities". Programs of this type consider success as the capacity to bring together and engage people to work collectively for community development. Unlike safety-net and promotion programs, co-construction initiatives are not time-limited and expect to endure as long as they are enhancing the development of individual and community well-being.

### **Social Transformation Programs**

Social transformation programs engage participants and professionals in major causes that seek to impact social structures. Programs of this type often include societal systems improvement and civic engagement as goals, aspiring as well to transform social assumptions that constrain connection and collective well-being. Such broad goals imply the adoption of a macro and integrative lens. As a professional at the Observatório de Favelas says: "The program was created with the goal of developing actions that could change the perception people have about *favelas* (slums). We aim to impact society". Due to their broader lens, these programs are greatly integrative, encompassing the diversity of poles presented in the

framework. For instance, they have an eye to the future while working in the present, assume a collective perspective that leaves room for individual singularities, aspiring to generate impact at a macro level (targeting broader systems) and also at the micro level (directly and closely collaborating with communities and individuals). A ForandringsFabrikken's professional illustrates this point by saying "we want to change the systems, but what we see is that we are changing a lot of kids' lives as well". These programs put in place activities that involve establishing partnerships, organizing and mobilizing groups around topics of concern, developing actions and campaigns, researching and disseminating results to affect social policies. They can be characterized as being audacious, irreverent, critical and innovative, since they try to add novelty to what already exists. Their culture is marked by activism, a sense of mission and commitment. Social transformation and co-construction programs alike intensely foster in their members a sense of pride and *amor à camisa* (literally meaning "love for wearing the shirt", which expresses identification and passion for the program's cause). As a ForandringsFabrikken's participant expresses "I feel very proud! (...) I've been at the health department today, I am given the opportunity to speak to some people in a room, where my opinion may actually hit the right person and trigger the right reaction." Professionals and participants have the role of working together to achieve common goals, advocating for a cause. Both are invited to dedicate their resources and skills to the cause, fully participating, both inside and outside the program. Everyone can contribute to social transformation programs, and all are expected to embrace their citizen roles, motivating and mobilizing others to advocate for collective purposes. An Observatório de Favelas' professional states: "A job around a life project is not individual, it is collective. (...) The participants see themselves as multiplier agents. Through their practices they are impacting others' lives". Success for social transformation programs is achieved when civic mobilization is enabled, generating some positive impact in society. Further, social transformation programs allow their members to strengthen their desire to contribute and give-back, and to develop a sense of worthiness and

meaning in living. For social transformation programs, closure is not a concern, since their purpose is to keep constantly changing and prompting changes in order to foster societal transformation, aiming to build a just society. The social transformation programs visited in the context of our research were developing their action plans with a bottom-up strategy, operating from a community-based approach.

### **Discussion**

Our research presents *building reciprocity* as central for the development of individuals, families, communities and programs alike, suggesting it can generate collective and significant benefits within and across systems. We believe that integrating *building reciprocity* as a core concept can be an important contribution to the field of psychology and in particular to systemic and community approaches, since it encompasses and helps to articulate multiple concepts that are used in these fields, in a more bilateral and complex manner.

The continuum of programs along the line of reciprocity suggests professionals' and participants' roles should be progressively transformed, moving from formal welfarist patterns, where a distinction between the role of professionals, as givers, and clients, as receivers, is assumed, into organic civic bonds, where the emphasis is put in citizens' co-responsibility to contribute to society's welfare. Evans (2012a) also stresses the importance for clients to progress from being viewed as recipients to co-agents. By building reciprocity, individuals feel mutually valued and encouraged to contribute, whilst programs benefit from more diversified contributions. The possibility to contribute generates a sense of pride to belong, since participants and professionals see their actions having an impact in the program or even more broadly, at societal levels. Adding to this, assuming a "giver" position is associated to a positive social status. This way, since co-construction and social transformation programs engage all members as active contributors and are positively socially connoted, both participants and professionals revealed a sense of pride to be part to those programs. Contrarily, various participants reported feeling ashamed and reticent to get

enrolled in safety-net programs, which were associated with negative social labels, and where they felt diminished by being considered passive recipients. These results confirm and add to some prior literature contributions. Tyler (1999) suggests organizations play a fundamental role in defining people's identities, showing individuals are driven to contribute and develop a sense of pride when their membership is recognized. Sousa and Rodrigues (2009) observe that families usually prefer to refer to informal support and avoid formal support, aiming to engage in relationships marked by higher levels of reciprocity and less power differentials. Our findings suggest that individuals develop a sense of pride when they contribute to developing programs and that reciprocity can be built both in formal and informal relationships, if the two parts involved engage in bidirectional connections, where both are benefited and contribute.

In respect to the concept of autonomy, which is presented as a major goal for safety-net and promotion programs, it seems to imply that individual well-being grows as the need for support decreases. This research leads us to critique the idea of autonomy as the ultimate purpose for programs and suggests the diverse types of programs, together, need to strive instead for reciprocal interconnection, through which individual, relational and collective well-being can be achieved and combined. Mendonza (2012) also asserts the importance for institutions and social policy to stop fostering the autonomous individuality, promoting instead solidarity and the co-responsible exercise of power.

In addition, building reciprocity appeared to be connected to a conception of programs' length. Programs which are centered on individuals' immediate needs, providing emergency resources, tend to be imbalanced and formally conducted, as reflected in the bottom-left quadrant. Programs with such characteristics should be short-term or limited in scope, avoiding fostering dependence. Programs focused on collective and long-term dimensions, targeting the development of interconnection, as framed in the upper-right quadrant, encourage the development of natural and informal connections. That way, there is no need for time boundaries. These reflections confirm Rojano's (2004) perspective that

systems that foster civic engagement are natural ecosystems and they are not meant to be dissolved. In accordance, Mendonza (2012) argues that enduring initiatives should consider individuals equally capable of contributing and dialoguing, potentiating a symmetric communication, joining efforts towards a more cohesive, equitable and democratic society. In fact, many authors have supported the importance of continuous and long-term approaches (Grabe, 2012; Henry & Breyfogle, 2006; Krumer-Nevo, 2003; Minich, Howe, Langmeyer & Corcoran, 2006; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rappaport, 1977; United Nations Development Program, 2011) however reciprocity has been left in the shadow, not being used to enhance our understanding of these processes.

The *building reciprocity* framework progressively evolves to broader and more integrative systems of analysis, suggesting reciprocity needs to be built across interactional levels (including between professional staff, between boards and staff, and between staff and participants) and within the various types of programs. Diverse authors recognize the positive effects of building reciprocity in relationships, however without attributing to the concept a central emphasis or a holistic scope (Jung, 1990; Kelly et al., 2000; Li & Julian, 2012; Ribner & Knei-Paz, 2002; Rojano, 2004). As seen in the framework, interventions can be understood as moving along a continuum from individual-level programs involving short-term change, towards more sustainable, collective and macro-level analysis and actions. In line with these findings, prior literature has been suggesting a distinction between amelioration, connected to the left side of the framework, and transformation, connected to the right side of the framework (Brodsky & Cattaneo, 2013; Cattaneo, Calton & Brodsky, 2014; Evans, 2012a; 2012b; Foster-Fishman et al., 2007; Maton, 2000; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rappaport, 1977; Trickett, Beehler et al., 2011; Tseng et al., 2002). This article adds to prior literature, acknowledging the importance of cultivating programs at all four levels. Each type of program, then, is recognized (provided that they are offered in an appropriate moment/context) and the emphasis is centered on the continuum integration, more than on one type of program alone.

Each program is also seen as part of a greater whole, contributing together with other types of programs for the development of a sense of full citizenship and just socio-economic structures. Our findings present affinities with the work of Evans (2012a; 2012b; 2014), who has been proposing a continuum of social services, to surpass the dualistic essence of ameliorative versus transformative models, identifying gradients between the two models. Nevertheless, we believe that our framework adds novelty to this field, thanks to the conceptual articulation which emerged using the Grounded Theory method.

According to the conceptualization of safety-net programs in our framework, they usually are the first type of support individuals and families access when trying to meet their basic needs, appearing to be of extreme and immediate importance. Nonetheless, our analysis leads us to believe that if programs get stuck in vertical provider-receptor dynamics, characterized by a focus on problems, imposition and fragmentation of services, they will keep individuals from overcoming their struggle for survival and developing psycho-social processes such as strengthening confidence and developing a sense of agency. Accordingly, Nelson and Prilleltensky (2010) as well as Neal and Neal (2011) note that despite the access to resources being essential and primary, such provision does not promote full development by itself. We believe our research goes further, suggesting a safety-net will have greater positive effects when integrated with progressively reciprocal and broader forms of collaboration that together serve as development platforms. To develop training which puts emphasis on building reciprocal processes within safety-net programs could perhaps be effective to compensate for the bureaucratized and formal nature of these programs. Such possibilities are attuned to the concerns shared by Ibarra (2012) who affirms bureaucrats are trained primarily in technical discourse and have internalized the disbelief in the possibility of changing the existing reality, which limits their ability to bring about social change.

According to our framework, once basic needs are met, individuals will benefit from promotion programs that foster opportunities for the development of capacities and

resources. Diverse authors have been stressing the value of promotion programs to prompt individual competence and sense of control as well as enhance social support (Albee, 1982; Krumer-Nevo, 2003; Maton, 2000; Nelson & Prilleltensky, 2010; Nelson, Lord et al., 2001; Trickett, Beehler et al., 2011). Our results confirm and add to those contributions framing promotion programs as contributing, together with the other types of programs, to social transformation. At the same time, we challenge Tseng et al.'s (2002) conception of promotion efforts as having by themselves the potential to subvert unsuitable systems, creating system-level transformation.

In reviewing co-construction programs, the concept of participation emerged as key, connected with a focus on collective dimensions, horizontal dynamics, the development of a sense of belonging and willingness to contribute and give-back. This articulation complements prior findings which indicated that programs encouraging participation, horizontal structures and shared leadership promote a willingness of members to share know-how and to change (Cornwell & Gaventa, 2001; Evans, 2012a; Ford, 2007; Foster-Fishman et al., 2013; Foster-Fishman et al., 2009; Nelson, Lord et al., 2001; Nelson Prilleltensky et al., 2001; Nelson & Prilleltensky, 2010; Trickett, Beehler et al., 2011; Zimmerman, 2000). Participatory action research seems to fit the definition of a co-construction initiative, since it emphasizes collective interrelatedness and intends to generate opportunities to contribute for those who have little influence in society (Fine, 2006; Maton, 2000; Morkel, 2011). In this way, we can see the typology of programs presented in this article as providing a common structure for programs with diverse natures, where useful guide-lines for practice can be extracted, where synergies between programs that were considered disconnected can be found and where experience from the field can be continually incorporated.

Social transformation programs are the programs that foster the highest levels of reciprocity. Members involved in social transformation programs are especially driven to develop their sense of worthiness and meaning in living, as they collaborate together to build



preferred and just societal cultures. These programs predominantly assume a collective and long-term focus, but at the same time, they are the type that most integrates individual/collective, micro/macro, short/long-term dimensions in its nature. This grounded model is congruent with much prior literature on social change initiatives which, similarly, envision a just society, target the causes of social problems that lie at the social structure level, rely on multiple-level actions, ranging from the individual to the societal and combine bottom-up and top-down strategies, aiming to affect social, political and economic sectors (Foster-Fishman et al., 2007; Kelly et al., 2000; Maton, 2000; Nelson & Prilleltensky, 2010; Minich et al., 2006). The infinity symbol in our framework expresses reality's nonlinearity and complexity, that social transformation programs are challenged to embrace. At the same time, it suggests the need for continuous development and change, questioning societal conventions and searching for new paradigms capable of fitting new social challenges, in order to keep enhancing individual, relational and collective well-being. Similarly, Peirson et al. (2011) ecologic process model depicts systems change as a complex, nonlinear and multifaceted process. The social change literature more broadly has also been stressing the importance of contesting preconceived interpretations about social phenomena and suggesting alternative perspectives (Lehrner & Allen, 2008; Allen et al., 2007). Throughout this research we noticed that social transformation programs seem to be the least implemented and explored. These programs seem to be of extreme importance for individuals, communities and society to keep addressing its citizens' individual and collective hopes.

### **Conclusion**

Building reciprocity was found to be the central process within and between interacting systems and programs. Reciprocity presents as a key determinant for the success of programs, providing impetus to improve practice and achieve positive change. Instead of targeting autonomy, successful programs enact reciprocal and organic interconnection, fostering a civic sense. A limitation of this study is that it represents a small and non-

representative sample, and therefore does not allow us to infer the distribution of types of programs in each country. In addition, due to the sample size and its geographic dispersion, it was not possible to involve all the participants in equal measure in the investigation process. Future in-depth investigations are needed to understand how, specifically, the commonalities and differences encountered across programs we studied are influenced by the nature of the programs themselves and by the cultural contexts where the programs are located. It would be pertinent to explore the distribution of programs by type in each country and to connect that analysis with a macro study of populations' needs and goals, to understand if there is correspondence between reported needs and existent service delivery. Finally, the centrality and significance of the process of *building reciprocity* uncovered in this study indicates the importance of examining the factors that can foster this process at individual and collective, as well as informal and formal systemic levels. We hope that our framework will offer a perspective on and a way of better understanding programs across the continuum, which aims to support the full development of individuals, families and communities.



### *Fio condutor (III)*

Os dois artigos que acabámos de apresentar resultam de uma extensa e complexa análise de *Grounded Theory*. Ainda que os resultados possam falar por si, revelar os processos que permitiram a sua emergência e articulação abre espaço a uma leitura enraizada, mais complexa e transparente. O artigo que se segue traz à luz os processos de análise e de decisão que foram implementados, articulando rigor e sistematização, com adaptação e criatividade. Contamos assim a história da integração das linhas – de apresentação dos resultados – com as entrelinhas – os processos que estiveram na sua origem. Nesta narração, o valor da metodologia, os passos que permitem respeitar e emergir a sabedoria dos participantes e o papel da reflexão conjunta e da mentoria são realçados. Ao trazer para o campo da discussão científica a reflexão crítica e a experiência dos investigadores, pretendemos contribuir para potenciar a comunicação sobre os desafios, aprendizagens e inovação no *modo de fazer Grounded Theory*.

### Abstract

In this article, we reflect on and illustrate with concrete examples the various systematic and creative steps taken along the process of doing a Grounded Theory (GT). This process led to the emergence of a theoretical framework centered on *building reciprocity* as a way of collaborating with socio-economically disadvantaged communities and a means for facilitating poverty reduction initiatives. This article aims to present the systematic processes of analysis that lie behind the theoretical framework and to reflect about the lessons learned along the path to creating a Grounded Theory. In this way, the emergence of the theoretical framework is examined along the different inductive and analytic steps and the interrelation between concepts is discussed. Theoretical sensitivity, pacing, sampling, coding, memoing and sorting in this research are illustrated and brought to light.

**Key words:** Grounded Theory process, building reciprocity, socio-economically disadvantaged communities, poverty, theoretical framework.

---

<sup>10</sup> **ARTIGO 3:** Minas, M., Anglin, J. P. & Ribeiro, M. T. (in press). Building Reciprocity: The dialectic processes of creating a Grounded Theory and the emergence of a theoretical framework. *Qualitative Research in Psychology*. doi: [10.1080/14780887.2017.1392669](https://doi.org/10.1080/14780887.2017.1392669)  
<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14780887.2017.1392669?scroll=top&needAccess=true>

This article is a product of the collaboration of three authors, and the articulation between different roles. The first author, a candidate in the joint doctoral program in psychology at the University of Lisbon and the University of Coimbra, collected the data and assumed the overall operation of the research. The second author, an experienced GT researcher and Professor at the University of Victoria, Canada, became a mentor and co-adviser in this research. Our ongoing discussions and his helpful advice were fundamental pieces of the process. The third author is a Professor at the University of Lisbon and my adviser. If it was not for her expression of great trust and the freedom she granted me to explore my passions, I would not have been able to accomplish the purposes of this research. The article goes back and forth between *I* and *we*, indicating in this manner both the experience of the first author and the products of the plural discussions and collaboration.

### **Background of the Research**

In recent years, we have been assaulted by a series of economic crises that have been affecting multiple countries worldwide. With the economic crises come experiences of uncertainty and financial constraints, and anxiety fueled by daily and troubling media reports. As a result, concerns about poverty have been heightened and various efforts made to measure the impact of the crises, as well as to address them (European Commission, 2009; Oxfam, 2014). In addition, the number of organizations to support families and communities in poverty has been growing (Salamon et al., 2012; Sousa, n.d.).

Affected by this context and wishing to contribute to the creation of social justice and poverty reduction, we designed a research study to learn from existing social agencies, at national and international levels, that were successfully collaborating with socio-economically disadvantaged individuals, families and communities. As part of this research, we decided to utilize the classic Grounded Theory method (Holton, 2007) to develop a theoretical framework

which would help us to understand and potentially address the various types and levels of issues involved in collaborating with disadvantaged communities.

The focus of this article is to present and reflect on the particular processes involved in doing this GT study, from its inception until the emergence of the “Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework.” We seek to accomplish three different objectives: 1) to demonstrate the value of a GT study in this context; 2) to collect new insights and assess the lessons learned; and 3) to assist readers that are not acquainted with GT to understand the analytic steps that led to the emergence of the theory. By publishing an article that reveals the rigorous processes that led to the emergence of the theoretical framework, we seek to contribute to the expansion and recognition of GT. Thus, we will explain the practical and theoretical steps taken, illustrating how the fabric of the theory was woven and demonstrate how we kept track of the various threads of data and procedures, respecting the guidelines for doing GT, whilst attempting to use creativity to fit the context of the research.

This article assumes a shape that has affinity with a logbook. Its structure is inspired by Glaser’s book “Theoretical Sensitivity” (1978). The reflections about our research process will be aligned with some sections of this book (theoretical sampling, theoretical coding, theoretical memos and theoretical sorting). We conclude by reflecting about the insights and lessons learned along this process.

### **Initial steps – Picking up GT after starting a project using another method**

This research did not start as a GT study. The realization that GT would be the most suitable method to meet our purposes came later in the process. When we started planning the research I (the lead researcher) knew very little about GT, and I began by taking traditional research steps. I read some literature, mostly on systemic clinical psychology related to working with families in poverty, with the goal of checking which of the research questions were most relevant and had not been adequately explored previously. Even though I gained a

sense of what was being published in the clinical psychology field about socio-economically disadvantaged families, what kept driving me was the curiosity about what had not been analyzed and published up until that time. I realized the experiential know-how of disadvantaged individuals, families and communities was barely present in the psychological literature.

The research process presented in this article encompasses what began as two studies. The first study took place in Portugal, involving 11 Sessions with Appreciative Audiences (Madsen, 2007, p. 180), where individuals from different socio-economic backgrounds shared their life experience and listened to each other's appreciative feedback. The second study involved site and/or participant observation of 15 community-based programs recognized as best-practices in the collaboration with socio-economically disadvantaged communities in Canada, United States, Mexico, Colombia, Brazil, Portugal, Spain, Poland and Norway. Minas, Ribeiro et al. (in press) present a detailed description of the purposes and procedures of both studies.

We embraced GT when we were already into the data gathering process, trusting Glaser's (1998) words "partial doing is a start and better than not doing at all" (p. 4). At that point, I met the second author of this article, who is experienced and passionate about GT. He became my GT mentor. From then on, we fully embraced the GT approach and its "trust in emergence" (Glaser, 1978; 1992; 1998).

### **Theoretical Sampling**

Before deciding to do a GT, we developed seven sessions of the first study and visited four community-based programs in North America. Even though these steps were taken before adopting the GT methodology we decided to include such sources of data in the analysis. We were confident that the GT approach would allow us to encompass the diversity and richness of the collected data in an integrative theoretical framework, without having to



present it in segmented pieces. After adopting GT, data collection started to be oriented by what was inductively emerging as relevant in the analysis and we began to concurrently collect and analyze data. Afterwards, eleven sessions took place in Portugal (first study) and fifteen community-based programs were visited. In these sessions, 28 participants (22 women, 6 men, mean age = 43,54 years, age range: 15–67 years) were engaged. In the programs involved in the second study, data were collected through participant observation, informal conversations, semi-structured interviews and focus groups, with participants and professionals (62 women, 29 men, mean age = 34,7 years, age range: 12–63 years).

Data collection and analysis took place through various steps as we show in Table 1.

Table 1. Theoretical sampling process: Timeline, locations and activities

<b>Timeline</b>	<b>Location</b>	<b>Activities</b>
January – April, 2012	Portugal	7 sessions, tentative content analysis
April – July, 2012	Canada, United States, Mexico	Data collection in 4 programs, transcribed recorded data
July – October, 2012	Portugal	GT was adopted, analyzed (open-coding) previously collected data
October, 2012	Portugal	GT mentorship begins
October – December, 2012	Brazil, Colombia	Concurrently collected and analyzed data (open-coding) from 4 programs
January – February, 2013	Portugal	Analyzed (open-coding) and prepared next theoretical sampling stage
February – April, 2013	Colombia, United States	Collected and analyzed data (selective coding)
April – September, 2013	Portugal	Visited 4 programs, undertook theoretical sorting, began writing-up and the theoretical framework emerged
November, 2013 – January, 2014	Brazil	Returned to a program to test the emerging theory and to write
January – April, 2014	Thailand, Prague, Poland, Norway, Portugal	Visited 3 programs to get in depth understanding of the main categories in the theory and presented the theoretical framework in 4 conferences
April – August, 2014	Portugal	Continued writing
August – December, 2014	Brazil, Thailand	Continued writing and sharing the theoretical framework in conferences, with communities and social programs.

Using the theoretical sampling approach provided a grass-roots compass, which indicated which leads to follow. By concurrently collecting and analyzing data, codes and ideas

began to be generated and connected. The GT method generated a sense of congruence, allowing to perspective the research as a whole systematic, flexible, integrated and an on-going process. At the same time, the flexibility to return to the field, when appropriate, and to check the relevance and fit of the emerging theory with the participants who were informants in the first place provided the analysis with more completeness and robustness. In the field, it was possible to simultaneously implement various research processes: participating and observing, taking field notes, analyzing, discussing/deepening ideas with participants and writing. This allowed the research to be nurtured by a complex cycle of interacting data, feedback and ideas. In accordance with Glaser's observations, the analysis would always relate directly to the data, checking in with various elements of data as the theoretical analysis and framework were emerging. Through theoretical sampling, we identified programs with characteristics needing deeper analysis. We followed the recommendations of Glaser (1978) to change settings and diversify the data collection in order to access multiple perspectives and facets and, in our case, across different continents.

### **Theoretical Coding**

I began by doing open coding as indicated by Glaser and Strauss (1967), Glaser (1978; 1998) and Charmaz (2006). To do that, I inserted each transcription and the field notes into one table and added two columns on the right. Then, I began doing line-by-line and sometimes word-by-word coding (second row). After doing line-by-line in one segment of data, I would move to focused coding. This way, I would note in the third row fewer codes, subsuming the constructs and patterns of the line-by-line coding (see Figure 1).

17-05-2012	<u>Line-by-line</u>	<u>Focused</u>
MM: How would you describe the program?		
P: How would I describe Middle Class Express? Amm, I describe middle class express as being very, very helpful, amm, in all aspects of my life. And I mean that to say it has educated me in things that I didn't have so much knowledge and also helps me to get coaching to the things I had set goals for. Amm, and another thing that Middle Class help me, it helps me to provide better education to my 17 years old and it helps me to have better education also for my 6 years old. Amm, by doing things like for... the 17 years old, she is kind a... she can come in and see some of the sessions that I come too, because she is getting older now, so it only don't just benefit me but it benefits my whole entire family. And for my 6 years old who's very active, they have other things, and they help in areas such as camp, what I do go to meetings he can go to a place called marbles and play and no cost for me. Which that's the big problem because, money it is a big issue right now, it's a great problem, and I recommend anybody to signing up for MCE.	Describing MCE Considering MCE very helpful Educating me Get coaching Setting goals Being helpful Educating the kids better  Daughter attending to the sessions with mom Benefiting the whole family  Other benefits  Facilitating participants lives Having financial constrains Recommending MCE	MCE description  Helpful Coaching Education Setting goals  Benefiting the whole family   Having economic hardships

Figure 1. Example of open coding

Later, I copied the content of the third row (which contained the categories generated by focused coding) and pasted it on a new document. Then I highlighted the codes with different colors, according to the emergent patterns and connections, reorganizing the codes by colors and giving each one a title. This stage was fueled by the constant comparison method and favored the emergence of patterns. After all these steps, I drew an all-encompassing diagram, indicating apparent connections between the emergent codes. I applied this process to more than 20 interviews and field notes, which took about one month of work. After going through this process, I did one summarizing diagram of the first study and another of the second study. Then, I compared the two diagrams, checking for similarities and differences, and this helped confirm that both parts of the research complemented each other and were revealing common patterns. Finally, I made one general diagram, which seemed to condense most of the core processes that were observed and expressed in the field. This diagram was the first outline of the theory, from which we were able to find leads to follow in the data collection. It depicted barriers to well-being (e.g. social isolation, economic hardship, dependence, hopelessness, depression, passivity, prejudices), interactional dynamics (e.g. listening, encouraging participation, showing trust, focusing goals) that affected individual processes (e.g. self-confidence, motivation, accountability, sense of belonging,

action/proactivity – civic engagement, participation) and signs of well-being (e.g. social integration, economic stability, social contribution, confidence, satisfaction).

It was when I was back in the field – this time in Brazil – that the notion of *building reciprocity* emerged, showing great power to encompass the most relevant categories of this research. Even though all three of us recognized its importance, there were several other categories competing for a central place in the theory, including *developing a sense of agency*, *wanting to contribute* and *finding a sense of meaning in living*. Finding the core category was not a linear and quick process. It was through intense constant comparison – going back and forth between incidents, observations, writing memos and coding. With the help of Glaser's criteria for testing the core category (Glaser, 1978) and also thanks to discussions with my advisors, *building reciprocity* gradually earned its place into the theory as the core category. Since the core category is a key element of a GT, we will illustrate through one incident and one memo the process of its emergence in this research.

“For instance, you, as a professional, want to give. How much are you willing to give? And are you only expecting to give? Community members would also like to know if you want to receive. There are too many times where you just give, because [you think] ‘I have everything, I have all the knowledge... But I don't want them to know what I need, what I would like to receive’. That way no interaction occurs. There is no exchange, there is no trust. We put on ourselves limits, we build gates...” [Laudes Infantis community leader – Colombia]

The importance of contributing: (...) Each person tries to participate in social exchanges to feel part of a community network – an important and visible part. To be is to be in community and to be in community involves reciprocity. Being only a “receptor” leads a person to feel passive and unworthy, a burden for the community and the society. (...) When individuals realize they are resourceful and they can become resources to

others their confidence is strengthened and they find willingness to participate more and more in the social arena. [Memo – September 4<sup>th</sup>, 2012]

After accepting *building reciprocity* as the core category, I tried to keep open, as I started doing selective coding and later sorting, aiming to maintain sensitivity in case another category emerged as more encompassing and proved to have more explanatory power.

Selective coding, again, showed the efficacy of GT methodology. Once the core category was identified there was no need to scan all the data with the same depth of analysis, which saved a lot of time and energy. Exploring the process of *building reciprocity* became the main drive of the analysis and data collection. I revisited prior incidents and kept collecting data, in order to understanding the process of *building reciprocity* – its properties, characteristics – and how it connected with other relevant categories, articulating the whole theory. Continually revisiting prior incidents proved to be very helpful, even at the writing stage, since it allowed to check emergence and to go deeper in understanding and articulating the main categories of the research. As Glaser (1978) affirms “it is important to constantly refit the categories to the data as the research proceeds to be sure they do fit all the data they purport to indicate” (p. 4).

### **Theoretical Memos**

According to Glaser’s (1978) instructions, when some idea occurred I would pause the exercise I was engaged in and write a memo. Memoing allowed to freely store ideas, write at a more theoretical level, elevating the descriptions and incidents to a conceptual level, and to register emerging connections between categories. Memos were written since the first contact with organizations to ask for their collaboration and they kept being produced during the writing-up stage. After writing a memo I would indicate the date and choose a title that encompassed it. I would also note at the bottom which incident triggered it. Then I would read the memo and highlight the categories that had been interconnected. To ensure that memos

were rooted in grounded experience, I kept comparing and checking the memos against incidents and new collected data, so, when I realized some ideas were not grounded, I would discard them.

Next, we illustrate aspects of our theory development using some memos written during the research process.

23-07-2012: "I am not alone"

Going through difficulties – listening – finding identification – not being alone – valuing and acknowledging hazards – accepting influence/learning with – new perspectives/thinking in a different manner –reciprocity

After doing line-by-line and focused coding in the first two interviews I noticed there are similar processes occurring in the sessions and in the programs (such as the importance of identification, not feeling alone, finding hope and realizing the capacity to help others). I realized also that there are similar factors that contribute to participants' satisfaction (to be heard and not being "only a participant").

08-03-2013: Encouraging participation and building reciprocity

To build reciprocity two parts need to be involved in a participative process (sharing know-how and information, being partners). Participation is then fundamental for building reciprocity. If one of the parties is denied the possibility to participate then the development of reciprocity is also constrained.

12-03-2013: Depression and inferiority

I am noticing that when people feel depressed they express "feeling down". Is it possible that relationships "let people down"? Is it possible that the person who is feeling down, feels also inferior and incapable of interacting with others as equals? On the contrary, when a person feels cheerful, he/she feels "up", then he/she looks at others as equals, on a leveled basis, feeling empowered.

In parallel with memoing, drawing diagrams was found to be very useful. They allowed to interconnect various categories in one page and to be aware of the emerging big picture. Interconnecting the generation of memos and diagrams potentiated the best of both strategies, preserving ideas in distinct formats and fashions.

### **Theoretical Sorting**

When I started sensing that selective coding, data collection and memos were not bringing novelty to the analysis, feeling as if I were beginning to spin in circles, I believed I was reaching the saturation point. Then, I considered it was time to start sorting, trusting it would help me find the theoretical codes that would integrate the whole theory. According to Glaser (2005), the sorting stage is a “by hand activity” (p. 35). So, I began by printing the whole memo bank (at that time I had 335 memos – which later grew to over 500 memos). After that, I made piles of topics (according to the title). I started by sorting the piles that were most connected to the core-category and left aside the piles that did not appear relevant. Glaser (1978, 1998, 2005) argues sorting fosters the researcher’s ideation and capacity to think in theoretical coding terms. This stage was, in fact, full of ideas, connections and new insights.

As Glaser (1978, p. 118) affirms, sorting has a tremendous corrective function – to modify, reintegrate, proportionate and verify the codes, basic social processes and the theoretical integration. By doing multiple sorting, the place of each category became clearer and clearer. After reaching a sense of the complex connections linking the whole theory together, my GT mentor suggested I put everything on the ground (the sorted outline and all the diagrams) and try to see what picture came to my mind, what outline emerged, synthesizing the essence of the theory in one chart/page. While looking at all the material developed along the whole GT analysis process, the main concepts and ideas emerged and were connected in a very novel and unexpected way – I was in the presence of the first draft of the theoretical framework.

After that, I was able to refine the framework by going back to the field and listening to participants' feedback, and also by presenting the findings at conferences. When the pieces were finally gaining sense by being put back together in the theoretical framework, Glaser's (1978) words gained life: "It takes time to transcend one's data with a theory, but it surely happens. And when it does happen the analyst feels transcended with excitement over the theoretical mastery of his data" (p. 6). After months of testing and refining the framework, it appeared much like it is displayed in Figure 2.

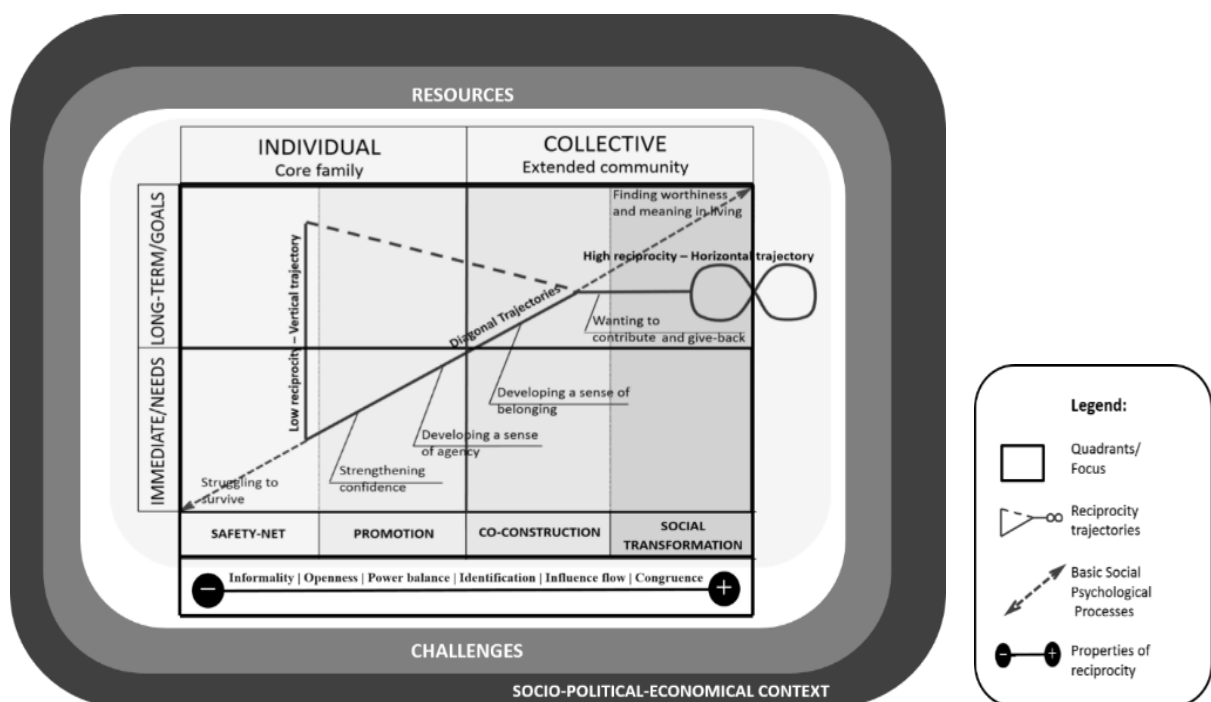


Figure 2. Reciprocity Dynamics' Theoretical Framework (Minas, Ribeiro et al., in press)

This framework subsumes the core concept of building reciprocity, articulating it with the major categories that were emergent in the analysis.

At the center of the framework three trajectories of reciprocity are depicted – vertical, diagonal and horizontal. Each trajectory involves a different type of relationship, which is moderated by the properties of reciprocity presented at the bottom. The vertical trajectory represents top-down relationships, which are predominantly unidirectional and asymmetric.



Individuals in the top of the line (e.g. professionals) hold resources, information and power, for which they tend to be recognized as experts. Individuals in the bottom of the line (e.g. socio-economic disadvantaged “users”) are seen as lacking resources to attain positive development and being in need of external help. In vertical trajectories individuals from upper positions and individuals from bottom positions engage in one-way relationships, where the former has the power to give guidance and support and the latter are expected to passively receive help and follow directions. In diagonal trajectories, the power differences are acknowledged and efforts are consciously made to balance such gap. This way, in order to reach collaboration and interconnection, individuals with greater power (e.g. professionals, mentors) – top line – depower themselves by being available to learn from individuals who have less power (e.g. participants from socio-economically disadvantaged backgrounds) – bottom line – and encouraging participation. Individuals in the bottom line actively define their own goals and share opinions in respect to their surrounding environment, progressively finding opportunities for giving and contributing. Horizontal trajectories are characterized by two-way, balanced relationships, where individuals from diverse backgrounds interchange resources and affection. In this trajectory all individuals interchange, both giving and receiving. High levels of reciprocity are evident in this trajectory, involving a great exchange of resources and the generation of novel solutions and paradigms, thanks to the diverse contributions. As reciprocity evolves to its higher levels (represented at the right edge of the framework) the properties (informality, openness, power balance, identification, influence flow and congruence) become more expressive. Four situational quadrants delineate the predominant focus that individuals and communities can assume, according to their socio-economical-political context. This way, for instance, individuals inhabiting the bottom-left quadrant (i.e. focused on individual and immediate needs) frequently experience being overwhelmed by challenges, being oriented by individual and core family needs, focused in the immediate time and space. In the top-right quadrant individuals find conditions to master their resources,

being able to focus long-term collective goals and to use their resources to contribute to the extended community. Six basic social processes – struggling to survive, strengthening confidence, developing a sense of agency, developing a sense of belonging, wanting to contribute and give-back, and finding a sense of worthiness and meaning in living – are developed as the dynamics of reciprocity progress. Finally, four types of programs are identified, by their strong connection and mutual influence with the trajectories of reciprocity: safety-net programs, promotion programs, co-construction programs and social transformation programs. See Author1, Author3 and Author2, 2017 for a richer presentation of the dynamics depicted on the framework.

It was after the framework emerged that I returned to reading literature. As suggested by my GT mentor, I would read “through the lens of the theoretical framework”, asking “what does the theoretical framework confirm, challenge or add to what is being presented?” This way, reading was guided by a clear purpose, becoming focused, pragmatic and exciting.

### **Discussion in relation to relevance, fit and workability**

In this section, we discuss and reflect about the relevance, fit and workability of the Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework, considering the linkages with prior literature and the ongoing feedback from diverse audiences.

The core concept of *building reciprocity* equips the research and practice on poverty reduction and well-being with a relational and holistic focus/frame. Building reciprocity results in both positive and holistic/inter-relational process, that leads individuals engaged in such process to greater development, satisfaction, relational quality and exchange of resources and information. This way, it takes away the burden from the shoulders of the individuals that are deprived from the access to optimal welfare conditions and puts the emphasis on the importance of exchange and connection to develop healthier and inclusive societies. Building

reciprocity seems to be an essential process, which brings to the fore the human characteristics that link individuals.

Poverty has been tackled fundamentally with a frame that tended to be mostly focused on individual deficits (Albee, 1969, 1986; Madsen, 2007; Rappaport, 1977; Waldegrave, 2005, 2009). In this way, efforts have been centered on easing individual crisis and ameliorating conditions, leaving neglected the causes that originally lead to poverty. Such an approach has led to progress at the conditions level, but, in parallel, it is feeding the *status quo*, respecting the vertical structure of the societies and their mainstream paradigms, which constrain the opportunities for the poor to achieve their goals of integration and worthiness, and for the society to benefit from the contribution, sense of belonging and connection of all its members (Brodsky & Cattaneo, 2013; Nelson & Prilleltensky, 2010). Interactions keep being predominantly influenced by the medical model, which poses that individuals who provide support are “experts” – holding information, resources and legitimacy to help, give instructions and prescriptions – and the individuals who need help are “users” or “patients” – being mostly expected to receive (Cornwell & Gaventa, 2000; Fraenkel, 2006; Freire, 1970; Henry & Breyfogle, 2006; Li & Julian, 2012; Rober & Seltzer, 2010). The concept of empowerment gained traction, being proposed as a step forward in relation to the giver/receiver paradox, since it recognized the capacity of deprived individuals of increasing their power and master their own lives. Nevertheless, the concept of empowerment keeps being rooted in a top-down unidirectional paradigm, where individuals with greater power are expected to promote the power of disadvantaged individuals (Gruber & Trickett, 1987; Lord & Hutchison, 1993). The community development literature has tended to adopt polarizing lenses: advantage and disadvantage, safety-net programs vs social transformation programs, which leads into fragmented approaches (Stout, 1996; Tacket et al., 2009). We believe the conceptual integration provided by our theoretical framework, and especially the focus on *building reciprocity* as central for the substantive area of poverty reduction, contributes a new and

more integrated focus (Author1, Author3 & Author2, 2017). *Building reciprocity* acknowledges the importance of recognizing the value of all individuals, acknowledging their knowledge and experience. Its two-way dynamics unleash the potential of individuals' creativity, diversity and capacity of exchange, leading to greater self-confidence, trust, interconnection, power balance and influence flow. This core concept contributes, then, to open space for new paradigms and lenses to be adopted in the socio-economic spheres that are marked by positive and integrative approaches of individuals and social structures.

We also found connections with other GT investigations. Christiansen, Scott and Soresen (2013) found that *damaging dependence* was the core category in a partial GT research study about poverty in Greenland. *Damaging dependence* is expressed in the form of subordination, meaninglessness and powerlessness. In the research of Christiansen et al. (2013) we found diverse dimensions that seem to be connected and encompassed by our framework. In the light of our framework, the sense of dependence is generated when vertical dynamics, involving very small degrees of reciprocity take place. This way, whilst one party assumes a superior position, retaining power, resources and information, exerting influence and giving, the other is relegated into an inferior and more vulnerable position, mostly receiving and needing to rely on the one with power to survive. Our framework goes further suggesting that by building reciprocity – moving towards diagonal dynamics where the ones that assumed inferior positions become empowered, whilst the ones who assumed superior positions have their power reduced, bidirectional and balanced relationships, where both give and receive, can be developed (see Figure 2). In parallel, Agoncillo and Borromeo (2013) present a theory of *becoming selfless*, concerning the substantive area of commitment to service of community education partners. They stress the process of going from being self-centered to selflessness, which happens when participants meaningfully feel part of a collective mission. Our framework finds many commonalities with this theory, as it includes the concepts of individual and collective focus and finding a sense of worthiness and meaning

in living as sub-processes. We highlight *building reciprocity* as the central process to move from being centered at an individual level to integrate a collective dimension, based on increasingly horizontal dynamics. Interestingly, we also found connections with the theory of *cultivating relationships* in service-provision, as discovered by Glaser (1993) in his study of the service provided by milk-men. His research stressed the power asymmetry involved in the beginning of service-customer relationships, which involved the control and power of one party towards the other, and showed that cultivating relationships was a central process to generate balance of power and enhance symmetry. In our research on poverty reduction, the root of the problem expressed by the participants was, similarly, the lack of balance in relationships that implied as consequence that some individuals – in our research the ones struggling with poverty – were not being able to exercise influence and impact over others, relying only on being affected and receiving. We also found connections between our framework and the research developed by Glaser (1993) about the integration between scientist and supervisor, which highlighted a three-dimensional model, including the dimension of reciprocity in work, which was observed when competence in research was acknowledged. Our theoretical framework also stressed that for reciprocity to be built, resources and competences need to be mutually recognized and exchanged.

### **Feedback from presentations of the framework at conferences**

From the moment we started sharing the initial articulation of the theoretical framework, both the framework and the type of feedback received were transformed. In the beginning we would listen to many questions and suggestions to increase clarity, communication and articulation and as we reflected and included some of the suggestions and ideas that emerged during such interactions, the framework became more intuitive and familiar to audience members. The feedback started stressing identification, applicability potential, expression of gratefulness and generation of new ideas. Both research and

conference participants recognized the power of *building reciprocity* and its potential contribution to the field of poverty reduction and social justice, as well as potentially for other fields.

For example, a social policy doctoral student from Colombia, in the Social Protection and Poverty Reduction conference in Bangkok (March, 2014) expressed that the presentation made total sense to her. She could see the usefulness of the model to analyze which social policies would be needed for different groups of people and social programs, according to the social psychological processes and quadrants of the theoretical framework.

A nurse from the United Kingdom in the Pluralism, Inclusion and Citizenship conference in Prague (March, 2014) expressed appreciation as the theoretical framework caught the essence of the work she was developing with deaf children who experience being excluded.

Professionals from a program for homeless people in Valencia, Spain (March, 2014), agreed that the framework was very helpful and useful to them. As an example, they expressed that the theory shed light into a phenomenon they were overlooking –teams of participants are alternately responsible for serving breakfast to others. Most of them ask the staff if they can do it more often, because by giving they feel useful and worthy.

A refugee from Burma, in a refugee camp in Thailand (November, 2014) expressed that building reciprocity encouraged him and his friends to believe they can contribute to improving their communities. Community leaders in the same camp said that the theoretical framework displayed and acknowledged their situation and struggle. One leader considered *building reciprocity* a very important guideline, saying that they needed to build from inside, from the bottom, “with our own people”. He said they tend to request foreign trainers, because they consider the people living in the camp have less knowledge and are not so

capable. Such feedback has offered valuable data, allowing us to test the theory, refine the theoretical framework and open possibilities for further in-depth research.

As Glaser (1978) notes, the generative nature of GT can take the research beyond the substantive area being studied, shedding light from new perspectives and understandings on other theories (p. 38). For us, it has been surprising and gratifying to realize the outcomes of trusting in emergence – a theory showing applicability and connection with various areas.

## **Conclusion**

We conclude this paper by sharing our view and experience of doing this GT and reflecting about lessons learned along the process.

First author: GT gave me wings by being flexible, integrative and rooted on trust – trust in those sharing their lives with me, and trust in the emergence of a theory which would help to explain their experiences. The process of doing GT was experienced as a somewhat mysterious process, requiring a faith in emergence, whilst being conducted with systematic rigor. GT was in multiple ways generative of meaning. My general perspective in the beginning became both altered and actualized by the emerging substantive theory. When I started doing this research, I thought I was going to find out strategies to support families living in poverty. Soon the GT process showed me that this substantive area requires a more complex analysis, turning the focus into collective well-being and the analysis of how the different societal actors contribute to promote or constrain it.

When the theoretical articulation started to emerge, I found it full of meaning. It made me wonder about how my own stance and daily attitudes contributed to or constrained reciprocity and connection. I would wonder what motivated me to hold or to exchange power, information, and resources. This questioning helped me to go deeper both in analysis and in my awareness about my social role, attitudes and life purpose. The words of my GT mentor seemed to gain life: “be so immersed in your data that you become your data!” Along this

journey I learned that it is fundamental to work in collaboration with participants, honoring their expressions, sharing insights and continually integrating their feedback – all of which contributes to developing a congruent GT. The collaboration with my advisors was fundamental to find the theoretical framework and to achieve theoretical completion. These outcomes reflect our team work. The trust and stimulus I got from them allowed me to expand my skills and creativity, and their openness opened space for building reciprocity within the research process itself. I experienced working in collaboration as extremely helpful in making the implicit explicit, overcoming impasses and coming to enjoy the process, since it could be continuously shared and enriched by the exchanges.

Second author: When Maria (the first author) first explained her proposed study to me, I was astounded by the complexity of her vision (encompassing many countries, languages and cultures within a single research project) and the ambitiousness of her commitment. And I thought to myself: “well, she is certainly bright enough and deeply passionate, perhaps she can do it!” Walking alongside her as she pursued this epic intercontinental GT journey was both a pleasure and a reaffirmation of the power of the classic GT method, rigorously applied by a competent researcher. As a mentor, it is relatively easy to ask the probing questions; it is far more challenging for the novice grounded theorist to have to answer them.

I am a strong believer in drawing back the veil that so often obscures the messy and troubling realities of the research process, thus revealing to others the “dirty laundry” as well as the “shining raiments” which result. Maria’s commitment to social justice for communities and families, and to honesty and transparency in research shine through in her work and in her writings. Maria – you did it!

Third author: Following and sharing this research project with this team was a fabulous learning process and an amazing personal experience. The development of the framework for building reciprocity, through the classic GT method, allowed the emergence of integrated



contributions to improve social justice for individuals, families and communities, rooted on the research participants' perspectives, experiences and accounts.

Finally, as possibilities for further research, we suggest: 1) understanding the applicability and usefulness of the dynamics of the reciprocity theoretical framework for policy-making and for diverse contexts of practice, such as education, health, international cooperation, etc.; 2) creating a formal theory on *building reciprocity*.



# Parte 3

Análise Microscópica

---

## CAPÍTULO IV. Rede Primária

## *Fio condutor (IV)*

Na sequência do olhar macro sobre os processos subjacentes aos estudos 1 e 2, este artigo verte-se sobre os processos específicos do primeiro estudo, identificados através de uma análise temática. Procurou-se compreender que processos relacionais eram gerados numa sessão onde pessoas de contextos socioeconómicos diferentes, pertencentes à mesma área geográfica, se davam a conhecer, através da metodologia Equipas Reflexivas com Audiências Apreciativas (Madsen, 2007). Os processos identificados permitem compreender alguns dos fatores facilitadores de conexão, satisfação mútua e balanço de poder.

### Abstract

Individuals from different socio-economic backgrounds live close to each other and inhabit common spaces of the social sphere, nevertheless they tend to maintain distant and uneven relationships. Aiming to understand which factors contribute to generate connection between individuals from different socio-cultural backgrounds, a witnessing practice – reflecting team with appreciative audiences (Madsen, 2007) – was adopted as a method for data collection. In the session, individuals struggling with poverty (tellers) and individuals who were not struggling with poverty (audience), living in the same geographic area were involved. The interactions and outcomes generated during such encounters were analyzed. Three months later, participants took part in an individual interview, which allowed the researchers to understand how and to what degree the session affected the participants. *Lowering defensiveness, finding identification and influence flow* were identified as processes that contributed to participants' satisfaction, sense of connection, balance of power and consequent enriched perspectives about themselves and others. These processes and outcomes are presented in detail and implications for future research and practice are discussed.

**Key words:** poverty, witnessing practices, appreciative audiences, socio-cultural background, reflecting team.

---

<sup>11</sup> **ARTIGO 4:** Minas, M., Ribeiro, M. T. & Anglin, J. P. (2017). Reflecting-team with appreciative audiences: Bringing together families from different socio-economic backgrounds. (Manuscript revised and re-submitted to the Journal of Systemic Therapies)

This article presents and explores the first of three studies integrated in a research on poverty reduction and collective well-being. In the first study, participants from different socio-economic backgrounds were invited to participate in a session of reflecting team with appreciative audiences as outlined in Madsen (2007). The reflecting team methodology and the notion of appreciative inquiry will be explored below.

The purpose of this study was to analyze which processes and outcomes are generated when participants from different socio-economic contexts are involved in such a session, examining its potential for promoting connection. The option for this methodology was supported in prior literature, which reported these sessions as empowering and beneficial for participants who were struggling with isolation and other hazards (Carrey & Russell, 2003; Madsen, 2007; White, 2007). We aimed that each step of the research process contributed to fostering well-being and connection, so this methodology was aligned with our purposes.

Even though prior literature has been focusing on the effects of these practices for participants who are struggling (playing the role of *tellers*, in the sessions) few reports analyze how the participants assuming the role of *audience* are impacted. We believe that this article will contribute to the current literature and practice by revealing the multiple processes, interactions and outcomes, involving all the participants. We will explore which factors fostered connection and satisfaction and analyze which aspects of the methodology contributed for the emergent findings. By sharing how we adapted and conducted the Sessions with Appreciative Audiences in this context, the applicability of the method may be expanded. We also believe this article can be inspirational, since it will retell a story about the surprising connection and identification generated in an environment that was marked by openness and trust.

We will start by presenting a literature review on the topics of connection and poverty, situating how narrative therapy and the collaborative approach have been trying to address

these questions. Next, a detailed description of the witnessing practices and appreciative audiences, including their history, principles and structure will be presented. After that we present the methodology and the findings, identifying the processes and outcomes generated during the session. In the discussion section, the findings will be integrated with prior literature. We conclude by inferring implications for future research.

### **Literature review**

Individuals depend on their relational context to enjoy well-being in all phases of life and to develop healthily (Knabb, Welsh, Alexander, 2012; Sluzki, 1996, 2010, Tutu, 2004). Connecting and forming relationships are key for an individual's achievement of personal meaning and sense of belonging and to the development of communities (Bruni, 2012; Melton, 2010). Diverse voices are emerging worldwide claiming democracy, social justice and human rights. Human nature seems to involve the need to participate, contribute and share ownership (Anderson, 2012). As a result, Melton (2010) argues that strengthening the sense of community should be a priority of our times.

Even though these aspects keep being recognized as extremely important for individual and social life, various studies show that a sense of community and trust between neighbors, as it was traditionally understood, is declining (McPherson et al., 2006; Melton, 2010). Melton (2010) claims that social poverty is proliferating. Independently of the socioeconomic background, isolation and lack of access to help are increasingly pervading peoples' lives. In consequence, rates of anxiety and depression are growing. At the same time, an expanded sense of invisibility and uncertainty about ones' own existence is permeating the lives of people living in isolation (White, 2007). Research has shown that weak or inaccessible social networks are usually associated with poor health and recovery as well as with higher mortality (Sluzki, 2010).



The ways of social relating are under exponential transformation. With the internet and the advances in technology, especially in social media, possibilities for communication have been greatly expanded. Since online relationships were made possible, individuals no longer need to go to a café to connect. Communication mediated by computer reinforces stay-at-home connectivity, anchoring people to their desk or couch. Such advances have undeniably opened new opportunities for encounters and information exchange, at the same time introducing new challenges (Wellman, 2005). A research study undertaken by Melton (2010) in South Carolina, shows that, in the last several decades, transformations toward greater isolation, distrust and less involvement in civic and community life have been taking place. Accordingly, a survey that collected data in 1985 and 2004 in the United States, McPherson et al. (2006) identified a significant drop in the size of face-to-face social networks. Nowadays, a considerable portion of the United States population mentions not having anybody to talk to about topics they consider important. At the community-level, face-to-face social networks are becoming smaller, denser, more homogenous and increasingly focused on the bonds of the nuclear family. Individuals are far less connected in-person now than they were 19 years ago (Sluzki, 2010). The situation in Portugal and Europe also presents challenges. A social report shows that there are 2.6 million Portuguese citizens at risk of social exclusion (Aguar, 2016). Further, a European study shows that 86% of Portuguese youth feel marginalized, due to the economic crisis. Half of the European participants involved in the study expressed feeling excluded in their own country because of the crisis (Porto Canal, 2016).

Extensive literature has been written on social exclusion, mainly focusing the persons that are left outside the mainstream society. According to Bitter, Robertson, Roig and Disqueact (2004), the dominant culture discriminates against individuals and communities that are not in conformity with the mainstream culture which pressures individuals from diverse cultural backgrounds to follow their rules and disconnect from their cultural heritage. Sen (2000) argues that a person becomes impoverished by not being able to take part in the life

and relationships of the community. In other hand, Madsen (2007) points to the fact that the presence of problems in people's lives tends to disconnect them from their social networks. The concept of social exclusion points to the experience of deprivation and inequality experienced by some individuals who see their participation, influence and integration reduced. The privileged side of society is undoubtedly connected with this phenomenon, however it lacks critical reflection. In fact, economically advantaged individuals enjoy more power, influence and opportunities for participation (Combs & Freedman, 2012; Tacket et al., 2009). Pérez (2007), in turn, claims that instead of talking of social exclusion – which fosters a segmented analysis of the social reality – we should face the disaffiliation and weakening of social bonds, including all social actors and the relationships between them in the analysis. A focus on connectedness could open possibilities for reflection, dropping victim-blaming approaches that contribute to constructing exclusion as a deficit and centering the discussion on a broader context of interactions. In fact, isolation threatens society as a whole with the loss of collective values and compromising solidarity (Tacket et al., 2009). In other words, disconnection diminishes human life (Bitter et al., 2004).

Family therapy has greatly contributed to the field of mental health by shifting the focus from individuals to interactions. More so, it opened the way to include a broader lens, expanding the analysis to macro social networks, encompassing the socio-cultural and economic contexts influencing the relationships between individuals (Madsen, 2007; Waldegrave, 2009). It was in the context of family therapy that the narrative approach found the space to be developed. Narrative practitioners consider that people's experiences are shaped by stories that are socially constructed. Individuals are conceived as being intertwined, participating in each other's stories. This way, each individual is both shaped by and shapes the perspectives and actions of others (Anderson, 1997, 2012; Combs & Freedman, 2012). Therefore, change started to be envisioned as a process resulting from a collaborative relationship, involving the combined expertise of all the individuals that are interacting

(Anderson, 1997). As a result, various authors became interested in developing narrative practice in community contexts (Combs & Freedman, 2012; Denborough, 2008; Rojano, 2004; White, 1999, 2007). St. George and Wulff (2006) emphasized the importance of preparing community-minded family therapists, capable of fostering both family and community level changes. In their view, collaborating with poor and marginalized families requires addressing such issues structurally, facing macro and more complex influences. Accordingly, Combs and Freedman (2012) suggest the notion of relational identity, affirming that narrative therapists should actively advocate for social justice, acknowledging and countering power imbalances. Denborough (2008), in turn, conceives each person as representing a social issue, so coping with a traumatic experience could be conceived as a way to respond to social concerns. Anderson (2012) also characterizes the collaborative approach as including a public dimension and a mutually transforming nature.

Reflecting teams resulted from a postmodern, constructivist approach to family therapy. This practice complements a traditional family therapy session, with a team of therapists that observe the interactions between the therapist and the family behind a one-way mirror and that, at some point in the session, meet the family to offer feedback that emphasizes strengths and generates multiple perspectives (Dawson, Lees, Sutherland, Kerr & Geurtsen, n.d.). In turn, Myerhoff (1982) developed the “definitional ceremonies” when she was working with a group of displaced elder Jews who experienced marginalization in Southern California. Definitional ceremonies consist of forums in which community members are invited to tell and retell their stories. In such forums, the elderly Jews reappear in the eyes of the community members who are invited to participate (White, 2007). Building from Tom Andersen’s (1987) initial reflecting teams configurations and inspired by the work of the anthropologist Barbara Myerhoff (1982; 1986), innovative practices, such as outsider witness (community members act as audience in a therapeutic conversation, to listen and acknowledge the stories of individuals in therapy) and remembering practices (a context for

individuals in therapy to revise and reorganize the views of the persons and the group of people that most matter to their lives), were developed in the field of narrative therapy (Carey & Russell, 2003; Madsen, 2007; Russell & Carey, 2002; White, 2007). White (1999, 2007) started exploring the combination of those practices, inviting people who previously consulted him to join his therapeutic work as outsider witnesses, that way contributing to the resolution of other people's concerns. He was concerned with the isolation in which some people lived, presenting low self-esteem and a sense of invisibility in their own eyes and in the eyes of others. Later, other authors such as Bitter et al. (2004), Madsen (2007), Carey and Russell (2003) and Denborough (2008) further developed this work. Madsen (2007) came to call such ceremonies "reflecting teams with appreciative audiences". For Bitter et al. (2004) the purpose of definitional ceremonies is to bring to light the life experiences of individuals that suffer discrimination. That way, audiences would be recruited depending on the needs and characteristics of the individuals who were the center of the ceremony (Bitter et al., 2004; Combs & Freedman, 2012; White, 2007). However, most reports on such practices largely overlook the effects that the participation in such ceremonies has for the witnessing audiences.

Witnessing practices have been reported as involving numerous benefits for participants. Myerhoff (1982, 1986) considers definitional ceremonies as a mean to tackle issues of invisibility and marginality, as they offer opportunities for participants to be seen and heard in their own terms. Through the acknowledgement of witnesses that otherwise would not be available, participants engage in formulating collective definitions that contribute to their sense of worthiness and meaning. This way, participants increasingly find resources to actively shape, define and conduct their own story. As with reflecting teams, definitional ceremonies allow multiple descriptions to be generated, particularly descriptions emphasizing strengths, helping individuals to find resources to cope with obstacles (Bitter et al., 2004; Dawson et al., n.d.). For Cooper (2011), such encounters work as sources of hope and

confirmation, showing participants how their life experiences could serve as reference, being inspirational for other individuals and communities. This way, outsider-witness practices counteract the isolating effects of problems and open opportunities for linking people through shared themes, purposes and values (Carey & Russell, 2003). Further, Madsen (2007) argues that these practices can be a powerful collaborative and organizational tool with important clinical, social and economic benefits.

The structure of the session with appreciative audiences is composed of four different stages. Along the way, participants alternate between the roles of tellers and audiences. In the first moment – the *telling* – participants starting as tellers are interviewed while the audience listens, without intervening. The facilitator asks questions eliciting the telling of significant life experiences, related to achievements or the surpassing of obstacles. In turn, the members of the audience listen and notice the resonances and details that catch their attention, from which they can learn or apply to their lives. Secondly, in the *retelling stage*, the researcher and the audience engage in a conversation, while the tellers listen without interrupting. At this point, the roles are shifted, so the ones that were previously listening have now space to express the echoes generated by what they were witnessing. Oriented by some probing questions asked by the facilitator, audiences recall what they heard, thought and felt while they were listening, grounding such feedback in their personal experience. For this and the subsequent stage, the facilitator asks questions related to: expressions that caught their attention, mental pictures evoked, how they were personally moved by the story and what they learned or would like to apply to their lives. In the third moment – the *retelling of the retelling* – the initial roles are assumed again, so the facilitator asks the teller(s) about the resonances and what they experienced while they were listening to the audience's feedback. In the closing stage of the session there are no longer rules for alternate telling and listening, so participants spontaneously talk and reflect about their experience along the various stages of the session (Leahy, O'Dwyer & Ryan, 2012; Madsen, 2007; White, 2007).

## Method

This article focuses on the first of three studies that were parts of a broader research project aimed at identifying strategies that contribute to poverty reduction and social connection. The overall research involved an in-depth Grounded Theory analysis (Charmaz, 2006; Glaser & Strauss, 1967, Glaser 1978, 1998; Strauss & Corbin, 1990) that led to the emergence of the Dynamics of Reciprocity's Theoretical Framework (see Minas, Ribeiro et al., in press).

The first study was driven by the purpose of understanding which interactional processes contribute to promote connection and to strengthen informal social networks. We intended to study the interaction between individuals from different socio-economic backgrounds who were not acquainted and that were involved in a specific organization (e.g. school, social program) and the geographic area of residence in common. The constructivist paradigm was adopted as a lens (Braun & Clarke, 2006). We aimed to build informal and trusting relationships with participants and to acknowledge their contribution in the research. We hoped to bring to life the ideas of St. George and Wulff (2006): “as we investigate collaborative work our research process itself becomes collaborative” (p. 82).

The participants collaborating with this study were individuals and families living in poverty (13 participants, 10 women, 3 men, mean age = 42,2 years, age range: 15–58 years) and individuals and families who didn't struggle with poverty (15 participants, 12 women, 3 men, median age = 45,2 years, age range: 22–67 years). Participants who were living in poverty were invited to assume the role of tellers in the session, while the participants who didn't struggle with poverty were invited to assume the role of audiences. Participants could attend the session individually or in the company of another member of their family (with age above 12). We were able to recruit two couples and three groups of parents and sons. All participants were Portuguese speaking.

To analyze the specific processes and data gathered by this study, we used qualitative thematic analysis following on the approach of Braun and Clarke (2006), using N-vivo 10 software. This method was chosen because it is a flexible method for identifying, analyzing and reporting patterns and key features in the data. We believed it would allow us to develop a rich account of the data, respecting the collaborative principles we set for this research. We transcribed the data immediately after the sessions and noted initial ideas. Then we used N-vivo to start analyzing and generating initial codes, connecting them with relevant incidents. Following the method of Braun and Clarke (2006), we undertook a bottom-up, mostly inductive analysis, since the codes that were identified were linked with the data and were not extracted from a preexisting theoretical frame. Following this, we started identifying and organizing the codes into themes. Then we reviewed the themes, checking if they corresponded with the data incidents and all the sources of data, drawing a thematic map of the analysis. Finally, as we were finalizing the writing up of our findings, we worked on a clear definition of each theme.

As to the implementation process of this study, we started by doing a review of the literature referring to witnessing and dialogic practices to understand the different stages and details involved in implementing the Sessions with Appreciative Audiences. Two Master's students became collaborators in this research, serving as co-facilitators of the sessions. To clarify some ethical issues respecting confidentiality, we asked for recommendations from specialists by e-mail and received helpful responses from William Madsen and Harlene Anderson (personal communication, December, 2011). Following their advice, the various materials needed for the pre-session meetings and Sessions with Appreciative Audiences (informed consents, letters for establishing first contact with participants, questions to guide the session, etc.) and a pilot session were prepared. The participants in the pilot session were friends of the first author (a married couple, girl – 29, boy – 30 years old) and of one of the Master's collaborators (a boy, 23 years old), who didn't know each other. We informed the

participants about the purposes of their collaboration and they gave us their informed consent. The session covered all stages of the methodology and lasted two hours. Both participants and researchers found the experience very fulfilling and moving, and thanks to the positive feedback and advice, we felt confident to proceed.

The following stage involved identifying non-governmental organizations (NGOs) in the district of Lisbon (Portugal), which were sited in mixed income areas, and contacting them to present the project and request a meeting. Seven organizations agreed to collaborate with the research by contacting and referring some of their members (clients, volunteers and professionals). We counted on their collaboration and professional experience to help us find the participants for the study, both those who were struggling with poverty and those who were not. The two organizations we contacted first couldn't find any clients interested in participating in the session, since the individuals living in poverty who were contacted showed an interest to meet the researchers but not the audiences. At that time, our strategy was to share with professionals the goals for the session and ask them to select the participants and establish the first contact, inviting them to participate. We asked those organizations for feedback on what generated individuals' reluctance to talk in the presence of other elements of the community. We also met one of the participants who was only willing to talk with the researchers and listened directly to his reasons. All of them pointed to the distrust they felt in respect to other community members and wanting to avoid being looked on as weak. After that, we understood that the focus of our research – which was, at that point, centered on the families struggling with poverty – should be shifted towards a more collective purpose, as building community strength and connection. We also learned to assume a simpler and more strengths-based communication and we decided to start inviting participants without resorting to the support of professionals as intermediates. From then on, professionals would only ask participants if they agreed to be contacted by the researchers and, after a first meeting



between researchers and potential participants, all showed willingness and motivation to participate in the session.

The first meeting took place with each participant or family and served to inform the participants about the purposes and structure of the session with appreciative audiences, to invite them to collaborate and to establish a trusting relationship. Participants would then read and sign an informed consent form. In the case of the audiences, after the first meeting, another encounter would be scheduled to brief them about their role. In that briefing, the guidelines for the session that are suggested in the literature were presented and discussed, being followed by a role-play where participants participated and experienced a demonstration of the session. In the end, aspects of the experience and ideas to keep in mind for the success of the session were shared.

The next step was the implementation of the sessions. Sessions took place in a room assigned by the NGO and lasted approximately two hours. That was the first moment when the tellers and audiences met. The session involved different stages (according to the guidelines suggested by prior literature, as presented above) and evolved from a more formal and structured approach towards a more informal environment: 1) Introduction (10 minutes) – each participant and the researchers introduced themselves. Then goals, rules and the structure of the session were revised and confidentiality issues were discussed; 2) Telling (40 minutes) – questions pointing to strengths and achievements as “When you think about your family, what makes you feel most proud?” or “Think about a difficult time that you have been able to overcome. How did you overcome it?” were answered by the tellers; 3) Retelling (20 minutes) – the audience responded to questions such as “What most caught your attention?”, “From what you heard, what would you like to apply to your life?”; 4) Retelling of the retelling (10 minutes) – the tellers reflected about “How was the experience of hearing the audience’s feedback?”, “What made you think about your life?”; 5) Closing comments and informal time

(30-40 minutes) – participants gave feedback about the structure and quality of the session and then engaged in informal conversation, accompanied by a snack (some cookies and juice).

After three months, individual or family follow-up meetings took place to assess the impact of the session and to discuss the emerging findings with participants.

For to the purposes of this article, only the stages 3 (retelling), 4 (retelling of the retelling) and 5 (closing comments) – which concerned the interaction and impressions individuals made on each other – are included in the analysis and will be sequentially reflected in the findings.

### **Findings**

The findings are presented in two parts: 1) identification of the most relevant processes from the sessions; 2) characterization of the outcomes of the sessions. To acknowledge the richness of participants' perspectives and to support the findings, some of the participants' vivid accounts are presented. Categories resulting from qualitative analysis are followed by a number in brackets, indicating the number of participants coded in that category and discriminating the sources by T (tellers) and A (audiences), e.g.  $n = 15 \mid T - 10; A - 5$ . Additionally, participants' quotes are identified by 1) Source (Session or Follow-up Interview) and number of the session (e.g. S1 or FI4); 2) The role of the participant – letter T for teller or A for audience; 3) The sex of the participant – letter W for woman or M for man; and a number representing age of participant. As an example; the identifier "FI4|T|W55" indicates a quote by a 55-year old female, who participated as a teller in a follow-up interview, concerning the session 4.

One of the processes that emerged as most relevant was *lowering defensiveness* ( $n = 18$ ). Both tellers and audience members revealed deep openness and trust in each other and with the researchers, expressing emotions and intimate facts about their lives to people they didn't know before. Tellers were the first to share their story and they did it in a very

transparent manner – “I don’t usually speak much, I’m kind of shy. I felt really at ease with you. It’s when I feel good and at ease with people that I let them get close to me and I get close to them.” [S3|T|W|48]. The audience members responded by sharing delicate facts about their lives and showing vulnerability.

“This experience has been very particular to me. I am not naturally a person for sharing feelings (...) I tend to be reserved, closed and conceptual in what concerns relationships. This [approach] put my guard down, it gets me out of a defensive mode, and we talk, and we feel and eventually we shed a little drop... and our voice becomes like this [shaking], which is something I try hard to control. And this experience gets us more at ease, and that is good...” [S5|A|M|42]

Another strongly relevant process was *finding identification* (n= 21 | T – 7; A – 14). The attention of both tellers and audience members was caught by similarities concerning their life experiences and aspects they found they had in common. Even though the life-experiences that participants shared were rich in details and singularities, this was one of the processes that most intrigued them. As an audience member reflects: “There are so many similarities... I identified myself with your life course, with your way of being... Even though the situations are different, the ‘essence’ is so similar that we both assume the same approaches to deal with them.” [S2|A|W|48]. On the other hand, a teller observes: “It is a coincidence that she has so many things identical to me [laughs]. Even the fact that she is raising her son by herself. Nevertheless, she has only one son and I have two...” [S7|T|W|56].

*Influence flow* (n=24 | T – 9; A – 15) – the interchange between influencing and being affected, listening and sharing, teaching and learning – assumed a powerful presence during the sessions. As a participant expresses: “it was the conversation in itself, the exchange of impressions... She talked about her life, I talked about mine. Nobody judged anybody, each one learned from what the other said. It was all very good.” [S5|T|W|40]. This process was

characterized by two sub-processes: *Being affected* (n=17 | T – 5; A – 12) and *influencing* (n=9 | T – 5; A – 4). Audiences most recognized *being affected* by the other participants, acknowledging how their own perspectives and emotions were moved by listening to tellers. Further, the most relevant dynamics were a) *showing admiration* – recognizing the other as a positive reference (n=9 | T – 1; A – 8) – “I kept thinking she is a great woman, because of what she did; many people couldn’t, maybe I wouldn’t be able to do it. That touched me.” [S9|A|W|44] | “She is wonderful, a wonderful woman (...) she is an example to me (...) She shines to her son, to her husband and colleagues. She is the colleague I wish I could have.” [S5|A|W|42], b) *expressing vulnerability* – sharing weaknesses and concerns (n=9 | A – 9) – “I don’t have practically any family. (...) I mean, all this unity and communion he has with his wife, daughters, grandsons is what I call a real family. It made me think I don’t have it, at the moment.” [S11|A|M|30] | “I used to think that if I had more money I would adopt three kids and help other people. Maybe I’m a bit selfish, because M. didn’t have enough for herself and she adopted her nephews.” [S10|A|W|41]; c) *integrating lessons* – learning from others’ experience (n=10 | T – 1; A – 9) – “The strongest lesson to me was this attitude of ‘the hardships are to be surpassed’, this conviction. (...) Always with the eyes on the horizon (...) I will say to myself “remember R., remember how she used to do’.” [S7|A|W|67]; and d) *expressing gratefulness* – showing gratitude and valuing others’ attitude and openness (n=7 | T – 5; A – 2) – “Thank you for saying I am a good example to you, that you felt good by listening to me and that you are feeling more relaxed now.” [S11|T|M|58] | “To me it is very important to hug you, to hug you and say thank you, thank you for existing.” [S5|A|W|42].

*Influencing* reflected an intention to add something to others’ experience and involved *giving advice* – presenting suggestions or opinions respecting the other’s decisions (n=3 | A – 3) – “You shouldn’t ignore this help for a while” [S6|A|W|63] and *encouraging* – sharing confidence and hope (n=8 | T – 4; A – 4) – “I would like to say to her that the right way is the

way of love. The love you are giving to your son will not be wasted, he will recognize it! Do not ever quit, do it for him.” [S3|T|W|48].

Two other processes were present in the feedback provided by the members of the audience: *Acknowledging hazards* – showing understanding and empathy about others’ struggles and difficulties (n= 13) and *recognizing strengths* – emphasizing others’ skills and qualities (n= 15) – “I was struck by the story of how she feels strong... of course she feels strong. After having a son for 26 weeks, who spent 3 months in an incubator, with harelip and ear problems... A person becomes dynamite!” [S5|A|W|42].

In respect to the outcomes of the session, most participants expressed *satisfaction* with their participation in the session (n=20 | T – 10; A – 10) – “And this format is a group dynamic that ends up helping everyone! Nobody leaves exactly the same, and that is good!” [S11|A|M|30] | “I left happy. I enjoyed the points of view, the environment, the exchange...” [F13|T|W|48|] – and showed *signs of connection* (n=21 | T – 9; A – 12) reflecting a) the empathy that was generated between participants – “If I had not been in the session I would never talk to her (...). Her mother-in-law is my neighbor and we didn’t used to talk to each other. Now we sometimes meet and we talk.” [F15|T|W|40] | “We keep interacting. I carry in my heart a very good memory of her, which makes me, whenever I see her, open a huge smile and want to give her not only a kiss but a hug.” [F15|A|W|42] | “A great closeness was generated between us, going beyond the social status and cultural differences, etc.” [F15|A|M|42] – and b) with respect to people in general – “People think practically about the same things as we do... there is a connection. Sometimes we think “I don’t know that person”, but after getting to know her we find a connection. Like now.” [S1|T|W|15].

Twenty-three participants (T – 11; A – 12) recognized their perspectives had been positively transformed throughout the session, displaying an *enriched vision of self* and an *enriched vision of others*. Participants showed an *enriched vision of self* (n=22 | T – 11; A – 11),

through *increasing self-confidence* (n=13 | T – 11; A – 2) – showing a strengthened sense of inner strength and recognizing achievements – “They passed on to me a lot of courage, I feel very strong. Now I am stronger. After everything I’ve been through, I feel I can pass through everything, everything. [S7|T|W|56]; realizing “*I’m not alone*” (n=3 | T – 1; A – 2) – understanding they were not the only ones going through situations of hardship – “Just to know that afterwards our life is good, is normal, what doesn’t seem to be a great thing its everything” [S5|A|W|42] | “Yes, to know I am not alone (...) it is like I don’t feel so alone anymore.” [S2|A|W|48]; *relativizing problems* (n=7 | T – 1; A – 6) – looking at their problems in perspective and re-framing them– “We think we have problems in life, and this helps to relativize the intensity of what we think of as problems. (...) It’s important to think about this, to settle on the fundamental things.” [S5|A|M|42] | “It made me think that despite all the sorrows, my life was not that bad. (...) Even though things have gone wrong, I ended up reaching a right path.” [S3|T|W|48].

Participants presented an *enriched vision of others* (n=12 | T – 4; A – 8) by *deconstructing prejudices* (n=6 | T – 1 | A – 5) – transforming assumptions respecting each other’s social spheres and personal life – “I was expecting to meet very intellectual people. (...) “I barely have education, I don’t know how to speak or to use fine words”. I was expecting an environment more [intimidating]... when I saw they were accessible people I felt happy.” [S7|T|W|56]. | “It comes up to the idea of winners and losers. The perception that most of the people that come here [to a welfare institution] may (not by their fault) have failed. And, as R. presents things, she is a case of success.” [S7|A|W|66]; *gaining consciousness* (n=6 | T – 2; A – 4) about diverse contexts and situations of life – “Nowadays these testimonies are very important. It’s different to listen to the news or to deeply understand that people go through these things, and even though they surpass it, it generates suffering.” [S10|A|W|41] | “We understand the life of other people and get to know them through a different perspective, their own perspective (...) We are confronted with hardships that we might not know existed...

We start understanding certain attitudes and behaviors.” [S6|A|W|22]; observing there are *more similarities than differences* between people (n=7 | T – 4; A – 3) – extrapolating the identification found in the session, to a realization that people in general have more in common than what is usually assumed – “From now on, when I walk in the street, or in the shopping center and I walk around I will think “these people are not that different from me, probably I have many more affinities with them than I think.” [S3|A|W|39].

Participants also expressed satisfaction by *realizing the impact* (n= 14 | T – 6; A – 8) they had on others, by sharing their story, in the case of the tellers – “It was very good. I feel good to know that I have passed things to others. There are things I said that they will take with them. It was really good, I feel proud for that.” [S5|T|W|40] | “Now I know that my life experience moved him. That was fulfilling to me. I feel happy because my experience serves as an example for him.” [S11|T|M|58]; or by listening, in the case of the audiences – “she may take away something important from that meeting, and we too. I realized the importance of the availability to listen to other people, to go beyond initial prejudices. (...) Today I have more awareness about the importance of that availability.”

*A balance of power* (n= 13 | T–5; A–8) – characterized by more horizontal interactions and equitable interchanges – was also enhanced in most of the sessions.

“It is an experience that puts us even, it levels us emotionally. (...) Let’s say it is a socially uneven experience: we have greater life conditions (...) and she has more hazards, but the openness and emotional exposure were similar. So, we became leveled. (...) We all were equally important to the session (...) That way, the relationship never gets to be vertical or top-down, that is, it flattens the relationship from the start.” [F15|A|M|42]

This way, tellers, who entered the session in a more vulnerable stance, left the session being considered and considering themselves “champions” – “I wish that many people could

learn a lesson from my life experience, so they could learn how to cope with hazards.” [S10|T|W|47]. On the other hand, audiences, who were considered more resourceful, revealed their vulnerabilities, leaving the sessions with a greater sense of humbleness and equality – “I talked about my sorrows (...) I also wanted to express what I felt inside, instead of saying my life was just good things. I wanted to say “I also went through a lot, I also feel identified with you...” [F13|A|W|39].

In the cases where the *influence flow* was not recognized (n=2| T – 1; A – 1), with audiences and tellers not identifying mutual influences or relevant lessons learnt from each other, participants were less impacted by the session and showed lesser satisfaction and weaker connection – “I will seem a bit ungrateful because it didn’t [the session]... because what he said I already know, because I don’t change and people always tell me the same” [S4|T|W|35]; “to me it was interesting to participate, but it didn’t bring me anything new.(...) I was not looking for anything, for more relationships. (...) the relationship we have is exactly the same we had before, ‘good morning’, ‘good afternoon’.” [S4|A|M|41].

In the following section, we reflexively integrate the findings with accounts from prior literature and consider methodological issues.

## Discussion

Many factors contributed to trigger *lowering defensiveness*. Trust started by being built in the pre-session meetings, where participants and researchers met individually. In such encounters, researchers adopted an informal approach, which was appreciated by participants. That approach set a stage for a trusting relationship and a familiar environment to be established. At the same time, during the preparation of the sessions we followed the guidelines of prior literature, emphasizing participants’ openness to learn, without judging, and the co-responsibility of creating a safe environment during the session were emphasized. As White (2007) indicates, the space of the session welcomes personal experiences,



resonances and personal responses about the sense of how participants felt touched whilst listening to each other's expressions, instead of giving applause, advice or offering opinions. In a different arena, Gillath, Sesko, Shaver and Chun (2010) observe that the greater the security of the attachment, the less defensive and more open and true individuals seem to be, expressing emotions and their inner selves. The same phenomena were observed during the session; the more participants experienced the environment of the session as safe, the more they would engage in deep openness. Adding to that, the type of questions asked throughout the session invited participants to emphasize positive incidents (strengths, achievements, etc.) and to tell their stories in their own terms. Such questions opened space for participants to feel at ease to express themselves in a particularly genuine way. As Lord (n.d.) points out, asking questions that enhance the expression of competence and courage can be revolutionary. At the same time, the session was not ruled by typical conversational patterns; tellers and audience members would talk or listen alternately, without interruptions. This way, participants went deep in their sharing and engaged in a profound experience of exchange, instead of communicating superficially. Similarly, Anderson (2012) observes that when a speaker finds space to fully express without interruption and the others have the same space to listen, they recognize each other with novelty and the "not-yet-said" finds space to emerge. In line with this, Zamani, Smith and Monk (2013) stress such methodological conditions contribute to generate a positive engagement between tellers and audience members, since it takes away the need to assume a defensive stance or to immediately respond. On other hand, the session evolved from a high structure in the first stages towards a progressively more natural setting, which led participants to get more informal and connected with each other. Participants' trust in the methodology, which was revealed by the genuineness with which they engaged in the session and responded to the questions. Along similar lines, White (1999) emphasizes, as a key for the success of these sessions, the participants' major act of faith and

trust by agreeing to open their lives to others. Kreber (2010) also points out that courage is fundamental for individuals to open themselves publicly.

In this context of openness and trust, connection and empathy found space to emerge. In fact, allowing the expression of vulnerabilities and emotions seemed to be essential for the activation of empathy. This counters mainstream Western beliefs which proclaim that individuals must hide vulnerabilities and emotions in order to protect themselves from potential judgments. As Jordan (2008) observes, we are taught to deny our fears and signs of vulnerability, in order to avoid social punishments; however, that contributes to developing a sense of isolation. Contrastingly, connection finds space to arise in the context of authenticity, humbleness, curiosity, respect and willingness to learn. In fact, to witness the courage of a stranger to share his/her story, in the context of the session, seemed to have generated admiration from the participants who were listening (audience). As White (2007) notes, witnessing the reflection of personal values, struggles and hopes for life generates a sense of solidarity. Gerdes, Jackson, Segal and Mullins (2010) suggest that empathy emerges from a deep understanding of others' experiences, which opens space for greater tolerance of difference and awareness of broader social issues. In turn, Denborough (2008) calls attention to the potential of collaborative rituals to foster unity at both individual and collective levels, cultivating identity recognition and the sense of being one.

One of the aspects participants highlighted as most relevant in the sessions was the identification participants found between each other, even though the pair of teller and audience was based on a criterion of differentiation. This was foreseen by Cooper (2011) and Freire (1970) who argued that unity can emerge from diversity, since the encounter between differences fosters links with others that are not usually accessible. *Finding identification* led participants to feel close to each other, which prompted an increasingly balanced level of interaction and the establishment of a reciprocal and horizontal connection. This

phenomenon, as well, seemed to open the way for the transformation of perspectives, such as realizing “I’m not alone” and that people are bound by *more similarities than differences*. As Walther and Fox (2012) observe, to hear that others have also struggled with similar issues, in particular if they come from advantaged socio-economic backgrounds, can be a revelation. Carey and Russell (2003) have noted that outsider-witness interactions are an opportunity for linking lives around shared topics and values. This research demonstrates that triggering and focusing processes of identification are crucial. In a different context, Wann, Waddill, Polk and Weaver (2011) found that the more there is identification based on sports teams’ affiliations, the greater the social connectedness and well-being of all members.

The structure of the sessions appeared to strongly contribute to fostering *influence flow* and *power balance*. The methodology, where tellers – who were experiencing poverty – were given more time to share their experience, and audience members – who didn’t struggle with poverty – spent more time listening, contributed to balance the flow of influence and power between them. Every time tellers openly and genuinely shared their life experiences and audience members assumed an open and humble stance, recognizing personal resonances and lessons, influence flow occurred, contributing to an increase in the power balance. Lord (n.d.) argues that when someone is available to listen appreciatively, appreciating something or someone, the focus of such recognition potentially increases in value. White (1999) acknowledges that in most contexts where there are original power imbalances, which favor some members; strategies such as Sessions with Appreciative Audiences can be implemented to create more balance. Sharing power and exchanging influence seem to contribute to generate connection and fulfillment. This appears to counter mainstream patterns that invite individuals to hold power, as a protective mechanism. In fact, developing boundaries, avoiding being influenced by others and establishing unilateral “power-over” interactions, in order to achieve the culturally set patterns of success and power do not lead to meaning and connection (Jordan, 2008). Each time a participant didn’t recognize that the other participant

had brought an added value to his life, the impact of the session and, consequently, the connection generated between the participants, was weaker. Our findings suggest that participants involved in an interaction need to actively engage in reciprocal influence – both influencing and being affected – for a balance of power and deeper connection to be enhanced. Similarly, Nelson and Prilleltensky (2010) emphasize the association between the processes of empowerment of disadvantaged groups and depowerment of dominant groups, occurring together for collective well-being. Our findings encourage us to go further, suggesting that both participants in an interaction should engage in a flow of giving and receiving influence for connection to be maximized. Furthermore, the exchange of influence and power were recognized as being very powerful and transformative for the participants, especially for tellers, who were strongly moved and empowered by realizing their capacity to contribute, which is consistent with prior literature (Carey & Russell, 2003; Madsen, 2007). Our findings support Walther and Fox's (2012) observations respecting the participants expanded sense of agency and worthiness, resulting from realizing their capacity to contribute. On other hand, by being affected (learning, reframing perspectives and gaining self-confidence), tellers and audience both benefited. Various authors have tended to center the benefits of these sessions on tellers, while considering witnesses were only important to the extent they reflected tellers' identity and worth (Madsen, 2007; Myerhoff, 1986; White, 2007; Walther & Fox, 2012). Our findings add to these views, suggesting that during the session multiple bidirectional processes of influence take place. Cheal (1992) also notes that these ceremonies allow for the development of collective definitions and shared meanings, recognizing the multiple effects of the sessions. Taking a broad view, Anderson (1997, 2012), Denborough (2008) and Flam (2009) observe that collaborative endeavors tend to enhance multiple, bilateral, egalitarian and non-hierarchical processes. The general satisfaction after the sessions denoted the rewarding nature of being engaged in such bidirectional processes.

Participants also became agents and witnesses of a multiplication of perspectives and life scenarios. As a result, they gained novel information, expanding their consciousness and deconstructing prejudices about others. According to White (1999, 2007), these sessions enhance consciousness and reflection, improving awareness about one's identity and impact in the lives of others. Dawson et al., (n.d.), as well as Buckley and Decter (2006) suggest these sessions potentiate alternative knowledge, since participants come to know themselves differently, while a collective meaning is generated and inherited by the community. This way, a multilevel transformation occurs and narratives of pathology and the effects of discrimination are deconstructed (Bitter et al., 2004; Cooper, 2011; Leahy et al., 2012).

### **Conclusion**

The Sessions with Appreciative Audiences proved to be powerful and revealing for all involved. Their effects were expanded when each participant fully engaged in the experience. Co-creating an environment which invited all participants to trust and lower defensiveness was fundamental for the success of the sessions. The conditions that constitute this very singular approach contributed to create a setting where *lowering defensiveness, finding identification, influence flow* and *power balance* could be developed and, with that, the generation of connection and the enrichment of perspectives. The capacity to influence and impact others was recognized as crucial for participants. This research supports the potential of Sessions with Appreciative Audiences for action research, since they generate rich and unique qualitative data, whilst participants both contribute to and benefit from the experience. These sessions can also be adopted by communities and groups as a useful dynamic to build connection and deconstruct prejudices. Their potential impact can be extended if sessions are integrated into broader initiatives or programs.

With respect to lessons learned over the process that can be useful for other researchers, we found that to openly discuss the confidentiality and public dimension of these

sessions with participants at the beginning and end of each session, conveying which parts of the content participants would like to be public or confidential, potentiates the meaning of the process, fosters co-accountability and broadens the outcomes of the session beyond formal contexts. Dividing participants into tellers (low-income) and audiences (not low-income), even though it proved to generate positive outcomes, still preserves a segmented pattern. For further research, it could be interesting and helpful a) to explore how these sessions would work if tellers and audiences were not segmented into different socio-economic groups, being instead randomly divided between audiences or tellers; and b) to engage each participant in two sessions, where in one they play the role of teller and in the other they play the role of audience. We also recommend that further studies that continue to critically reflect on the ethical aspects of these sessions are needed, given the strong personal and interpersonal impacts that are evident.

As collaborative researchers, we cannot conclude this article without recognizing how this research process had a profound effect on our growing process. We also took part in the processes described in this article contributed to shaping and being shaped by them. As a result, we recognized the importance and embraced the challenge of *lowering defensiveness*, *finding identification* with others and exploring and engaging in multiple experiences of exchange.



## CAPÍTULO V. Rede Secundária



## *Fio condutor (V)*

Seguindo a lógica do artigo anterior, é chegado o momento de conhecer os processos específicos identificados no estudo 2, através de uma análise temática. Este artigo distingue duas abordagens no modo como os profissionais e os programas em estudo encaram os participantes – enquanto beneficiários ou contribuidores. Estas duas abordagens são caracterizadas, identificando os processos e principais efeitos associados a cada uma. Este artigo acrescenta novas pistas de reflexão para profissionais, cidadãos e programas que procuram promover bem-estar individual e coletivo.

### Abstract

This article presents the study of 15 international programs across 9 countries identified as good practices in the collaboration with socioeconomic disadvantaged communities. The best practices recognized by participants, community leaders and professionals are identified and described. Data collection involved *in loco* observation, semi-structured interviews with participants and professionals, and focus groups with professionals. Thematic analysis was the method chosen to analyze the data. Associated with the best practices, two central perspectives adopted by programs to approach participants were identified: approaching participants as users and approaching participants as contributors. Such approaches were intersected with the best practices and outcomes identified throughout the analysis. Analysis showed that *valuing, facilitating the access to resources, showing availability, promoting competences and openness* as the best practices associated with *approaching participants as users* and the main outcome achieved by such programs was participants' improved self-confidence. Respecting programs that approach participants as contributors, *participants contributing, encouraging participation, valuing, participants becoming masters and reciprocity* were the best practices identified and *having an impact* was the main outcome achieved by these programs.

**Key-words:** Best practices, outcomes, programs, users, contributors.

---

<sup>12</sup> **ARTIGO 5:** Minas, M., Ribeiro, M. T. & Anglin, J. P. (2017). Social and Community Program Approaches to Participants: Exploring Best Practices. (Manuscript submitted to Social Work Research)

This article presents part of a broader doctoral project that involved an encompassing Grounded Theory analysis (Minas, Anglin et al., in press; Minas, Ribeiro et al., in press). In this analysis, we aim to deepen and focus the study of 15 programs across 9 countries' best practices, utilizing a thematic analysis. The purpose is to identify and understand which processes and approaches contribute to poverty reduction and collective well-being. We will highlight the processes recognized as key by participants, community-leaders and professionals. We believe these findings are significant for theory and practice, since they contribute to understanding the articulation between programs' purposes, approaches and processes. As Wandersman (2009) states, there is usually a large gap between the hopes of programs and policies and their concrete outcomes, so reflection on and exploration of the processes that lead to positive outcomes is needed in order to enhance program effectiveness. There is a growing need for a productive interrelation between practice and theory. Practice should influence the development of theory, so that theory may thus illuminate and potentiate practice (Anglin, 2007). Research lacks sufficient bottom-up designs that allow the language, processes and culture rooted in practice to shape the findings and resulting publications (Trickett, Beehler et al., 2011). Fernández-Ballesteros (2001) also notes that there are few publications with evaluations of social services (p.208).

We will begin with a review of the literature concerning the paradigms and processes adopted by programs that work with socio-economically disadvantaged communities, then we will briefly describe the research method, followed by a presentation of the findings describing two distinct programs approaches and characterizing the best practices and outcomes associated with each, and an integrated discussion and implications. The article ends with a discussion, suggestions for further research, and some questions to foster reflection about community practice.

Poverty has been associated with several individual deficits. In the past, to look at those who are poor involved focusing on the need of quality services and external resources to improve their conditions (Bridgeland, 1975; Monteiro, 1996). Efforts to overcome poverty have been centered mainly on changing individual characteristics (Shinn & Perkins, 2000; Trickett, Beehler et al., 2011). Professionals all too often assumed expert and blaming discourses, considering underserved communities responsible for changing and adapting to their social contexts (Llobet et al., 2012).

Over the years, external expert-dominated and individual intra-psycho approaches have been subjected to criticism (Lawthom, 2011; Maton, 2008; Nelson & Prilleltensky, 2010; Prilleltensky, 2005; Sandler, 2007). The introduction of the systems theory and family therapy brought to the surface the focus on families and larger systems (Magnavita, 2012; Flaskas, 2010), whilst the ecological approach added the principle of interdependence, showing that individuals and organizations in a society are necessarily connected (Bronfenbrenner, 1994). To understand poverty, encompassing ecosystemic and ecological lenses that intersect multiple perspectives proved to have more explanatory power than individual and linear propositions (Speer & Hughley, 1995). Gottlieb and Riger (1972) suggest there are different levels of social change efforts: while the two first levels – community psychiatry and community mental health – keep traditionally focused at improving the health and welfare of the community, the third – social change – aims to foster citizens' influence over the societal, political and economic factors that affect their community, targeting the fair distribution of power and resources. Transforming social environments, targeting the change of social institutions and political and economic systems started being stressed as a priority to address the problem of poverty (Bridgeland, 1975, Maton, 2000). The understanding that when individuals and a group are marginalized, the whole community becomes poorer, at multiple levels, became more prevalent (Payne, 1996). The perspective that programs could focus their efforts on pursuing collective wellbeing, encompassing the whole society, started to be

actively promoted (Fernández-Ballesteros, 2001). Transformative actions oriented to challenging the status quo involving active engagement of its members was being recommended (Lawthom, 2011; McBride et al., 2006; Nelson & Prilleltensky, 2010). At about the same time, Brodsky and Cattaneo (2013) proposed the idea of “status quake”, which involves integrating individual and community goals, to deconstruct power imbalances and change structural systems. A number of authors have been developing paradigms such as systems change and action frame approaches. These approaches try to provide alternative frameworks that pursue social justice and aim to tackle structural sociocultural problems (Allen et al., 2007; Foster-Fishman et al., 2007; Lehrner & Allen, 2008).

Some authors advocate the relevance of articulating and balancing the tension between services oriented to provide ameliorative resources and support to individuals and structural initiatives at a sociocultural level (Allen et al., 2007; Evans, 2012a; Minas, Ribeiro et al., 2017; Morton, 1995). Further research and evaluation of practice is needed for a deeper understanding of this issue.

With respect to the processes and relational characteristics that have been highlighted as good practices, listening to the needs of the communities has been stressed as fundamental (Benz, 1975; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rojano, 2004). Speer and Hughley (1995) add that such assessment allows organizations to identify the key issues that are affecting a community. Opportunities to access resources have been recognized by participants and professionals as central, especially at critical stages of individuals and families lives. As identified by Zimmerman (2000), creating a social support system helps participants to cope with challenges. The conditions under which the resources are provided – short-term or continuous – if articulated with other types of supports, determine the promotion of development or dependence (Cheng, 2002; Peterson & Zimmerman, 2004). Access to information is also essential, since it facilitates access to resources and generates opportunities to choose, to

have impact and to participate in society (Azurduy, 2003). Relationship building has also been recognized as a crucial process. The quality of the personal connections is fundamental for individuals to trust each other, to develop their personal and collective efficacy and to learn to collaborate (Brady & O'Connor, 2014; Christens, 2012; Speer & Hughley, 1995; Maton, 2008). Community members who develop strong relationships and experience being interconnected tend to be willing to participate and to contribute to the organizations in which they are involved (Brady & O'Connor, 2014; Christens, 2012). At the same time, welcoming participants' suggestions and advice for implementation and evaluation enriches the programs and policies with extremely relevant information. In parallel, it develops participants' sense of control over their life and a sense of pride to belong to a community (Bess, Prilleltensky, Perkins & Collins, 2009; Bridgeland, 1975; Lawthom, 2011; Maton & Salem, 1995; Montero, 2009; Nissen, Merrigan & Kraft, 2005; Peterson & Zimmerman, 2004; Sandler, 2007; Wandersman, 2009; Yohalem & Wilson-Ahlstrom, 2010). Quaghebeur, Masschelein and Nguyen (2004) call attention to the paradox of participation, characterizing it as the intention of promoting emancipation while maintaining traditional modes and hierarchical guidelines. Despite their intentions, the initiative promoters keep being the ones exerting power. Another process highlighted in the literature is engaging in action-reflection. Speer and Hugley (1995) consider that engaging in action-reflection maximizes the consistency and efficacy of the programs, as well as reflecting and discussing the experience in order to plan future steps. The development of institutional partnerships is stressed as a process that makes the difference in addressing common societal issues. Working in partnership empowers organizations to collect and exchange resources and information, strengthening their capacity to achieve their purposes (Peterson & Zimmerman, 2004; Sandler, 2007; Speer & Hughley, 1995). With a collaborative stance, partnerships can reduce fragmentation, supporting the development of effective solutions (Anderson, 1997; Bess et al., 2009; Lawthom, 2011).

## Method

The analysis and findings that are presented in this article were developed in the course of a broad Grounded Theory research project that encompassed two studies and led to the emergence of the Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework (Minas, Ribeiro et al., in press). As part of the project, a thematic analysis was undertaken of social programs with the goal of identifying and describing the best practices and processes in collaboration amongst socio-economic disadvantaged individuals and communities, in North America, South America and Europe. Our purpose was to develop and disseminate guidelines for citizens and professionals wanting to contribute to poverty reduction and societal well-being. These purposes were aligned with the recommendations of Trickett, Beehler et al. (2011) for research, which pointed to the development of theory based on practice and focusing on “best processes”.

Having experienced as a youth volunteer that, despite the good intentions to help communities, programs results tend to be superficial and ineffective, the first author was driven to explore what was proving successful at national (Portuguese) and international levels. Throughout the research, every step and process was meant to be constructive and collaborative, so decisions and actions were carefully scanned to make sure that participation in the research benefited all involved. The ecological and constructivist paradigms framed the research, so the interrelation between the various systems contributing to the phenomena under study were considered. On-going reflection and feedback were crucial to enrich the research process. In this context, the research became dynamic, reflecting an active and collective learning process.

The design of this study involved *in loco* observation and collection of data from 15 programs recognized as good practices in the collaboration with socio-economic disadvantaged communities in 9 countries of North America, South America and Europe (see

Table 1). Three sources were considered to select the programs: 1) the Ashoka<sup>13</sup> platform which gathers information on successful innovative programs; 2) articles that identified programs recognized as good practices; 3) and recommendations from other researchers and practitioners known to the lead author. The criteria guiding our selection included the requirement that selected programs' purposes should involve helping/collaborating with socio-economically disadvantage individuals and/or communities, and be recognized (with awards or reputation amongst experts) for their quality and innovation. After selecting the programs, e-mails were sent requesting their collaboration. Contacts with forty programs in total were made, but only the 15 programs of the final sample were available within the study timeline and fit with the researcher's availability (see Table 1).

Table 1. Brief description of the visited programs

	<b>Groups involved</b>	<b>Purpose/Vision</b>	<b>Other information</b>
PR Portugal	Vulnerable children, youth and families	To provide services for the adjustment and development of children and teenagers with behavior problems, in order for them to stay with their families and communities.	International NGO Foundation year: 2010 1278 participants/year
MS Portugal	Socio-economically disadvantaged youth	To prevent school dropout and to develop strategies that promote educational and professional qualification of low-achieving youth and adults, enabling the transition to working life.	Non-profit organization's program Foundation year: 2010 150 participants/year
PF Portugal	Children and youth at risk and their families	To preserve the family and prevent the institutionalization of children through intensive, immediate and individualized support for these most vulnerable families.	Non-profit organization's program Foundation year: 1996 157 participants/year
NOS Portugal	Children and youth at risk and their families	To promote the early identification of risk situations of abuse and neglect, to involve the child and the family in the risk assessment and to develop the necessary actions to meet those needs, promoting the access of users to full citizenship.	Non-profit civil organization's program Foundation year: 1995
KIPP U.S.A.	Socio-economically disadvantaged youth students	To create a national network of public schools that are successful in helping students from educationally underserved communities develop the knowledge, skills, character and habits needed to succeed in college and the competitive world beyond.	Charter school/Foundation Foundation year: 1994 162 KIPP Schools
MCE U.S.A.	Low-income Wake County residents	To help individuals and families to fulfill their life goals as they gain new skills and knowledge that moves them closer to the fulfillment of their life plan.	State program Foundation year: 2008 100 participants/year
BBBF Canada	Low-income communities	To reduce the incidence of serious long-term emotional and behavioral problems in children; to promote social, emotional, behavioral, physical and educational development in children; and to strengthen the ability of communities to respond effectively to the social and economic needs of children and their families.	Non-profit organization Foundation year: 1991 8 communities
CV Mexico	Socio-economically disadvantaged youth	Strengthening youth identities and self-esteem, valuing their abilities and potentialities, stimulating youth participation and generating a sense of community identity (directed to the poor) and building and disseminating common languages (directed to mainstream sectors).	Non-profit Organization Foundation year: 1995 More than 320000 youth

<sup>13</sup> <https://www.ashoka.org/>



LI Colombia	Low-income communities	To train individuals who can lead processes and programs within their communities and promote active participation in the different activities offered by the organization.	Non-profit organization Foundation year: 1999 3500 families/15000 participants
IVG Brazil	Civil society organizations	To propose public policies, in the management of resources and assistance to public sector institutions which advocate and support vulnerable populations.	Non-profit organization Foundation year: 1980 Scope: 7 organizations /5719 participants/year
TC Brazil	Impoverished and vulnerable communities	To unite the academic and popular knowledge in a complementary perspective, in order to build a network of solidarity and expand the possibilities for resolution of the everyday problems.	Program recognized by the State Foundation year: 1992 12000 community therapists
OF Brazil	All citizens	To undertake research, consultancy and public actions to produce knowledge and elaborate political proposals focused on slums and urban issues.	Non-profit organization Foundation year: 2001 More than 75000/year
FR Spain	Homeless people	To bring about the integration of the socially excluded, accompanying them throughout a process designed to enable them to recover their independence and become active citizen again and mobilizing citizens, public and private institutions and social agents.	Non-profit organization Foundation year: 1998 6137 participants/year 8 centers, national widen
BF Poland	Borderland Communities (bordering with other countries)	To build bridges between the people of different religions, ethnicities, nationalities, and cultures.	Non-Governmental Organization Foundation year: 1990
FC Norway	Youth	Development based on the responses from those involved in social systems, will contribute to better quality services.	Nature: Non-profit organization Foundation year: 1999

The length of time for each site visit varied according to characteristics of the programs and the availability of both the programs and the researcher. Data collection combined on-site observation, semi-structured interviews, focus groups and informal conversations. The data collection methods used in each setting were decided upon with each program's staff. Ethical principles and procedures were clarified, including safeguarding participants' confidentiality, and participants gave their informed consent. All interviews and focus groups, as well as some informal conversations, were recorded. Follow-up e-mails were sent to the programs after leaving their sites, recognizing their fundamental contribution, sharing the next steps in the research process and our blog<sup>14</sup> posts. Some programs were visited a second time, enabling the combining of data collection, analysis, writing, as well as providing ongoing feedback to participants.

The sample for this aspect of the research consisted of 91 research participants: 16 participants (10 women, 6 men, Mage = 27,7 years, age range: 12–43 years), 17 community-leaders (12 women, 5 men, Mage = 35,7 years, age range: 22–59 years) and 58 professionals

---

<sup>14</sup> <http://www.lugarescomunss.blogspot.pt/>

(40 women, 18 men, Mage = 42,5 years, age range: 24–63 years) who participated either in a semi-structured interview (35 interviews) or in focus groups (9 sessions).

Data analysis followed the thematic analysis guidelines (Braun & Clarke, 2006), utilizing N-Vivo 11 software. This method of analysis is indicated for identifying, understanding and describing patterns or themes in the data (Braun & Clarke, 2006). We adopted an inductive, “bottom-up” approach, aiming to explore and to build patterns from the data. The process of analysis followed the six steps suggested by Braun and Clarke (2006): 1) we started by transcribing the data and reading it several times, noting prominent codes; 2) generated initial codes, through a systematic codification of incidents across the whole data set; 3) aggregated codes into potential themes – at this point the relationship between codes and different levels of themes was at stake and was continually confirmed by the congruence and fit of the extracts of data associated to each theme; 4) rigorous revision of the themes, checking if they worked in connection with the coded extracts and with the whole data set; 5) defining, naming and describing each theme; 6) starting to write and selecting illustrative extracts from the data. This process of analysis was characterized by a progression from description, involving the identification of semantic themes, to interpretation, which included the reflection about the latent significance of the patterns, its connections and implications.

## **Results**

To facilitate the understanding of the relevance of a category resulting from the qualitative analysis, each category is followed by a number in brackets, indicating the number of participants who mentioned it (e.g. n = 15). The symbol “ref.” followed by a number indicates the number of references intercrossing two categories, as indicated as the following example: ref= 50. Additionally, quotes are identified by 1) Source (Interview – I – or Focus Group – FG); 2) Acronym of the program (e.g. IVG); 3) Role – Pt (participant), Cl (community-leader) or Pf (professional); 3) Sex and age of the participant – letter W for woman or M for man; and a number representing age of participant. As an example; the identifier

“I|IVG|Pt|W55” indicates a quote by a 55-year old female participant, from Instituto Vilson Groh, who participated in a semi-structured interview.

The findings will focus on the best practices that were most relevant for programs that approach participants as users and for programs that approach participants as contributors. The general best practices that emerged from the thematic analysis are illustrated in Table 2.

Table 2. General best practices

Best Practices	N	Best Practices	N
<b>Welcoming</b>	87	<b>Congruence</b>	64
Valuing	52	Amor à camisola	35
Openness	39	Dedication	19
Trusting	32	Quality	15
Listening	28	Reflexibility	14
Acknowledging socioeconomic hazards	27	Congruence	14
Flexibility	25	Encouraging authenticity	10
Respect	24	Evaluating	9
Focusing the whole person	21	Common purpose	8
Embracing diversity	18	Values as lifestyle	7
Humor	16	Not quitting	7
Informality	13	<b>Providing support</b>	62
Affection and love	12	Access to resources	29
Customized	12	Promoting competences	29
Different eyes	12	Availability	26
Not judging	11	Encouraging	15
Familiar environment	10	Focusing goals	12
<b>Working together</b>	85	Guidance and orientation	11
<b>Partnering</b>	78	Modeling	6
Closeness	33	Recognizing little achievements	6
Good relationships	31	Promoting connections	5
Collective activities	25		
Collaborating	23		
Reciprocity	22		
Power of choice	21		
Horizontalidad	16		
Finding identification	13		
Sharing	13		
Community inception	12		
Partnering with other organizations	10		
<b>Integrating contributions</b>	58		
Encouraging participation	27		
Learning with	24		

Co-defining individual goals	21
Needs assessment	18
Asking	17
Co-construction	13
Assuming vulnerability	6
Bottom-up	5
<b>Participants contributing</b>	<b>31</b>
From participants to masters	23
Inspiring	14
Advising and teaching	5

The first fundamental difference found between programs was that professionals either approached participants as users (n=65) or as contributors (n=25).

The programs that approach participants as users are centered in participants' need of help. The programs' purpose is to change participants' life conditions so that they no longer need to rely on formal support – “Our mission is exactly to eliminate the risk that children are subjected within their families, promoting an alteration of behavior and functioning inside the family” [I|FP|Ps|W62]; “our mission is to mobilize internal and external resources to help people overcome poverty.” [I|MCE|Ps|M61]. To reach such purpose and avoid dependence, programs focus on individual dimensions (n=20), aim to develop autonomy (n=10), define rigid limits (n=5) or a short-term intervention (n=6) – “We are there for a limited period of time, but we try to do everything so that, during that time, the child gain tools to be able to develop well-being and autonomy later on” [FG|PR|Ps|W32]. The best practices most often mentioned by members of these projects were 1) valuing (ref.=79), involving the recognition, by the professionals, of the potential and value of participants, focusing their strengths and capabilities. – “They [professionals] give me good words, they give me opportunities... they want me to succeed in life, because they see I am talented in certain areas” [I|KP|Pt|M12]; 2) promoting the access to resources (ref.=59), offering guidance or referring participants so they can find resources to meet their needs. – “They helped me to approach many organizations that I didn't know that I could get support from them” [I|PR|Pt|F23]; 3) availability (ref.=45),

showing approachability and accessibility to help, facilitating the opportunities to be reachable – “What makes me trust? The availability that the Dr. always offered, (...) he always supported me, 100%” [I|PF|Pt|F41]; 4) promoting competences (ref. 42), focusing the development of skills that can help individuals better achieve their goals – “We think we are giving our kids the tools for being successful in life” [I|KP|Ps|M36] and 5) openness, welcoming individuals’ wholeness and ideas. – “I know they [professionals] are open... and they accept me with open arms, and that’s what matters” [I|PR|Pt|F28]. In respect to the outcomes, the most mentioned for the users’ approach were 1) improved self-confidence (ref.=18) – “And it made me feel a little bit better about myself because I guess, it was hard to describe, I was kind of beating myself up trying to figure out what did I do wrong.” [I|MCE|Pt|F30]; 2) Accomplishing goals (ref. =16) – “The program made me move of forward and to accomplish many things... Maybe I would not be able to do it without the support of these people.”; 3) Stronger network of support (ref.=11) – “Now I have more people I can count on” [I|MS|Pt|M19]; 4) Development of competences (ref.=8) – “most kids are behind, but when they come to KIPP they get to improve a lot. Kipp helps you going to college.” [I|KP|Pt|M12]; 5) Improved relationships (ref.=6) – “They open their minds for differences, they become more tolerant, and also they become more conscious about themselves in relation to differences” [I|BBBF|Ps|F50].

Programs that approach participants as contributors, count on participants to develop the program, the community or social structures – “the participant is part of the generation of knowledge. (...) Here [at CV] they are the ones building the information, they are part of the creation” [FG|CV|CI|M30]; “We are looking for skills and potentialities and giving them [the participants] the microphone. It’s not only about identifying abilities but also about listening to them and changing what we are doing, thanks to their contribution.” [I|CV|Ps|M62]. These programs pursue the development of the potential of communities, programs and organizations. – “You finally find a place where you can actually contribute to changing the

system!" [I|CF|Pt|F22]. They are mostly community-based (n=20), being characterized by loose limits (n= 4) and long-term action (n=3) – "One thing I love about LI is that they come to the community and they stay. And they don't come with a 'presupposition'. They stay sharing and spending time together with the community" [I|LI|CI|M42]. The best practices connected to this approach were 1) participants contributing (ref.=90), where participants become a proactive part of the programs, contributing for the development of activities and the achievement of goals – "This was how the idea of the students of low-income communities becoming researchers, starting to produce new perspectives about the 'favelas' [slums] emerged." [I|OF|Ps|M44]; 2) encouraging participation (ref.=70), inviting participants to participate and contribute, with their opinions, capacities and ideas – "LI gave me the opportunity of being a leader. I haven't been a community leader before. I used to work at a bank, to meet my financial needs but I didn't do much for the community" [I|LI|CI|M42]; 3) valuing (ref.=47) – "We call them [participants] 'profs'... like meaning 'professionals'. Like you can be a soccer pro, like an expert. So, we call them 'school profs' and we adults are 'profs' and the kids are 'profs', so it is like 'profs meet profs'." [I|CF|Ps|F50]; 4) from participants to masters (ref.=45), integrating into the program as a learner or user and becoming a teacher, community-leader or part of the staff of the program – "To know that the time you are spending is not only to learn, but also to teach. Here we have created a lot of teachers, a lot. Maybe we have more teachers than students." [I|CV|Ps|M62]; and 5) reciprocity (ref.=43), a culture of interchange, influencing and learning, giving and taking, integrating and working with multiple and collaborative perspectives – "I believe that change needs to be a reciprocal change. I suggest a change and you change me and then it becomes an inter-change!" [I|CV|Ps|M62]. In terms of the outcomes of programs that approach participants as contributors, the most mentioned were 1) Having an impact (ref.=21) – "And I actually contribute to something greater than myself, and what I feel is that I really like to be part of the solution, not the problem" [I|CF|Pt|F22]; 2) Improved self-confidence (ref.=15) – [talking

about a participant] “She used to be a shy person, she wouldn’t talk to anybody, she was afraid to lead and to organize. Today she is the coordinator of a dressmaking workshop.”;

3) Empowerment (ref.=14) – “And what I see here is that there is a lot of empowerment in turning experiences into advice.” [I|CF|Pt|F22]; 4) Changing the mindset (ref=13) – “I think TC made me change my perception, both related to me and related to others.” [FG|TC|Ps|F23] and 5) Improved systems (ref.=11) – “the Norwegian law has actually been changed after a suggestion that we made” [I|CF|Pt|F22].

Due to the limits of space, only the 5 most relevant processes and outcomes for each approach have been described and illustrated. Nevertheless, the 16 most relevant best practices and outcomes according to the programs’ approaches to participants are summarized in Table 3.

Table 3. Best Practices and Outcomes According to the Programs’ Approach to Participants

	Best Practices	Ref.	Outcomes	Ref.
Participant as user	Valuing	79	Improved self-confidence	18
	Access to resources	59	Accomplishing goals	16
	Availability	45	Stronger network of support	11
	Promoting competences	42	Development of competences	8
	Openness	41	Improved relational quality	6
	Good Relationships	36	Better quality of life	5
	Acknowledging socioeconomic hazards	35	Agency	3
	“Amor à camisola” (“Flying the flag”)	34	Changing the mindset	3
	Trusting	32	“I’m not alone”	3
	Collaborating	27	Sense of belonging	3
	Closeness	27	Accountability	2
	Respect	27	Agency	2
	Listening	26	Fulfillment	2
	Encouraging	26	Hope	2
	Flexibility	25	School engagement	2
	Focusing goals	25	Trust	2

Participant as contributor	Participants contributing	90	Having an impact	21
	Encouraging participation	70	Improved self-confidence	15
	Valuing	47	Empowerment	14
	From Participants to masters	45	Changing the mindset	13
	Reciprocity	43	Improved systems	11
	Learning with	32	Improved relationships	10
	Asking	31	Sense of belonging	8
	Listening	29	Development of competences	7
	Amor à camisola (flying flag)	29	Development of communication skills	5
	Openness	27	Fulfillment	4
	Co-construction	18	Sense of mission	4
	Community inception	18	Greater trust	4
	Trusting	18	Accountability	3
	Embracing diversity	16	Better quality of life	3
	Focusing the whole person	16	School engagement	3
	Needs assessment	16	Relativizing problems	2
	Sharing	16	Hope	2

## Discussion

The research identified two different approaches that programs assume with respect to participants: approaching participants as users and approaching participants as contributors. These involve some similar, but mostly different and complementary best practices and to generate different outcomes.

Respecting the similarities between approaches, findings suggest that the processes of *valuing* and *openness* and the outcomes of *improved self-confidence* and *strengthened relationships*, as well as *developing competences* appear to be relevant for both types of approaches. These findings support and complement accounts from prior literature, showing the importance of *valuing* and *openness* as well as the development of *self-confidence* and strong *relationships*, in all types of programs that collaborate with socio-economic disadvantaged communities. Azurduy (2003) considers that disadvantaged communities aim to be respected and taken into consideration. Supportive relationships, opportunities to belong, support for efficacy and mattering and opportunities for skill building are some of the best



practices identified by the Institute of Medicine and National Research Council (2002). Relationships, engagement and skill building have been also stressed as core concepts for development programs (Yohalem & Wilson-Ahlstrom, 2010).

With respect to the differences between the two approaches, approaching participants as users can be crucial in specific and immediate situations of emergency or crisis. This approach intends to strengthen participants in their ability of accessing opportunities and developing competences and tools, so they can gain autonomy and free themselves from the need of formal support. Together with the development of competences and access to resources, the best practices are centered on developing valuing and empowering relationships between professionals and participants. Nevertheless, in this approach, the relationship between professionals and participants seems to be imbued with a provider-receiver dynamic. Processes such as *valuing*, *openness*, *trusting*, *collaborating*, *listening* and the like, suggest that the more the programs approaching participants as users develop reciprocal dynamics that recognize the importance and competence of the participants in the attainment of the purposes of the intervention, the greater the impact of the intervention and the benefits for the participants. The best practices identified in this approach call for the importance of opening space for participants to start experiencing other roles, beyond being a receiver. Azurduy (2003) stresses the participants' willingness to define their own path and to impact others. On other hand, Nelson and Prilleltensky (2010) and Payne (1996) suggest that processes such as imposing and punishing participants when they don't follow the prescribed rules don't lead to positive outcomes. Bess et al. (2009) note that professionals commonly treat clients as recipients instead of citizens, and civic participation decreases as the dependence on professionals increases.

With respect to the programs that approach participants as contributors, the best practices are mostly focused in the development of partnerships between participants and professionals and between other stakeholders, through co-construction, reciprocity and

balance of power, embracing perspectives and fostering the leadership of all members. Participants are key for the programs, and their participation has an impact in the programs. It is also observable that, whilst both users' and contributors' approaches can be useful to ameliorate individuals' conditions and self-confidence, the contributors' approach goes further, impacting not only individual conditions, but also more encompassing systems, such as organizations, communities and/or the society. According to our findings, encouraging participants to contribute can open ways for them to become actors, progressively engaged in contributing to the transformation they wish to generate, not only in their own lives but also in the programs and society. Practices that foster the opportunity for participative decision-making have the potential of generating systems change, so they are recommended (Pigg, 2002; Christens & Speer, 2011). Speer and Hugley (1995) and Maton (2008) associate empowerment with participants' productive involvement and participation in the organization, arguing that individuals access social power through their participation in the organization. Illback et al. (2010) highlight the importance of engaging participants in program design and planning, reducing the stigma related with help seeking and encouraging communities to view participants as valuable contributors and creating a culture of innovation and openness. Smith, Osgood, Caldwell, Hynes and Perkins (2013) characterize quality programs as the projects that offer participants the opportunity to intervene, developing a sense of belonging and connection. Our findings go further, suggesting the process of welcoming contribution becomes more powerful as the impact is expanded beyond the individual, into broader social spheres. These findings seem to complement Maton's (2008) reports respecting the identification of different levels of influence, ranging from family to state and national issues.

Our research findings acknowledge the importance of both approaches and suggest that approaching participants as users should be seen as a first step and fundamental part of a developmental continuum that involves generating opportunities for participants to become fully active and to become contributors in the systems they are part of. In similar fashion, Bess

at al. (2009) suggest participation can be conceived as a continuum ranging from non-participation to political engagement. The research led by these authors suggest that few individuals are ready for political engagement. Our findings suggest that participants are willing to contribute and their engagement tends to increase when their contribution is valued by the programs. Sandler (2007) stresses the importance of developing initiatives that articulate purposes of wellness, justice and broad impact. The complementarity of bottom-up and top-down approaches seems to have the greatest potential to promote far-reaching change (Maton, 2000).

As for the outcomes, while the users' approach leads to individual benefits, the contributors' approach integrates individual and collective benefits. Findings suggest that whilst opportunities for developing self-confidence and strengthening the social network can be characteristic of both approaches, opportunities for accomplishing goals and developing competences are more emphasized in programs that approach participants as users. Opportunities for having an impact, contributing to generate systems change, and to develop empowerment and a sense of belonging are more characteristic of programs that consider participants as contributors.

The most relevant processes in both approaches suggest the importance of assessing and cultivating the dynamics of reciprocity existent in the programs, in order to potentiate the agency and action of participants in the interventions and to balance and promote the exchange of influence and perspectives between professionals and participants. Accordingly, Benz (1975) highlights the importance of adopting a framework that potentiates the horizontal balance of power. Neal (2014) also suggests that an empowering setting fosters relationships involving the exchange of resources, balance of power and equal influence opportunities. At the same time, she argues, that creating settings that promote this type of mutual relationships can lead to structural change. Bhalla et al. (2011) argue that better

communication and decision-making are enacted when the structures are simpler and involve few organizational layers.

A review of both literature and practice suggest that the engagement of participants in social action as means to enact community development and social transformation have been largely overlooked (Maton, 2008; Pigg, 2002). This article brings to the foreground the importance of the programs' approach to participants and emphasizes valuing and embracing the contribution of participants as key best practices. These findings seem to strengthen and extend the literature, adding a lens that distinguishes the best practices that occur in the two complementary approaches. This way, clues to develop impact not only at an individual level, but also at a macro and societal level are suggested.

## **Conclusion**

This article offers a complementary view of best practices, distinguishing them according to two different focuses that programs assume in their approach to participants: approaching participants as users and approaching participants as contributors. This article calls for programs to engage in reflexion and to have a heightened awareness, challenging professionals and community-leaders to ask themselves: How are we looking at participants? How are our approaches and actions influencing the way participants see themselves? Are participants mostly focused on receiving? Do participants consider themselves important parts of the program, believing their contribution is valued?

Approaching participants as users can be an important immediate and primary step to collaborate with participants that are facing crisis. Even though attributing to participants a role of receivers, these programs face the core challenge of recognizing the capacity of participants, and, through *valuing* and showing *openness*, creating space for participants to develop agency and power of choice. Approaching participants as contributors enacts reciprocal relationships through encouraging and welcoming their participation, potentiating

individual and social positive transformations. This article calls attention to the importance of articulating both approaches, in order to complementarily develop individual, family, community and societal well-being.

With respect to the limitations of this study, the 15 programs that were studied were engaged through a convenience sample. The variation between programs (programs' mission, purposes and activities, target participants, location and culture) was limitedly captured with such a small sample (not more than 3 programs in each country). The analysis didn't capture indicators (such as culture, types of activities, etc.) that can influence the variation between programs. It was also not possible to understand the distribution of programs and approaches in each country.

As potential paths for further research we suggest:

- To analyze the similarities and differences of what participants, community-leaders and professionals consider as best organizational processes and if their perspectives respecting the approach adopted by the programs are consonant or dissonant;
- to further explore the perspectives that participants, community-leaders and professionals have about each other and how these perspectives affect their attitudes, narratives, roles and decisions; to understand the similarities and differences of best practices worldwide and the influences of culture and globalization;
- to analyze the best practices according to different programmatic areas, such as methodology, interactions and team dynamics, considering their impact and outcomes;

- and to explore and deepen the idea of a continuum that ranges from approaching participants as users to approach participants as contributors are recommended.

We hope these findings, emergent questions and directions for further research enrich reflection on program design and development, opening the way for further innovation and continual improvement of program practice, interactional dynamics and outcomes.

## *Fio condutor (VI)*

Para complementar a apresentação dos resultados do segundo estudo, este artigo apresenta os processos mais relevantes, ao nível relacional, metodológico e da equipa de cada programa, analisando as singularidades e afinidades nas perspetivas de participantes, líderes comunitários e profissionais e, finalmente, agrupando e comparando os programas de acordo com a área geográfica, afinidade cultural e linguística. Este artigo apresenta pistas importantes sobre processos a cultivar para desenvolver programas bem-sucedidos no combate à pobreza e à exclusão social, que promovem não apenas a transformação individual como também a transformação sistémica.

### Resumo

O estudo de boas-práticas sociais, no âmbito do combate à pobreza e exclusão social, é um meio fundamental de desenvolvimento teórico e prático, pois permite identificar e replicar processos que estão na base de ações de qualidade e de impacto positivo. Este artigo apresenta o resultado da recolha de dados e análise temática junto de 15 programas reconhecidos como boas-práticas na colaboração com indivíduos, famílias e comunidades em situação de pobreza ou exclusão social, em 9 países da Europa, América do Norte e América do Sul. A análise permitiu identificar os processos mais relevantes de acordo com aspetos organizacionais (relações, metodologia e equipa); perspetivas dos respondentes (participantes, líderes comunitários e profissionais); agrupamentos de países por zona geográfica, afinidade cultural e linguística. Os resultados salientam a importância do desenvolvimento de relações valorizadoras, que permitam a colaboração e contribuição de todos os agentes envolvidos nos projetos. Também surgem com relevância os processos de facilitação do acesso a recursos, a disponibilidade e o “amor à camisola”.

**Palavras-chave:** Boas-práticas, bem-estar coletivo, pobreza, valorização, participação.

---

<sup>15</sup> **ARTIGO 6:** Minas, M. & Ribeiro, M. T. (2017). Boas-práticas de desenvolvimento comunitário e social. (Manuscrito submetido para a revista *Psychology, Community & Health*)



O trabalho social e comunitário é um universo muito vasto, que envolve desde a assistência até ao envolvimento cívico para o desenvolvimento de bem-estar individual, relacional e coletivo (Gottlieb & Riger, 1972; Maton, 2008; Nelson & Prilleltensky, 2010). Por todo o mundo assistimos a uma enorme atenção e mobilização de esforços investidos nesta área. Ainda que os esforços traduzam algumas melhorias circunstanciais, há ainda um enorme potencial de transformação e inovação (Udensi, Udoh, Daasi & Igbara, 2012; Wandersman, 2009).

Neste artigo pretendemos disseminar boas-práticas identificadas a nível nacional e internacional, aspirando a que possam servir de orientação e referencial para todos os profissionais e cidadãos que procuram desenvolver estratégias de combate à pobreza e à exclusão social. Uma análise a partir de três questões e lentes diferentes levar-nos-á a conhecer os processos identificados como mais relevantes: 1) Quais são as melhores práticas intraorganizacionais? – exploração das práticas e processos associados às relações, à metodologia e à equipa dos programas; 2) Quais são as melhores práticas na perspetiva dos participantes, dos líderes comunitários e dos profissionais? – exploração aprofundada da perspetiva de cada grupo de respondentes; 3) Quais são as melhores práticas em cada agrupamento de países? – exploração das práticas identificadas como mais relevantes de acordo com a zona geográfica dos países e afinidade linguística e cultural.

A estrutura do artigo inclui uma revisão da literatura focada na caracterização de boas-práticas colaborativas, organizacionais e comunitárias, dedicadas essencialmente ao combate à pobreza e exclusão social. Segue-se a descrição da metodologia e a apresentação dos resultados. Posteriormente, a discussão integra os principais resultados com a literatura neste ramo do saber. Na conclusão, sintetizamos algumas orientações retiradas deste estudo.

## **Revisão da literatura**

Nas ciências sociais e humanas, as abordagens narrativas e colaborativas tomam a realidade como uma construção resultante de discursos e histórias dominantes (Combs & Freedman, 2012; Madsen, 2009). Os problemas são assim concebidos como estando separados das pessoas. Perante situações de desafio e crise, os terapeutas narrativos exploram histórias de superação e agência pessoal (Combs & Freedman, 2012). A escuta é um elemento fundamental, que permite reconhecer a história dos problemas e preocupações das pessoas e, ao mesmo tempo, encontrar pontos que abrem perspectivas alternativas e outras possibilidades (Freedman & Combs, 2009). Tal abordagem, valorizadora das forças e da sabedoria das pessoas, permite o crescimento do sentido de pertença, responsabilidade e participação (Anderson, 2012). Madsen (2009) propõe que a prática clínica e os serviços centrados na família devem reger-se por princípios de curiosidade cultural, de confiança no potencial e nas capacidades das pessoas e de trabalho em parceria. Assim, o papel dos profissionais na área da saúde mental e comunitária deverá ser o de reconhecer a sabedoria das pessoas, permitindo que as capacidades, valores, esperanças e sonhos que estão implícitos na forma como as pessoas vivem se tornem explícitas (Freedman & Combs, 2009). Neste sentido, o terapeuta não procura saber ou deter qualquer tipo de conhecimento (Anderson, 2012). Uma série de práticas conversacionais e de partilha de documentos, aplicáveis em contexto terapêutico, organizacional e comunitário, têm vindo a ser desenvolvidas. Através delas as pessoas podem reconhecer os seus projetos e sonhos e, ao mesmo tempo, contribuir para inspirar outras pessoas com a partilha das suas histórias e visões (Cooper, 2011).

Procurando identificar as características que estão na base de contextos organizacionais empoderadores, Maton e Salem (1995) e Zimmerman (2000) salientaram a importância de um foco centrado nas forças, da acessibilidade, da flexibilidade, de relações de entreajuda e de uma liderança partilhada, que gere oportunidades para todos crescerem e

participarem, bem como para experimentarem múltiplos papéis. Como é que as organizações conseguem atingir alto desempenho e impacto? Esta questão foi colocada por Bhalla et al. (2011), que compreenderam a importância de uma cultura de abertura à transformação, para a organização estar em constante evolução; da identificação dos profissionais com a missão da organização e da sua motivação para darem o máximo; de uma liderança colaborativa, que reconheça o potencial gerado pela integração de múltiplas perspetivas; e uma estrutura menos hierárquica, para permitir o foco no sentido do trabalho e facilitar a comunicação. As questões de carácter e de relação vêm-se revelando mais importantes para o exercício da liderança do que as competências técnicas. Para cultivar a virtude organizacional é essencial ter presente o propósito da organização (Cunha & Rego, 2015). Além do sentido de propósito o conceito de felicidade organizacional também vem ganhando ênfase, sugerindo que a felicidade de todos os membros da organização deve ser fomentada e que os líderes devem cultivá-la tanto a nível pessoal como coletivo (Simmons, 2013).

Por sua vez, a psicologia comunitária tem-se focado em estudar e desenvolver formas de atuação para combater a injustiça, a pobreza e a exclusão social (Nelson & Prilleltensky, 2010). Ainda assim, a intervenção comunitária tem investido mais na transformação individual do que no desenvolvimento comunitário e na transformação social (Maton, 2008). Contudo, procurar abordar apenas questões individuais não é suficiente para melhorar a vida comunitária (Sandler, 2007). Os processos comunitários são complexos e precisam de envolver soluções complexas, integradas, holísticas e com impacto duradouro (Krumer-Nevo, 2003; Trickett, Beehler et al., 2011). Com efeito, as dificuldades que as famílias e comunidades enfrentam estão enraizadas em causas externas, que radicam na desigualdade de poder e na injustiça (Waldegrave, 2005). Assim, o foco vem sendo cada vez mais colocado no desenvolvimento de parcerias, baseadas na relação de confiança, reciprocidade, partilha de poder e recursos, com vista a alcançar, complementarmente, bem-estar individual, relacional e coletivo (Jung, 1990; Nelson & Prilleltensky, 2010). Sandler (2007) também aponta para a

necessidade de compreender as relações de ajuda de forma holística, sugerindo que, para as comunidades prosperarem, precisam de aceder a um vasto conjunto de recursos ao nível da educação, da saúde física e mental, da proteção, espiritualidade, participação política, empregabilidade, etc.

O desenvolvimento de teoria, desenho, implementação e avaliação dos programas deve ser feito com recurso a processos participativos (Wandersman, 2009). Através da participação as pessoas têm a oportunidade de dizer e oferecer algo à sociedade e também de receber (Hernandez, 1998). Desta forma, o sentido de pertença e de agência é desenvolvido por indivíduos, comunidades e sociedades (Wandersman, 2009; Zimmerman, 2000).

### **Metodologia**

A análise e os resultados que vão ser apresentados neste artigo estão integrados numa investigação em *Grounded Theory* mais vasta, que levou à emergência de um modelo teórico focado em dinâmicas de reciprocidade (Minas, Ribeiro et al., no prelo). Com o propósito de descrever os processos de programas reconhecidos como boas-práticas na colaboração com indivíduos e comunidades em desvantagem social, na América do Norte, América do Sul e Europa foi desenvolvida uma análise temática. Com este olhar mais aprofundado e específico, pretendemos identificar e disseminar orientações para cidadãos e para profissionais que pretendem contribuir para o combate da pobreza e da exclusão social e para o desenvolvimento de bem-estar coletivo.

O desenho do estudo envolveu a identificação, observação *in loco* e recolha de dados de 15 programas sociais reconhecidos como boas-práticas na colaboração com comunidades em desvantagem socioeconómica, em 9 países da América do Norte, América do Sul e Europa (ver Tabela 1). A nossa amostra foi constituída por 16 participantes (10 mulheres, 6 homens, média da idade: 27,7, intervalo de idades: 12-43 anos), 17 líderes comunitários (12 mulheres, 5 homens, média de idade: 35,7, intervalo de idades: 22-59 anos) e 58 profissionais (40

mulheres, 18 homens, média de idades: 42,5, intervalo de idades: 24-63 anos, que participaram numa entrevista semiestruturada ou num *focus group*.

Tabela 1. Identificação e localização dos projetos visitados

Projetos visitados	País	Informação online
Pressley Ridge (PR)	Portugal	<a href="http://www.pressleyridge.pt/">http://www.pressleyridge.pt/</a>
Mais Cidadania (MC)	Portugal	<a href="http://www.maiscidadania.pt/">http://www.maiscidadania.pt/</a>
Projeto Família (PF)	Portugal	<a href="http://www.mdvida.pt/mdv/projecto_familia_oq_uee.asp">http://www.mdvida.pt/mdv/projecto_familia_oq_uee.asp</a>
Centro de Apoio à Família e Aconselhamento Parental	Portugal	<a href="http://www.nos.org.pt/centro-de-apoio-familiar-e-aconselhamento-parental-cafap.html">http://www.nos.org.pt/centro-de-apoio-familiar-e-aconselhamento-parental-cafap.html</a>
Knowledge is Power Program (KIPP)	Estados Unidos da América	<a href="http://www.kipp.org/">http://www.kipp.org/</a>
Middle Class Express (MCE)	Estados Unidos da América	<a href="http://www.wakegov.com/humanservices/director/initiatives/hcd/Pages/individuals_families.aspx">http://www.wakegov.com/humanservices/director/initiatives/hcd/Pages/individuals_families.aspx</a>
Better Beginnings Better Futures (BBBF)	Canadá	<a href="http://bbbf.ca/">http://bbbf.ca/</a>
Circo Volador (CV)	México	<a href="http://circovolador.org/">http://circovolador.org/</a>
Laudes Infantis (LI)	Colômbia	<a href="http://www.laudesinfantis.org.co/">http://www.laudesinfantis.org.co/</a>
Instituto Vilson Groh (IVG)	Brasil	<a href="http://www.redeivg.org.br/">http://www.redeivg.org.br/</a>
Terapia Comunitária (TC)	Brasil	<a href="http://consciencia.net/adalberto-barreto-terapia-comunitaria-integrativa/">http://consciencia.net/adalberto-barreto-terapia-comunitaria-integrativa/</a>
Observatório de Favelas (OF)	Brasil	<a href="http://www.observatoriodefavelas.org.br/">http://www.observatoriodefavelas.org.br/</a>
Fundación Rais (FR)	Espanha	<a href="http://www.raisfundacion.org/">http://www.raisfundacion.org/</a>
Fundacja Pogranicze (FP)	Polónia	<a href="http://pogranicze.sejny.pl/">http://pogranicze.sejny.pl/</a>
ForandringsFabrikken (FF)	Noruega	<a href="http://www.forandringsfabrikken.no/">http://www.forandringsfabrikken.no/</a>

Para seleccionar os programas recorremos a três diferentes fontes de informação: 1) a plataforma Ashoka<sup>16</sup>, que reúne boas-práticas inovadoras; 2) artigos focados em avaliação de programas; 3) e recomendações de outros investigadores e profissionais. Uma lista de critérios

<sup>16</sup> <https://www.ashoka.org/>

para orientar a nossa seleção foi definida: a missão dos projetos selecionados deveria estar voltada para o apoio ou colaboração com indivíduos ou comunidades em desvantagem socioeconómica e tais programas deveriam ter sido reconhecidos com prémios de qualidade e inovação. Depois de selecionar os programas, e-mails foram enviados para solicitar a sua colaboração. No total foram estabelecidos contactos com 40 instituições, mas apenas os 15 programas da amostra final revelaram, simultaneamente, receptividade e condições compatíveis com a disponibilidade da investigadora. A duração da estadia em cada projeto visitado, variou, tendo em conta as características do programa e a disponibilidade de ambas as partes. A recolha de dados combinou observação, entrevistas semiestruturadas (35 entrevistas), *focus groups* (9 sessões) e conversas informais. A decisão acerca dos métodos de recolha a utilizar, foi tomada em conjunto com as equipas de cada projeto. Os procedimentos e princípios éticos subjacentes à investigação foram esclarecidos com cada organização, tendo sido obtido o consentimento informado de todos os participantes. Todas as entrevistas e *focus groups*, bem como algumas conversas informais foram gravadas. Após cada visita, e-mails de agradecimento foram enviados, reconhecendo a fundamental contribuição de todos os participantes e partilhando os próximos passos do processo de investigação e as publicações no blog<sup>17</sup>. Alguns programas foram visitados pela segunda vez, permitindo a combinação entre recolha de dados, análise e escrita, bem como a integração contínua do *feedback* dos participantes.

A análise temática foi desenvolvida com recurso ao *software* N-Vivo 11. Este método de análise é indicado para identificar, compreender e descrever padrões ou temas nos dados (Braun & Clarke, 2006). Adotámos uma abordagem indutiva para procurar explorar a nossa questão de investigação e construir padrões temáticos a partir dos dados. O processo de análise seguiu os 6 passos sugeridos por Braun e Clarke (2006): 1) começámos por transcrever os dados e fazer várias leituras, notando categorias que se destacavam; 2) gerámos categorias

---

<sup>17</sup> <http://www.lugarescomunss.blogspot.pt/>

iniciais, através de uma codificação sistemática de todos os dados; 3) agrupámos as categorias por temas potenciais; 4) fizemos uma rigorosa revisão dos temas, confirmando se eram consistentes com os excertos codificados; 5) definimos e descrevemos cada tema; 6) começámos a escrever e a seleccionar excertos ilustrativos de cada tema.

### Resultados

Os resultados focam as práticas reconhecidas como mais relevantes quando cruzadas com três diferentes lentes de análise: 1) aspetos organizacionais (metodologia e cultura, estilos relacionais e dinâmicas da equipa); 2) perspetivas dos respondentes (participantes, líderes comunitários e profissionais); 3) agrupamento dos projetos por zona geográfica e afinidade cultural e linguística (Portugal e Espanha; Polónia e Noruega; EUA e Canadá; México, Colômbia e Brasil). Para que seja possível descrever e articular os resultados mais relevantes, apenas serão descritas e ilustradas as três principais práticas, em cada tema. Na Tabela 2 apresentamos uma síntese integrada e mais abrangente das práticas mais relevantes em cada tema.

Tabela 2. Boas-práticas de acordo com aspetos organizacionais, perspetiva dos respondentes e países

		Boas-práticas	Ref.
Áreas dos projetos	Relações	Valorização	45
		Reconhecer desafios socioeconómicos	31
		Disponibilidade	26
		Confiança	25
		Ouvir	23
		Proximidade	22
	Metodologia	Fomentar a participação	68
		Valorização	62
		Facilitar o acesso a recursos	46
		Abertura	39
	Equipa	Amor à camisola	52
		Boas relações	20
		Dedicação	14
	Polónia e Noruega	Fazer perguntas	25
		Participantes contribuem	24
		Valorização	24
		Fomentar a participação	21
	EUA e Canadá	Facilitar o acesso a recursos	18
		Valorização	11
		Promover competências	9
	México, Colômbia e Brasil	Participantes contribuem	58
		Fomentar a participação	47
		Reciprocidade	39
		Valorização	37
	Portugal e Espanha	Valorização	54
		Disponibilidade	31

	Qualidade	14
	Congruência	13
	Humor	10

	Boas relações	30
	Co-definir objetivos individuais	30
	Abertura	28

<b>Respondentes</b>	<b>Participantes</b>	Disponibilidade	25
		Facilitar o acesso a recursos	25
		Abertura	24
		Valorização	21
		Participantes contribuem	20
		Encorajar	20
	<b>Líderes comunitários</b>	Participantes contribuem	26
		De participantes a mestres	23
		Amor à camisola	19
		Reciprocidade	16
		Abertura	12
		Afeto/Amor	11
	<b>Profissionais</b>	Valorização	86
		Participantes contribuem	57
		Fomentar a participação	56
		Aprender com os participantes	40
		Amor à camisola	39
		Co-definir objetivos individuais	38

Para indicar o número de referências cruzadas entre as várias práticas e pontos de análise, será utilizado o acrónimo “Nref.” (e.g. Nref. = 20). As citações serão identificadas através do seguinte código: 1) Fonte (Entrevista – E – ou *Focus Group* – FG); 2) Acrónimo do programa (e.g. PR); 3) Respondente (Pt – Participante, Lc – Líder comunitário, Ps – profissional); 3) Sexo e idade do participante – letra A para mulher e letra O para homem; e um número que representa a idade do participante. Como exemplo, o código “E|PR|Pt|A44” indica uma citação de uma participante da Pressley Ridge, com 44 anos, que participou numa entrevista semiestruturada.

Começámos por focar as práticas reconhecidas como mais relevantes ao nível dos aspetos organizacionais. Relativamente aos estilos relacionais que marcam as interações entre os membros dos programas, em particular entre profissionais e participantes, destacam-se a



*valorização* (Nref.=45), que envolve o reconhecimento pelos profissionais do potencial e capacidades dos participantes, focando as suas forças e competências – “Eles [profissionais] metem-me sempre lá em cima, dizem-me sempre que eu vou conseguir, nunca me dão aspetos negativos, apoiam sempre, dizem-me coisas positivas e isso faz-me sentir bem.” [E|PR|Pt|A28]; o *reconhecimento de desafios socioeconómicos* (Nref.=31), que envolve a compreensão e contextualização das dificuldades que os indivíduos apresentam, tendo em conta condicionantes socioeconómicas – “Os sistemas não lhes têm servido, até os têm maltratado, de certa forma.” [E|MCE|Ps|O61]; e a *confiança* (Nref.=25), que se refere ao crédito dado àquilo que o participante expressa (no caso dos profissionais) e à segurança de poder contar com o empenho e apoio do profissional (no caso do participante) – “Estabeleces uma relação em que de verdade acreditas naquela pessoa” [E|MCE|Ps|O61]; “Mostrarem que estão mesmo ali ao lado com garra para ajudar e não para prejudicar (...) começo a ver que ali é uma fonte segura e posso confiar” [E|CAFAP|Pt|A25].

Relativamente à metodologia, o processo mais relevante é *fomentar a participação* (Nref.=68), que envolve desafiar os participantes a envolverem-se ativamente no projeto e a contribuírem com as suas opiniões, capacidades e ideias – “Essa é a vantagem do CV, estar aberto à participação... Assim pode nutrir-se de habilidades e potencialidades.” [E|CV|Ps|O62]; segue-se a *valorização* (Nref.=62), no sentido de a metodologia assentar no reconhecimento das competências e do potencial dos participantes e de todos os seus membros – “Todos os nossos projetos nascem com este desejo e com esta convicção de que todo o mundo tem dentro potencial, todo o mundo tem dentro talentos, todo o mundo tem dentro sonhos, todo o mundo tem dentro utopia.” [E|IVG|Ps|O60]; e a *facilitação do acesso a recursos* (Nref.=46), que envolve a orientação ou o encaminhamento dos participantes, no sentido de encontrarem os recursos necessários para satisfazerem as suas necessidades – “É dar-lhes o acesso a todos os recursos que precisam para poderem ter sucesso e nunca desistir deles.” [E|KIPP|Ps|O32].

Em relação às dinâmicas da equipa, o processo mais importante é o *Amor à camisola* (Nref.=52), que se refere à paixão e sentido de missão por fazer parte de um projeto – “as pessoas gostarem do que estão a fazer, no sentido de missão e de estar lá mesmo por gosto. O maior prazer que o meu pessoal pode ter é de estar no terreno.” [E|PR|Ps|A42]; seguindo-se as *boas relações* (Nref.=20), que indicam um ambiente de confiança e boa comunicação e interações entre a equipa – “Gostamos uns dos outros, gostamos de rir. Estamos aqui tantas horas por dia... É importante que nos apoiemos uns aos outros. Muitos de nós somos amigos.” [E|KIPP|Ps|O32]; e a *dedicação* (Nref.=14) – o empenho e disponibilidade da equipa, fazendo esforços que vão além do formalmente estipulado, para ajudarem o projeto a cumprir a sua missão – “Estar lá quando precisam de ti, quando te chamam (...) porque é o teu tempo de vida. (...) É meia-noite e está a passar-se alguma coisa e dizes “aqui estou”. Ou seja, é um projeto de vida.” [E|CV|Ps|O62].

Em relação às perspetivas dos respondentes, os participantes enfatizaram a importância da *disponibilidade* (Nref.=25), expressando a importância de sentirem acessibilidade e abertura, por parte dos profissionais e dos programas – “a disponibilidade que eles têm para nós, que hoje em dia está tudo muito ocupado” [E|CAFAP|Pt|A28], da *facilitação do acesso a recursos* (Nref.=25) – “Ajudaram-me, digamos assim, a chegar a várias instituições, que não sabia que podia ter aquela ajuda” [E|PR|Pt|A28], descritas anteriormente, e da *abertura* (Nref.=24), que reflete um ambiente e relações acolhedores, onde o participante se sente aceite e as suas ideias e sugestões são bem-vindas – “E sei que elas [profissionais] abrem e me aceitam de braços abertos e isso é o que importa” [E|PR|Pt|A28].

Os líderes comunitários destacam a importância dos *participantes contribuírem* (Nref.=26), no sentido dos participantes se envolverem nos programas, contribuindo para o desenvolvimento de atividades, para a tomada de decisões e para a prossecução dos objetivos

e missão dos projetos – “Aqui [os participantes] constroem a informação, são parte da criação do conhecimento” [FG|CV|CI|A28]; *de passarem “de aprendizes a mestres”* (Nref.=23), envolvendo-se inicialmente no programa enquanto participantes, sendo beneficiários e “aprendizes”, e tendo a oportunidade de desenvolverem capacidades e a sua capacidade de liderança, tornando-se professores, ou integrando a equipa como líderes comunitários ou profissionais– “no meu olhar vai ser sempre um pouco diferente dos demais [profissionais], porque eu fui um atendido da comunidade. Então eu atendo da forma que gostaria de ser atendido.” [E|IVG|CI|O27]; e do *amor à camisola* (Nref.=19) – “É um sonho de menina, para mim foi realizado um sonho de menina” [FG|IVG|CI|A35].

Os profissionais salientam o aspeto da *valorização* (Nref.=86) – “É dizer-lhes ‘vocês são únicos, são especiais. Nós estamos a olhar para vocês com um olho só para vós.” [E|CAFAP|Ps|A24]; de os *participantes contribuírem* (Nref.=57) – “Sabendo que o tempo que estás a dedicar não é só para aprender, mas para ensinar também. Aqui preparámos muitos professores, acho que temos mais professores do que alunos.” [E|CV|Ps|O62] e de *fomentar a participação* (Nref.=56) – “Dar vez e voz ao outro e criar espaços em que o outro possa ser, possa dizer a sua palavra.” [E|IVG|Ps|O60].

Em relação ao agrupamento dos projetos por zona geográfica e afinidade cultural e linguística, os projetos da Polónia e Noruega destacam a importância de *fazer perguntas* (Nref.=25), em vez de prescrever estratégias ou soluções, os profissionais procuram conhecer a perspetiva dos participantes e contar com a sua experiência e ideias, fazendo perguntas que elicitam a expressão desse conhecimento – “Perguntamos aos jovens o que consideram uma boa ajuda e o que consideram uma má ajuda e levamos as sugestões dos jovens até ao governo e às pessoas com poder de decisão.” [E|FF|Ps|A50]; os *participantes contribuírem* (Nref.=24) – “Finalmente encontrei um sítio onde posso contribuir para transformar o

sistema!” [E|FF|Pt|A22] e a *valorização* (Nref.=24) – “Procuramos levá-los [os participantes] a pensar que alguma coisa no contexto deles é rica, interessante e fascinante.” [E|FP|Ps|O56].

No caso dos EUA e Canadá os processos mais valorizados são a *facilitação do acesso a recursos* (Nref.=18) – “Possibilitamos o acesso a uma quantidade grande de recursos que as pessoas precisam e também podemos conectá-las com o centro de saúde” [E|BBBF|Ps|A45]; a *valorização* (Nref.=11) – todas as pessoas que trabalham aqui acreditam que os alunos são capazes” [E|KP|Ps|O32] e a *promoção de competências* (Nref.=9), focada no desenvolvimento de capacidades que levam o indivíduo a conseguir atingir objetivos pessoais – “Recebo melhor educação... Com educação as portas podem-se abrir porque ficamos em sintonia com o que está a acontecer no mundo e preparamo-nos...então educação, gestão do dinheiro...” [E|MCE|Pt|A30].

Quanto aos projetos do México, Colômbia e Brasil, os processos mais salientes incluem os *participantes contribuírem* (Nref.=58) – “Então aí começa a minha ‘troca’: eu dou e também recebo. Recebo a minha alimentação e dou formação às pessoas.” [E|LI|Lc|O42]; *fomentar a participação* (Nref.=47) – “eu acho que a TC caminha para que o participante da roda se sinta valorizado, ele sinta que ele é importante, que faz parte da vida de alguém e que contribui para que a vida daquela pessoa melhore.” [FG|TC|Ps|A33] e a *reciprocidade* (Nref.=39), que envolve uma cultura e dinâmicas de troca e partilha, implicando influência e aprendizagem mútuas, dar e receber, integrar e trabalhar com perspetivas múltiplas – “Eu acredito que a transformação tem que ser recíproca. Eu proponho uma transformação e tu transformas-me e então, mais do que uma transformação [cambio em espanhol], transforma-se num intercambio!” [E|CV|Ps|O62].

Finalmente, em Portugal e Espanha, os processos mais referidos são a *valorização* (Nref.=54) – “Eu acho que é mesmo um espaço para as pessoas crescerem, mesmo toda a gente, nós próprios e as pessoas com quem trabalhamos porque somos valorizados por aquilo

que se faz bem, as famílias são valorizadas pelo que fazem bem.” [FG|PR|Ps|O30], a *disponibilidade* (Nref.=31) – “Uma das coisas que decidimos mudar este ano é aumentar o número de horas de atenção do centro. As pessoas do centro de dia disseram-nos ‘precisamos de mais horas de atenção, preciso de sentir-me mais acompanhado, preciso que o técnico seja mais acessível.’” [E|FR|Ps|O41], as *boas relações* (Nref.=30), envolvendo relações de confiança e proximidade entre os diferentes membros dos programas – “A relação que tenho com elas [profissionais] como é que descreveria... como duas daquelas pessoas amigas, aquele ombro amigo que a gente se precisa está para nos ouvirem, para nos ajudarem, para nos aconselharem...” [E|CAFAP|Pt|A25] e a *co-definição de objetivos individuais* (Nref.=30), que envolve a planificação conjunta, entre profissionais e participantes, dos objetivos pessoais que os participantes se propõem atingir – “Ajuda a procurar os meus objetivos, mas não é eu chegar aqui e encontrar a papinha toda feita é também tem de dar aquele gozo de eu lutar e sentir que eu lutei para aqui que eu quis e cheguei ali em cima e venci porque lutei” [I|PR|Pt|F28].

### Discussão

Começando por fazer uma leitura transversal dos resultados, de maneira a compreender os processos que mais se destacam nas temáticas em análise, é de notar a predominância da *valorização*, aparecendo em 7 dos 9 cruzamentos que foram realizados. Seguem-se *fomentar a participação*, *os participantes contribuírem* e a *abertura*, os quais aparecem em 4 cruzamentos. Ainda de realçar, a *disponibilidade*, a *facilitação do acesso a recursos* e o *amor à camisola*, que aparecem em 3 cruzamentos. Os resultados sugerem assim a *valorização* como um primeiro passo e condição para o desenvolvimento de uma colaboração de sucesso. Estes resultados vêm reforçar a literatura acerca de abordagens centradas nas forças, confirmando que relações valorizadoras levam os participantes a reconhecer as suas competências e a utilizá-las para atingirem objetivos (Early & GlenMaye, 2000; Freedman & Combs, 2009; Ribner & Knei-Paz, 2002; Sousa & Ribeiro, 2012). De seguida,

é salientada a abertura dos programas para a participação e contribuição dos participantes. Estes processos são uma forma de reconhecer, de forma concreta e palpável, o valor do papel dos participantes para a construção e desenvolvimento dos programas e/ou de soluções para desafios sociais. A literatura nesta área é reforçada pelos resultados, sendo cada vez mais reconhecida a importância da participação e a perspectiva dos participantes para o sucesso dos programas (Hernandez, 1998; Nelson & Prilleltensky, 2001; Li & Julian, 2012; Udensi et al., 2012). Assim, uma vez que todos os agentes passam simultaneamente a contribuir e a ser influenciados, os programas ganham força e impacto, gerando uma transformação sistêmica. O processo deixa de ser unilateral e o participante deixa de assumir apenas um papel passivo, enquanto recetor (Anderson, 2012). Com bastante relevância, mas menor expressão, surgem processos associados à satisfação de necessidades (*disponibilidade e facilitação do acesso a recursos*) e ao *amor à camisola*. O acesso a recursos tem ganho muita atenção por parte da literatura, sendo visto como fundamental para promover o poder de escolha (Kabeer, 1999). Os resultados, ao apontarem para a menor importância deste processo, quando comparado com a valorização e com a contribuição dos participantes, confirmam a perspectiva de Krumer-Nevo (2003), que nota que, embora não tendo as necessidades básicas satisfeitas, as pessoas não deixam de procurar a satisfação de necessidades “superiores”, nomeadamente de validação e relacionais. Reforçam ainda a perspectiva de que nas relações sociais importa mais a qualidade da relação entre as pessoas do que o número de recursos a que cada pessoa tem acesso (Garcia & McDowell, 2010). Este estudo enfatiza ainda a importância do *amor à camisola*, que representa o sentido de pertença e missão das pessoas envolvidas nos projetos. Vem assim reforçar que a partilha de um sentido de propósito é necessária para o desenvolvimento de organizações virtuosas (Cunha & Rego, 2015; Nelson & Prilleltensky, 2010; Maton & Salem, 1995) e propor o *amor à camisola* como um conceito alternativo, que reflete simultaneamente o sentido de propósito e o sentido de pertença.

No que respeita aos aspetos organizacionais, ao nível dos estilos relacionais entre os diversos membros, em particular, entre profissionais e participantes, nota-se uma forte ênfase na compreensão e reconhecimento da pessoa, expressa na *valorização*, na *confiança* e na importância da *escuta*. São ainda destacados o *reconhecimento de desafios socioeconómicos*, a *disponibilidade* e a *proximidade* como características de estilos relacionais positivos. Estes processos apontam para estilos relacionais centrados na autenticidade e na informalidade e não tanto em aspetos técnicos. Estes resultados estão também em linha com a literatura, que vem sublinhando a importância do foco nas forças (Early & GlenMaye, 2000; Ribner & Knei-Paz, 2002; Sousa & Ribeiro, 2012), da escuta (Nelson & Prilleltensky, 2010), da construção de confiança gerada a partir da tradução da escuta em transformação e impacto (Cornwell & Gaventa, 2000; Freedman & Combs, 2009), que estão na base das relações de qualidade de qualquer intervenção de sucesso (Ribner & Knei-Paz, 2002).

Na metodologia destacam-se *fomentar a participação* e a *valorização*. A *facilitação do acesso a recursos* também se revela importante, ainda que surja com menor relevância. A *abertura* surge também, consistente com os dois processos de maior destaque. Estes resultados mostram a importância prioritária de valorizar e reconhecer o contributo dos participantes para o desenvolvimento dos projetos e da sociedade, e, secundariamente, focam as oportunidades de acesso a recursos. Em consonância, Blau et al. (2010), sugere que a colaboração e coordenação entre todos os agentes envolvidos nos programas é essencial para os projetos cumprirem as suas missões e que um ambiente de abertura e familiar permite expandir e aceder a múltiplas oportunidades de desenvolvimento. Garcia e McDowell (2010) também enfatizam a importância de os programas contribuírem para maximizar o capital social dos participantes, para poderem assim potenciar o acesso a recursos.

Relativamente à equipa, o *amor à camisola* aparece destacado. Surgem assim, por ordem de importância, questões associadas à motivação individual, seguidas de questões de ordem relacional, nas quais se integram as *boas relações* e o *humor*, e finalmente, questões

relacionadas com a cultura de trabalho, nomeadamente a *dedicação*, a *qualidade* e a *coerência*. Este campo sugere que o sentido de propósito, a qualidade das relações da equipa e uma cultura alinhada com os valores e missão da organização, são fundamentais. Tais resultados confirmam o trabalho de Maton e Salem (1995) que sugerem que equipas bem-sucedidas são compostas por indivíduos com significativo compromisso e paixão pela causa, que têm a capacidade de transmitir motivação e fomentar a participação de outros, bem como de colaborar na tomada de decisões e fomentar processos de liderança partilhada. A perspectiva de Cunha e Rego (2015), que sugerem que quando o empenho dos membros é movido por um sentido de missão e por objetivos comuns a organização fortalece-se, também está alinhada com os resultados.

No que concerne aos respondentes, os participantes focam principalmente questões relacionais (*disponibilidade, abertura, valorização, encorajar*). Em lugar de destaque surge também a questão da satisfação de necessidades, através do *acesso a recursos*. É ainda relevante a importância de *contribuírem*. Estes resultados estão alinhados com o estudo de Ribner e Knei-Paz (2002), que pediram a participantes em situação de pobreza para caracterizarem uma relação positiva com um profissional. O estudo revelou que os participantes davam importância a fatores que horizontalizam a relação, como o amor, o não julgamento, a flexibilidade e a dedicação. O acesso a recursos materiais, sociais e financeiros é essencial para possibilitar a transformação social, permitindo aos participantes terem meios para atingir as suas aspirações, tornando-se solucionadores independentes de problemas (Nelson & Prilleltensky, 2010; Maton, 2008; Zimmerman, 2000). Contribuir e participar surgem associados na literatura ao desenvolvimento do sentido de pertença, ao reconhecimento do próprio valor e recursividade e ao desenvolvimento individual positivo (Hernandez, 1998; Li & Julian, 2012; Rivera & Santos, 2016). Estes resultados enfatizam e reforçam o potencial que os utilizadores dos serviços têm para ajudar a desenvolver esses mesmos programas, bem como políticas públicas (Cornwall & Gaventa, 2000).



Os líderes comunitários focam essencialmente questões ligadas à *reciprocidade* e à importância de todos contribuírem para os projetos. A dimensão da paixão e do sentido de propósito com que trabalham também aparece refletida no *amor à camisola* e no *afeto*. Pelo facto de terem vivido experiências semelhantes às dos participantes e de terem conhecido os programas por dentro, enquanto beneficiários, os líderes comunitários revelam um sentido de propósito muito aguçado e têm a capacidade de se colocar naturalmente “na pele” dos participantes. Este estudo sugere que os líderes comunitários são enormes mais-valias em projetos que atuam a nível familiar, comunitário e social. Estas evidências têm vindo a ser reconhecidas pela literatura, sendo observado o valor da liderança comunitária para o desenvolvimento de projetos e ações sociais (Blau et al., 2010; Martiskainen, 2017). É assim reforçada a ideia proposta por Udensi et al. (2012) de que o nível de participação e envolvimento de líderes comunitários na planificação e implementação de projetos é um importante indicador para o sucesso dos programas. Ao mesmo tempo, a participação ativa dos líderes comunitários gera um significativo sentido de responsabilidade.

Quanto aos profissionais, também salientam a *valorização* e a importância de os *participantes contribuírem e participarem*, reconhecendo a importância de se colocarem numa postura de *abertura para aprender* e *co-definir objetivos individuais*, em conjunto com os participantes. Tal como os líderes comunitários, também enfatizam o *amor à camisola*. Estes resultados contrastam com a noção de relutância nos profissionais para identificarem aspetos positivos nas famílias (Sousa, Ribeiro & Rodrigues, 2006). Tal contraste pode refletir uma evolução das posturas e abordagens assumidas pelos profissionais, que se vão afastando do papel de especialistas e revelando uma atitude de humildade e abertura para aprenderem com os participantes. Em consonância com os resultados, a literatura tem vindo a propor que a interação próxima, a confiança mútua e a partilha de poder e responsabilidade entre participantes e profissionais e entre cidadãos e decisores é fundamental (Hernandez, 1998; Hoppe, Graf, Warbroek, Lammers & Lepping, 2015). A importância dos profissionais se

disponibilizarem para partilhar poder e a aprenderem com os participantes, contribuindo para o desenvolvimento de interações e estruturas mais horizontais e recíprocas, também vem ganhando atenção (Li & Julian, 2012). Este estudo contribui para valorizar estes processos como fundamentais para potenciar o envolvimento dos participantes, a colaboração entre todos os agentes e o impacto dos programas.

Relativamente ao agrupamento dos programas por zonas geográficas e afinidade cultural e linguística, é de notar que os projetos estudados na Europa do Norte e América Latina revelam parecenças nas práticas que descrevem como mais relevantes – a *participação*, a *contribuição dos participantes* e a *valorização*, revelando níveis elevados de *reciprocidade*. Tais práticas estão alinhadas com a perspetiva partilhada por líderes comunitários, o que pode estar associado com o facto destes projetos abordarem os participantes como contribuidores (Minas, Ribeiro et al., 2017b) e das equipas profissionais incluírem líderes comunitários. O facto de cada participante ser convidado a contribuir para os projetos e para a comunidade aumenta a sustentabilidade e a identificação das pessoas com os entornos e organizações de que fazem parte (Udensi et al., 2012). Com este estudo, a ideia de que os processos de reciprocidade, ao gerarem a integração de perspetivas diversas, são importantes para promover a abertura e inovação das organizações e as competências dos interlocutores é reforçada (Kelly et al., 2000). Estes projetos parecem estar alinhados com a conceptualização de transformação social proposta por Gottlieb e Riger (1972), em que a distância entre participante e profissional é esbatida ao ponto da responsabilidade de criar mudança ser partilhada.

Por sua vez, EUA e Canadá parecem estar mais concentrados no nível individual, que envolve a ocupação com a *facilitação do acesso a recursos*, a *valorização* e o *desenvolvimento de competências*. Neste caso, o tipo de práticas mais adotadas por estes programas está conectado com a categorização dos projetos de saúde mental, descritos por Gottlieb e Riger (1972), em que o objetivo da mudança se centra em aspetos individuais, esperando assim

estimular uma maior distribuição de poder e recursos. Por sua vez, Neal e Neal (2011), consideram que a partilha de recursos permite melhorar as condições socioeconómicas individuais.

Semelhantemente, Portugal e Espanha valorizam aspetos relacionais, como a *valorização*, as *boas relações* e a *abertura*, bem como o trabalho de *definição conjunta de objetivos individuais*. Estes processos, focados num apoio tendencialmente vertical e individualizado, revelam uma abordagem centrada nos participantes enquanto beneficiários (Minas, Ribeiro et al., 2017b). Estes resultados sugerem que os programas visitados em Portugal tendem a seguir o modelo “norte americano”. De facto, dois dos três projetos portugueses estudados, tinham adaptado metodologias desenvolvidas originalmente nos EUA. Os resultados sugerem ainda que projetos como os que foram estudados na Europa do Norte e na América Latina, que adotam abordagens que contam com a contribuição dos participantes para o desenvolvimento não apenas individual, mas também comunitário e social, podem ser importantes fontes de inspiração. A valorização e disponibilidade dos profissionais e o foco na co-construção de objetivos pessoais e familiares promovem a agência pessoal (Kabeer, 1999). Mesmo quando o foco dos projetos é a satisfação de necessidades individuais, os indivíduos tomarem parte do desenvolvimento das estratégias e processos que conduzem a esses fins é fundamental (Hernandez, 1998). Neste sentido, um modelo de intervenção desenvolvido em 2011 por Melo e Alarcão em Portugal, propõe a co-construção do plano de intervenção com as famílias, de uma forma compreensiva e valorizadora das competências familiares. Este modelo está focado na colaboração entre profissionais e participantes para alcançarem um impacto individual. Em Portugal pode também ser pertinente desenvolver projetos onde participantes, profissionais e líderes comunitários colaboram para desenvolver estratégias que visam a transformação social. O ComParte (Minas, Ribeiro, Anglin, Alves & Melo, 2017), e outros projetos de empreendedorismo social, que começam a emergir em Portugal, são sinais positivos de uma evolução neste sentido.

Em futuras investigações seria interessante conhecer quais são as necessidades apontadas por cidadãos portugueses, em termos de desenvolvimento individual e social, assim como estudar os diferentes tipos de projetos existentes em Portugal e caracterizar a natureza da sua ação – mais focada em aspetos micro ou macro, bem como conhecer os projetos que são desenvolvidos com base em metodologias importadas de outros países e aqueles que são criados originalmente em Portugal, comparando os resultados de cada tipo de projeto. Seria também interessante conhecer aprofundadamente as perspetivas assumidas por profissionais e líderes comunitários, na colaboração com comunidades em situação de pobreza ou exclusão.

### **Conclusão**

Este estudo salienta o papel central da *valorização* e da *contribuição dos participantes* para o cumprimento da missão e impacto dos programas de combate à pobreza e à exclusão social. Secundariamente, a *facilitação de acesso a recursos*, a *disponibilidade* e o *amor à camisola* surgem também com grande relevância. A nível dos aspetos organizacionais destacam-se a importância de relações de qualidade, sendo que, ao nível das relações é enfatizada a *valorização*; ao nível da metodologia, *fomentar a participação* e a *valorização* são realçados; e ao nível da equipa é salientado o *amor à camisola*. Relativamente aos respondentes, o estudo destaca o valor atribuído pelos participantes à *disponibilidade* e *facilitação de acesso a recursos* pelos profissionais; os líderes comunitários valorizam sobretudo a importância de *os participantes contribuírem e se transformarem em mestres*; e os profissionais identificam também a *contribuição dos participantes*. Quanto aos agrupamentos por países, os países da Europa do Sul têm pontos em comum com os países anglo-saxónicos da América do Norte, com um foco mais individual, centrado na *valorização*, na *facilitação do acesso a recursos* e na *promoção de competências*. Por sua vez, os países da América Latina revelam semelhanças com os países da Europa do Norte, colocando relevância em aspetos de cariz comunitário, recíproco e de co-construção.

Com base neste estudo é possível recolher importantes aprendizagens e orientações para o combate à pobreza e à exclusão social:

- Adotar abordagens valorizadoras e baseadas na confiança, focadas nas forças e no potencial de cada um;
- Cultivar o desenvolvimento de relações de qualidade, caracterizadas por abertura, disponibilidade, reciprocidade e colaboração;
- Trabalhar em conjunto e de forma recíproca com todos os elementos envolvidos nos projetos, fomentando a participação, a contribuição de todos e o contínuo desenvolvimento e partilha de liderança;
- Reconhecer os obstáculos presentes no contexto socioeconómico de indivíduos e de comunidades em situação de pobreza e exclusão e facilitar o acesso a oportunidades e recursos;
- Desenvolver uma cultura organizacional que propicie o desenvolvimento do sentido de pertença e de *amor à camisola* de todos os envolvidos – dos participantes aos profissionais;
- Integrar líderes comunitários nas equipas, para fortalecerem a proximidade, reciprocidade e compromisso com os participantes;
- Procurar a contínua atualização, dinamismo e adaptação às transformações contextuais, integrando múltiplas perspetivas, e recorrendo à pesquisa de boas-práticas internacionais, em diversas zonas do globo;
- Cultivar um espírito de partilha e disseminação de boas-práticas e processos de sucesso;
- Cuidar a coerência de todos os processos e decisões.

Esperamos que este artigo inspire a reflexão crítica e o espírito de inovação e transformação contínua, no sentido de desenvolver colaborações crescentemente

valorizadoras, recíprocas e potenciadoras da capacidade de acrescentar valor de cada indivíduo e comunidade.

## CAPÍTULO VI. Sociedade

## *Fio condutor (VII)*

Tendo-nos focado até agora nos dois estudos qualitativos, este artigo introduz o estudo quantitativo e os seus principais resultados. Tais resultados são contrastados e integrados com o modelo teórico das dinâmicas da reciprocidade, emergente da *Grounded Theory* que abrangeu os estudos qualitativos. Este estudo analisa a satisfação, o apoio social percebido, o sentido de comunidade, a necessidade de competir, a comparação social, a vergonha externa e o desejo de contribuir de cidadãos portugueses, tendo em conta fatores sociodemográficos como o sexo e a situação socioeconómica. Este estudo acrescenta robustez aos resultados qualitativos e permite um olhar mais informado sobre a situação social em Portugal.



## CAN WE COUNT ON EACH OTHER? AN INQUIRY ABOUT PORTUGUESE CITIZENS' INDIVIDUAL AND RELATIONAL DISPOSITIONS<sup>18</sup>

### Abstract

Every human being has the inherent capacity to contribute not only to his own well-being but also to collective well-being. This article presents a quantitative study involving an analysis of the 1187 Portuguese citizens' responses to an online questionnaire aimed at analyzing their satisfaction with life (SLS), sense of community (BSCS), perceived social support (SPS), social comparison (SCS), competition (SAIS), external shame (OASS) and willingness to contribute (WCS) of members of the Portuguese society, whilst understanding the influence of sociodemographic characteristics such as sex and economic situation.

By creating groups, crossing the values assigned to Competition (the '*Striving to Avoid Inferiority* scale') and Resources (inferred from perceived economic status and educational level/profession), both the highest values generated by SLP, SPS, BSCS, and the lowest values in OASS, were predominantly concentrated in the Low Competition-High Resource Group. By contrast, the lowest values for SLS, SPS, and the highest values in OASS were predominantly concentrated in the High-Competition/Low Resources Group. In respect to WCS, the lowest values were concentrated at the high competition groups and the highest values at the low competition groups. No statistical differences were found for SCS between groups. These results suggest that the focus on collective values of mutual trust and interdependence are associated with greatest satisfaction, social support and willingness to contribute, involving, at the same time, less need for competition and defensiveness.

**Key words:** Portuguese citizen well-being, quantitative analysis, online questionnaire.

---

<sup>18</sup> **ARTIGO 7:** Minas, M., Ribeiro, M. T., Ferreira, A., Lupi, T. M. & Anglin, J. (2017). Can we count on each other? An inquiry about Portuguese citizens' individual and relational dispositions. (Manuscript submitted to the journal of Personality and Individual Differences)

The development of healthy relationships has been recognized as crucial for human and social life. Nonetheless, many social environments are marked by segregation, prejudices and mental health problems, which have a large impact on individuals and the society (Nelson & Prilleltensky, 2010; Tacket et al, 2009). Individuality and relationships are shaped in a socioeconomic context (Waldegrave, 2009). There is no doubt that the economic paradigms of modern economies have brought progress, positively affecting the lives of billions of people. Nevertheless, not all benefit from such development: 94% of the world income is distributed to 40% of the population, while the other 60% of the people are left to live with only 6% of the total income (Yunus, 2009). The economic crisis is also affecting many countries worldwide. In Portugal, the economic instability is compelling. It is affecting internal and external levels of trust and having a direct impact on civil livelihood (European Commission, 2009; OECD, 2012). The OECD Better Life Index (2012), noted a significative gap between the richest and the poorest in Portugal. In general, 86% of the Portuguese citizens perceive that they have someone they could count on if they needed. However, this percentage dropped when observing Portuguese people with a low degree of education separately (80%).

In a time where, for the Portuguese and in the broader context of Europe, the world economic crisis is front and center, some important questions emerge: How are Portuguese people being affected and coping with these challenges? Which dispositions and interactional dynamics are the Portuguese adopting? Which of those dynamics are protective and potentiate well-being, and which are threatening it?

This article presents a quantitative study that aimed to understand the shape of Portuguese citizens' individual perspectives and relational dynamics, considering their satisfaction with life, sense of community, social support, social comparison, external shame, competition, willingness to contribute and socio-demographic factors. The study is part of a broad research project that involves mixed methods, with the overall goal of identifying best

practices, processes and strategies for poverty reduction and to promote individual and collective well-being (Minas, Ribeiro et al., in press).

The article is organized according to the following structure: literature review, methodology, presentation of findings, discussion and integration of the literature, and conclusion with implications for further research and practice.

### **Individual and collective dispositions and access to resources**

The dichotomy between individual and collective motivations has long been a puzzle for social sciences and a great challenge to interpersonal relationships (Klapwijk & Van Lange, 2009; Simpson & Willer, 2007). Van Lange (2000) associates prosocial motivations with cooperation, equality and generosity and pro-self motivations with individualism and competition, suggesting that in different contexts certain ones can be more adaptative than others. In 1759, Adam Smith developed a theory that still influences the structure of our society today. He first introduced the concept of the *invisible hand*, arguing that the society prospered thanks to individuals' self-interest. Sayago (2008), in a reflection about contemporary society, argued that relationships are mediated by the willingness to dominate or to be better than the other. Individuals struggle to gain their place in social groups, competing for acceptance and to earn a positive *status* (Gilbert, 1997; Baumeister & Leary, 1995). Most interactions are mainly driven by the goal of maximizing personal benefits (Doron & Parot, 2001). In this sense, individuals overestimate the dimension of *having* and underestimate the dimension of *being* (Sayago, 2008). Over the years, social status has strongly influenced the access to fundamental resources (Doron & Parot, 2001). Individual hierarchical positions are dear to people, perhaps because they give them the power to control one's life and to impact relationships (Deaton, 2003). For this reason, a striving for competitive advantage and for maximizing individual's gains has been significantly developed (Doron & Parot, 2001; Gilbert, 2000). Gilbert et al. (2007) observed that individuals assume

one of two different stances concerning competition – insecure or secure. Individuals who assume the insecure stance strive to receive external validation and believe they need to compete to avoid inferiority. On the contrary, individuals who show a secure stance perceive they are accepted and valued by what they are, independently of their performance. The competitive behavior, then, seems related to the degree of security experienced in interpersonal relationships. Western societies are becoming more individualistic over the years, relegating collectivism to the background (Maner & Gailliot, 2007). According to Bruni (2012), market relationships involve impersonal exchanges that allow individuals to satisfy their needs without needing to depend on the solidarity of others. The concept of the *invisible hand* applied to community life is limited and risky – since it can reinforce vertical relationships driven by self-interest and dependency, relegating closeness and mutual support to the background. Van Lange (2000) considers that individualistic dimensions, although important, are overestimated and such an orientation needs complementary dimensions of cooperation.

Concerning cooperation, Klapwijk and Van Lange (2009) consider that the majority of people are likely to engage in the same level of the cooperation they receive, tending to reciprocate positively or negatively, depending on the interactions. Mancenido (2011) considers that humans cooperate through strong reciprocity, once they naturally increase their cooperation with those who cooperate with them. Nevertheless, individuals usually don't punish individuals who do not cooperate with them. Individuals who cooperate and respect social norms are rewarded and the ones who don't are disadvantaged. Showing generosity – giving independently of what is expected to be received – is a key mechanism to overcome pure tit-for-tat interactions and to generate cooperation and trust (Klapwijk & Van Lange, 2009). These authors' findings show that generous strategies that aim to benefit others can be more effective than adopting a stance of strict reciprocity. Acting pro-socially towards others fosters greater collaboration, generates more positive interactions and feelings of happiness (Simpson & Willer, 2007). Back in the 19<sup>th</sup> century, Adam Smith (1759) recognized that

individuals generally care about benefiting others. Bruni (2012) claims that equality, freedom and fraternity must be held together for civil society to flourish. Along similar lines, Bowles and Gintis (2011) believe that people have a genuine concern about the well-being of others, suggesting that this can also be a motive for cooperation. Prosocial individuals, who are driven by the willingness to help others, are often motivated by the purpose of satisfying others' needs (Howard, Nelson & Sleigh, 2011). This way, where Smith's *invisible hand* fails, the handshake may succeed (Bowles & Gintis, 2011, p. 200). Collaboration is also a key piece for the well-functioning of social systems. Working in articulation instead of segregated potentiates processes and outcomes (Marques & Ferraz, 2015).

Poverty, in a general sense, is the experience of lack of resources to meet needs. The statistical measure of the annual income needed for a family to survive is the most common and objective definition of poverty (Bradshaw, 2007; Costa, Baptista, Cardoso & Rasgado, 1999). Definitions of poverty reflect political values and paradigms. Usually conservative theoreticians attribute the causes of poverty to individual factors, whilst liberals point to structural aspects. The complex causes that maintain the cycle of poverty need to be addressed complexly, and not by only focusing parts of the solution (Bradshaw, 2007). In the perspective of Costa et al. (1999) and Sen (1999), poverty is due to a lack of opportunity to choose and exercise agency. Participation in political decisions should be considered a constitutive part of development.

Research on poverty has been focusing on who loses in the economic context instead of on the context that produces the losers in the first place (Rank et al., 2003; Tacket et al, 2009). To understand poverty, we need to look to the structure of economic classes and their interrelations. Comprehending poverty as an issue of stratification leads to understanding poverty as a question of inequality (Sen, 1982). In society, the worth of individuals tends to be assessed according to how much people have (Romero, 2003). There is a huge gap between those who are rich and those who are poor and that the deprivation of the poor is connected

with the well-being of the rich. Such contrast does not promote connection, peace or common good; on the contrary, it sometimes prompts violence as well as indignation (Deaton, 2003; Piketty, 2014; Smith, 1776; Yunus, 2009). Income and social position are also strongly associated with health. Wealthier people have longer and healthier lives (Deaton, 2003; Wilkinson, 1996). Wilkinson (2004) suggests that health inequality is associated with stress, dominance and submission and, on other hand, equality generates balanced, supportive and more cohesive societies. Poverty is also known to be a strong trigger of social exclusion (Sen, 1982). Nonetheless social exclusion is broader than poverty, encompassing matters such as lack of rights and participation (Tacket et al., 2009).

Independently of the paradigm assumed, the world has become used to the idea that there will be always poor people. A collective motivation and effort is needed to overcome poverty (Yunus, 2009). A safety-net that guaranties support to everyone is a civic responsibility (Bradshaw, 2007).

## **Method**

This study is part of a larger mixed methods research project, with a sequential design that involved two prior qualitative studies (Minas, Anglin et al., in press; Minas, Ribeiro et al., in press) as well as the quantitative study that is presented in this article.

The general purpose of this study was to understand the dispositions and perceptions of a sample of Portuguese citizens, with respect to their satisfaction with life and interpersonal relationships (perceived social support, sense of community, competition, social comparison, external shame, willingness to contribute), complementarily examining sociodemographic factors such as sex and economic background. With this, we sought to comprehend the sociocultural patterns affecting Portuguese citizens' ways of connecting, supporting and competing with each other.

More specifically, we aimed to: a) observe the participants' levels of SLS, SPS, BSCS, SAIS, SCS, OASS and WCS; b) explore the differences between sexes and economic

backgrounds, c) take the first steps in the creation of a Willingness to Contribute Scale, and; d) test whether the results were consistent or inconsistent with the findings of the qualitative study.

The variables in study, as well as some of the statistics used in the analysis, were selected in order to compare the qualitative and quantitative findings. The key qualitative findings of the previous studies are synthesized below.

**Qualitative Insights: The Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework**

The reciprocity theoretical framework emerged from the study of 11 conversational sessions with participants from advantaged and disadvantaged backgrounds involved in 15 social programs internationally recognized as best practices in collaboration with disadvantaged individuals and communities (Minas, Ribeiro et al., in press). A Grounded Theory approach, that included analyses of interviews, focus groups with participants and professionals and notes collected from participant observation, led to the emergence of a theoretical framework centered in the dynamics of reciprocity and its centrality in the development of healthy and mutually empowering relationships (see Figure 1).

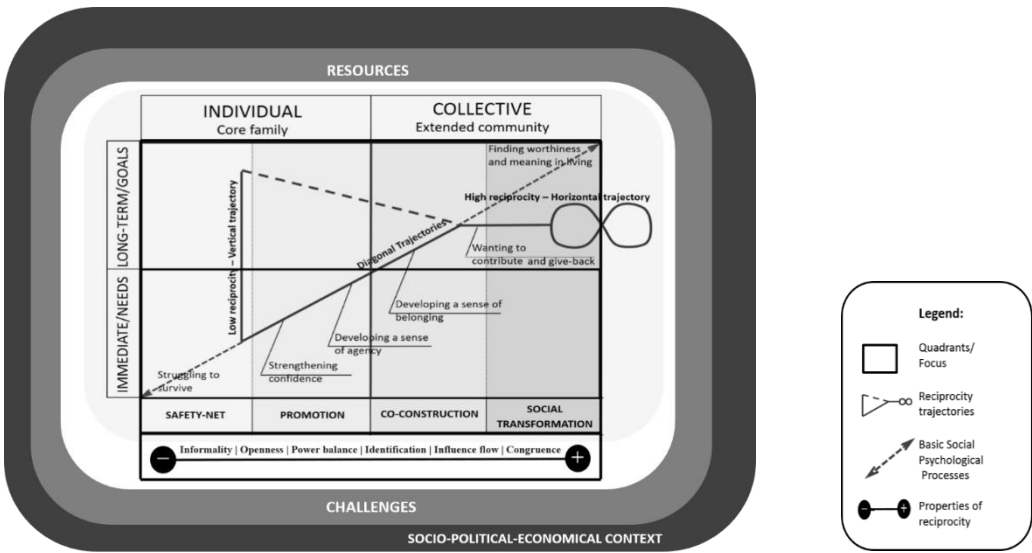


Figure 1. Reciprocity Dynamics' Theoretical Framework (Minas, Ribeiro et al., in press)

The central line in the diagram depicts three trajectories of reciprocity: vertical, diagonal and horizontal. The vertical trajectory represents uneven top-down relationships and interactions that are oriented by lack of trust, power imbalance, control, distinction and formality between its participants. Such interactions are driven by an individualistic focus. The diagonal trajectory suggests more balanced and closer interactions, but still uneven and predominantly unidirectional. Finally, the horizontal trajectory is characterized predominantly by closeness and trust, informality, openness, mutual influence and balance of power. Relationships are driven by a collective focus, involving common benefits.

Four quadrants frame the focus and stances that individuals assume, depending on their social roles and economic positions. In the bottom-left quadrant, the focus is centered on the immediate moment and on individual needs; the upper-left quadrant points to individual goals on a long-term basis; the bottom-right quadrant is centered on immediate needs, at community and collective levels; and in the upper-right quadrant, goals and purposes projected in the future are at stake, involving collective dimensions. Along the line depicting trajectories of reciprocity, six basic social processes that contribute to developing individual and collective well-being are indicated, moving from struggling to survive to finding a sense of worthiness and meaning in living. A *continuum* of programs – safety-net; promotion; co-construction and social transformation – is presented at the bottom of the framework, which correlates with the trajectories and processes emergent in this research. At the background of the framework, the first halo encompasses the resources and challenges that are present in the ecosystem and the second halo portrays the socio-political-economical context in which all the reciprocal processes are embedded.

### **Quantitative methodological design**

#### **Participants**

The sample consisted of 1187 participants, 788 women (66%) and 399 men (34%), ages ranged from 18 to 70, ( $M_{age}=34.55$ ;  $SD=11.25$ ). Most participants had a higher education



(81,1%). In respect to the professions, 476 participants had intellectual professions (40%), 256 participants had intermediate professions (22%), 150 were students (13%) and the other participants had either other professions (19%), were unemployed (4%) or retired (2%). Participants were mainly from the Lisbon area (63%) and the rest were spread among other Portuguese regions (33%) and abroad (4%). According to their own perceptions, 13 participants had a high economic level (1%), 217 had a medium-high economic level (18%), 678 participants had a medium economic level (57%), 238 participants had a medium-low economic level (20%) and 41 participants had a low economic level (4%). 624 participants were single (53%), 466 were either married or living together (39%), 92 were separated/divorced (8%) and 5 were widowers (0,4%). Only 37% of the participants had children.

## **Measures**

*Satisfaction* – The satisfaction with life was measured through the Portuguese version of the Satisfaction with Life Scale – SLS (Diener et al., 1985, adapted by Simões, 1994). The purpose of this scale is to analyse the subjective well-being and the perception that individuals have about their own quality of life. The questionnaire is comprised by 5 items scored in a global factor. The higher the value, the higher the satisfaction with life. The original coefficient alpha was .87.

*Competition* – The competitive disposition was measured through the Portuguese version of the Striving to Avoid Inferiority Scale – SAIS (Gilbert et al., 2007, adapted by Ferreira et al., 2011). The purpose of SAIS is to measure the motivations and fears that are associated to the need to compete to avoid a sense of inferiority. The original scale has three distinct parts and a total of 27 items.

*Sense of community* – The sense of community was measured through the Portuguese version of the Brief Sense of Community Scale – BSCS (Peterson et al. 2008, adapted by Colaço & Lind, 2010 – see Colaço, 2010). The purpose of BSCS is to understand individuals' sense of

connection to a community. The Portuguese version has 8 items and is measured with a four level Likert scale. For the purpose of this research the introductory instruction was changed in order to give freedom to the participants to choose a community to which they belong (e.g. neighbourhood, cultural, faith or sports group, etc.). The original version demonstrated a precision of .92.

*Perceived Social Support* – The social provisions were measured through the Portuguese version of the Social Provision Scale – SPS (Cutrona & Russell, 1987, adapted by Moreira & Canaipa, 2007). The purpose of SPS is to analyse an individual's perceived social support, according to a multidimensional lens. The Portuguese version of SPS has 24 items, distributed along six social dimensions (attachment, social integration, reassurance of worth, reliable alliance, guidance and opportunity for nurturance). Participants respond in a Likert scale that varies from 1 to 4. The original scale presents a precision of .91.

*Social Comparison* – Social comparison was measured through the Portuguese version of the Social Comparison Scale – SCS (Allan & Gilbert, 1995, adapted by Gato, 2003). The purpose of SCS is to measure how individuals rate their relative social position, in a scale that ranges from 1 (inferior) to 10 (superior). The Portuguese version has 10 items. The precision of the original scale was .91.

*External Shame* – External shame was measured through the Portuguese version of the Other as a Shamer Scale – OASS (Goss et al., 1994, adapted by Matos et al., 2012). OASS measures the extent to which others are seen as potentially depreciating one's self, analysing how people think others are seeing them. The scale consists of 18 items and participants respond on a 5 points scale. In the original scale, the precision was .92.

*Willingness to Contribute* – this scale (WCS) was developed in the context of this research to measure individuals' willingness to contribute to the society. It has 10 items and the scale of response ranges from 1 (strongly disagree) to 5 (totally agree). *Willingness to*

*contribute* emerged in the qualitative study as a key-process in the development of relational and collective well-being. It was considered important to incorporate this scale in order to complement and enrich the protocol of variables in study.

## **Procedures**

After defining the instruments which would integrate the study, 6 people participated in a test version, responding to the questionnaire in paper form and giving feedback respecting its clarity. With such contributes, some changes to the instructions were implemented. The final version of the questionnaire was then applied as an online form, through Qualtrics Survey Software. Data was collected from May 2014 until June 2015, through a convenience sampling process. As criteria for participation, each individual needed to be Portuguese and to have at least 18 years old. The first page of the protocol described the purposes, ethics and confidentiality of the investigation, and participants who agreed to participate provided written consent. The scales were presented to all participants in the same order. Participants also responded to a socio-demographic form.

## **Results**

The statistical package IBM SPSS Statistics v.24 was used to perform all the statistical operations for this study. Due to the purposes of our study it was decided to use every scale as a global variable, not analysing each dimensional structure. The descriptive statistics and precisions of each scale were initially analysed (Table 1). All scales, after recoding the items that were presented in negative form and excluding item 4 for WCS, showed a strong precision. SLS, SPS, BSCS, SCS and WCS presented high values of response, OASS and SAIS presented low levels of response.

Table 1. Descriptive statistics and Cronbach Alpha for all variables

	N	Min	Max	Mean	SD	Coefficient Alpha	Number of items
SLS (1-5)	1187	1	5	3.59	0.91	0.85	5
SAIS (0-4)	1187	0.14	3.42	1.64	0.56	0.92	36
SPS (1-4)	1187	1.79	4	3.47	0.38	0.92	24
BSCS (1-4)	1187	1	4	2.97	0.53	0.92	8
SCS (1-10)	1187	1	10	6.29	1.51	0.91	11
OASS (0-4)	1187	0	4	1.12	0.59	0.93	18
WCS (1-5)	1187	1.89	5	4.22	0.56	0.82	9

Note: Satisfaction (SLS), Perceived Social Support (SPS), Sense of community (BSCS), Competition (SAIS), Social Comparison (SCS), External Shame (OASS), Willingness to Contribute (WCS), Standard Deviation (SD)

The normality of all the variables was analysed according to four criteria: Skew and Kurtosis coefficients, Kolmogorov-Smirnov test and Q-Q plots. It was concluded that the distribution of the data was not normal. That way, non-parametric tests were used to proceed with the analysis.

As a preliminary study, a statistical analysis using the Mann Whitney U test was performed to compare the distributions of the variables in study, grouped by sex. As shown in Table 2, only the variables Social Provisions (small size effect), Competition (intermediate size effect), External Shame (no size effect) and Willingness to Contribute (intermediate size effect) presented significant differences ( $p < 0.001$ ). Men score higher at Competition and External Shame and lower at Perceived Social Support and Willingness to Contribute than women.

Table 2. Mann-Whitney test results: Mean Ranks, Test Statistic, significance and effect size measure

	Women (N=788)	Men (N=399)	Test Statistics Z	p	Z/N <sup>1/2</sup>
	Mean Rank	Mean Rank			
SLS	596.16	589.73	-.306	.380	0.01
SPS	617.11	548.36	-3.266	.001**	0.11
BSCS	590.71	600.50	-.474	.318	0.01
SAIS	527.50	725.33	-9.393	.000**	0.27
SCS	590.11	601.69	-.550	.291	0.02
OASS	581.86	617.97	-1,715	.043*	0.05
WCS	641.70	499.79	-6,752	.000**	0.20

\* $P < 0.05$

\*\* $p < 0.01$

Note: Satisfaction (SLS), Perceived Social Support (SPS), Sense of community (BSCS), Competition (SAIS), Social Comparison (SCS), External Shame (OASS), Willingness to Contribute (WCS)

$Z/N^{1/2}$  - size measure effect for Mann-Whitney

To take the analysis further, a definition of groups, based on the previous qualitative study by Minas, Ribeiro et al. (in press), was carried out. In this way, the variables Competition and Resources were crossed, in order to obtain 4 groups. The variable Resources was created transforming the 5 levels of the Perceived Economic Level variable into two levels, following the sequent process: high and medium-high levels were recoded into high level of Resources, low and medium-low levels were defined as low level of Resources; finally, the medium levels were divided into high or low Resources, considering the profession and educational levels. Competition was also recoded into two levels, weather the means of the responses were above or below average. The 4 groups obtained were G1 – High Competition and Low Resources, G2 – Low Competition and Low Resources, G3 – High Competition and High Resources and G4 – Low Competition and High Resources.

Group 1 – High Competition and Low Resources – is composed by 198 participants (16,7%) who believe they need to compete to avoid being seen as inferior and who have a low economic background. They present the lowest values for SLS, SPS, BSCS and WCS. Respecting SCS, its values appear as the second lowest. Contrastingly, OASS concentrates the highest values (Table 3).

Group 2 – Low Competition and Low Resources – is composed by 188 participants (15,8%) who believe they don't need to compete to succeed in life and who have a low economic background. They present the lowest values for SCS while SLS and OASS present the second lowest values. SPS, BSCS and WCS variables appear as the second highest (Table 3).

Group 3 – High Competition and High Resources – is composed by 397 participants (33,4%) who believe they need to compete to avoid being seen as inferior and have a high

economic background. They present the second lowest values for SPS, BSCS and WCS. SLS, SCS and OASS variables appear as the second highest (Table 3).

Group 4 – Low Competition and High Resources – is composed by 404 participants (34%) who believe they don't need to compete to succeed in life and who have a high economic background. They present the highest values for SLS, SPS, BSCS, SCS and WCS. These participants score the lowest values for OASS (Table 3).

Table 3 – Descriptive Statistics by group: Mean and Standard deviation

	Group 1 (N=198)		Group 2 (N=188)		Group 3 (N=397)		Group 4 (N=404)	
Variable	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD	Mean	SD
SLS (1-5)	3.05	0.91	3.32	0.95	3.64	0.83	3.94	0.81
SPS (1-4)	3.26	0.40	3.47	0.37	3.43	0.38	3.62	0.31
BSCS (1-4)	2.81	0.54	2.92	0.54	2.92	0.50	3.13	0.50
SCS (1-10)	6.21	1.45	6.05	1.75	6.31	1.48	6.41	1.43
OASS (0-4)	1.46	0.60	1.03	0.52	1.24	0.60	0.87	0.49
WCS (1-5)	4.07	0.56	4.27	0.59	4.12	0.58	4.37	0.49

Note: Satisfaction (SLS), Perceived Social Support (SPS), Sense of community (BSCS), Social Comparison (SCS), External Shame (OASS), Willingness to Contribute (WCS). Standard Deviation (SD).

High Competition and Low Resources (Group 1), Low Competition and Low Resources (Group 2), High Competition and High Resources (Group 3), Low Competition and High Resources (Group 4).

The Kruskal-Wallis test was used to study the behaviour of SLS, SPS, BSCS, SCS, OASS and WCS through the four groups (Table 4) and it was verified that the six variables distributions are significantly different between groups ( $p \leq 0,05$ ).

Considering the significant results obtained with the Kruskal-Wallis test, pairwise comparisons were analysed to understand which pairs of groups present significant differences (see Attachment 1). SLS distribution is statistical different between all pairs of groups ( $p < 0.05$ ); for SPS distribution most groups present significant statistical differences between each other, except between G2 and G3 ( $p > 0.05$ ); for BSCS variable the significant differences between group G4 and the others three groups (G1, G2 and G3) are evident ( $p < 0.00$ ), nonetheless G1, G2 and G3 do not present significant differences between them ( $p > 0.05$ ); the SCS distribution

shows no significant differences between all groups ( $p < 0.05$ ); the variable OASS distribution presents significant differences in all pairs of groups ( $p < 0.01$ ); finally, in the WCS distribution, groups G1 and G3 did not present significant differences between themselves ( $p > 0.05$ ) as well as groups G2 and G4 ( $p > 0.05$ ).

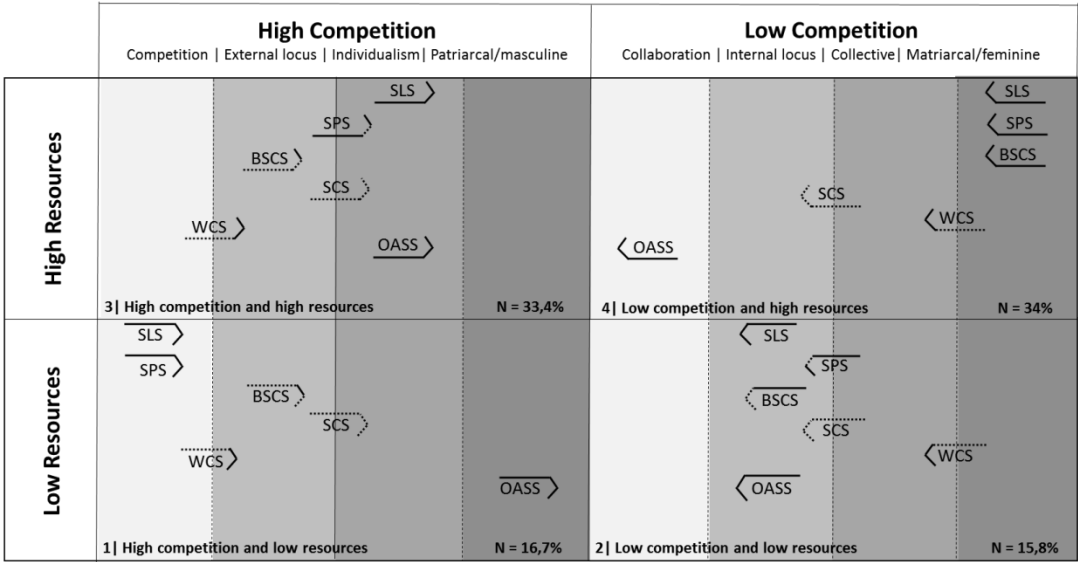
Respecting the effect size measure obtained in each case (Table 4), it's possible to know the magnitude of the differences reported. It was noted that the variables SLS, SPS and OASS present an intermediate effect size; BSCS and WCS present a small effect size and SCS presents no effect size.

Table 4. Kruskal-Wallis test results and effect size measure

Groups		N	Mean Rank	Chi -square	df	Asymp.	h <sub>H</sub> <sup>2</sup>
SLS (1-5)	G1	198	398.24	142.303	3	.000	0.12
	G2	188	491.92				
	G3	397	605.57				
	G4	404	726.08				
SPS (1-4)	G1	198	410.18	123.567	3	.000	0.10
	G2	188	593.49				
	G3	397	551.18				
	G4	404	726.41				
BSCS (1-4)	G1	198	494.77	57.760	3	.000	0.05
	G2	188	560.90				
	G3	397	559.34				
	G4	404	692.10				
SCS (1-10)	G1	198	556.70	8.414	3	.038	0.00
	G2	188	553.54				
	G3	397	600.14				
	G4	404	625.07				
OASS (0-4)	G1	198	788.36	154.570	3	.000	0.13
	G2	188	550.93				
	G3	397	663.97				
	G4	404	450.03				
WCS (1-5)	G1	198	493.58	63.657	3	.000	0.05
	G2	188	635.27				
	G3	397	529.85				
	G4	404	687.05				

Note: G1: High Competition, Low Resources; G2: Low Competition, Low Resources; G3: High Competition, High Resources; G4: Low Competition, High Resources;  $h_H^2$  – Size measure effect for Kruskal-Wallis

Based on these findings, a chart was created (Figure 2) to represent the distribution of the studied variables along the groups, according to the magnitude of their mean and significance between groups.



Note: Satisfaction (SLS), Perceived Social Support (SPS), Sense of community (BSCS), Social Comparison (SCS), External Shame (OASS), Willingness to Contribute (WCS).

Figure 2. Distribution of the studied variables along the groups, according to their distribution and significance

Figure 2 reflects the behaviour of the variables within each group and allows the comparison between them. Using a colour gradient, variables were classified by their order of magnitude, from the lowest to the highest, considering four levels corresponding to the number of groups (see Table 3). Also, each variable is surrounded by a line with three sides that point to the same variable in the other three groups. Each side can be bold or dotted depending on the existence, or not, of statistical differences of the same variable distribution between two groups.



When a variable presents a statistical difference between all groups (SLS and OASS), it is represented surrounded by a bold line and is positioned in each group according to its order of magnitude: the lowest which is in the first rectangle to the highest which is in the fourth rectangle.

The SPS variable presents significant differences between G1 and G4 with the lowest and highest order of magnitude, respectively. Contrastingly, G2 and G3 don't differ significantly, therefore the variable is positioned, in both groups, in the middle of the second and third orders.

BSCS variable only presents significant differences between G4 when compared with G1, G2 and G3. Since it has the highest order of magnitude for G4 it is positioned in the fourth rectangle of this group, while in the other groups it is positioned in the centre of the three first rectangles.

In the case of the SCS variable, that doesn't present statistical differences between all groups, it is positioned in the centre of each group, being surrounded by a dotted line since there is no order of magnitude.

Finally, WCS only presents significant differences between High Competition (G1; G3) and Low Competition (G2; G4). The High Competition groups have the lowest orders of magnitude, being positioned between the first and second rectangle. Contrastingly, the highest order of magnitude belongs to the Low Competition groups, being positioned between the third and fourth rectangle.

## **Discussion**

The combination of Low Competition (collaborative and trusting stance) and High Resources (Group 4) appears to involve the highest levels of SLS, SPS, BSCS and the lowest levels of OASS. The variable SCS does not present any statistical differences between groups and WCS doesn't present statistical differences between G4 and G2. Nonetheless, the

significant differences that were found in WCS (G4 has higher scores and is statistically different from G1 and G3 for WCS) suggest that the values in this group are amongst the highest. In contrast, the lowest levels of SLS, SPS, BSCS and the highest levels of OASS seem to be connected with High Competition and Low Resources (Group 1). The variables BSCS, SCS and WCS didn't present statistical differences between G1 and all the other groups. However, the significant differences that were found (G1 is lower and statistically different from G4 for BSCS; and G1 is statistically different and lower than G2 and G4 for WCS) suggest that the values in this group are amongst the lowest. The combination of Low Competition and Low Resources (Group 2) is associated with the second lowest levels of SLS and OASS. There were no significant differences between variables SPS, BSCS, SCS and WCS in G2 and in the other three groups. Nevertheless, the statistical differences that were found (G2 is higher and statistically different from G1 and lower and statistically different from G4 for SPS; G2 is statistically different and present lower scores than G4 for BSCS; and G2 is statistically different and shows higher scores than G1 and G3 for WCS) point to this group as concentrating one of the highest values for WCS, while showing medium values in SPS and BSCS. Finally, the combination of High Competition and High Resources (Group 3) concentrates the second highest levels of SLS and OASS. There were not found significant differences between variables SPS, BSCS, SCS, and WCS in G3 and all the other three groups. Nevertheless, the statistical differences that were found (G3 is statistically different and higher than G1 and statistically different and lower than G4 for SPS; G3 is statistically different and lower than G4 for BSCS; and G3 is statistically different and lower than G2 and G4 for WCS) suggest that this group presents one of the lowest values for WCS and medium values for SPS and BSCS.

Findings suggest that High Competition groups (G1 and G3) have greater levels of OASS and lower levels of WCS than the Low Competition groups (G2 and G4). The High Resources groups (G3 and G4) have greater SLS than the Low Resources groups (G1 and G2). It seems that the competition variable has greater impact in the values of OASS and WCS than the resources.

In other hand, the level of resources seems to have greater impact on SLS than the level of competition. Nevertheless, in presence of similar resources, the level of SLS is higher when the competitive strive is lower (greater trust and collaboration). It is also relevant to note that SLS, SPS and OASS have an intermediate size effect, which means that the differences that were found between groups are mostly due to the size of differences than from the size of the sample. BSCS and WCS present a small size effect, which gives confidence, although small, that the differences are due to their magnitude, instead of by the size of the sample. SCS presents no size effect, which is in line with the lack of significant differences. The SPS is the highest in the group with Low Competition and High Resources and is the lowest in the High Competition and Low Resources group. Nonetheless, it seems to be equal in the presence of both low-low or high-high competition and resources. Respecting SCS, the differences between groups are not significative and present no size effect, which suggests that, in this sample, the fluctuations in the level of resources and competition do not affect how individuals compare themselves to others. BSCS is emphasized with the highest values in the group of High Resources and Low Competition, being equal in the other groups. The findings suggest that the dimensions of collaborating (trusting) or competitive strive (perceiving others as a threat) seem to be what most counts. More than the resources (to have), individuals seem to be more affected by the quality of their relationships (to be). Access to resources also seems to be important, contributing to improved satisfaction with life, which is escalated when combined with a collaborative strive.

These findings are generally supportive of the Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework (Minas, Ribeiro et al., in press) which indicates that relationships that are based on trust and a sense of collaboration, involving the interchange and access to resources, sustain individual and collective well-being in a more consistent way. Even though, competitive and vertical relations may generate satisfaction for individuals who hold more powerful and resourceful positions than others, they don't contribute to the development of mutually

empowering situations, constraining the development of trust, sense of community, perceived support and willingness to contribute.

This is consistent with research in this field that has shown that members who cultivate a cooperative stance have an advantage in relation to members of non-cooperative groups (Bowles & Gintis, 2011). Developing healthy relationships and sense of belonging to a social group is key for individuals to be able to live well and grow (Baumeister & Leary, 1995; Gilbert & Procter, 2006). According to Bruni (2012), reciprocity and collaboration are fundamental principles of civil life. On the other hand, these findings seem to challenge Sayago's (2008) observations respecting the over valorization of the dimension of having and the under valorization of the dimension of being. These results also seem to corroborate the social ranking's theory, which states that a competitive disposition is adopted as an adaptive response towards social threats, when individuals experience the need to compete for resources or status. As a consequence, they become more self-centered, looking to defend themselves from humiliation and shame, and lose their sensitivity to others, becoming less available to help. This way, individuals who find themselves in low status situations tend to feel inferior and to develop a submissive behavior, involving social anxiety and depression (Gilbert, 2000). Gurtman (1992) also found that symmetrical dominant-passive interactions are related with distrust and high trust is associated with more reciprocal and collaborative relationships. Piketty (2014) discusses the unequal effects of pure competition, arguing that those who have more will keep defending their interests and the ones who have less will be kept at a disadvantage. Instead, the same author suggests the combination of competition with a logic of cooperation, which could involve progressive annual taxes on capital, to counteract the cycle of inequality.

Studies on the sense of community have also explored the factors that promote cohesion and the care for each other. Consistent with our findings, which suggest that the

sense of community is higher in the presence of Low Competition and High Resources, McMillan and Chavis (1986) observed that to develop a strong sense of community the group needs to have the capability of meeting both the needs of the group and of each individual. On the other hand, Amaro (2007) maintains that the community is a group of people that has a common sense of belonging and that interacts and shares resources, interests, and the like.

This study points to the fact that not only a collaborative stance, but also the access to resources contribute to individual and collective well-being. The results associated with Low Competition and High Resources suggest the importance of developing collaborative approaches (involving the interchange of support, resources and competences) to develop human capital. In respect to the resources factor, the findings both confirm and add to the literature in the field. Wilkinson (1996) stresses that deprivation imposes multiple costs on society. Since a considerable part of the population lives in poverty, people become a burden rather than contributors to the society's welfare. Romero (2003) emphasizes the importance of participation in the construction of the common good. By focusing on the common good, ideas of integration and caring for each other prevail. Our findings suggest that when individuals have access to resources and don't have a competitive disposition (collaborating, trusting and sharing, instead), satisfaction with life, perceived social support, sense of community and willingness to contribute are at their highest level, in contrast with external shame, which is at its lowest level.

Respecting the descriptive statistics of each variable, the values suggest that the participants of this research are mostly satisfied with life and with their social relationships. Nonetheless, it can also point to the possibility of social desirability motivations. In respect to the high levels of WCS, it should also be considered that volunteering and providing support is becoming popular in Portugal. Knowing that the sample is not representative, it is important to consider if the results reveal connections with Portuguese cultural aspects. As Gutierrez (1975)

expresses, a critical reflection about the economic and sociocultural aspects of life is fundamental. The Portuguese culture is entrenched in emotionality and human affection, thanks to their history and myths. The heart is the measure of all things (Mateus et al., 2013, p. 34; Mendes, 1996). The importance of the relational dynamics for the Portuguese people, which is connected with the sense of community, social support, willingness to contribute and trust – is aligned with the findings. The Portuguese culture is on the one hand deeply individualistic, but it has also a strong sense of solidarity. Sebastianism has left an inheritance of hope that things may happen miraculously. The Portuguese have also a strong trait of adaptability, which helps them strive in different environments and surroundings (Mateus et al., 2013). The high level of satisfaction, independently of the level of resources and perceived sense of support, seems to be in line with these traits.

Concerning the comparison of the mean ranks of the scales by sex, findings show that men score is higher at competition and lower at perceived social support and willingness to contribute. Such differences seem to suggest that men are more driven by competitive values, whilst women tend to be guided by collaborative values. Respecting satisfaction, the distributions don't present statistical differences between women and men. In the case of external shame, even though the value of  $p$  indicates there are significant differences between sexes, the magnitude of the differences is very low.

These results add some insights to the Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework (Figure 1): the left side is most centered in vertical dynamics, including competition and an individual perspective – which, in this study, appears to be more connected to the standpoints of men; the right side is characterized by horizontal trajectories, involving collaboration and a more collectivist perspective – which in this study appears as more connected with the standpoints of women. Such findings also seem to be aligned with the literature respecting patriarchal and feminist perspectives and values (Kruger, Fisher & Wright, 2014; Sultana, 2011; Walby, 1990). Patriarchy is associated with male competition for the detainment of resources,

power and to hold positions of high status (Kruger et al., 2014). Jonhson (1997) suggests patriarchy encourages men to seek security, to fear others and to consider being in control as the best defense and the best way to achieve needs and desires. Men are expected to be masculine (in the traditional sense), independent, strong, powerful, invulnerable, and non-emotional (Becker, 1999). Patriarchy has led to an institutionalized system of male dominance. In contrast, the feminist ideology aims to deconstruct the hierarchical relationship and asymmetry between men and women (Sultana, 2011). The feminine has been traditionally associated with care, vulnerability, support, emotions, empathy and the importance of relationships, which has been undervalued (Becker, 1999). Our research results suggest that if feminine values such as collaboration, support, willingness to contribute are more integrated into societal practices and institutions, then the potential and trust of individual and collective systems would be greater.

## **Conclusion**

These research results suggest that both the level of resources and the level of competition influence the level of satisfaction with life, perceived social support, sense of community, willingness to contribute and external shame. They also seem to clearly point to the combination of Low Competition and High Resources as the one capable of generating greatest welfare. The majority of the participants of this study seem to be satisfied with life and with the quality of their relationships, tending to trust others, showing low need to compete and external shame. More specifically, women present greater willingness to contribute and perceived social support and men presented higher levels of competition.

These findings seem to corroborate the qualitative results that emerged in our prior research, confirming the pertinence of cultivating relations that are oriented by collaborative and reciprocal values. Bringing to the fore the importance of collective dimensions, this study points to the interweaving of a person's attitudes and relational stances, in the pursuit of individual, relational and collective well-being.

With respect to the implications, this research emphasizes the importance of fostering the dimensions of being and of collaborating, exploring their potential to promote the well-being of individuals, communities and organizations. It also opens space for investigations and practices that integrate the diverse systems and do not focus only on the individuals that appear to show signs of lack of well-being or health.

As for some limitations of this study, it was based on a convenience sample, therefore the findings may not be truly representative and cannot be generalized to the Portuguese population. The implementation of a snowball sampling strategy and the use of an online questionnaire may also constrain the distribution of the sample, limiting the participation of low-income and older participants. Finally, since the responses of the participants were not generally at the extremes of the scales (having very few participants using the highest or lowest values of the scales to respond), the definitions of the levels of the groups – high and low – are only slightly differentiated, which may have impacted the number of statistical differences which were found between groups.

As suggestions for further research it would be useful to make a similar study with a representative sample. Also, other statistical analyses such as correlational analysis, hierarchical regressions, and structural equation modeling could be performed to extract additional significant information from the collected data. It would be interesting to analyse, with a sample with more diverse sociodemographics, the behaviour of the variables and to re-compare the statistical differences between groups. It could also be relevant to continue developing the Willingness to Contribute Scale and to add items to assess if the willingness is congruent with the practices of contribution. Another way of continuing exploring this work would be to study the sense of social connection across status, cultures and nations. Considering the generated groups, it would be very interesting to analyze the behavior of variables such as self-confidence and trust. Finally, the creation of a scale to assess the dynamics of reciprocity that could be applied to interpersonal relationships, would be of added



value for countries to be able to examine the quality of the relationships, at different levels and systems.

## Attachment 1

Table 5. Kruskal-Wallis Pairwise Comparisons Adjusted Significance

		SLS	SPS	BSCS	SCS	OASS	WCS
G1	G2	0,043	0,000	0,319	1,000	0,000	0,000
G1	G3	0,000	0,000	0,163	0,871	0,000	1,000
G1	G4	0,000	0,000	0,000	0,129	0,000	0,000
G2	G3	0,001	0,978	1,000	0,747	0,001	0,003
G2	G4	0,000	0,000	0,000	0,108	0,005	0,519
G3	G4	0,000	0,000	0,000	1,000	0,000	0,000

Satisfaction (SLS), Perceived Social Support (SPS), Sense of community (BSCS), Social Comparison (SCS), External Shame (OASS), Willingness to Contribute (WCS).

High Competition and Low Resources (G1), Low Competition and Low Resources (G2), High Competition and High Resources (G3), Low Competition and High Resources (G4).



# Parte 4

Implementação prática

---

## CAPÍTULO VII. Integração entre teoria e prática

## *Fio condutor (VIII)*

Ao longo do vasto processo de investigação que tem sido descrito ao longo desta tese, surgiu a oportunidade da doutoranda integrar, no final de 2013, a equipa responsável por conceber e implementar um programa de desenvolvimento cívico e transformação social da Fundação Maria Rosa, que acabara de ser constituída. Este artigo relata o processo de co-criação e desenvolvimento do projeto que ganhou o nome de ComParte. O artigo reflete sobre vantagens, desafios aprendizagens ao integrar os contributos dos participantes no desenvolvimento do projeto e ao interligar prática e processo de investigação. A utilidade do modelo teórico das dinâmicas da reciprocidade enquanto uma grelha orientadora para caracterizar a tipologia dos programas é também testada. Através desta apresentação, de cariz essencialmente experiencial e prático, esperamos disseminar o que identificámos como boas-práticas e inspirar aqueles que estão a iniciar projetos que visam a transformação social e a articulação entre componentes teóricas e práticas.

*How can we develop a social program that serves community purposes? How can participants be part of its co-creation? How can a social program integrate different types of knowledge?*

These questions are in the roots of the conception of ComParte, an innovative program developed in Portugal. The creation of ComParte was marked by the contributions of a multiplicity of agents, including the advice and perspectives of Portuguese citizens from 8 to 80 years old and the findings of a doctoral research study involving many international voices.

*What makes people want to mobilize towards the construction of collective well-being? What strategies are effective in promoting poverty reduction and social connection? How can programs support collective well-being and the development of the individual and community potential?*

These questions served as the basis for a doctoral research project that aimed to deepen the understanding of successful strategies for poverty reduction and for social connection and well-being. In a search for answers, a Grounded Theory analysis of the views of 113 participants, from 9 different countries, across 15 programs recognized as best practices in community development. Complementarily, the quantitative analysis of the responses of 1180 Portuguese citizens, with respect to their satisfaction with life, sense of community, need to compete, amongst other variables, was completed. As a result of this complex research process, the *dynamics of reciprocity* emerged as a key concept, casting some fresh light on an important dimension in the community psychology and social work arenas.

---

<sup>19</sup> **ARTIGO 8:** Minas, M., Ribeiro, M. T., Anglin, J., Alves, B. & Melo, J. (2017). ComParte: a social program rooted on Dynamics of reciprocity. (Manuscript revised and re-submitted to Social Innovations, American Journal of Orthopsychiatry)

This article presents ComParte in its interrelation with the Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework (Minas, Ribeiro et al., in press), with the purpose of reflecting about the challenge of developing programs in collaboration with participants; the benefits of interconnecting research and practice; and the utility and applicability of the theoretical framework, as a guide-line to identify the state of programs' dynamics of reciprocity and their typology.

To accomplish these purposes, the article starts by introducing ComParte and the Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework. Secondly, the co-constructive process of conception, implementation and development of ComParte, alongside with the intersections with research are encompassed. Then, we consider the typology of ComParte, according to the continuum of programs depicted in the framework. Finally, bidirectional lessons between theory and practice are inferred and implications for theory and practice are discussed.

### **What is ComParte?**

ComParte<sup>20</sup> is a Portuguese grass-roots civic engagement and social transformation program with a national scope. It envisions a society where citizens and decision-makers cultivate a relationship marked by trust, collaboration and feedback, and where the citizens contribute directly to improve the societal systems of which they are part. ComParte seeks to contribute to the development of the competence and efficiency of the systems of the Portuguese society (e.g., Education, Social Integration, Health etc.), contributing to the accomplishment of their mission by engaging citizens (the users) and decision-makers (the regulators) in increasingly collaborative, co-constructive and trusting relationships. In this way, ComParte aims to contribute to develop the laws and public policies that regulate the social systems of the Portuguese society.

---

<sup>20</sup> [www.comparte.pt](http://www.comparte.pt)



ComParte is a project of Maria Rosa Foundation which was constituted in 2013 with the purpose of strengthening the Douro region of Portugal and the wine-making culture, as well as contributing to the collective well-being of Portuguese society as a whole.

The name ComParte has two complementary meanings: *to be part/to belong or to share*. It suggests that the more citizens become *part* of the continual improvement of the societal structures, laws and policies, the more they develop a sense of belonging to those systems they are helping to develop. At the same time, it suggests that *sharing* and integrating perspectives can lead to better and enriched solutions.

ComParte considers citizens as “Pros” – experts at knowing by experience what is working well and what can be transformed in the systems of the society to which they belong (e.g., education, social welfare, integration, etc.), due to their experience as users and participants. Decision-makers are seen as experts at taking decisions that target the continual improvement of the structures of the society for which they are accountable, potentiating the collective well-being. ComParte is “expert at asking the experts” and in promoting collaboration through the facilitation of constructive meetings and modes of feedback. The project supports participation and co-construction of strategies and public policies.

In ComParte everyone involved is seen as a valued contributor, and this view makes a difference. Looking at all its members as fundamental parts of ComParte, sharing the mission of contributing to the improvement of the societal systems, acknowledges their power, enacts their inner strengths and stimulates collaboration.

## **Methodology**

Through participatory methodologies, the Pros share their knowledge and suggestions with decision-makers. Integrating different sources of information, the decisions are enriched and both citizens and decision-makers play important parts in the construction and continual improvement of societal systems.

ComParte's methodology is composed of two main stages: 1) mapping, and 2) ongoing development.

The "mapping" stage involves the following steps: a) mapping the knowledge and experience of the Pros – through participatory dynamics the Pros share suggestions, based in their experience about what works and what can be transformed in specific Portuguese societal structures; b) identification of key-topics – analysis of the shared information and identification of the most relevant topics; c) meetings with decision-makers – Pros share their ideas and suggestions with the decision-makers, in a constructive and familiar environment.

The "ongoing development" stage involves a) feedback – giving back information, from the decision-makers to the Pros, respecting the implications of the shared suggestions and ideas; b) strengthening connections – regular meetings that potentiate quality relationships between the participants; c) conferences – the Pros inspire audiences of decision-makers; and d) collaborating in the development of public policies – Pros participate with decision-makers in the integration of their suggestions for the development of public policies that affect them.

Besides going through these steps, ComParte invests in developing strong trusting relationships with all involved, especially with the Pros. That way, quality time is dedicated to generating opportunities for emotional connection between the team and the Pros. The sound bonds that are established and the deepness of what is shared by the Pros are key for the success of each stage of the methodology.

### **Scope and internal structure**

The methodology of ComParte can be useful in multiple societal structures. At the moment, it is being developed in the areas of education and social integration.

In the area of education, students from the 7<sup>th</sup> to the 12<sup>th</sup> grade, with their experience and knowledge about schools, share advice and innovative ideas on how to improve the

education system, inspiring decision-makers (from the school boards to the Government). After having collected the experience and advice of students from 60 schools across the whole country, we are approaching the end of the mapping stage which will be completed with a meeting between Education Pros and the Secretary of State of Education and the Secretary of State of Citizenship and Equality. This event will mark the start of the ongoing development stage of collaborative work between Pros and decision-makers that will be further co-designed and will likely include working together in an emergent educational project. Alongside this macro approach, local changes have been put into place by the boards of some schools where the process of ComParte has been implemented. Changing the school schedule, improving school materials and creating groups of students as “counselors of the board” are some examples of the local impact that has been generated with the integration of student’s suggestions. As an Education Pro has said: “My willingness to be engaged in school affairs increased a lot and I realized a great transformation, mainly in the way I express myself. Now I feel I am part of the school and I am making a difference.” In the same line, an Education decision-maker stresses “I felt a great amazement to understand the school in the perspective of the student.”

In the area of social integration, those who found a refuge in Portugal – asylum seekers and other migrants (+12 years old) – reflect and contribute to the development of the Portuguese system of reception and integration of migrants. Up to this point, three meetings with Pros and Decision-makers (Director of Immigration and Borders Service; High Commissioner for Migration and the Secretary of State for Citizenship and Equality; and City councilman for the social rights, Lisbon city council) have taken place. New meetings, and the second stage of the methodology that involves implementing collaborative changes and the decision-maker agendas, integrating Pros suggestions for bettering the system, are now being prepared. In this area, some successes that have been acknowledged include: a) the increase of Integration Pros’ sense of worthiness by being assumed as contributors and realizing that

decision-makers are listening to them and valuing their advice; b) the decision-makers growth in awareness about the usefulness of the perspectives of the Integration Pros for developing better solutions; and c) the constructive environment and closeness that has been generated amongst all parties. Similar indicators have been observed in both the social integration and education fields. Testimonies of participants from the social integration field stress: “We need to seed an idea...and let it grow. I think that's what we're doing. I think we did it.” [Integration Pro, from Syria] | “The way you facilitated this meeting was frankly stimulating and innovative, which made it very productive and enriching. I appreciate this opportunity and we will certainly have more chances to develop our cooperation in the future.” [Integration decision-maker]

ComParte’s office is situated in Lisbon, however, two members of the team travel across the country, engaging Pros from all the districts of Portugal. Until now, 3498 Pros (3378 – ComParte & Education; 120 – ComParte & Integration) shared their advices to improve the Portuguese education and social integration systems.

ComParte was initiated by a founding team of four young women (the lead and fourth author of this article are two of them) who remain engaged in developing and implementing the activities and overall strategy of ComParte. New members have now joined, to support achieving the endeavors of the project. In total, the “ongoing team” is composed of 13 members (8 university graduates, 1 intern and 4 Pros). Trying to be congruent with our identity and purposes, the team is composed of members from diverse fields of knowledge (e.g. psychology, political science, law, management, etc.) and by Pros (e.g. students and migrants), who participate fully in ComParte.

### **An overview of the Dynamics of Reciprocity Theoretical Framework**

The concept of *reciprocity* as a central process in relationships that potentiate the full development of people, communities and programs, was a key-finding of the lead author’s

doctoral research. Participants in that study, outlined briefly at the start of this article, frequently indicated how important it was for them to feel they were *somebody* and how that was associated with the experience of *having an impact* within their society. The analysis revealed that *reciprocity* was the process through which such aspirations could be and were achieved, in a collective fashion. Through the *dynamics of reciprocity*, the integration of the dual dimensions of *giving/contributing/influencing* and of *receiving/being influenced* were experienced and valued. By creating a dynamic balance of these relational dimensions, it is possible to promote connection and mutually beneficial relationships.

The relevance of reciprocity in the areas of poverty reduction and social connection is related to social support, at both a formal and informal level. In brief, the way in which support is provided or exchanged has strong effects on those involved.

The Dynamics of Reciprocity theoretical framework, presented by Minas, Ribeiro et al. (in press) identifies three *trajectories of reciprocity*, which characterize different styles of community program interaction. The first is referred to as *vertical*, a predominantly top-down flow of influence, which is characterized by imposition, prescription, focusing on problems, judging and labeling, holding information, and similar unilateral processes. The second style is referred to as *diagonal*, which implies the *depowerment* of those that are in a position of advantage, by showing trust, valuing, encouraging participation, sharing resources, listening; and empowerment of the ones in a position of disadvantage, through participating, expressing ideas, focusing goals, sharing resources, etc. The third approach is referred to as *horizontal* – with a bidirectional influence flow, characterized by empathy, respect, and mutual learning.

A continuum of programs, evolving in complexity and degree of integration, has been identified in this research, according to the level of reciprocity imbued in their engagement methodologies, culture and relationships. At the least reciprocal end of the continuum are the Welfare Programs, characterized as top-down and prescriptive. Those referred to as

Promotion Programs move towards more equality of engagement, with Co-construction Programs and Social Transformation Programs having the highest degrees of reciprocity (Minas et al., 2017a).

After three years of international field work and data collection, and with the data analysis at an advanced stage, the initial findings from the research process began to emerge. It was in this context that, in September 2013, a team was created to conceive a social program within the Maria Rosa Foundation, resulting in ComParte.

### **The process of conception, implementation and development of ComParte**

The initial strategy of the team responsible to pursue the mission of conceiving the social program of the Maria Rosa Foundation involved doing a benchmarking analysis of best-practices, holding informal “brainstorming” sessions, and engaging in team reflection. In this context, the main findings and learning experiences derived from the “dynamics of reciprocity” research study were shared and incorporated.

As a result of our deliberations, it became clear that it made sense to collect diverse ideas and to involve members of the community in the definition of the Foundation’s social project. This decision was rooted in the strong sense that a social program would have higher impact if it were developed, from its inception, with the involvement of the community; only this way could it belong to everyone, conferring it with relevance, legitimacy and a strong foundation. Therefore, the team started designing a participatory process, oriented to a listening approach, to collect knowledge from diverse sources.

This engagement process involved organizing five focus groups, an online questionnaire and a session utilizing the “world café” format, altogether involving people from 8 to 80 years old. The focus groups were initiated over January and February of 2014. The first group involved children from the second year of the primary school; the second was constituted by first year students in a secondary school; the third was composed of adults from

diverse professional and artistic fields; the fourth involved professionals and participants from diverse social programs; and the fifth focus group consisted of participants from a senior university. In total, 57 participants shared their ideas in the focus groups.

The methodology and questions were adapted to the specific characteristics of each group. For example, the children were asked to imagine they were kings, and that they could make a change in Portugal, questioning them about what change that would be. We would request the adults to imagine they went into the future and took with them a picture from Portugal that showed that the country had improved, and we asked them to describe the signs of change that were present in the picture. The online questionnaire was shared by e-mail and Facebook and was answered by 34 people. Participants were challenged to share ideas about what a new social program should consider, in order to develop its purpose, mission and methodology. The collection of suggestions brought forward potential activities, foci, and many innovative ideas such as assuming a macro level of action, targeting collective well-being, and addressing the importance of education.

Finally, the world cafe session took place after the team had done a thematic analysis of the information collected in the focus groups and online questionnaire. Combining all the topics that emerged as most relevant with the best-practices benchmarking and the lessons taken from the Dynamics of Reciprocity study, eight social program prototypes were developed potentially to be embraced by the Maria Rosa Foundation. Using this feedback and information as the basis for the world café, 17 consultants (including both participants from innovative social programs and professionals of diverse areas) were invited to work through various round tables and to discuss in each table one of the prototypes. This activity helped the team to develop further each idea and to identify what prototype could have most potential, relevance and sustainability.

## **The emergence of Gratitude**

One issue that has been accompanying the growth of ComParte is related to the expression of gratitude and the recognition of the various added-values and forms of contribution that, together, make ComParte what it is today.

When we decided to invite people to contribute to the participatory process, we invested time in considering how we could compensate such contributions. We chose an affective and artistic way of giving-back and expressing recognition and gratitude, that involved creating and offering paintings that represented a synthesis of the conversations that took place in the focus groups. Before we had the chance to express our deepest gratitude for what each person offered to the program, the participants took the initiative of showing us how grateful and honored they felt for taking part in the construction of a project that would have an influence in their community. The mutual motivation, gratefulness and fulfillment generated by this participatory and collaborative process was enlightening. This way, we started wondering if the mission of the social project could be to generate opportunities for all to engage and contribute to the continual development of their community and society as a whole.

## **More contributions from the research and the beginning of an inspiring partnership**

The day after the world café session, the lead author started a two-month field trip, to share the research findings at conferences and to test the relevance of the Dynamics of Reciprocity framework. This process involved visiting three other social programs in Europe. At this stage, the course of the research project gained scope and complexity, since it was viewed through a bi-dimensional lens: that is, interconnecting both the research frame and the processes of conception of an actual social project.



A visit to ForandringsFabrikken<sup>21</sup> (“Change Factory”), in Norway, demonstrated that the language and methodologies in that program were in significant consonance with the reflections, visions and prototypes that the team was developing for the ComParte social project. Moreover, it was one of the programs that most seemed to foster high levels of reciprocity between all the participants involved. When the time to say goodbye came, in an informal “farewell” moment with the founder of ForandringsFabrikken, we talked about the Maria Rosa Foundation and the participatory process being undertaken to conceive a new social project. Her spontaneous feedback was opened way to start a partnership: “what you have been telling us was like music to my ears, the commonalities between our projects are immense. Over 10 years of developing our work we are at a point where it makes sense to share what we have been learning and take it beyond Norwegian borders. If you like, we would be happy to work in collaboration with you.”

The next day the lead author was back in Portugal. Our team had a meeting that was defining. We embraced the challenge that was left by ForandringsFabrikken, considering it as another organic piece that helped us to complete the puzzle. The board of the Maria Rosa Foundation unanimously and enthusiastically approved our purposes, and the social project gained shape and inherited the know-how and methodological inspiration acquired during 10 years of international practice and research.

### **Adapting the Methodology to the Portuguese Context**

Being inspired by the fact that youth were main participants in ForandringsFabrikken, we scheduled another session with the secondary school class that participated in the focus group. We were motivated by two purposes: 1) to ascertain the relevance and meaning of the project to the youth; and 2) to give feedback to the youth, showing them how their ideas

---

<sup>21</sup> <http://www.forandringsfabrikken.no/>

impacted the definition of the project and how their contributions turned into concrete outcomes.

The meeting generated great engagement! The youth who were quite reserved and shy in the focus group, this time became strongly involved. They expressed their emotions and ideas, showing motivation and hope to generate important changes in their school. When asked to share their knowledge about topics which concerned and affected them, most of the youth had a lot to say. Some weeks later we met the teacher that offered us the opportunity to be with her students. She told us: “they were so happy and motivated! They loved it! They loved it because the school had never given them this opportunity. It was as if there was a knot that was untied... Their behavior changed. They started treating me in a totally different manner, much more closely and openly. It made me think that I am failing. The tasks are so bureaucratic, we don’t have time to look. Did I lose track of their realities?”

Some of the students became involved in the project from then on – even before it had a shape or a name. Now they keep contributing with their energy and ideas to the mission of ComParte.

### **Cultivating the co-constructive spirit**

To keep cultivating the co-constructive spirit we organized the first general meeting of the social project of the Maria Rosa Foundation. Many of the people who contributed to the construction of the project (70 participants) gathered together. The meeting served to express gratitude publicly to everyone who contributed to the conception of the social program, to share what the project was becoming and to continue collecting ideas from the participants. A spontaneous echo greeted the official presentation of the project: “I have great hope in what this project is becoming. When I was invited to contribute to the project, I felt I was genuinely heard. From then on I started believing that my experience and suggestions can make a difference” (Student - now part of ComParte’s team). Following this testimony, the president

of the Maria Rosa Foundation said: “If there was still any doubt about the relevance of this project, it was just confirmed how worthy it is”.

Aspiring to live up to our values, we organized another general meeting to decide together the name of the project. It was another chance for all to contribute and be connected to each other, and to the project. This was how ComParte emerged, reflecting the value of each part, and each participant to the development of society.

### **Signs of reciprocity along the process**

There are many dimensions to the incorporation of reciprocity within the various stages and functions of the ComParte program, including:

Table 1. Signs of reciprocity in ComParte’s conception, implementation and development

Grass-roots	ComParte was built, from its inception, with the collaboration and ideas of citizens/participants. Its nature was not predetermined. Although the project adopts a methodology that was already created, it keeps being transformed and adapted, including the participants’ ideas and suggestions.
Participatory	ComParte is based on a participatory and emergent process.
Organic	The growth and path of the project is influenced by its interactions with the participants and the social environment.
Horizontal	ComParte’s structure is horizontal and non-hierarchical. It is not unidirectional, involving sharing power and ownership.
Recognition of diverse expertise	ComParte recognizes the contribution and expertise of every actor of the society (citizens, decision-makers, etc.). Participants are seen as experts. The ones who usually are taken as beneficiaries/“receivers” of the systems are considered as Pros, possessing precious knowledge and experience that can add-value to the societal structures.
Integrative	The project combines different sources of knowledge (academic, empirical, experiential, etc.) the integration between reflection and practice, between micro and macro perspectives, as well as between bottom-up and top-down approaches.
Shared leadership	The purpose of ComParte involves contributing for the collaborative improvement of the societal structures.
Openness	ComParte welcomes diverse visions and perspectives, integrating ongoing suggestions and creative and disparate ideas.
Informal	The project is imbued in an informal and familiar environment.
Trust	Trust flows in multiple directions: from the Foundation board to ComParte’s team, from the team in relation to all involved and from the participants in respect to the project;
Congruence	There is an effort to choose inclusive and empowering words, reflecting ComParte’s values.
Feedback	Feedback is emphasized, generating the circulation of information and the engagement of all stakeholders.
Collaborative	ComParte embraces approaches that generate cooperation and trust.

## Why is ComParte a Social Transformation Program?

According to the Dynamics of Reciprocity theoretical framework, a social transformation program is characterized by the pursuit of major causes and the generation of impact at macrostructural levels. For that to occur, a focus on collective dimensions and transformational long-term processes is fully embraced. Nevertheless, due to their integrative lens, these programs may, as an indirect consequence of their action, also address individual needs. Social transformation programs closely collaborate with individuals and communities with a high level of reciprocity. Professionals and participants share a sense of mission, working together, in a horizontal fashion. Participants are fundamental stakeholders and contributors to achieve the mission of the program, which is collectively shared and defined. Diversity and multiple perspectives are embraced as boosts for innovation and social connection (Minas et al., 2017a).

The scope, culture and nature of relationships necessary to sustain ComParte are outlined in Table 2.

Table 2. Scope, culture and member's relationships in ComParte

Scope	Macro and collective. ComParte targets the transformation and improvement of Portuguese societal structures, through the collaboration and development of trust between citizens and the decision-makers. ComParte is not created to provide immediate and direct support to individuals in need. Instead, it counts on people who are seen as "users/beneficiaries of the systems" as fundamental to improving the functioning of those societal systems. Its purpose is overarching and integrative. Proximal processes, such as closeness and participation, are also included in the organization's approach. The integration between ecological levels of action and multiple perspectives also characterizes ComParte's identity.	"To give voice and, simultaneously, to listen (...) To try to understand the reality through civic participation and the active voice of those who are deeply engaged in it is the inspiration that ComParte brings to us." [Decision-maker]
Culture	Informality, closeness, affection and familiarity. ComParte's culture is also marked by a reflexive nature (instead of immediate or reactive).	"ComParte is not a project, ComParte is a family" [Education Pro]
Relationships	Experts to experts. Horizontal interactions between the different members (Foundation board, the team and the participants) mediate the relationships that are	"The students are the best teacher of a teacher" [Teacher]

	developed in ComParte. Such interactions are characterized by trust, freedom, flexibility, shared leadership, closeness, informality, expression of vulnerability and integration of different perspectives. Such relational styles are then assumed by the different stakeholders that collaborate with ComParte.	
--	--	--

## Conclusion

As concluding remarks, we reflect upon the “bidirectional learning experience” potentiated by the articulation between research and action, gathering implications that may inspire future practice and research configurations.

ComParte inherited from the author’s doctoral research process the sensitivity to the importance of cultivating reciprocity, at multiple levels, and the awareness of the importance of grounding each stage of the process in full engagement of participants. Its co-constructive nature and the integration between bottom-up and top-down approaches, individual and collective frames, micro and macro perspectives, etc., were influenced by research participants’ perspectives. The holistic lens, informality, freedom and flexibility to work on behalf of a cause, where all participants share passion and a sense of pride to belong, are also rooted in the research findings.

The research, in turn, imported from the process of emergence and action of ComParte the importance of feedback. The Pros have shown how fundamental it is to ensure ongoing feedback in order to build constructive and reciprocal collaborations. We are striving to assure that feedback about the research findings and the recognition of participants’ contributions, reaches all who collaborated with the research. As well, the research has revealed the importance of sharing emotions and vulnerability, at multiple levels (e.g., in the context of scientific communication), to maximize connection and authenticity.

We are now in a position to highlight some aspects of this two-way process that can strengthen both research processes and program design and implementation:

- Cultivating awareness about the dynamics of reciprocity at stake and to bring the topic into conversation with the project team and participants – this will enhance trust, the opportunity of growth, the engagement and acknowledgement of all and potentiate the dynamism of the relational dynamics;
- Assuming participants are fundamental contributors, and to define concrete ways of expressing gratefulness and of sharing information along the process – expressing valorization and gratitude is key to a healthy collaboration;
- Building strong and trusting relationships is central to any collective and social endeavor – this will be essential to defining the reach of the collaboration and the engagement of participants;
- Developing and studying programs with diverse natures and purposes, encompassing the continuum that goes from safety-net to social transformation programs and to develop assessments that contribute to consistently fitting the characteristics of the programs to their purposes and their inner dynamics of reciprocity;
- Striving to reach congruence between the processes of conception, implementation and development of the projects, from the small details to the big questions, is primary – this will raise transparency and credibility;
- Recognizing and integrating diverse contributions and perspectives, along the way – the more programs and research projects include a diversity of inputs, the more they encourage participation, sense of belonging and inclusion.

The experience of going through two parallel and intersecting processes – doing research and developing a grass-roots and participatory social program – is challenging and demanding on all parties. Nevertheless, the personal and collective fulfillment and opportunities for learning through the implementation of theory and collaboration surpasses the hazards, imbuing our experience with a sense of purpose and gratefulness.



# Parte 5

Discussão geral e considerações finais

---



Neste último capítulo resumimos os principais contributos da investigação, integrando-os na literatura. Discutimos ainda as principais aprendizagens recolhidas, implicações, limitações e sugestões para futura investigação.

### **Contributos integrados**

#### *1. Construir a reciprocidade a vários níveis sistémicos, colocando o foco nas relações*

Um dos principais contributos desta investigação está refletido na proposta de um modelo teórico centrado nas dinâmicas da reciprocidade como grelha de compreensão e orientação prática para abordar a temática do combate à pobreza e à exclusão social. Ao tomar os processos de reciprocidade como nucleares, o foco de análise é direcionado para as relações, englobando múltiplos níveis sistémicos. Este contributo vem reforçar e complementar o trabalho de vários autores, que têm vindo a chamar a atenção para a importância de valorizar os processos relacionais e de reciprocidade (Ashworth, 2013; Bronfenbrenner, 1979; Bruni, 2012; Kelly et al., 2000; Li & Julian, 2012). Segundo Bruni (2012) ainda que as relações envolvam desafios, a componente relacional é fundamental para alcançar bem-estar. Ao mesmo tempo, confirma a importância da compreensão das causas estruturais da pobreza e do desenvolvimento de estratégias holísticas e integradas (Foster-Fishman et al., 2007, Nelson & Prilleltensky, 2010, Rodriguez-Bailon et al., 2017). Os resultados desta investigação sublinham a importância de abranger diversos níveis sistémicos de análise e de atuação para gerar transformação e bem-estar individual, relacional e coletivo. Esta leitura integrada, permite reenquadrar tensões entre posicionamentos aparentemente contraditórios e tomá-los como complementares, enriquecendo os paradigmas de ação social. O modelo teórico permite também analisar o potencial de interações verticais, diagonais e horizontais, em interconexão com estágios de desenvolvimento psicossociais, referenciais e crenças individuais e interpessoais e programas de desenvolvimento individual e social. De facto, diferentes áreas do saber, como a economia, a demografia, entre outros, consideram apenas

fragmentos dos fenómenos sociais para procurar compreender o bem-estar, mas o bem-estar deve ser estudado como um todo (Deaton, 2013). Este olhar articulado pode ser uma mais-valia para diversas áreas do saber, permitindo abordar, de forma integrada, o fenómeno da pobreza e do bem-estar coletivo.

O primeiro estudo também aponta para a importância deste processo, oferecendo luzes sobre como a reciprocidade pode ser construída e fomentada ao nível da rede primária e, em particular, com pessoas de contextos socioeconómicos diferentes. Este estudo apoia as perspetivas de Imber-Black (1988), Madsen (2007) e de White (1999, 2007) que referem a importância de considerar as redes de apoio, quer primárias, quer secundárias, tendo em conta as interações entre diferentes contextos socioeconómicos, para compreender o fenómeno da pobreza. Os resultados obtidos nesta investigação vão mais além, revelando o poder dos processos de reciprocidade para promover conexão e desconstruir barreiras sociais, culturais e económicas.

No caso do segundo estudo, o nível de reciprocidade e a identificação das diferentes abordagens adotadas pelos programas em análise revelaram-se fundamentais para distinguir boas-práticas, bem como a tipologia dos diferentes programas. Bronfenbrenner (1979) chamou a atenção para o facto de a reciprocidade permitir o envolvimento em padrões de relação progressivamente mais complexos, acelerando o ritmo do desenvolvimento e da capacidade de aprendizagem. A presente investigação corrobora esta visão, apontando para a importância de ser potenciado um *continuum* de reciprocidade na articulação entre as diferentes tipologias de programas de combate à pobreza e exclusão social. O nosso estudo é também consistente com o trabalho de Carpenter (2015) que reconhece a importância de os programas serem orientados por processos de reciprocidade, sugerindo que os participantes não devem ser apenas tomados enquanto beneficiários, mas também ser valorizadas pela sua dignidade, poder e capacidade de contribuir, sendo encorajados a apoiar outras pessoas.

Quanto ao terceiro estudo, embora não tenha incluído a variável da reciprocidade, parece corroborar os resultados qualitativos. Os resultados sugerem que quando os indivíduos têm acesso a recursos e não demonstram uma postura competitiva (associada a maiores níveis de reciprocidade), a satisfação, o apoio social percebido, o sentido de comunidade e o desejo de contribuir estão ao seu maior nível, em contraste com a vergonha externa, que está ao seu nível mais baixo. Por sua vez, os grupos com alta competição (associada a menores níveis de reciprocidade) têm maiores níveis de vergonha externa e menores níveis de desejo de contribuir do que os grupos com baixa competição.

O desenvolvimento do ComParte tem procurado colocar a reciprocidade no centro das suas ações e valores, processo que vem relevando inúmeras mais-valias, quer a nível relacional, quer a nível do impacto. Ao mesmo tempo, desde o início, o projeto aspirou contribuir para a transformação social, englobando contextos micro e macro/estruturais. As práticas desenvolvidas e impacto gerado até ao momento com o ComParte são consistentes com a perspetiva de Evans (2012a), que sugere que, para alcançar o bem-estar, deve existir uma sinergia entre esferas individuais, relacionais e coletivas.

## *2. Reconhecer dinâmicas verticais, diagonais e horizontais e adaptá-las aos diferentes contextos e fases de desenvolvimento humano e social*

As três dinâmicas verticais, diagonais e horizontais da reciprocidade são outro importante contributo trazido pelo modelo teórico. Através delas é possível caracterizar e identificar padrões relacionais e conceber um processo evolutivo, partindo de interações menos recíprocas e mais unidirecionais, para interações mais recíprocas e bidirecionais. Torna-se assim compreensível que pessoas que se encontram em situação de emergência requeiram cuidados assistenciais, assumindo o papel de recetores, e que aquelas que têm as suas necessidades imediatas asseguradas possam assumir o papel de participantes e contribuidores em projetos sociais, implicando-se em processos de maior complexidade e reciprocidade. As

dinâmicas identificadas neste estudo e aplicadas ao contexto da pobreza e desenvolvimento comunitário foram também observadas por Li e Julian (2012), no contexto do desenvolvimento infantil, na relação entre as crianças e os pais/adultos: quando as crianças nascem necessitam de cuidados totais, onde os pais prestam apoio e as crianças o recebem, passivamente; à medida que vão crescendo e ganhando recursos para se adaptarem ao seu entorno, vão-se tornando mais independentes e a sua relação com os pais vai-se transformando, requerendo novas dinâmicas, cada vez mais horizontais. Da mesma forma, no contexto económico, Bruni (2008) sugere três formas de reciprocidade. A primeira entende-se por um contrato, caracterizada por formalidade e fronteiras rígidas, partilhando características com as dinâmicas verticais, caracterizadas neste estudo; a segunda, é denominada de *philia*, com traços semelhantes às relações de amizade, mas que apenas se aplica em relações em que já existe uma relação de confiança; a terceira implica uma forma de reciprocidade incondicional, que não é movida pela expectativa da outra parte corresponder, envolvendo gratuidade, a qual se aproxima das dinâmicas horizontais identificadas neste estudo. As dinâmicas da reciprocidade e as suas propriedades poderão vir a ganhar consistência ao serem integradas com estes trabalhos, ao passo que também poderão vir a iluminar futuras investigações nestas áreas. Estes resultados sugerem ainda que, no caso das dinâmicas verticais em que o nível de reciprocidade é baixo, é necessário procurar assegurar processos de reciprocidade essenciais, para que as intenções de ajudar não tenham efeitos adversos. Anderson (1997) reconheceu esta questão no campo da terapia, notando que muitas vezes as boas intenções de “curar” envolvem subjacentemente exercer poder sobre o outro, podendo tornar-se prejudiciais e alimentar padrões de desequilíbrio relacional. Assim, deverá ser privilegiado o intercâmbio e a construção de reciprocidade em todos os contextos e interações (Kelly et al., 2000; Trickett, Espino et al., 2011).

Também o primeiro estudo revela o poder das dinâmicas diagonais e horizontais, ao criar condições que promoveram balanço de poder, identificação e conexão, através das

Sessões com Audiências Apreciativas, onde os participantes de contextos socioeconómicos mais favorecidos identificavam o que tinham aprendido com a história de vida dos participantes que viviam em situação de pobreza. Esta metodologia, confirma as mais-valias de criar condições para o estabelecimento de relações menos hierárquicas, mais mútuas e orgânicas, como é postulado pelas abordagens colaborativas e narrativas (Anderson, 2012). Ser solicitado às audiências que revelassem a forma como foram influenciadas, evitando fazer julgamentos, ou dar conselhos (Leahy et al., 2012) suscitou dinâmicas de reciprocidade surpreendentes para todos os participantes, gerando empatia e aproximação.

As duas formas de abordar os participantes – enquanto beneficiários ou enquanto contribuintes – assumidas pelos programas analisados no segundo estudo – e os processos associados a cada uma das abordagens também permitem distinguir, no contexto da rede secundária, as condições que tornam pertinente a adoção de dinâmicas verticais ou horizontais. Assim as dinâmicas verticais estão associadas a situações de risco e de emergência, onde os participantes estão focados em necessidades imediatas, enquanto que as dinâmicas horizontais são indicadas para atuar ao nível da transformação social, onde existem condições para a co-construção.

Por sua vez, o terceiro estudo distingue grupos mais competitivos, caracterizados por adotarem padrões relacionais e pontos de vista mais verticais, de grupos mais colaborativos, caracterizados por adotarem padrões relacionais e pontos de vista mais horizontais, mostrando que os grupos mais colaborativos e com mais acesso a recursos são aqueles que revelam maior satisfação com a vida e maior qualidade relacional. Estes resultados são consistentes com a perspectiva de Bruni (2012) que associa relações orientadas pelo interesse próprio a dimensões hierárquicas e verticais, e relações orientadas pelo bem-comum a igualdade e a horizontalidade. Assumir posições de superioridade e procurar restringir o

acesso a oportunidades para quem se encontra em desvantagem social e económica gera consequências negativas a nível relacional e social (Deaton, 2013).

A experiência no ComParte também tem mostrado as mais-valias de conhecer e identificar as diferentes dinâmicas relacionais, procurando, conscientemente, promover estilos recíprocos de relação. Por exemplo, a horizontalidade das relações de equipa (onde se procura trabalhar de forma colaborativa, sem hierarquias) e entre os profissionais e os participantes (marcadas por proximidade e familiaridade e onde os participantes são reconhecidos como especialistas e a sua opinião tem impacto no programa) gera fortes níveis de confiança e coesão. Assim, o trabalho desenvolvido reforça aquilo que Anderson (1997) vem defendendo: o profissional deve relegar para segundo plano o seu conhecimento e estatuto de especialista para que o conhecimento dos participantes ganhe relevo e o poder de expressão e de decisão seja partilhado. Deaton (2013) chama a atenção para a importância de, antes de intervir, procurar conhecer as comunidades – a sua cultura e necessidades – para que as iniciativas venham a produzir efetivamente transformações desejadas por todos, confirmando a validade e utilidade prática de desenvolver projetos em colaboração com a comunidade. O trabalho desenvolvido pelo ComParte está alinhado com as recomendações de Henry e Breyfole (2006), que propõem aos programas cultivarem a horizontalidade e a flexibilidade, envolvendo objetivos de transformação social.

### *3. Reconhecer e cultivar as propriedades da reciprocidade nas relações e nos programas*

#### *Informalidade*

O modelo teórico sugere a informalidade como uma das propriedades da reciprocidade, a qual facilita a empatia, a autenticidade e o sentido de familiaridade. No primeiro estudo, a postura informal assumida pelas investigadoras facilitou a criação de relações de confiança, contribuindo para que os participantes se sentissem à vontade para baixarem as defesas. O segundo estudo mostra que a formalidade se encontra mais

relacionada com programas de assistência, que abordam os participantes como beneficiários, os quais envolvem menores níveis de reciprocidade, enquanto que a informalidade está mais associada a programas de co-construção e de transformação social, que abordam os participantes como contribuidores e envolvem maiores níveis de reciprocidade. A informalidade é um dos valores adotados e cultivados pelo ComParte, o qual vem sendo considerado pelos participantes “mais do que um projeto, uma família”. Uma cultura informal, que se estenda aos estilos relacionais e à comunicação, ajuda a promover a participação e a transformação (Kelly et al., 2000; Nelson & Prilleltensky, 2010).

### *Abertura*

A abertura é também uma das propriedades da reciprocidade identificadas pelo modelo teórico. Quanto maior a abertura para ouvir, valorizar, acolher e integrar perspectivas diversas pelas partes envolvidas numa interação, maiores os níveis de reciprocidade estabelecidos. Com a implementação das Sessões com Audiências Apreciativas, ao ser proporcionado um contexto seguro de respeito, de partilha e de escuta, os participantes revelaram autenticidade na forma como narraram as suas histórias de vida e mostraram-se disponíveis para ouvir e aprender uns com os outros. Também no segundo estudo é enfatizada a importância de os programas terem abertura para integrar as recomendações dos participantes e trabalhar em parceria com eles. No ComParte a abertura manifesta-se no facto de todas as pessoas poderem contribuir para a contínua construção e melhoria do projeto. A sua sede é uma casa aberta, que todos podem frequentar e considerar como também sendo sua. Existe um mural da gratidão que reconhece as pessoas que vão contribuindo para o seu desenvolvimento, reforçando a ideia de que o projeto é desenvolvido graças à parte que cada um lhe acrescenta. Os resultados dos presentes estudos são consonantes com a literatura, a qual vem mostrando que os processos de reciprocidade promovem a abertura dos sistemas (Kelly et al., 2000). A noção de abertura, que neste estudo é aplicada a relações interpessoais,

comunitárias e organizacionais, surge ainda alinhada com as noções de curiosidade e de “não saber”, adotadas pelas abordagens narrativas e colaborativas, na área familiar e sistêmica (Alarcão, 2000; Anderson, 1997, 2012; Combs & Freedman, 2012).

#### *Balanco de poder e fluxo de influência*

O balanço de poder e o fluxo de influência são duas propriedades identificadas pelo modelo teórico das dinâmicas da reciprocidade. A detenção de poder nas mãos de uma parte revela níveis de reciprocidade baixos, por contraste com a partilha de poder, que está associada a altos níveis de reciprocidade. Da mesma forma, quando o fluxo de influência é unidirecional, está associado a interações verticais, de cima para baixo e, portanto, a baixos níveis de reciprocidade. Pelo contrário, quando o fluxo de influência é bidirecional, uma interação de carácter diagonal ou horizontal tem lugar, gerando maiores níveis de reciprocidade. Estes resultados confirmam as perspetivas de Flam (2009) sugerindo que o exercício de influenciar outros com a sua experiência e de ter a oportunidade de contactar com novas perspetivas, ao ser influenciado, expande o conhecimento e ligação mútuos. No primeiro estudo a importância da troca de influência e do balanço de poder foram destacados, revelando, em particular, os efeitos positivos gerados quando os indivíduos em situação de pobreza impactavam os outros participantes, mais favorecidos. Desta forma, ao reconhecerem a capacidade de inspirar outros participantes, que se encontram em situação socioeconómica mais vantajosa, os participantes em situação de pobreza deixam de se perceberem como inferiores e vulneráveis e reenquadram a sua experiência de vida, valorizando-a. Para promover esta dinâmica, a metodologia das Sessões com Audiências Apreciativas prevê criar uma série de condições: fazer perguntas valorizadoras que estimulem a partilha de eventos de vida que revelem as forças dos participantes; disponibilizar mais tempo para os participantes com o papel de contadores (participantes em situação de pobreza) contarem a sua história e para os participantes com o papel de audiências ouvirem; preparar as audiências para se



disponham a aprender e deixarem influenciar pelos outros; criar um ambiente marcado por respeito, pela escuta e pela valorização (Denborough, 2008; Madsen, 2009; White, 1999, 2007). A criação destas condições proporcionou a conexão e o reconhecimento mútuo de valor. Este estudo sugere que atribuir o papel de consultores, conselheiros ou professores a pessoas a quem é atribuído menos poder e menos espaço de influência na sociedade fortalece a sua consciência de poder e de impacto (Fine, 2006; Walther & Fox, 2012). Tais resultados confirmam a perspectiva de Lord e Hutchison (1993) que já tinham argumentado sobre a importância de promover a contribuição dos cidadãos para o bem-estar da sociedade, através do acesso a papéis socialmente reconhecidos como o de voluntário, mentor, profissional, etc. A sessão revelou-se, ainda, impactante e reveladora não só para os participantes que assumiram o papel de contadores, mas para todos os envolvidos (Bitter et al., 2004). Neste sentido, Denborough (2008) apelida estas sessões de “cerimónias de contribuição” (p.58). Os resultados deste estudo sugerem que o sentido de agência e pertença, a confiança, a conexão, a satisfação e a transformação de perspetivas são potenciados quando os participantes se envolvem numa dinâmica de dar e receber influência.

No segundo estudo, quando os participantes são considerados como beneficiários, o poder tende a estar mais concentrado nas mãos dos profissionais e o fluxo de influência é tendencialmente unilateral. Assim, este tipo de abordagem tende a melhorar as condições individuais, mas a manter as estruturas de poder e de influência intactas, favorecendo o *status quo* (Cattaneo, et al., 2014; Evans, 2012a; Nelson & Prilleltensky, 2010). Quando os participantes são considerados contribuidores, o poder tende a estar distribuído pelos profissionais e participantes e existe um fluxo de influência bidirecional. Sendo que abordar os participantes como contribuidores envolve alterar a estrutura e o poder estabelecido nos programas, associamos esta abordagem com as transformações de segunda ordem apontadas por Brodsky e Cattaneo (2013), Cattaneo, et al. (2014) e Tseng et al. (2002), que sugerem que

tais transformações geram uma redistribuição de recursos e de poder, passando todos os elementos de uma organização ou comunidade a ter mais poder de escolha.

No terceiro estudo, as atitudes de competição são contrastadas com atitudes de colaboração. Enquanto os indivíduos competitivos são motivados pelo interesse de deter mais poder, recursos, influência e vantagem para si próprios, os colaboradores são movidos por propósitos de bem-comum e de cooperação, cultivando a partilha de poder, de recursos e de informação.

O ComParte estimula processos de reflexão e de tomada de consciência relativos aos processos de influência e de balanço de poder. Anderson (2012) sugere, no âmbito terapêutico, que o profissional deve ser acolhedor e estar aberto para aprender. No ComParte procura-se cultivar o acolhimento e a abertura para aprender entre todos. Assim, vimos confirmando que o constante exercício de partilha de poder e conhecimento é vital para construir relações de trabalho recíprocas e de qualidade (Nelson & Prilleltensky, 2010).

### *Identificação*

O modelo teórico também aponta a identificação como uma das propriedades da reciprocidade. Enquanto baixos níveis de reciprocidade envolvem baixos níveis de identificação e uma maior ênfase nas divergências entre as partes, altos níveis de reciprocidade parecem estar associados a uma maior identificação, bem como à valorização das diferenças. Da mesma forma, Nelson e Prilleltensky (2010) consideram que enfatizar as semelhanças em vez das diferenças é uma forma de promover o sentido de comunidade e de inclusão. No primeiro estudo, a identificação gerada levou a que os participantes se percecionassem conectados e como “estando no mesmo barco”. Assim, abriu-se espaço para a transformação de perspetivas, bem como para reconhecer a existência de mais semelhanças do que diferenças entre os participantes. Estes processos têm impacto quer a nível da auto-perceção, levando a que as pessoas reconheçam o seu valor pessoal, bem como da perceção

dos outros, considerando-os semelhantes em vez de estranhos. O segundo estudo destaca o papel da identificação com os projetos sociais, como condição para o desenvolvimento de sentido de pertença e de amor à camisola. Assim, os níveis de identificação entre a equipa e o programa estão associados a bem-estar e conexão (Wann et al., 2011). A identificação também tem um papel importante a nível das lideranças, pois serem reconhecidas características, perspectivas ou propósitos em comum entre líder e as pessoas lideradas é motivador (Stout, 1996). A metodologia do ComParte envolve organizar encontros entre decisores e cidadãos, de maneira que, ouvindo a experiência uns dos outros, a empatia e confiança possam ser geradas. Para facilitar esses processos, o ambiente criado pretende promover a identificação. O trabalho desenvolvido pelo ComParte confirma a visão de Cooper (2011), que aponta para as vantagens e impacto de criar ligações e a oportunidade de encontrar pontos comuns entre pessoas que, de outra forma, dificilmente contactariam entre si. Assim, ao reconhecermos a nossa profunda conexão, enquanto sociedade, o nosso bem-estar passa a estar cada vez mais ligado ao bem-estar dos outros, potenciando a cooperação. Desta forma, as barreiras rígidas entre cidadãos, profissionais e políticos ganham flexibilidade, abrindo-se progressivamente (Morkel, 2011).

### *Congruência*

A congruência é também apontada como uma propriedade da reciprocidade, pelo modelo teórico. Quanto maior a congruência, maiores os níveis de reciprocidade estabelecidos a diferentes níveis relacionais. O primeiro estudo, através das perguntas colocadas e da própria metodologia, permitiu aos participantes narrarem a sua história nos seus próprios termos, sem interrupções, o que levou a que falassem e ouvissem de forma mais profunda e genuína e assim se confrontassem e deixassem transformar pelas histórias narradas. Este estudo mostra que processos conversacionais entre pessoas que, de outra forma, não contactariam entre si, sob as condições que foram previamente descritas, abre caminho para o

desenvolvimento de congruência. Tal como George e Wulff (2006) constataram, ao investigar abordagens colaborativas o próprio processo de investigação foi-se tornando colaborativo. O segundo estudo coloca a questão da congruência no âmago das organizações sociais, revelando a importância da consistência a nível da cultura, valores e padrões relacionais, nos vários subsistemas que compõem os programas (entre direção e profissionais, entre a equipa, entre a equipa e participantes, entre a organização e as organizações parceiras). Os resultados deste estudo são coerentes com a literatura, que vem salientando a importância de cultivar congruência nos “meios” adotados pelos programas de modo a atingirem os “fins” pretendidos. Nelson e Prilleltensky (2010) consideram que as organizações com o propósito de promover o bem-estar dos cidadãos, devem também assegurar a promoção do bem-estar dos trabalhadores. Nelson, Lord et al. (2001) também observaram que a consistência entre abordagens nos programas sociais promove o espírito de agência e de empoderamento. No ComParte a congruência é procurada quer a nível individual, onde os seus membros procuram assumir os valores da organização como um “estilo de vida”, quer a nível organizacional, procurando que as ações estejam alinhadas com os valores e que os diferentes níveis relacionais permitam a construção de reciprocidade. Consistentemente, a literatura destaca a importância da congruência entre as diferentes dimensões e sistemas de um programa e a responsabilidade das organizações se tornarem modelos de concretização daquilo que pretendem criar nas comunidades (Nowell & Boyd, 2010; Stout, 1996).

#### *4. Procurar a integração em vez da polarização*

O modelo teórico traz ainda para a discussão o valor da integração para a construção da reciprocidade. A integração envolve a combinação, coexistência e valorização de diversas perspetivas, culturas e polos, tais como as dimensões individuais e coletivas, esferas micro e macro, objetividade e subjetividade, estrutura e agência, dinâmicas de interação verticais, diagonais e horizontais. Este conceito é proposto como alternativo à polarização, a qual

envolve apenas dinâmicas verticais, gerando tensões, segmentação e dificultando a conciliação entre diversas perspectivas. Neste sentido, a ênfase na integração pode ser um importante contributo para teoria e prática na área da pobreza ao fomentar a responsabilidade coletiva, a colaboração e união de diferentes perspectivas e visões na promoção da transformação social e do bem-comum. Assim, surge como alternativa a discursos fragmentadores e culpabilizadores, que classificam uns como opressores e outros como oprimidos (Freire, 1970; Nelson & Prilleltensky, 2010). A este propósito, Moreno-Jiménez (2016) observou que na sociedade espanhola há três estilos de crenças relativamente às questões da justiça social: aqueles que são a favor do desenvolvimento e responsabilizam os países ricos pelas desigualdades, sendo os mais participativos a nível cívico; aqueles que são conservadores e culpam as vítimas de pobreza pelas situações precárias em que vivem e que também participam na sociedade; e finalmente os indiferentes, que não têm uma opinião forte sobre as desigualdades e injustiças sociais e são aqueles que menos participam. Esta investigação sublinha a importância de adotar o valor da integração para que novos paradigmas de transformação social possam emergir. Assim, novos métodos e modelos teóricos de intervenção, que desconstruam padrões de relação viciados, substituindo-os por abordagens e formas de relação mais humanizadoras poderão ser desenvolvidos (Aron, 2014).

O poder da integração foi demonstrado através do impacto gerado pelo primeiro estudo, ao promover a conversação e troca entre participantes de diferentes contextos socioeconómicos. O segundo estudo enfatiza também a importância da integração ao nível dos diferentes tipos de programas, bem como na valorização e “incorporação” das perspectivas e contributos de todos os seus membros. No ComParte, a integração é uma importante referência para orientar a ação do projeto. Assim, à medida que diferentes formas de sabedoria são integradas, a congruência e criatividade e impacto do ComParte são potenciados. O ComParte procura ainda integrar pessoas que começaram por ser participantes como elementos da equipa, o que é também um fator diferenciador.

#### *4. Compreender a relação entre estágios de desenvolvimento psicossociais e a construção da reciprocidade*

Com a apresentação dos diferentes estágios psicossociais, associados à evolução da reciprocidade nas relações interpessoais significativas, o modelo teórico propõe um caminho de crescimento para indivíduos e comunidades, que parte da luta pela sobrevivência, envolvendo níveis mínimos de reciprocidade, passando pelo desenvolvimento de confiança, sentido de agência pessoal, sentido de pertença, desejo de contribuir e retribuir, até ao desenvolvimento do sentido de vida e de valor pessoal, associados a cada vez mais altos níveis de reciprocidade.

##### *Lutar para sobreviver*

A luta pela sobrevivência aparece nesta investigação associada a indivíduos que percebem o acesso a recursos como limitado para fazerem face às suas necessidades. Neste sentido, as pessoas encontram-se mais focadas em necessidades individuais e imediatas e assumem posturas competitivas, tendendo a olhar para os outros como adversários e para os recursos como escassos. Este estágio está habitualmente associado a níveis baixos de reciprocidade e a dinâmicas de relação vertical, as quais assentam na procura de proteção individual. No que concerne este estágio, a literatura refere a experiência de precariedade e adversidade, não apenas a nível material, mas também relacional, uma vez que as interações são marcadas por fragmentação e exclusão. Tal etapa é caracterizada pelo medo da falta de poder, de falhar e de tomar decisões, por uma baixa autoestima, pela impressão de haver constrangimentos no acesso a oportunidades e pela vergonha (Nelson, Lord et al., 2001; Nelson & Prilleltensky, 2010). Por sua vez, os profissionais que procuram dar assistência aos indivíduos e famílias que enfrentam tais obstáculos, ao serem movidos por um instinto de autoproteção, tendem a assumir posturas colonizadoras em relação aos clientes (Rober & Seltzer, 2010).

### *Fortalecer a confiança*

O fortalecimento da confiança, tanto em si próprio como nos outros, é apresentado como o segundo estágio psicossocial do modelo teórico, sendo fundamental para o desenvolvimento humano e social. Neste contexto, a valorização transmitida por outros desempenha um papel crucial para estimular a confiança, como foi demonstrado no primeiro e no segundo estudos desta investigação. A valorização pode ser transmitida através do reconhecimento das forças e competências, através da compreensão e da escuta, do reconhecimento de desafios externos ao indivíduo e, principalmente, quando o outro reconhece aprendizagens e transformações que decorrem da convivência e escuta do indivíduo. Nesta fase, os níveis de reciprocidade são mais elevados, ainda que possam continuar a envolver um fluxo de influência tendencialmente mais de cima para baixo. Segundo Prilleltensky (2005), antes de experimentar bem-estar é necessário sentir afirmação. A afirmação emerge do reconhecimento das forças, das perspectivas e das escolhas daquela pessoa. Ajudar as pessoas a acreditarem nelas próprias e na sua capacidade de fazer a diferença contribuirá para gerar um movimento capaz de transformar o mundo (Stout, 1996).

### *Desenvolver o sentido de agência*

O sentido de agência é o terceiro estágio psicossocial do modelo teórico e envolve a noção de capacidade de definir objetivos e de os prosseguir. Para este processo, o exercício do poder de escolha e a concretização de tomadas de decisão são essenciais, pois estimulam a perceção de que as escolhas feitas conduzem aos objetivos estabelecidos. Estes resultados confirmam o que vem sendo descrito na literatura sobre agência pessoal, a qual surge associada à capacidade de controlo, de afirmação e de alcançar objetivos na vida, satisfazendo a necessidade intrínseca de cada indivíduo influenciar o seu entorno (Nelson & Prilleltensky, 2010; Zimmerman, 2000). Ao reconhecer o crescente controlo sobre o seu dia-a-dia, reconhecendo-se cada vez mais capazes de fazer o que pretendem, as pessoas sentem-se

orgulhosas (Goodkind, 2006; Nelson, Lord et al., 2001). Muitas pessoas que vivem em situação de pobreza têm dificuldade em reconhecer que as suas ações geram efeitos reais. É importante ajudar as pessoas a reconhecerem o impacto que geram, de maneira a que possam começar a desenvolver a sua liderança (Stout, 1996). A nível relacional, um profissional assume o papel de agente, ajudando o participante a refletir sobre os objetivos que pretende atingir e os passos necessários para os alcançar. À medida que o indivíduo reconhece pequenos sucessos, pelos quais é responsável, o seu *locus* interno, bem como o seu sentido de agência crescem. Paralelamente, Li e Julian (2012) afirmam que, no campo do desenvolvimento infantil, à medida que o apoio do adulto diminui, a criança passa a ter mais poder de escolha, tornando-se cada vez mais capaz de exercer independência e controlo. Através do desenvolvimento do sentido de agência, as pessoas que enfrentam situações de pobreza começarão a conseguir interagir de forma mais nivelada com outras pessoas ou com os profissionais dos programas.

#### *Desenvolver o sentido de pertença*

O desenvolvimento do sentido de pertença é o quarto estágio de desenvolvimento psicossocial do modelo teórico e implica o desenvolvimento de um sentido coletivo cada vez mais abrangente, bem como a perceção de fazer parte de diversos sistemas sociais. Nelson e Prilleltensky (2010) salientam a necessidade humana de pertencermos a algo que é maior que nós. Este estágio envolve níveis de reciprocidade mais elevados, estando os indivíduos predominantemente envolvidos em relações tendencialmente horizontais, onde existe maior balanço de poder e fluxo de influência. A participação é um processo crucial para o desenvolvimento do sentido de pertença. A nível dos programas sociais, profissionais e participantes desenvolvem relações de parceria e de partilha de liderança, sendo que os profissionais têm a responsabilidade de encorajar a participação dos participantes. Nesta linha, os participantes sentem-se parte de algo importante, podendo expressar-se e influenciar,



satisfazer necessidades e experienciar uma forte ligação a outros membros (Nowell & Boyd, 2010). A criação de oportunidades de participação e de envolvimento nas organizações promove o sentido de empoderamento e de fazer parte da vida comunitária, potenciando novos contactos sociais (Nelson, Lord et al., 2001; Zimmerman, 2000).

#### *Desejar contribuir e retribuir*

O desejo de contribuir e retribuir expressa um sentido de gratidão e de responsabilidade de impactar positivamente a sociedade. É neste sentido que Nelson e Prillleltensky (2010) sugerem que os indivíduos começam a contribuir para o bem-estar coletivo quando sentem que o coletivo também os beneficia. Este é um estágio psicossocial que envolve um nível bastante alto de reciprocidade, especialmente se aqueles motivados para contribuir o fizerem dando espaço a que outros também contribuam, deixando-se influenciar, reconhecendo aprendizagens e integrando outras perspetivas. O desenvolvimento da capacidade de liderança desempenha um papel importante neste estágio. Quando as capacidades de liderança começam a ser exploradas os participantes descobrem que têm algo para dar e acrescentar e sentem-se valorizados por isso (Li & Julian, 2012; Nelson, Lord et al., 2001). Ao mesmo tempo, reconhecer o impacto e valor da sua contribuição é fundamental para fomentar a liderança (Stout, 1996). A nível organizacional, este estágio é desenvolvido criando oportunidades para os participantes contribuírem e assumirem lugares de responsabilidade na equipa, muitas vezes passando a ser considerados líderes comunitários. Tais processos permitem que os participantes reconheçam que a sua experiência e conhecimento são relevantes e que têm a capacidade de ensinar outros (Goodkind, 2006). Ao mesmo tempo, transmitir às pessoas o impacto gerado com a sua dedicação, leva-as a acreditar que podem fazer a diferença (Stout, 1996). Ao estarem envolvidos em organizações sociais, os participantes desenvolvem valores cívicos e um sentido de responsabilidade por contribuírem para o bem-estar da comunidade (Nowell & Boyd, 2010).

### *Sentido de vida*

O sentido de vida é o último estágio psicossocial do modelo teórico e aquele que envolve maiores níveis de reciprocidade. Neste estágio, as pessoas estão conectadas com o seu propósito pessoal, o qual está habitualmente relacionado com causas sociais e de aspiração de bem-estar coletivo. São também proativas na consecução dessas causas e mobilizam-se colaborativamente, estando orientadas para relações horizontais, de partilha e de entreajuda. Cowen (1991) refere-se a esta etapa como a percepção de controle sobre o próprio destino, um sentimento de propósito e uma satisfação com a própria existência. Este estudo vai além desta caracterização, mostrando a íntima relação entre o sentido de vida e a implicação em causas de bem-estar coletivo. A procura da congruência contribui para o contínuo desenvolvimento deste estágio. As organizações que promovem o desenvolvimento deste estágio cultivam um estilo de vida que vai além da ação organizacional. As organizações sociais que funcionam no seu melhor promovem não apenas transformação social, mas também o sentido de vida (Nelson & Prilleltensky, 2010).

### *5. Compreender como os estilos relacionais geram diferentes crenças em relação ao posicionamento social, que influenciam o comportamento, a autoimagem e a percepção dos outros*

Através dos quatro quadrantes apresentados no modelo teórico é possível compreender distintos posicionamentos e lentes, face às relações sociais e níveis de reciprocidade. Quando os indivíduos se encontram em desvantagem numa relação vertical, como no quadrante inferior esquerdo do modelo teórico, o seu foco centra-se em necessidades imediatas individuais ou familiares. Assim, experimentam uma dificuldade de acesso a recursos, poder e influência para dar resposta às suas necessidades. A identificação com este quadrante é sobretudo assumida por indivíduos e comunidades em situação de pobreza ou outro tipo de exclusão. Tal posicionamento leva-os a ver-se e a serem vistos como

inferiores, vulneráveis e, por vezes, dependentes de ajuda. Consistentemente, a literatura vem chamando a atenção para a correlação entre o baixo estatuto socioeconómico, a falta de recursos e o baixo desempenho (Albee, 1982, 1986; Nelson & Prilleltensky, 2010; Payne, 1996). A pobreza torna as pessoas reféns do momento imediato, tornando muito difícil o planeamento futuro (Payne, 1996). As pessoas em tal situação de desvantagem internalizam os discursos dominantes tecidos sobre elas, o que é bastante prejudicial. Esta internalização toma a forma de uma opressão psicológica que envolve a culpabilização e um sentimento de inutilidade. Nas relações, estas pessoas são vistas e tratadas como inferiores e reconhecem nos outros superioridade (Albee, 1986; Freire, 1970; Nelson & Prilleltensky, 2010). Por exemplo, pessoas que vivem em bairros sociais tendem a sentir-se pouco importantes (Farthing, 2016). Transformar a opressão internalizada deve ser uma parte central do trabalho na área da justiça social. Ainda que as pessoas continuem a ter um acesso limitado a recursos e se mantenham em situação de pobreza, uma vez superada esta internalização negativa, poderão sentir confiança e agência e maior equilíbrio de poder nas relações (Stout, 1996).

Quando os indivíduos se encontram em vantagem, numa relação vertical, como no quadrante superior esquerdo, focam-se em alcançar objetivos individuais. O acesso a recursos e detenção de poder e influência levam a que se sintam privilegiados em relação aos outros. A literatura refere que pessoas que se sentem numa posição social favorecida tendem a considerar que existe uma justa distribuição de recursos, adotando uma visão de “culpabilização da vítima” em relação às pessoas que vivem em situação de pobreza, atribuindo tal desvantagem a causas internas (Allen et al., 2007; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rodriguez-Bailon et al., 2017). Quem acumula mais recursos tende a construir maiores fronteiras sociais, para sua proteção. Assim, estas pessoas são vistas como mais bem-sucedidas e poderosas e são menos influenciadas pelos outros (Jordan, 2008). O poder estrutural, onde indivíduos dominantes têm mais controlo sobre os recursos do que os subordinados é um dos maiores fatores geradores de desigualdade social (Grabe, 2012). A

internalização da opressão pode ser consequência de uma opressão institucionalizada, a qual gera uma distribuição desigual dos recursos. Envolve também julgamentos consoante a raça, a classe, o sexo, etc. e considera as partes em desvantagem como menos inteligentes e menos úteis (Albee, 1986; Stout, 1996).

As visões associadas aos quadrantes superior e inferior esquerdo assentam em perspetivas verticais, baseadas em hierarquias. A literatura sugere que crenças e relações sociais baseadas em noções de classe podem gerar grandes barreiras, levando a crer que a desigualdade é justa. É necessário questionar estas ideologias para transformar a desigualdade (Rodriguez-Bailon et al., 2017). Nelson e Prilleltensky (2010) observam ainda que altos níveis de desigualdade impactam negativamente toda a sociedade. A lógica dos quadrantes à esquerda do modelo teórico está ainda associada às teorias que relacionam dependência e poder, que sugerem que o poder está subjacente à dependência dos outros. Isto é, se uma pessoa está dependente de outra para satisfazer as suas necessidades, a outra dispõe de mais poder na relação. A alta dependência gera uma grande vulnerabilidade numa das partes em relação à outra, uma vez que a dependência não é mútua (Baumeister, Wotman & Stillwell, 1993; Neal & Neal, 2011).

Quando os indivíduos se encontram numa relação diagonal ou horizontal, em que existe um intercâmbio de recursos, poder e de influência, bem como acesso e partilha de recursos, como no caso do quadrante superior direito, tendem a focar-se em propósitos coletivos e a mover-se por causas que visam o bem-comum. Finalmente, quando os indivíduos se encontram numa relação de carácter diagonal ou horizontal, em que também existe troca de poder e de influência, mas onde o acesso a recursos é limitado e insuficiente para dar resposta aos desafios, como no caso do quadrante inferior direito, os indivíduos tendem a centrar-se mais em necessidades imediatas da comunidade. Os quadrantes à direita do modelo teórico, ao serem baseados numa lógica de interdependência e de colaboração,

parecem ser complementares às teorias da dependência mútua, as quais sugerem que o balanço de poder e de intercâmbio gera experiências relacionais positivas, confiança entre as partes e maior conexão, em vez de imposição ou domínio (Baumeister et al., 1993). Estes quadrantes salientam ainda que, independentemente do grau de acesso a recursos, a nível humano as relações são baseadas num espírito de igualdade, equilíbrio e identificação. Pickett e Wilkinson (2015) observam que as crianças se desenvolvem melhor em comunidades onde há menos desigualdade de recursos. Assim, argumentam que ser pobre num ambiente onde a desigualdade de recursos é pequena e todos estão “no mesmo barco” não é tão mau como quando a desigualdade de recursos é grande. A nossa investigação sugere que a qualidade e reciprocidade das relações poderá ter um maior peso para o bem-estar, atribuindo um papel secundário à dimensão dos recursos. Propõe ainda que a construção de reciprocidade pode contribuir para a partilha e uma maior distribuição equilibrada de recursos. Estes diferentes posicionamentos podem ser analisados a nível relacional, de indivíduo para indivíduo, entre grupos e até na relação entre países.

À luz dos quadrantes do modelo teórico, podemos ainda fazer uma leitura da transformação das posições assumidas pelos participantes ao longo da Sessão com Audiências Apreciativas. Inicialmente, como os participantes não se conheciam, estavam mais relutantes e focavam-se em aspetos imediatos e em referenciais socioeconómicos de comparação. Assim, os contadores (participantes em situação de pobreza) posicionavam-se no quadrante inferior esquerdo em relação às audiências (participantes que não estavam em situação de pobreza), as quais estariam posicionadas no quadrante superior esquerdo. Os contadores olhavam para as audiências como tendo mais educação, recursos e olhando-as, de certa forma, como superiores. Por sua vez, as audiências olhavam para os contadores como tendo mais desafios e necessidades por satisfazer, considerando que estariam numa situação de fragilidade e vulnerabilidade em relação a elas. À medida que foram ouvindo a história de superação que ia sendo narrada e tendo-lhes sido proposto estarem atentas às ressonâncias pessoais que a

narração lhes suscitava, a postura das audiências foi sendo transformada. O seu *feedback* transmitiu humildade, a abertura para aprender e reciprocidade, tendo optado também por revelar alguns desafios que enfrentavam. Assim, os contadores ganharam consciência em relação às suas competências e ao impacto que produziram nas audiências, sentindo-se empoderados e impelidos a partilhar conselhos, baseados na sua experiência. Esta transformação para uma dinâmica mais horizontal de interação e para uma perspectiva mais valorizadora de ambas as partes, levou a que a sessão terminasse com audiências e contadores mais identificados com o foco do quadrante superior direito (mais centrados nos recursos e na sua conexão e identificação). A metodologia adotada, ao focar as qualidades e recursos humanos e relacionais e ao afastar a ideia de identidade de questões relacionadas com classes e problemas, está alinhada e comprova o potencial das abordagens narrativas (Combs & Freeman, 2012). Pickett e Wilkinson (2015) também sugerem que aquilo que mais afeta o bem-estar são as posições sociais relativas e não tanto os níveis absolutos de riqueza ou de pobreza.

No segundo estudo os participantes revelaram a importância do acesso a recursos e da qualidade das relações para o bem-estar individual e coletivo. Não obstante as duas serem fundamentais, também neste estudo a dimensão relacional parece ter um maior impacto no desenvolvimento individual e comunitário. Estes resultados são consistentes com a investigação de Ashworth (2013), que notou que os participantes de programas sociais valorizam mais a criação e solidificação de relações sociais do que o acesso a recursos. Da mesma forma, Nelson e Prilleltensky (2010) sugerem que pessoas com o mesmo nível de recursos económicos podem considerar uma situação mais ou menos ameaçadora consoante a disponibilidade e qualidade do apoio relacional e social de que dispõem. Empoderamento pode ser visto como a oportunidade de escolher e de assumir o controle, de integração na comunidade e de ter acesso a recursos (Nelson, Lord et al., 2001).

Os resultados do terceiro estudo são consistentes com o modelo teórico e com os resultados do segundo estudo, confirmando a importância do acesso a recursos e da qualidade das relações. Este estudo comprovou que grupos com altos recursos apresentam maiores valores de satisfação do que grupos com baixos recursos. O nível de recursos parece ter maior impacto na satisfação do que o nível de competição. No entanto, na presença de recursos semelhantes, o nível de satisfação é mais alto quando a competição é menor (maior confiança e colaboração). Por sua vez, a variável competição tem maior impacto nos valores de vergonha externa e desejo de contribuir do que os recursos. Em relação à comparação social as diferenças entre todos os grupos não são estatisticamente significativas, o que sugere que as flutuações nos níveis de recursos e de competição não afetam a forma como os indivíduos se comparam com os outros. Tais resultados sugerem que as dimensões de colaborar/confiar e competir (tomar os outros como ameaça) são o que mais pesa. Mais do que os recursos (ter), os indivíduos parecem ser mais afetados pela qualidade das suas relações (ser). Ainda que as relações competitivas e verticais possam gerar satisfação para os indivíduos que detêm posições de mais poder e recursos, elas não contribuem para desenvolver condições de empoderamento mútuo, restringendo o desenvolvimento de confiança, sentido de comunidade, apoio social percebido e desejo de contribuir. A literatura relacionada com a problemática da pobreza vem enfatizando a igualdade na distribuição e acesso a recursos, como a condição fundamental para a superação de pobreza e aumento do balanço de poder na sociedade (Neal & Neal, 2011; Zimmerman, 2000). A nossa investigação propõe que direcionar o foco da análise e intervenção para a dimensão relacional, em complemento ou alternativa ao foco nos recursos, tendo como meta o desenvolvimento de relações recíprocas, pode fomentar a emergência de novos paradigmas e estratégias criativas, com impacto macro e estrutural.

O estudo revelou também que as mulheres apresentam valores mais elevados de apoio percebido e de desejo de contribuir e menor competição do que os homens. Estas

diferenças sugerem que os homens são mais orientados por valores competitivos, enquanto as mulheres tendem a ser mais orientadas por valores colaborativos. Estes resultados acrescentam alguns *insights* ao modelo teórico das dinâmicas da reciprocidade: o lado esquerdo está mais centrado em dinâmicas verticais, incluindo competição e uma perspectiva individual, que, neste estudo, aparece mais conectado com valores patriarcais. O lado direito é caracterizado por trajetórias maioritariamente horizontais, envolvendo colaboração e uma perspectiva mais coletivista, as quais aparecem neste estudo mais associadas a valores matriarcais. De forma consistente, Moreno-Jiménez (2016) observou que as mulheres tendem a considerar que as causas da pobreza estão mais associadas a questões estruturais, não responsabilizando os indivíduos pelas condições de desvantagem. A nossa investigação sugere que a valorização e integração de valores femininos e masculinos pode abrir portas para a criação de soluções criativas para a superação da pobreza e para o desenvolvimento de bem-estar coletivo. Hudson, Ballif-Spanvill, Caprioli e Emmett (2017) sugerem também que a promoção da justiça em relação aos géneros e a integração e valorização de valores femininos e masculinos na sociedade poderá ser um importante fator para a promoção da paz dos estados.

Também o ComParte se foca especialmente no valor que cada indivíduo tem e na capacidade de todos contribuírem para o bem-comum, procurando cultivar um espírito de partilha de recursos e de propósito, de co-construção e de participação na sociedade. Esta abordagem distancia-se das abordagens competitivas ou de assistência a necessidades, estando associada ao quadrante superior direito (colaboração, propósitos a longo prazo, confiança e partilha).

*6. Aprofundar a compreensão da tipologia dos programas, perspectivando a articulação dos diferentes programas*



Relativamente aos programas de combate à pobreza, o modelo teórico propõe um *continuum* que abrange quatro tipos de programas – assistência, promoção, co-construção e transformação social – partindo de um nível individual, micro e com impacto a curto prazo, para alcançar níveis de ação mais sustentáveis, coletivos e macro. O contínuo de programas envolve, assim, sistemas de análise cada vez mais amplos e integrados, abrangendo cada vez mais vastos níveis sistémicos de reciprocidade e de articulação entre programas. Estes resultados vêm complementar a literatura, que tem distinguindo diferentes tipologias de programas (Evans, 2012a, 2012b, 2014; Corbett & Fikkert, 2012; Gottlieb & Riger, 1972; Minich et al., 2006; Morton, 1995; Prilleltensky, 2005). Corbett e Fikkert (2012) propõem uma visão do apoio social integrada entre três ações distintas: alívio, reabilitação ou desenvolvimento. O alívio envolve uma provisão urgente e provisória de assistência, para fazer face a uma emergência ou crise. A reabilitação começa depois da crise ter sido superada e envolve um trabalho de parceria e de fortalecimento das capacidades dos participantes. Finalmente, o desenvolvimento envolve uma transformação contínua, que afeta tanto os participantes como os profissionais. Da mesma forma, Morton (1995) descreve um *continuum* de programas que inclui programas de caridade (provisão de recursos de emergência, onde o profissional tem a responsabilidade de tomar decisões), projetos (focados em identificar problemas e desenvolver soluções, através de atividades de mentoria e de desenvolvimento de competências) e transformação social (que envolvem a construção de parcerias para intervir na raiz dos problemas sociais, sendo o próprio sistema social o foco da ação e da transformação). Também Prilleltensky (2005) sugere distinguir os programas entre reativos e proativos, individuais ou centrados na comunidade, analisando ainda o nível de participação e o empoderamento por eles gerado. Assim, os programas de assistência do modelo teórico surgem alinhados com as caracterizações dos programas de alívio, caridade e reatividade descritos; os programas de promoção surgem associados aos programas de reabilitação e aos projetos; e os programas de transformação social com os programas de desenvolvimento e

transformação. O nosso modelo teórico identifica o papel central que a reciprocidade desempenha nestes processos. Embora tais autores não tenham explicitado tais dinâmicas, estas podem ser reconhecidas na caracterização que apresentam, ao revelarem a evolução dos papéis e da relação entre participantes e profissionais, que envolvem interações cada vez mais horizontais.

Os diversos tipos de programas devem trabalhar de forma articulada, para apoiar o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos e das comunidades. Esta investigação contribui para a literatura, reconhecendo a importância de cultivar os quatro tipos de programas. Cada tipo de programa é então reconhecido (desde que implementado num momento e contexto apropriados), sendo enfatizado o desenvolvimento de reciprocidade em cada tipo de programa e no estabelecimento de parcerias e articulação entre programas. Cada programa é então visto como parte de um todo, contribuindo, em conjunto com os outros tipos de programas, para o desenvolvimento de um pleno sentido de cidadania e de estruturas socioeconómicas justas. Neste sentido, Maton (2000) defende a necessidade de integrar dimensões individuais e sociais para potenciar o bem-estar coletivo. Assim, propõe a necessidade de desenvolver intervenções a múltiplos níveis, com condições e especificidades adequadas e alinhadas com o nível de transformação que aspiram potenciar: individual, contextual, comunitária ou social. O modelo teórico resultante desta investigação permite assim identificar a tipologia dos programas, o seu nível de ação e os processos fundamentais a pôr em prática. Na mesma linha, Kelly et al. (2000) também sugerem que os sistemas sociais devem ter fronteiras permeáveis, de maneira a estimularem a interdependência entre os vários sistemas, sugerindo que tal processo é facilitado pela reciprocidade e pelo estabelecimento de parcerias. Maton (2000) e Trickett, Espino et al. (2011) consideram que existe uma extensa literatura que caracteriza programas que visam a transformação individual e micro, mas identificam uma lacuna ao nível da caracterização de programas que visam a

transformação estrutural. Consideramos que esta investigação constitui um contributo, caracterizando os diferentes tipos de programas, de forma integrada.

O segundo estudo trouxe a identificação de duas formas de abordar os participantes: enquanto beneficiários e enquanto contribuidores. Na abordagem que considera os participantes como beneficiários, a relação entre profissionais e participantes parece ser caracterizada por uma dinâmica unidirecional. Esta dinâmica está patente nos processos mais emergentes, centrados no desenvolvimento competências e facilitação do acesso a recursos, bem como na valorização e no desenvolvimento de relações empoderadoras entre profissionais e participantes. Outros processos também salientes, como a escuta e a colaboração, sugerem um reconhecimento elementar da importância do envolvimento dos participantes no processo da intervenção. Estes resultados indicam que quanto mais este tipo de programas desenvolver dinâmicas recíprocas, que reconhecem a competência e envolvimento do participante na prossecução dos propósitos da intervenção, maior será o impacto da intervenção e os benefícios para o participante. Em relação aos programas que consideram os participantes contribuidores, as boas-práticas são focadas no desenvolvimento de parcerias, através de co-construção, reciprocidade, balanço de poder, da integração de múltiplas perspetivas e de fomentar a liderança de todos os membros. Os participantes são fundamentais para os programas, impactando-os através da sua participação.

As duas abordagens identificadas parecem complementar as ideias de transformação de primeira e de segunda ordem, apresentadas por Brodsky e Cattaneo (2013), Foster-Fishman et al. (2007) e Cattaneo et al. (2014): enquanto a transformação de primeira ordem tem em vista a transformação individual e a melhoria dos modos de funcionamento existentes, alinhada com a abordagem dos participantes enquanto beneficiários; a transformação de segunda ordem tem em vista uma mudança de paradigma, de forma estrutural e radical, envolvendo, como a abordagem dos participantes enquanto contribuidores, todos os elementos da organização. Revelam ainda semelhanças com os paradigmas descritos por

Evans (2012a) e Nelson e Prilleltensky (2010), que distinguem serviços sociais baseados num paradigma tradicional, que têm em vista a melhoria de condições individuais dos beneficiários e um paradigma transformacional, que visa a transformação ao nível estrutural, integrando valores individuais e coletivos. Os resultados desta investigação reconhecem a importância de ambas as abordagens e sugerem que tomar os participantes como beneficiários deveria ser considerado um primeiro passo e uma parte fundamental de um contínuo que envolve gerar oportunidades para se tornarem plenamente ativos e contribuírem para os sistemas de que fazem parte.

Em relação ao impacto gerado por cada uma das abordagens, enquanto tomar os participantes como beneficiários gera benefícios individuais, tomar os participantes como contribuidores gera tanto benefícios individuais como coletivos. Os resultados sugerem que enquanto o desenvolvimento de autoconfiança e o fortalecimento da rede social podem ser característicos de ambas as abordagens, a concretização de objetivos e o desenvolvimento de competências são mais salientados nos programas que abordam os participantes como beneficiários e ter impacto, contribuir para gerar a transformação dos sistemas e desenvolver o empoderamento e sentido de pertença são mais característicos de programas que consideram os participantes como contribuidores. Os resultados apontam para a importância de articular ambas as abordagens, de modo a complementarmente desenvolver bem-estar individual, comunitário e social.

Por sua vez, o ComParte consubstancia a resposta a uma das necessidades que foi identificada nos resultados da investigação: a necessidade de desenvolver mais programas com propósito de transformação social, focados no bem-estar coletivo e que assumam os participantes como contribuidores. Ao procurar envolver os cidadãos na melhoria das estruturas sociais criadas para os beneficiar, o ComParte promove uma cultura de agência, co-construção e pertença. Um dos desafios que o ComParte enfrenta foi já descrito por Evans (2012a) – procurar simultaneamente a transformação dos sistemas e complementarmente

manter relações de qualidade com as pessoas que são afetadas por esses sistemas, as quais muitas vezes requerem apoio e atenção.

### *Assistência*

De acordo com o modelo teórico, os programas de assistência habitualmente prestam apoio a indivíduos e famílias que estão a tentar satisfazer as suas necessidades básicas. Este tipo de programas é caracterizado pela adoção de dinâmicas verticais, predominantemente rígidas, unidireccionais e de cima para baixo. O foco destes programas é individual, direccionado para a resolução de problemas e para a satisfação de necessidades imediatas. Deaton (2013) sugere que a assistência coloca em perigo a democracia e a participação cívica. Nesta investigação, a assistência é valorizada para dar resposta a necessidades de emergência, sendo que se a sua função for exercida valorizando o participante e apontando caminhos para que o mesmo possa continuar o seu desenvolvimento, tal apoio pode ter um papel fundamental nos passos iniciais do desenvolvimento da cidadania.

### *Promoção*

Os programas de promoção estão vocacionados para o desenvolvimento de competências, potenciando a agência pessoal na prossecução de objetivos individuais. Tais programas apresentam-se como uma alternativa ao modelo médico, centrado nos problemas (Nelson, Lord et al., 2001; Maton, 2000). Assim, em vez de diagnosticar os indivíduos, a promoção foca as capacidades dos participantes e a sua propensão para a superação (Tseng et al., 2002).

### *Co-construção*

Os programas de co-construção têm por objetivo o desenvolvimento comunitário, envolvendo os participantes na conceção e implementação das atividades dos programas. Têm em vista a promoção da participação e o desenvolvimento do sentido de pertença e coletivo. As abordagens participativas assentam na colaboração e combinação de perspetivas entre

diversos membros, ao longo de todas as fases de um projeto. Assim, têm o potencial de gerar surpreendentes inovações, promovendo uma maior confiança nas direções e na capacidade de os participantes resolverem problemas e criarem valor (Ford, 2007; Morkel, 2011). A investigação-ação participativa também parece integrar esta tipologia, uma vez que assenta num trabalho enraizado na comunidade, que pretende valorizar a voz daqueles que habitualmente são excluídos pela sociedade (Maton, 2008).

### *Transformação social*

Os programas de transformação social têm como propósito a melhoria das estruturas e políticas sociais com vista a promover o bem-estar coletivo e a justiça social. Estes programas contam com o envolvimento cívico dos participantes e atuam integrando níveis micro sistémicos e macro sistémicos, afetando simultaneamente os indivíduos e a sociedade. A transformação social envolve maiores níveis de reciprocidade e é o tipo de programa que mais integra dimensões individuais e coletivas, micro e macro, curto e longo-prazo. Estas iniciativas pretendem impactar a vida de todas as pessoas de uma comunidade ou sociedade e não apenas das pessoas que participam em programas específicos. Para tal, as atividades procuram provocar mudanças nas dimensões sociais, políticas e económicas da sociedade (Evans, 2012a; Minich et al., 2006). Em consonância com a caracterização destes programas, Allen et al. (2007) sugerem a necessidade de ações coletivas e da construção de narrativas alternativas para questionar criticamente os padrões de pensamento dominantes e assim promover a transformação social. Farthing (2016) reconheceu que os jovens, cada vez mais, procuram soluções coletivas e políticas para os problemas estruturais que identificam na sociedade.

### *7. A importância da participação e de contribuir para a construção da reciprocidade*

Tanto o modelo teórico, como os três estudos salientam o papel-chave que a participação e a contribuição desempenham no desenvolvimento humano e social,

especialmente se fomentam interações recíprocas. Contribuir e participar reciprocamente gera conexão social, transformação e impacto – tanto a nível estrutural como pessoal, uma vez que os agentes envolvidos na mudança também são transformados. Estes dois conceitos estão intrinsecamente ligados a questões de poder. Ao serem integrados de forma recíproca, promovem a liderança partilhada e balanço de poder, dando espaço a que várias partes contribuam e participem em simultâneo. Este é o modelo que orienta a cultura e metodologia do ComParte, cuja construção é fruto da contribuição de todos. Envolver a participação de todos os membros afetados por um determinado sistema nos processos de tomada de decisão e implementação das ações de um programa é a estratégia que vem provando maior sucesso na transformação organizacional e social (Evans, 2012a). Consistentemente, Deaton (2013) argumenta que as pessoas locais são quem tem experiência direta em muitos dos projetos de apoio social, estando na melhor posição para refletir e propor decisões. Por outro lado, a participação dota os seus protagonistas de capacidades analíticas, permitindo-lhes exercer controlo e ter impacto sobre o seu entorno (Zimmerman, 2000). Aqueles que experienciem igualdade e oportunidades de participação num programa ganham motivação para contribuir em todas as outras esferas da sociedade (Bruni, 2012). A nossa investigação chama a atenção para a importância de integrar a reciprocidade na equação, para que o balanço de poder e a liderança partilhada possam ter lugar, em vez de gerar processos de imposição ou detenção de poder.

#### *8. Cultivar relações de reciprocidade entre profissionais e participantes, ajustadas à tipologia de cada programa*

Com base no modelo teórico e nas abordagens identificadas no segundo estudo, é possível caracterizar os padrões relacionais entre profissionais e participantes típicos de cada tipo de programa. Os papéis assumidos por profissionais e participantes, vão sendo transformados ao longo do *continuum*, partindo de interações assistenciais e formais, no caso dos programas de assistência, onde os profissionais assumem o papel de “provedores” e os

clientes assumem o papel de recetores, passando por relações de mentoria e facilitação, no caso dos programas de promoção, até se envolverem em dinâmicas de parceria e colaboração, onde participantes e profissionais trabalham em conjunto, prosseguindo propósitos de bem-comum, como no caso dos programas de co-construção e de transformação social. Para desenvolver uma plena colaboração, os profissionais devem ir abrindo mão do seu papel de especialistas e reconhecendo progressivamente os membros da comunidade como parceiros no processo de transformação e de aprendizagem (Israel et al., 2005; Tseng et al., 2002; Zimmerman, 2000). Na mesma linha, Lazarus et al. (2015) sugerem que os profissionais devem estar conscientes das posições e posturas tomadas, de como estão associadas a diferenciais de poder e se estão a transmitir o reconhecimento da sabedoria possuída pelos participantes. Por sua vez, Rober e Seltzer (2010) chamam a atenção para o risco dos profissionais assumirem posturas colonizadoras, ainda que não intencionalmente. Assim, propõem que os profissionais devem estar vigilantes para evitar adotar tais posições que levam a imposição, a assumir verdades, desvalorizando o conhecimento e recursos dos participantes. Da mesma forma, Nelson e Prilleltensky (2010) sugerem que os profissionais devem focar-se em construir reciprocidade, assumindo simultaneamente o papel de agentes e de aprendizes, partilhando poder e recursos para o desenvolvimento de bem-estar. A nossa investigação confirma estas perspetivas e propõe uma tipologia que enquadra a evolução das relações entre profissionais e participantes, ao longo do desenvolvimento.

O segundo estudo aponta para a *valorização, confiança, disponibilidade, proximidade e escuta* como os processos relacionais mais enfatizados pelos membros de programas bem-sucedidos. Estes resultados sugerem que a autenticidade e informalidade são mais valorizadas do que outros aspetos técnicos. Os participantes dos programas, em particular, focam a *disponibilidade, abertura, valorização, encorajar, a facilitação do acesso a recursos e a importância de contribuírem*. Neste sentido, Jordan (2008) sugere que os profissionais devem



assumir um profundo respeito pelos participantes e uma profunda abertura para se deixarem afetar.

#### *9. Cultivar a paixão por fazer parte, o sentido de propósito e o amor à camisola*

Os resultados desta investigação destacam o “amor à camisola” revelado por participantes e profissionais como um ingrediente diferenciador de programas bem-sucedidos e com altos níveis de reciprocidade. Os participantes e profissionais revelam orgulho por fazer parte de programas que envolvem os seus membros como contribuidores, como acontece nos programas de co-construção e de transformação social. Uma vez que todos os participantes têm um papel ativo, a sua participação neste tipo de programas é socialmente bem-conotada. Pelo contrário, quando os participantes são tomados como recetores passivos, como no caso de programas de assistência, mostram relutância e vergonha em procurar esse tipo de apoio. Tais programas, ao envolverem os participantes enquanto recetores, têm uma conotação social mais negativa. Estes resultados apoiam a visão de Kelly et al. (2000) que consideram que é possível avaliar a qualidade de uma organização ouvindo como é que os participantes falam sobre o trabalho que a mesma desenvolve e sobre a forma como se sentem envolvidos. Descreverem o ambiente como estimulante e considerarem-se parte são sinais de que o sistema pode estar a promover o desenvolvimento individual e organizacional. No segundo estudo, um dos fatores que mais contribuem para as boas relações e ambiente de equipa é o amor à camisola partilhado pelos seus membros. As pessoas querem fazer parte de sistemas que cultivam a paixão e o envolvimento e querem contribuir com as suas ideias para ajudar a construir “organizações de sonho” (Evans, 2012a).

#### *10. Integrar membros da comunidade nas equipas*

Esta investigação mostrou que os programas de co-construção ou de transformação social visitados tendem a integrar membros da comunidade e antigos participantes nas

equipas. Estes elementos, identificados como líderes comunitários no segundo estudo, salientam o *amor à camisola* e o *afeto* no trabalho, que revela a paixão e sentido de propósito com que se envolvem nos programas. Pelo facto de terem vivido experiências semelhantes às dos participantes e de terem conhecido os programas por dentro, os líderes comunitários têm a capacidade de se colocar naturalmente “na pele” dos participantes. Este estudo sugere que os líderes comunitários são enormes mais-valias em projetos que atuam a nível familiar, comunitário e social, potenciando processos de reciprocidade e a contribuição de todos. A equipa do ComParte também conta com elementos que começaram por envolver-se no projeto enquanto participantes, o que acrescenta coerência, impacto e inovação ao trabalho desenvolvido. Cada vez mais é reconhecido na literatura o valor que os membros da comunidade acrescentam às equipas dos programas sociais (Blau et al., 2010; Martiskainen, 2017). O nível de envolvimento dos líderes comunitários pode ser tomado como um indicador sobre o alcance dos programas, uma vez que a sua contribuição gera um forte sentido de pertença e de responsabilidade partilhada (Udensi et al., 2012).

#### *11. Alinhar a duração dos programas com a sua tipologia e propósitos*

A investigação também revelou que a duração dos programas está relacionada com as dinâmicas da reciprocidade. Programas de assistência envolvem padrões relacionais predominantemente verticais, com baixos níveis de reciprocidade, oferecendo recursos de emergência delimitados no tempo, uma vez que se centram em necessidades imediatas. Tais programas costumam ter uma duração curta e limitada, para evitar promover a dependência. Estes programas associam sucesso a deixar de haver necessidade de existirem. À medida que o *continuum* de programas evolui, os programas baseiam-se progressivamente em padrões relacionais diagonais e horizontais, que permitem o desenvolvimento de relações naturais e informais. Ao integrarem dimensões coletivas, promoverem a interconexão e visionarem a melhoria e transformação sistémica a longo-prazo, tais programas são construídos de forma

orgânica e sem perspectiva de limite temporal. Estes resultados apoiam a perspectiva de Rojano (2004) que defende que os sistemas que promovem o envolvimento cívico são ecossistemas naturais que não precisam de deixar de existir. No mesmo sentido, Mendonza (2012) considera que os programas duradouros devem considerar os participantes capazes de contribuir, potenciando uma comunicação horizontal, a colaboração e uma sociedade democrática. Sendo o ComParte um programa de transformação social e tendo como objetivo a contínua melhoria dos sistemas da sociedade, através da colaboração entre cidadãos e decisores, não há também no ComParte a perspectiva de um limite temporal. Estes resultados confirmam a perspectiva de Morton (1995), que associa programas de assistência a intervenções de duração limitada e de ação imediata, enquanto considera que programas de transformação social envolvem uma perspectiva de longo-prazo, uma vez que pretendem ter impacto ao nível da transformação das estruturas sociais. Iniciativas comunitárias precisam de tempo e paciência para produzirem transformações significativas, o que muitas vezes não se coaduna com as expectativas de impacto imediato dos financiadores (Minich et al., 2006). Assim, a maior parte das intervenções é reativa e focada no alívio do sofrimento, mais do que na procura de soluções ao nível das causas (Evans, 2012a). Por outro lado, vários autores defendem a importância de abordagens continuadas e a longo-prazo (Grabe, 2012; Henry & Breyfogle, 2006; Krumer-Nevo, 2003; Minich et al., 2006; Nelson & Prilleltensky, 2010; Rappaport, 1977; United Nations Development Program, 2011). Esta investigação apresenta uma noção de continuidade e de complementaridade, associada ao processo de construção da reciprocidade.

*12. Perspetivar a interdependência como o objetivo último dos programas, como um todo, em vez de colocarem a meta na autonomia*

O modelo teórico das dinâmicas da reciprocidade sugere os conceitos de interdependência e de integração como horizontes do desenvolvimento humano, social e organizacional. Os programas de assistência e promoção, em particular, aspiram a promover a

autonomia dos participantes, considerando que o bem-estar individual aumenta à medida que a necessidade de apoio diminui. Esta investigação leva a criticarmos a autonomia e autossuficiência enquanto finalidade de qualquer tipo de programa, propondo uma perspectiva integrada onde os vários tipos de programas concorrem para libertar os participantes de dinâmicas de dependência e os envolver em dinâmicas de colaboração. Na realidade, ninguém tem a capacidade de atingir um estado de independência dos outros (Jordan, 2008). Estes resultados reforçam a perspectiva de Stout (1996) que associa o desenvolvimento ao movimento de deixar de estar dependente dos outros para passar a conseguir trabalhar em conjunto, enquanto parceiros. Também Kelly et al. (2000) enfatiza as mais-valias de fomentar a interdependência entre os vários elementos que fazem parte de um sistema, para fomentar o funcionamento do todo e das suas partes. O ComParte está alinhado com esta visão, pois o seu propósito é promover a colaboração e a confiança entre cidadãos e decisores, de maneira a que as decisões tenham em conta mais fontes de conhecimento, promovendo assim a melhoria do funcionamento dos sistemas da sociedade.

*13. Compreender a realidade como complexa, dinâmica e em constante transformação, procurando desenvolver paradigmas assentes na não-linearidade, flexibilidade e integração*

O modelo teórico das dinâmicas da reciprocidade propõe uma leitura integrada e flexível da realidade social. O símbolo do infinito que vai para além das fronteiras do próprio modelo reconhece a constante dinâmica ecossistémica e temporal e chama a atenção para a necessidade de os sistemas serem sensíveis, responsivos e adaptáveis à transformação. Assim, reconhece a importância da integração das aprendizagens herdadas da história e da tradição com o espírito inventivo, procurando continuamente ajustar os paradigmas que estruturam as relações socioeconómicas de maneira a potenciar o bem-estar individual, relacional e coletivo. A partir desta perspectiva não-linear, situações de bloqueio ou conflito podem ser concebidas como oportunidades de crescimento para um maior conhecimento, reciprocidade e conexão.

Estes resultados estão alinhados com a perspectiva de Peirson et al. (2011) que definem a transformação como complexa, não-linear e multifacetada. Por sua vez, complementam a perspectiva de Evans (2012a) que considera que a natureza linear da maioria das teorias da mudança surte apenas efeitos superficiais, não abrangendo a complexidade dos processos e da aprendizagem que ocorrem nas organizações. Assumir perspectivas lineares, compartimentadas ou dualistas limita a capacidade de adaptação aos processos dinâmicos que ocorrem nos sistemas.

Todos os estudos revelaram a mais-valia de os indivíduos, sociedade e programas estarem abertos e predispostos para a transformação. A transformação revelou estar intrinsecamente ligada aos processos de construção de reciprocidade, uma vez que estes implicam, através do intercâmbio, a criação de novo conhecimento e a integração de novas aprendizagens por todas as partes envolvidas. Assim, o impacto positivo do primeiro estudo esteve especialmente ligado ao reconhecimento de, tanto os membros da audiência como aqueles que tiveram o papel de contadores, identificarem aprendizagens e a transformação de perspectivas a partir da integração do que foi dito pelos outros. No segundo estudo, as principais boas-práticas identificadas pelos projetos incluíam abertura e flexibilidade para integrar contributos e ideias, permitindo que os programas fossem sendo moldados e transformados por estes processos. O ComParte é um projeto que, na sua essência, não está predefinido nem acabado de desenhar. Assim, a sua identidade é continuamente co-construída e atualizada, num processo de reflexão-ação-reflexão, que implica imprevisibilidade e constante inovação. Mantilla (2013) também valoriza o caráter inacabado das organizações e das comunidades, propondo que a procura de dar sentido e construir um projeto comum é um fator gerador de conexão. O processo não é rígido, nem estático, por vezes podem ser consideradas diversas perspectivas em simultâneo e outras vezes, podem ser escolhidos processos, de forma segmentada (Tseng et al., 2002). É fundamental desenvolver perspectivas alternativas em relação aos processos sociais (Allen et al., 2007; Lehrner & Allen, 2008).

## **Implicações**

Os resultados desta investigação sugerem que a construção de relações recíprocas, a múltiplos níveis sistémicos, no contexto do apoio social e do desenvolvimento, pode ser uma estratégia complementar eficaz de combate à pobreza.

O modelo teórico das dinâmicas da reciprocidade pode acrescentar valor à psicologia comunitária, apontando para a necessidade do desenvolvimento de colaboração, co-construção e de um sentido de responsabilidade partilhada na superação dos processos de pobreza e de exclusão. Assim, distancia-se de leituras polarizadas que apontam vítimas e culpados. Este modelo teórico pode ser aplicado ao trabalho comunitário, enfatizando a relevância de encorajar a participação, para que os membros da comunidade contribuam para a construção de programas e políticas sociais, não sendo apenas recetores. Os programas e políticas sociais podem ser enriquecidos ao integrar diversas perspetivas e contribuições de todos os seus membros, promovendo um sentido de pertença. Por outro lado, as parcerias recíprocas podem potenciar o trabalho desenvolvido por diferentes organizações. O modelo é também proposto como uma ferramenta para identificar o posicionamento social de comunidades e grupos específicos, para melhor responder às suas necessidades e propósitos e para sugerir caminhos para os indivíduos e os profissionais construírem reciprocidade nas suas múltiplas esferas de vida. É ainda indicado para que os programas possam compreender onde começa e termina a esfera da sua ação, favorecendo a sua articulação e cooperação como outros programas.

O modelo teórico também pode ser útil para psicólogos clínicos e terapeutas familiares, apresentando pistas para o desenvolvimento de relações recíprocas e de confiança, a vários níveis sistémicos. Por exemplo, os terapeutas podem usar o modelo para analisar o estágio psicossocial em que se encontram os seus clientes num determinado momento e usá-lo como guia para orientar a conversa e ajustar as dinâmicas da interação. Ao mesmo tempo,

as trajetórias da reciprocidade podem ser usadas como uma ferramenta para melhorar a compreensão das dinâmicas familiares, através da análise das propriedades da reciprocidade, como balanço de poder, fluxo de influência, identificação e congruência entre os seus membros.

Relativamente à investigação, o modelo pode facilitar a inclusão dos participantes e investigadores como colaboradores no desenvolvimento de conhecimento. O modelo teórico parece ser apropriado para fomentar a reflexividade na investigação com base participativa, oferecendo uma conceptualização que permite os parceiros reconhecerem as suas posições em relação aos outros, discutindo criticamente a qualidade da sua interação e dinâmicas de poder (Lazarus et al., 2015). Por outro lado, a investigação com base participativa pode servir para aprofundar o estudo de dinâmicas de reciprocidade que ocorrem ao longo do processo de investigação.

Esta investigação sublinha as potencialidades das Sessões com Audiências Apreciativas como indicadas para investigação-ação, uma vez que geram dados qualitativos ricos e únicos, enquanto os participantes tanto contribuem como beneficiam da experiência. Estas sessões podem ser adotadas por comunidades e grupos como uma dinâmica útil para construir conexão e desconstruir preconceitos. O impacto pode ser expandido se as sessões forem integradas em iniciativas e programas mais alargados.

O segundo estudo revela boas-práticas em distintas zonas do mundo, o que pode servir de referência para programas em fase inicial ou que pretendem atualizar a sua prática, conhecendo as estratégias desenvolvidas por outros programas bem-sucedidos e integrando processos de origens geográficas e culturais diversas. Ao apresentar duas abordagens diferentes na forma como os programas encaram os participantes – como beneficiários ou como contribuidores – e os processos e impactos mais associados a cada abordagem, estes resultados, tais como a tipologia de programas, podem servir de grelha de análise e orientação

para os programas. Por outro lado, a valorização do papel do líder comunitário permite consciencializar os profissionais para a importância dos programas sociais integrarem nas suas equipas não apenas profissionais com experiência e conhecimento técnico, mas também líderes comunitários, que começaram por ser participantes e que têm um forte sentido de missão e ligação à comunidade.

O terceiro estudo enfatiza a importância de fomentar dimensões relacionadas com o ser e com a colaboração a nível estrutural e cívico, explorando o seu potencial para promover o bem-estar dos indivíduos, comunidades e organizações. Reconhece também a importância do acesso e partilha de recursos.

Finalmente, o processo de conceção e desenvolvimento do ComParte, construído com base numa investigação e num processo participativo, traz à luz os desafios, decisões e implicações subjacentes à definição dos seus valores, cultura e metodologia. A revelação destes processos permite a outros projetos conhecerem, as implicações de determinadas decisões e abordagens e assim inspirarem-se pelo que resulta e continuarem a desenvolver práticas inovadoras.

O quadro 1 descreve as principais boas-práticas identificadas nesta investigação. Esta grelha-síntese poderá servir a profissionais, terapeutas e cidadãos envolvidos no desenvolvimento de estratégias de superação da pobreza, conexão e bem-estar individual, relacional e coletivo.

Quadro 1. Grelha-síntese de boas-práticas

Reciprocidade	Construir a reciprocidade, colocando o foco nas relações a múltiplos níveis sistémicos
	Reconhecer e distinguir dinâmicas verticais, diagonais e horizontais, procurando adaptá-las aos diferentes contextos e fases de desenvolvimento pessoal e social;
	Reconhecer e cultivar as propriedades da reciprocidade nas relações (informalidade, abertura, fluxo de influência, balanço de poder, identificação e congruência);



	Compreender a relação entre estágios de desenvolvimento psicossociais – luta pela sobrevivência, fortalecimento de confiança, desenvolvimento de sentido de agência, desenvolvimento de sentido de pertença, desejo de contribuir e de retribuir, encontrar sentido de vida e de utilidade – e a construção da reciprocidade;
	Compreender como as dinâmicas relacionais verticais, diagonais e horizontais geram diferentes crenças, posicionamentos e quadros de referência sociais que influenciam o comportamento, a autoimagem e a percepção dos outros;
	Cultivar a reflexividade e a consciência sobre as dinâmicas da reciprocidade, individualmente e em equipa;
	Perspetivar a interconexão e reciprocidade como objetivos últimos dos programas;
Abertura	Cultivar a disponibilidade para aprender e integrar sugestões e transformações, por parte de profissionais, líderes e programas;
	Procurar a contínua atualização, dinamismo e adaptação às transformações contextuais, recorrendo à pesquisa de boas-práticas internacionais, em diversas zonas do globo;
	Cultivar um espírito de partilha e disseminação de boas-práticas e processos de sucesso;
Informalidade	Comunicar de forma autêntica e simples;
	Procurar que as interações tenham um cunho de humanidade e naturalidade e que aspetos técnicos/formais sirvam de recurso, para favorecer e facilitar a comunicação;
Balanço de poder	Trabalhar em conjunto com todos os elementos envolvidos nos projetos, fomentando a participação, a contribuição de todos e a partilha de liderança e de informação e recursos;
Influência mútua	Criar ambientes que permitam aos participantes influenciar e ser influenciados, valorizando a participação, expressão e a abertura para aprender e integrar novas perspetivas;
	Facilitar o acesso a oportunidades e recursos, potenciando simultaneamente a oportunidade de receber e de contribuir;
Identificação	Unir as pessoas que fazem parte de um programa em torno de propósitos comuns, co-construídos;
	Promover o sentido de pertença, desenvolvendo metodologias que permitam fomentar o conhecimento do outro, identificar pontos de ligação e experimentar estar na pele uns dos outros;
Congruência	Cuidar a coerência de todos os processos e decisões, bem como a todos os níveis de relação (entre chefias, profissionais, participantes e parceiros);
	Implementar processos contínuos de reflexão e de avaliação, para consistentemente alinhar as características dos programas com os seus propósitos e dinâmicas internas de reciprocidade;
Resumo	Adotar abordagens valorizadoras e baseadas na confiança, focadas nas forças e no

	potencial de cada um;
	Considerar os participantes especialistas na sua experiência e mais-valias para a melhoria dos programas, da comunidade e da sociedade;
	Definir formas concretas de reconhecer a gratidão pelos contributos de participantes e parceiros;
Integração	Desenvolver, articular e estudar programas com naturezas e propósitos diversos, tendo em conta a tipologia de programas do modelo teórico;
	Trabalhar em parceria, articulando abordagens focadas no micro, que entendem o participante como beneficiário, e focadas no macro, que entendem o participante como contribuidor;
	Procurar a integração em vez da polarização;
	Compreender a realidade como complexa e desenvolver paradigmas e programas assentes na não-linearidade, flexibilidade e combinação de perspetivas;
"Amor à camisola"	Desenvolver uma cultura organizacional que propicie o sentido de missão e de <i>amor à camisola</i> de todos os envolvidos;
	Integrar líderes comunitários nas equipas, para fortalecerem a proximidade, reciprocidade e compromisso com os participantes;
Visão macro	Reconhecer os obstáculos presentes no contexto socioeconómico de indivíduos e de comunidades em situação de pobreza e de exclusão.

## Limitações

Uma limitação da investigação está ligada ao facto de a *Grounded Theory* desenvolvida não ter sido adotada logo no início da investigação, mas apenas depois de parte da recolha do primeiro e segundo estudos ter sido efetuada. Ainda que a análise tenha sido parcial, a partir do momento que foi adotada, os métodos aplicados foram rigorosos e sistemáticos e permitiram levar a análise à sua completude.

Uma das limitações do primeiro estudo é o facto da investigação não ser conectada com a consequente implementação da metodologia em estudo. O estudo teria beneficiado caso os resultados tivessem sido tornados práticos, com a colaboração e o envolvimento dos participantes. Ao mesmo tempo, algumas questões éticas foram levantadas. Os participantes que não viviam em situação de pobreza, que foram convidados para assumirem o papel de audiências, receberam mais informação ao serem envolvidos num *briefing* extra, que seguia as orientações da literatura, para assegurar que estavam preparados para dar um *feedback* construtivo. No entanto, essa diferença, poderá ter reforçado o desequilíbrio de poder entre

os grupos de participantes, uma vez que às audiências era dito que tinham a responsabilidade de contribuir para que aquele momento fosse significativo para os contadores. Por sua vez, os contadores – participantes em situação de pobreza – foram convidados para partilharem as suas histórias, mas não receberam orientações em relação ao *feedback*.

No segundo estudo foram analisados 15 programas. A pequena amostra em cada país (três programas no máximo e nalguns países apenas um), assim como a variação em relação ao público-alvo, propósitos e métodos, constrange a possibilidade de uma compreensão profunda da distribuição dos programas em cada país, assim como uma comparação sustentada entre programas. Além disso, devido ao tamanho da amostra e à sua dispersão geográfica, não foi possível envolver todos os participantes em igual medida no processo de investigação.

O terceiro estudo foi baseado numa amostra de conveniência, por essa razão os resultados não são representativos e não podem ser generalizados para a população portuguesa. A implementação de uma amostragem do tipo bola de neve e o uso de um questionário *online* parece ter constrangido a distribuição da amostra, limitando a participação de pessoas em situação de pobreza e participantes de maior idade. Finalmente, uma vez que as respostas dos participantes não eram extremadas (muito poucos participantes utilizavam os valores mais altos e mais baixos da escala para responder), os níveis dos grupos (alto e baixo) revelaram-se pouco diferentes, o que poderá ter tido impacto no número de diferenças estatísticas que foram encontradas entre os grupos.

### **Futuras linhas de investigação**

A centralidade e significância do processo de construção de reciprocidade revelados neste estudo apontam para a importância de examinar os fatores que podem promover este processo a nível interpessoal e coletivo. Sugerimos que futuras investigações visem o desenvolvimento de uma teoria formal sobre a construção de reciprocidade, que permita aprofundar a compreensão da relação entre este fenómeno e o combate à pobreza, bem como

a sua utilidade e aplicabilidade noutras áreas, tais como a educação, o desenvolvimento de políticas públicas, a cooperação internacional, as relações familiares, saúde, economia, etc.

Sugerimos também que o *continuum* de programas do modelo teórico seja utilizado para caracterizar os programas em Portugal e analisar o alinhamento entre apoio oferecido, necessidades e propósitos dos participantes, bem como a articulação entre as diferentes tipologias de programas. Além disso, sugerimos a identificação dos projetos que são desenvolvidos com base em metodologias importadas de outros países e aqueles que são criados originalmente em Portugal, comparando os resultados de cada tipo de projeto. Sugerimos ainda o estudo aprofundado dos processos e níveis de reciprocidade nos diferentes programas sociais.

Seria também útil compreender as singularidades e semelhanças culturais, no que respeita aos programas e sua implementação em diferentes zonas do mundo. Sugerimos que seja aprofundado como é que as diferenças e semelhanças encontradas entre os vários programas estão relacionadas com a natureza dos próprios programas ou com os contextos culturais onde os programas estão localizados. Seria também pertinente explorar a distribuição de programas por tipologia, em cada país.

Relativamente às Sessões com Audiências Apreciativas, sugerimos o desenvolvimento desta metodologia num contexto de investigação-ação, que parta da utilização deste método e possa resultar na criação de um projeto, desenvolvido em conjunto com os participantes. Para futura investigação poderia ser interessante explorar como é que as sessões podem funcionar se os contadores e as audiências não estiverem segmentados por grupos socioeconómicos, sendo antes aleatoriamente divididos entre esses dois papéis. Sugerimos ainda que sejam desenvolvidos estudos para continuar a refletir criticamente sobre os aspetos éticos que envolvem as sessões com audiências, dado o forte impacto pessoal e interpessoal gerado.

Em futuras investigações seria interessante conhecer quais são as necessidades apontadas por cidadãos portugueses, em termos de desenvolvimento individual e social. Seria interessante fazer um estudo quantitativo semelhante, mas com uma amostra representativa, e analisar o comportamento das variáveis, voltando a comparar os grupos e verificar as diferenças significativas. Seria também relevante continuar a desenvolver a escala do desejo de contribuir e adicionar itens para avaliar se desejo e atitudes são consistentes. Outra maneira de continuar a explorar este trabalho seria estudar o sentido de conexão social entre diferentes níveis socioeconómicos, culturas e nações. Considerando os grupos gerados, seria muito interessante analisar o comportamento das variáveis como a autoestima e confiança. Finalmente, a criação de uma escala para aceder às dinâmicas da reciprocidade que pudesse ser aplicada a relações e programas poderia ser uma mais-valia, permitindo aos programas terem a capacidade de avaliar a qualidade das relações, a diferentes níveis sistémicos.

Em relação ao ComParte seria interessante analisar se os processos que estão a ser postos em pratica estão a contribuir para aumentar a confiança entre cidadãos e decisores, se as perspetivas dos cidadãos e dos decisores em relação ao papel uns dos outros, na sociedade, estão a ser transformados. Ao mesmo tempo seria interessante explorar que papel tem a gratidão em diferentes programas sociais e qual a sua relação com a construção de reciprocidade.

## **Aprendizagens**

O processo de investigação é uma história de aprendizagens. Tendo sido, até este ponto, apresentados os contributos científicos da investigação, apresentamos agora as aprendizagens mais impactantes do ponto de vista pessoal, revelando como o processo de investigação, em que a investigadora se envolveu, imbuíu das realidades e se deixou afetar, transformou a sua forma de ver e se relacionar com o mundo.

- A importância da clareza da linguagem, da coerência e da transparência → foi com esta aprendizagem que o projeto de investigação começou, só quando estes três pontos foram alinhados, levando a uma reforma dos objetivos e enquadramento do primeiro estudo, é que os participantes mostraram abertura para contribuírem para a investigação;
- A importância da genuinidade e da humanidade nas relações e de focar propósitos de bem-comum → a postura simples, informal e valorizadora que procurámos adotar na investigação, bem como a paixão e a visão de bem-estar coletivo envolvidos neste projeto proporcionaram uma colaboração fluída e o estabelecimento de relações de confiança;
- A importância de confiar, de abrir as portas e de nos conectarmos com o melhor uns dos outros → experimentei os efeitos na pele, ao ser acolhida gratuitamente em casa de muitas pessoas e famílias, pelo mundo fora, que não me conheciam. Muitas vezes sem quaisquer referências, dispunham-se a abrir as portas e tratavam-me como se fosse da família. Esta experiência gerou em mim um grande desejo e responsabilidade de retribuir, não apenas na relação direta com aquelas pessoas, mas seguindo o seu exemplo e dispondo-me a acolher também, em minha casa e na vida, pessoas que não conheço;
- A importância de reconhecer a sabedoria contida noutras perspetivas e de cultivar a complementaridade e a oportunidade de todos contribuirmos e aprendermos → o processo da investigação levou-me a refletir sobre as minhas atitudes e interações, como cultivam ou não a reciprocidade, consciencializando-me sobre a minha responsabilidade neste processo. Assim, vai crescendo a consciência da importância de focar o enriquecimento mútuo, em vez de procurar provar a minha razão (ainda que tenha consciência que será um caminho longo a percorrer!);

- A importância e gosto de participar, por criar oportunidades para pertencer, colaborar e interagir → fui vivendo esta experiência na primeira pessoa, nos projetos que visitei, em que fui convidada a envolver-me de forma ativa, e nas conferências em que participei...  
A partir do momento que me envolvia, contribuindo e dando-me a conhecer, começava a pertencer e quebrava-se o gelo para conhecer as pessoas, pois passava a ser reconhecida;
- A importância de retribuir → Da experiência de generosidade e gratidão de que fui beneficiando ao longo do processo de investigação, fui tomada por um forte desejo de retribuir, procurando partilhar as oportunidades e atitudes de que beneficieei, alimentando o círculo virtuoso;
- A importância e gosto de aprender com os outros, com a sua história, perspetivas e valores → Foi um privilégio e o princípio de uma enorme transformação pessoal poder viajar através das histórias de vida que iam sendo partilhadas comigo. Cada história fez com que os meus horizontes de consciência aumentassem, bem como o meu espírito crítico e, ao ser afetada e tocada pelas vivências de cada um, a conexão acontecia;
- A importância de contactarmos com outras culturas, de nos envolvermos e de aprendermos com elas → Aprendi que na diversidade e no desconhecido se escondem revelações muito importantes, se abrem caminhos de aprendizagem, de identificação e de maior conexão. É marcante descobrir que o que não conhecemos tem muito para nos ensinar e que o achar que já sabemos e a desconfiança são armadilhas que nos travam de crescer e sentir-nos parte uns dos outros;
- A importância de compreender o contexto e as boas intenções que estão por detrás das atitudes e crenças → Ouvir com profunda curiosidade e sem julgamento é a melhor maneira de compreendermos a complexa teia que envolve uma determinada situação ou problema. É mais fácil ter esta abertura de espírito quando estamos a viajar e somos

investigadores, o grande desafio é assumi-la nas nossas relações mais próximas e quando somos chamados a intervir, como profissionais;

- A importância do “amor à camisola” no que fazemos → Tenho aprendido que encontrar o que me apaixona, quais as causas que mexem comigo e procurar construir um estilo de vida alinhado com esses valores e causas, dá sentido à minha vida e leva a que os projetos em que me envolvo tenham mais impacto.
- A importância de confiar na *Grounded Theory* → Descobri neste método, além do rigor da sistematização, do seguimento metódico de procedimentos, a existência de graus de liberdade e flexibilidade para integrar o estilo do investigador e a criatividade no processo. De todas as lições aprendidas neste domínio, talvez a mais difícil – que acabou por se converter em mais gozosa – foi “confiar na emergência”. Apreendi assim que o controlo dos métodos e dos resultados é insuficiente. A essência do conhecimento está enraizada nos participantes, nos contextos em estudo, nas narrativas partilhadas e grande parte do segredo envolve acreditar nesta premissa. Outra parte passa por confiar que tal essência se manifesta e emerge, com força e significado, se adotarmos técnicas para a elicitar, não a forçando. Alinhar na surpresa e despojamento desta confiança revelou-se fundamental para chegar à teoria e servirá de lembrete elementar para a vida.
- A importância de “entranhar” a escrita científica → A escrita científica inicialmente pareceu-me um processo rígido e, de certa maneira, condicionado por uma série de regras e um estilo predominantemente objetivo e distante. Por isso saía-me mais naturalmente e com mais gosto escrever de maneira livre e criativa, através do blogue. Compreendi depois que o processo de publicação em revistas científicas, com fator de impacto, é exigente e promove um trabalho de sistematização e aprofundamento dos resultados bastante rigoroso. Percebi que procurar o máximo de qualidade, para aspirar ver “a luz da publicação” em revistas com considerável fator de impacto, permitia



exponenciar a disseminação dos resultados e assim fazer jus à entrega dos participantes, levando a sua sabedoria a mais pessoas. Descobri ainda que as revistas científicas também permitem (e talvez até agradeçam) que lhe acrescentemos o nosso cunho, que escrevamos com a cabeça e o coração, dotando-as de um tom caloroso e humano, integrando aspetos emocionais e reflexões pessoais (desde que claramente identificados!), contribuindo para expandir os seus estilos comunicativos e assim aproximar os conteúdos da experiência e curiosidade dos leitores.

- A importância da disseminação dos resultados → Foi a partir da primeira entrevista e, depois, em todos os momentos de encontro e acesso a novo conhecimento e experiências de vida que se seguiram, que me apercebi do impacto... O impacto pessoal foi sentido instantaneamente e, com ele, o crescente sentido de responsabilidade de colocar a informação a circular, potenciando o impacto social. A publicação de artigos, a participação em conferências e formações, para aproximar os resultados da comunidade científica, e a escrita de crónicas em blogues e redes sociais, bem como a participação no desenvolvimento de projetos sociais, para partilhar os resultados com a sociedade foi munindo de sentido os passos mais discretos do processo de investigação, alimentando a motivação e possibilitando a sensação de alcance gradual da missão do doutoramento.

As aprendizagens são sempre um princípio de um percurso e não uma meta. Este caminho percorrido abriu muitos novos caminhos a explorar, aumentou a minha consciência e levou-me a sentir e a desejar estar muito mais conectada com os outros, em particular com os mundos no mundo que desconheço e onde há mais sofrimento.

### **Considerações finais**

A articulação dos dois primeiros estudos num modelo teórico centrado nas dinâmicas da reciprocidade abre caminho a uma nova compreensão de pobreza, apontando para a existência de desequilíbrios sistémicos no que respeita à reciprocidade, a nível interpessoal,

social, internacional, económico, etc. Tal leitura sugere o desenvolvimento de soluções inovadoras, que incluam um foco relacional, ecossistémico e co-construtivo. O primeiro estudo e a implementação das Sessões com Audiências Apreciativas, revelou o impacto da abertura, identificação, balanço de poder e fluxo de influência na promoção de confiança e transformação de perspetivas e ideias pré-concebidas entre indivíduos/famílias de contextos socioeconómicos diferentes, que não se conheciam pessoalmente. Os resultados específicos do segundo estudo descrevem as principais boas-práticas identificados em 15 programas sociais, de 9 países diferentes, salientam a importância da *valorização* e a *contribuição dos participantes* para o cumprimento da missão e impacto dos programas de combate à pobreza e à exclusão. A análise levou também à distinção de duas formas como os profissionais abordam os participantes: enquanto beneficiários e enquanto contribuintes. O terceiro estudo, que envolveu a implementação de um protocolo de 7 escalas a cidadãos portugueses, veio consolidar e acrescentar *inputs* aos resultados qualitativos, confirmando a pertinência de cultivar relações que são orientadas por valores colaborativos e recíprocos. Este estudo sugere que relações marcadas por baixos níveis de competição e em que existe acesso a recursos contribuem para o bem-estar individual e coletivo. Trazendo para o centro a importância de dimensões coletivas, este estudo aponta para a integração de dimensões individuais e relacionais na prossecução de bem-estar individual, relacional e coletivo. A conceção do ComParte, ao ser influenciada pelos resultados da investigação, procurou integrar os principais processos e boas-práticas identificados nos vários estudos. O seu desenvolvimento acrescenta um carácter de materialização prática e ilustração dos principais resultados a esta investigação. O exercício de reflexividade sobre o processo de conceção e implementação do ComParte, permite revelar o potencial de concretização contido num processo de investigação, bem como analisar sob um prisma pragmático, a aplicabilidade do modelo teórico emergente.

...

### **Comentário final: Do núcleo familiar à família alargada**

As famílias afetadas pela pobreza e pela exclusão social foram o ponto de partida desta investigação. No projeto: Compreender as suas forças e desafios, conhecer as suas perspetivas, nas suas relações com a comunidade, com profissionais/serviços e com a sociedade, percebendo o papel dos vários atores e das suas relações na invenção de soluções e estratégias de superação que resultam ou que poderão vir a resultar.

Depois encontrámo-nos. Ouvir de perto as suas histórias, integrar as suas chamadas de atenção, provocou esta revolução. Apresentaram reservas para participarem num estudo sobre pobreza, que envolvia a partilha das suas experiências com famílias noutros contextos socioeconómicos. Hora de rever o projeto, a linguagem e o plano. Perante a proposta para as mesmas famílias participarem numa mesma atividade, com o propósito, reconsiderado (graças ao seu *feedback*), de fortalecer as relações comunitárias, dispuseram-se a contribuir com total abertura e generosidade. Primeira lição: as famílias que contactámos estavam interessadas em participar num projeto em torno de um objetivo positivo comum, onde tinham o papel de contribuidoras e a oportunidade de se conectarem para além da sua esfera imediata. Afastavam-se de perspetivas que as reduziam a “famílias pobres”.

A vivência e convivência seguiram-se. Com ela, a perceção de que as questões que preocupavam os membros das famílias radicavam em fenómenos que iam muito além do seu núcleo. Seguir os seus ecos ampliou a esfera de análise e foi levando a abraçar a metáfora da “família alargada” como foco da investigação.

No contexto desta investigação, a metáfora de família alargada abrange toda a humanidade. Acreditamos, tal como as famílias que participaram neste estudo, que este olhar enriquece e acrescenta sentido de pertença e propósito à identidade da família nuclear. Assim, abrem-se leques de possibilidades de compreensões, expressões, soluções, descobertas e

inter-relações. Com esta metáfora, fenómenos complexos, como o da pobreza e da exclusão social, podem ser entendidos em profundidade e tomados como uma causa comum.

No ADN desta investigação está inscrito o cunho da psicologia da família, e o dos movimentos, disciplinas e abordagens que tem vindo a inspirar. Assim, espelha luzes da psicologia comunitária, das abordagens narrativas e colaborativas e da intervenção sistémica, que permitem articular nuclear – individual e familiar, comunitário, organizacional e macrossistémico. Herdou a rebeldia de extravasar o olhar circunscrito e de desafiar as fronteiras do múltiplo.

Nesta dinâmica de ampliar e reduzir as lentes, com o fio condutor das relações, as dinâmicas da reciprocidade emergiram como ponto de encontro, unificador e de convergência das várias esferas e sistemas estudados.

As viagens através da lente da família alargada permitem retornar a casa da psicologia da família com *insights* desafiadores, que abrem caminho a novas digressões:

- Reconhecer e cultivar as dinâmicas da reciprocidade na relação entre terapeuta e famílias;
- Compreender as dinâmicas da reciprocidade entre os diversos elementos da família e nas suas relações com os sistemas envolventes;
- Valorizar os contextos sociais, económicos e culturais, na compreensão dos fenómenos familiares;
- Explorar a utilidade e impacto do conceito da reciprocidade para a Educação Parental e Mediação Familiar...

... Nas reticências o que está para ser aprendido, co-construído e atualizado.

Até lá, um desejo (que sintetiza a expressão das aspirações transmitidas pelos participantes ao longo da investigação): Que a consciência de pertencermos a uma família alargada global

cresça nos nossos corações e na sociedade. E que o bem-estar e as dinâmicas da reciprocidade se tornem cada vez mais “um lugar comum”.



## Referências Bibliográficas

---

Agoncillo, R. N. & Borromeo, R. T. (2013). Becoming selfless. A grounded theory of commitment to service. *The Grounded Theory Review*, 12, 2.

Aguiar, N. (2016, December 15). *Há 2,6 milhões de portugueses em risco de pobreza ou exclusão social*. Jornal de Negócios.

<http://www.jornaldenegocios.pt/economia/conjuntura/detalhe/ha-26-milhoes-de-portugueses-em-risco-de-pobreza-ou-exclusao-social>

Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.

Alarcão, M. (2005). *Laçadas armadilhantes e laçadas virtuosas nos laços da rede secundária*. Texto policopiado.

Albee, G. W. (1969). Who shall be served? *Professional Psychology*, 1, 4-7.

Albee, G. W. (1982). Preventing psychopathology and promoting human potential. *American Psychologist*, 37, 1043-1050. [doi: 10.1037//0003-066X.37.9.1043](https://doi.org/10.1037//0003-066X.37.9.1043)

Albee, G. W. (1986). Toward a just society. Lessons from observations on the primary prevention of psychopathology. *American Psychologist*, 41, 891–898. [doi: 10.1037/0003-066X.41.8.891](https://doi.org/10.1037/0003-066X.41.8.891)

Albee, G. W. & Fryer, D. M. (2003). Towards a Public Health Psychology. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 13, 71-75. [doi: 10.1002/casp.705](https://doi.org/10.1002/casp.705)

Allan, S. & Gilbert, P. (1995). A social comparison scale: Psychometric properties and relationship to psychopathology. *Personality and Individual Differences*, 19, 293-299. [doi: 10.1016/0191-8869\(95\)00086-I](https://doi.org/10.1016/0191-8869(95)00086-I)

Allen, N. E., Lehrner, A., Mattison, E., Miles, T., & Russell, A. (2007). Promoting systems change in the health care response to domestic violence. *Journal of Community Psychology*, 35, 103–120. [doi: 10.1002/jcop.20137](https://doi.org/10.1002/jcop.20137)

Amaro, J. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: Uma revisão. *Análise Psicológica*, 25, 25-33.



- Andersen, T. (1987). The reflecting team: Dialogue and meta-dialogue in clinical work. *Family Process*, 26, 415-428. doi: [10.1111/j.1545-5300.1987.00415.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1987.00415.x)
- Anderson, H. (1997). *Conversation, language and possibilities*. New York: Basic Books.
- Anderson, H. (2012). Collaborative relationships and dialogic conversations: Ideas for a relationally responsive practice. *Family Process*, 51, 8-24. doi: [10.1111/j.1545-5300.2012.01385.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2012.01385.x)
- Anglin, J. P. (2002). *Pain, normality, and the struggle for congruence: Reinterpreting residential care for children and youth*. New York: Haworth Press.
- Anglin, J. P. (2007, June). *The agony and the ecstasy: Creating theory utilizing qualitative methods in the social sciences*. Presented at the 7th International Research in Education and Rehabilitation Sciences Conference, University of Zagreb, Croatia.
- Aron, A. (2014). Ignacio Martin-Baró and the 99% from El Salvador to Occupy. In G. Moses & G. Presbey (Ed.), *Peace philosophy and public life: Commitments, crises and concepts for engaged thinking* (pp. 85– 92). Amsterdam, the Netherlands: Rodopi.
- Aron, A., & Corne, S. (Eds.). (1996). *Writings for a Liberation Psychology*. New York: Harvard University Press.
- Asen, E. (2007). Changing 'Multiproblem Families': Developing a Multi-Contextual Systemic Approach. *Social Work and Society*, 5. <http://socwork.net/sws/article/view/130/495>
- Ashworth, P. D. (2013). The gift relationship. *Journal of Phenomenological Psychology*, 44, 1–36. doi: [10.1163/15691624-12341243](https://doi.org/10.1163/15691624-12341243)
- Ausloos, G. (1996). *A competência das famílias, tempo, caos, processo*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Austin, J., Stevenson, H. & Wei-Skillern, J. (2006). Social and commercial entrepreneurship: Same, different or both? *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30, 1-22. doi: [10.1111/j.1540-6520.2006.00107.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00107.x)

Azurduy, C. A. (2003). América Latina en el reto de construir puentes con y entre las ciudadanías: El derecho a la información como práctica de formación y desarrollo de la ciudadanía comunicativa. *Revista Proibidad*, 24, 5-15.

Banco Alimentar Contra a Fome & Entrajuda (2010). *Relatório Preliminar do Inquérito às Instituições de Solidariedade Social*. <http://www.ucp.pt/>

Bandura, A. (1998). Personal and collective efficacy in human adaptation and change. In J. G. Adair, D. Bélanger, & K. L. Dion (Eds.), *Advances in psychological science* (Vol. 1, pp. 51-71). Hove: Psychology Press.

Barnett, M. (2008). Economic Disadvantage in Complex Family Systems: Expansion of Family Stress Models. *Clinical Child Family Psychological Review*, 11, 145-161.

Baumeister, R. F. & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 111, 797-529. [doi: 10.1037/0033-2909.117.3.497](https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497)

Baumeister, R. F., Wotman, S. R. & Stillwell, A. M. (1993). Unrequited love: On heartbreak, anger, guilt, scriptlessness and humiliation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 377-394. [doi: 10.1037/0022-3514.64.3.377](https://doi.org/10.1037/0022-3514.64.3.377)

Becker, L. C. (1990). *Reciprocity*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

Becker, M. (1999). *Patriarchy and inequality: Towards a substantive feminism*. University of Chicago Legal Forum. <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1999/iss1/3>

Benz, L. N. (1975). Citizen participation reconsidered. *Social Work*, 20, 115-119.

Bess, K. D., Prilleltensky, I. C., Perkins, D. D. & Collins, L. V. (2009). Participatory organizational change in community-based health and human services: From tokenism to political engagement. *American Journal of Community Psychology*, 43, 134-148. [doi: 10.1007/s10464-008-9222-8](https://doi.org/10.1007/s10464-008-9222-8)

Bhalla, V., Caye, J.M., Dyer, A., Dymond, L. Morieux, Y. & Orlander, P. (2011). *High-performance organizations. The secrets of their success*. The Boston Consulting Group.

<http://www.fededtv.com/videoimages/High%20Performing%20Org%20The%20Secrets%20of%20Their%20Success.pdf>

Bitter, J. R., Robertson, P. E., Roig, G. & Disqueact, J. G. (2004). Definitional ceremonies: Integrating community into multicultural counseling sessions. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 32, 272-282.

Blau, G. M., Caldwell, B., Fisher, S. K., Kuppinger, A., Levison-Johnson J & Lieberman R. (2010). The Building Bridges Initiative: Residential and community-based providers, families and youth coming together to improve outcomes. *Child Welfare*, 2, 21-38.

Bogumil, D. D. (2001). Attribution and reciprocity in international relations: The attribution reciprocity model. *North American Journal of Psychology*, 3, 463–480.

Bosteels, B. (2014). *The Actuality of Communism*. London: Verso Books.

Bourdieu, P. (1986) The forms of capital. In J. Richardson (Ed.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241–258). New York: Greenwood.

Bowles, S., & Gintis, H. (2011). *A cooperative species: Human reciprocity and its evolution*. Princeton: Princeton University Press.

Bradshaw, T. K. (2007). Theories of poverty and anti-poverty programs in community development. *Journal of Community Development*, 38, 7-25. [doi: 10.1080/15575330709490182](https://doi.org/10.1080/15575330709490182)

Brady, S. R. & O'Connor M. K. (2014). Understanding how community organizing leads to social change: The beginning development of formal practice theory. *Journal of Community Practice*, 22, 210-228. [doi: 10.1080/10705422.2014.901263](https://doi.org/10.1080/10705422.2014.901263)

Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101. [doi: 10.1191/1478088706qp063oa](https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa)

Bridgeland, W. (1975). A war on poverty program: Its conflicts and collapse. *Journal of Contemporary Ethnography*, 4, 79-98.

British Academy Working Group. (2010). *Social Science and Family Policies*. London: British Academy Policy Center.

Brodsky, A. E., & Cattaneo, L. B. (2013). A transconceptual model of empowerment and resilience: Divergence, convergence and interactions in kindred community concepts. *American Journal of Community Psychology*, 52, 333-346. doi: [10.1007/s10464-013-9599-x](https://doi.org/10.1007/s10464-013-9599-x).

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological Models of Human Development. *International Encyclopedia of Education*, 3, 37-43.

Bruni, L. (2008). *Reciprocity, altruism and civil society: In praise of heterogeneity*. New York: Routledge. doi: [10.4324/9780203926666](https://doi.org/10.4324/9780203926666)

Bruni, L. (2012). *The wound and the blessing: Economics, relationships and happiness*. New York: New City Press.

Bryant, A., & Charmaz, K. (2007). *The Sage handbook of grounded theory*. London: Sage. doi: [10.4135/9781848607941](https://doi.org/10.4135/9781848607941)

Buckley, E. & Decter, P. (2006). From isolation to community: Collaborating with children and families in times of crisis. *The International Journal of Narrative and Community Work*, 2, 3-12. [www.dulwichcentre.com.au](http://www.dulwichcentre.com.au)

Bukharin, N. I. & Preobrazhensky, E. (1920). *The ABC of Communism: A popular explanation of the program of the Communist Party of Russia*. London: Communist Party of Great Britain.

Cancrini, L., Gregório, F. & Nocerino, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti, J. & L. Linares (comp.). *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de la ciutat vella* (pp. 45-82). Barcelona: Paidós.

Carey, M. & Russell, S. (2003). Outsider-witness practices: Some answers to commonly asked questions. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 1, 3-16.

Carlin, R. E., & Love, G. J. (2013). The politics of interpersonal trust and reciprocity: An experimental approach. *Political Behavior*, 35, 43–63. [doi: 10.1007/s11109-011-9181-x](https://doi.org/10.1007/s11109-011-9181-x)

Cattaneo, L. B., Calton, J., & Brodsky, A. E. (2014). Status Quo versus Status Quake: Putting the power back in empowerment. *Journal of Community Psychology*, 42, 433-446. [doi: 10.1002/jcop.21619](https://doi.org/10.1002/jcop.21619)

Cecconello, A. & Koller, S. (2003). Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco. *Psicologia*, 16, 515-524.

Centro Estudos Sociais & Observatório sobre Crises e Alternativas. (2013). *A anatomia da crise: Identificar os problemas para construir alternativas*.

[http://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/Relatorio\\_Anatomia\\_Crise\\_final\\_.pdf](http://www.ces.uc.pt/ficheiros2/files/Relatorio_Anatomia_Crise_final_.pdf)

Charmaz, K. (2004). Grounded theory. In S. N. Hesse-Biber & P. Leavy (Eds.), *Approaches to qualitative research: A reader on theory and practice* (pp. 496–521). New York: Oxford University Press.

Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory. A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.

Cheal, D. (1992). Ritual: Communication in Action. *Sociological Analysis*, 53, 363–374.

Cheng, T. (2002). Welfare recipients: How do they become independent? *Social Work Research*, 26, 159-170. [doi: 10.1093/swr/26.3.159](https://doi.org/10.1093/swr/26.3.159)

Choi, J., Johnson, D. W., & Johnson, R. (2011). The roots of social dominance, aggression, prosocial behavior and social interdependence. *The Journal of Educational Research*, 104, 442–454. [doi: 10.1080/00220671.2010.514689](https://doi.org/10.1080/00220671.2010.514689)

Christens, B. D. (2012). Toward Relational Empowerment. *American Journal of Community Psychology*, 50, 114-128. [doi: 10.1007/s10464-011-9483-5](https://doi.org/10.1007/s10464-011-9483-5)

Christens, B. D. & Speer, P. W. (2011). Contextual influences on participation in community organizing: A multilevel longitudinal study. *American Journal of Community Psychology*, 47, 253-263. [doi: 10.1007/s10464-010-9393-y](https://doi.org/10.1007/s10464-010-9393-y)

Christiansen, O., Scott, H. & Soresen, S. E. (2013). A partial application of classic grounded theory in a study of poverty in Greenland. *The Grounded Theory Review*, 12, 2.

Christopher, S., Watts, V., McCormick, A. K. & Young, S. (2008). Building and maintaining trust in a community-based participatory research partnership. *American Journal of Public Health*, 98, 1398-1406. [doi: 10.2105/AJPH.2007.125757](https://doi.org/10.2105/AJPH.2007.125757)

Clarke, A. E. (2003). Situational analyses: Grounded Theory mapping after the postmodern turn. *Symbolic Interaction*, 26, 553–576. [doi: 10.1525/si.2003.26.4.553](https://doi.org/10.1525/si.2003.26.4.553)

Colaço, M. (2010). *Comunidades reconstruídas: sentido de comunidade e apoio social percebido no pós-realojamento* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Combs, G. & Freedman, J. (2012). Narrative, poststructuralism and social justice: Current practices in narrative therapy. *The Counseling Psychologist*, 40, 1033-1060. [doi: 10.1177/0011000012460662](https://doi.org/10.1177/0011000012460662)

Cooper, S. J. (2011). Narrative community practice: Neighboring communities re-visited. *Journal of Systemic Therapies*, 30, 12-25. [doi: 10.1521/jsyt.2011.30.3.12](https://doi.org/10.1521/jsyt.2011.30.3.12)

Corbett, S. & Fikkert, B. (2012). *When helping hurts: How to alleviate poverty without hurting the poor -- and yourself*. 2<sup>nd</sup> Edition. Chicago: Moody Publishers.

Cornwall, A., & Gaventa, J. (2000). From users and choosers to makers and shapers: Repositioning participation in social policy. *IDS Bulletin*, 31, 50–62. [doi: 10.1111/j.1759-5436.2000.mp31004006.x](https://doi.org/10.1111/j.1759-5436.2000.mp31004006.x)

Cornwall, A., & Gaventa, J. (2001). Bridging the gap: Citizenship, participation and accountability. *PLA Notes*, 40, 32-35.

Correia, A. M., Sérgio, A., Pereira, A. A., Godinho, A. M., Zúquete, A. E. & Fonseca, J. S. (1957). Comunismo. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, Limitada.

Costa, A.B., Baptista, I., Cardoso, A. & Rasgado, S. (1999). Pobreza e exclusão social em Portugal. *Prospectiva e Planeamento*, 5, 49-120.

Cowen, E. L. (1991). In pursuit of wellness. *American Psychologist*, 46, 404-408. doi: [10.1037/0003-066X.46.4.404](https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.404)

Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Los Angeles: Sage

Crutchfield, L. R., & Grant, H. M. (2008). *Forces for good: The six practices of high-impact nonprofits*. San Francisco: Jossey-Bass.

Cunha, M. P. & Rego, A. (2015). As virtudes nas organizações. *Análise Psicológica*, 4, 349-359. doi: [10.14417/ap.1022](https://doi.org/10.14417/ap.1022)

Cunningham, P. & Henggeler, S. (1999). Engaging Multiproblem Families in Treatment: Lessons Learned Throughout the Development of Multisystemic Therapy. *Family Process*, 38, 265 – 281. doi: [10.1111/j.1545-5300.1999.00265.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1999.00265.x)

Cutrona, C. E., & Russell, D. (1987). The provisions of social relationships and adaptation to stress. In W. H. Jones & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 1, pp. 37-67). Greenwich: JAI Press.

Dagger, R. & Ball, T. (2017). Communism. In *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/topic/communism>

D’Arlach, L., Sánchez, B. & Feuer, R. (2009). Voices from the community: A case for reciprocity in service-learning. *Michigan Journal of Community Service Learning*, 16, 5-16.

Dawson, K. A., Lees, R., Sutherland, O., Kerr, S. & Geurtsen, J. (n.d.). Reflecting teams: Their promise for imaginative education. *Child & Young Mental Health*. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.529.585&rep=rep1&type=pdf>

Deaton, A. (2003). Health, inequality, and economic development. *Journal of Economic Literature*, 41, 113-158. doi: [10.3386/w8318](https://doi.org/10.3386/w8318)

Deaton, A. (2013). *The great escape*. Princeton: Princeton University Press.

- Dees, J. G. (2001). The meaning of "social entrepreneurship". Unpublished article.
- De La Rey, C. (2000). Structural Asymmetries and Peace: Hope or Despair? *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 6, 217-221. doi: [10.1207/S15327949PAC0603\\_3](https://doi.org/10.1207/S15327949PAC0603_3)
- Denborough, D. (2008). *Collective narrative practice: Responding to individuals, groups and communities who have experienced trauma*. Adelaide: Dulwich Centre Publications.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Dillon, D. R. (2012). Grounded theory and qualitative research. In C. A. Chapelle (Ed.), *The encyclopedia of applied linguistics* (pp. ●●●). New York, NY: Wiley. doi: [10.1002/9781405198431.wbeal0486](https://doi.org/10.1002/9781405198431.wbeal0486)
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Early, T. J. & GlenMaye, L. F. (2000). Valuing families: Social work practice with families from a strengths perspective. *Social Work*, 45, 118-130. doi: [10.1093/sw/45.2.118](https://doi.org/10.1093/sw/45.2.118)
- Engels, F. (1947). *Principles of Communism*. Chicago: Daily Worker Pub. Co.
- Escobar, J. & Bonilla-Jimenez, F. I. (2009). Grupos Focales: Un guía conceptual y metodológica. *Cuadernos Hispanoamericanos de Psicología*, 9, 51-67.
- Eurobarometer survey on poverty and social exclusion (2009). Luxembourg: Publications Office of the European Union.  
[http://www.2010againstpoverty.eu/extranet/Eurobarometre\\_150DPI\\_091113.pdf](http://www.2010againstpoverty.eu/extranet/Eurobarometre_150DPI_091113.pdf)
- European Commission (2009). *Economic Crisis in Europe: Causes, Consequences and Responses*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.  
[http://ec.europa.eu/economy\\_finance/publications/pages/publication15887\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/economy_finance/publications/pages/publication15887_en.pdf)
- Evans, S. D. (2012a). *From amelioration to transformation in human services: Towards Critical Practice*. Saarbrücken: Lap Lambert Academic Publishing.
- Evans, S. D. (2012b). *Human service functions: Organizational Development and Change: Theory and Practice*. Lecture conducted at University of Miami, Coral Gables.



Evans, S. D. (2014). *A typology of helping organizations* [PowerPoint slides].

[http://prezi.com/lmirff4tazet/community-organizations-functions-andstrategies/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy](http://prezi.com/lmirff4tazet/community-organizations-functions-andstrategies/?utm_campaign=share&utm_medium=copy)

Farthing, R. (2016). What's wrong with being poor? Problems of poverty, as young people describe them. *Children & Society*, 30, 107-119. doi: [10.1111/chso.12107](https://doi.org/10.1111/chso.12107)

Fernández-Ballesteros, R. G. (2001). *Evaluación de programas: una guía práctica en ámbitos sociales, educativos y de salud*. Madrid: Editorial Síntesis, S. A.

Ferreira, C., Pinto-Gouveia, J. & Duarte, C. (2011). The validation of the body image acceptance and action questionnaire: Exploring the moderator effect of acceptance on disordered eating. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 11, 327-345.

Fine, M. (2006). Bearing Witness: Methods for researching oppression and resistance: A textbook for critical research. *Social Justice Research*, 19, 83-108. doi: [10.1007/s11211-006-0001-0](https://doi.org/10.1007/s11211-006-0001-0)

Flam, A. M. (2009). I need your eyes to see myself: Multi-agency team consultation as reflecting turn taking. *Journal of Systemic Therapies*, 28, 72-88. doi: [10.1521/jsyt.2009.28.4.72](https://doi.org/10.1521/jsyt.2009.28.4.72)

Flaskas, C. (2010). Frameworks for practice in the systemic field: Part 1 – continuities and transitions in family therapy knowledge. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 31, 232-247. doi: [10.1375/anft.31.3.232](https://doi.org/10.1375/anft.31.3.232)

Florin, P., & Wandersman, A. (1990). An introduction to citizen participation, voluntary organizations, and community development: Insights for empowerment through research. *American Journal of Community Psychology*, 18, 41–54. doi: [10.1007/BF00922688](https://doi.org/10.1007/BF00922688)

Ford, J. K. (2007). Building capability throughout a change effort: Leading the transformation of a police agency to community policing. *American Journal of Community Psychology*, 39, 321-334. doi: [10.1007/s10464-007-9115-2](https://doi.org/10.1007/s10464-007-9115-2)

Foster-Fishman, P. G., Collins, C., & Pierce, S. J. (2013). An investigation of the dynamic processes promoting citizen participation. *American Journal of Community Psychology*, 51, 492-509. doi: [10.1007/s10464-012-9566-y](https://doi.org/10.1007/s10464-012-9566-y)

Foster-Fishman, P. G., Nowell, B., & Yang, H. (2007). Putting the system back into systems change: A framework for understanding and changing organizational and community systems. *American Journal of Community Psychology*, 39, 197-215. doi: [10.1007/s10464-007-9109-0](https://doi.org/10.1007/s10464-007-9109-0)

Foster-Fishman, P. G., Pierce, S. J., & Van Egeren, L. A. (2009). Who participates and why: Building a process model of citizen participation. *Health Education and Behavior*, 36, 550-569. doi: [10.1177/1090198108317408](https://doi.org/10.1177/1090198108317408)

Fraenkel, P. (2006). Engaging families as experts: Collaborative family program development. *Family Process*, 45, 237-257.

Franco, R. C., Sokolowski, S. W., Hairel, E. M., & Salamon, L. M. (2008). *O sector não lucrativo português numa perspectiva comparada*. <http://www.akdn.org/>

Freedman, J. & Combs, G. (2009). Narrative ideas for consulting with communities and organizations: Ripples from the gatherings. *Family Process*, 48, 347-362. doi: [10.1111/j.1545-5300.2009.01287.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2009.01287.x)

Freire, P. (1970). *Pedagogy of the oppressed*. New York: Continuum.

Gamble, D. N. (2012). Well-being in a globalized world: Does social work know how to make it happen? *Journal of Social Work Education*, 48, 669-689. DOI: [10.5175/JSWE.2012.201100125](https://doi.org/10.5175/JSWE.2012.201100125)

Garcia, M. & McDowell, T. (2010). Mapping social capital: A critical contextual approach for working with low-status families. *Journal of Marital and Family Therapy*, 36, 96-107. doi: [10.1111/j.752-0606.2009.00186.x](https://doi.org/10.1111/j.752-0606.2009.00186.x)

Gato, J. J. (2003). *Evolução e ansiedade social* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Gerdes, K. E., Jackson, K. F., Segal, E. A., & Mullins, J. L. (2010). Teaching empathy: A framework rooted in social cognitive neuroscience and social justice. *Journal of Social Work Education*, 47, 109-131. [doi: 10.5175/JSWE.2011.200900085](https://doi.org/10.5175/JSWE.2011.200900085)

Gilbert, P. (1997). The evolution of social attractiveness and its role in shame, humiliation, guilt and therapy. *British Journal of Medical Psychology*, 70, 113–147. [doi: 10.1111/j.2044-8341.1997.tb01893.x](https://doi.org/10.1111/j.2044-8341.1997.tb01893.x)

Gilbert, P. (2000). The relationship of shame, social anxiety and depression: The role of the evaluation of social rank. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 7, 174–189. [doi: 10.1002/1099-0879\(200007\)7:33.0.CO;2-U](https://doi.org/10.1002/1099-0879(200007)7:33.0.CO;2-U)

Gilbert, P., Broomhead, C., Irons, C., McEwan, K., Bellew, R., Mills, A., ... Knibb, R. (2007). Development of a striving to avoid inferiority scale. *British Journal of Social Psychology*, 46, 633-648. [doi: 10.1348/014466606X157789](https://doi.org/10.1348/014466606X157789)

Gilbert, P. & Procter, S. (2006). Compassionate mind training for people with high shame and self-criticism: Overview and pilot study of a group therapy approach. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 13, 353-379. [doi: 10.1002/cpp.507](https://doi.org/10.1002/cpp.507)

Gillath, O., Sesko, A. K., Shaver, P. R. & Chun, D. S. (2010). Attachment, authenticity, and honesty: Dispositional and experimentally induced security can reduce self- and other-deception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 841-855. [doi: 10.1037/a0019206](https://doi.org/10.1037/a0019206)

Glaser, B. G. (1978). *Theoretical sensitivity*. San Francisco: The Sociology Press.

Glaser, B. G. (1992). *Basics of grounded theory analysis*. San Francisco: The Sociology Press.

Glaser, B. G. (1993). *Examples of grounded theory: A reader*. San Francisco: Sociology Press.

Glaser, B. G. (1998). *Doing grounded theory: Issues and discussions*. San Francisco: The Sociology Press.

- Glaser, B. G. (2005). *The grounded theory perspective III: Theoretical coding*. Mill Valley, CA: Sociology Press.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine.
- Gómez, E., Muñoz, M. M. & Haz, A. M. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: Características e Intervención. *Psykhé*, 16, 43-54.
- Goodkind, J. R. (2006). Promoting Hmong refugees' well-being through mutual learning: Valuing knowledge, culture, and experience. *American Journal of Community Psychology*, 37, 129–140. doi: [10.1007/s10464-005-9003-6](https://doi.org/10.1007/s10464-005-9003-6)
- Goss, K., Gilbert, P. & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures: The 'other as shamer' scale. *Personality and Individual Differences*, 17, 713-717.
- Gottlieb, B. H. & Riger, S. (1972). Social interventions in the community: three professional roles. *Professional Psychology*, 3, 231-240.
- Grabe, S. (2012). An empirical examination of women's empowerment and transformative change in the context of international development. *American Journal of Community Psychology*, 49, 233-245. doi: [10.1007/s10464-011-9453-y](https://doi.org/10.1007/s10464-011-9453-y)
- Gruber, J., & Trickett, E. J. (1987). Can we empower others? The paradox of empowerment in the governing of alternative public school. *American Journal of Community Psychology*, 15, 353–371. doi: [10.1007/BF00922703](https://doi.org/10.1007/BF00922703)
- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em rede – Serviço Social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Gurtman, M. B. (1992). Trust, distrust and interpersonal problems: A circumplex analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 989-1002. doi: [10.1037/0022-3514.62.6.989](https://doi.org/10.1037/0022-3514.62.6.989)
- Gutierrez, G. (1975). *Teología de la liberación*. (2<sup>nd</sup> edition). Salamanca: Ediciones Sígueme.

Henry, S. E., & Breyfogle, M. L. (2006). Toward a new framework of “server” and “served”: De(and re)constructing reciprocity in service-learning pedagogy. *International Journal of Teaching and Learning in Higher Education*, 18, 27-35. doi: [10.1080/03098265.2014.908350](https://doi.org/10.1080/03098265.2014.908350)

Hernandez, E. (1998). Assets and obstacles in community leadership. *Journal of Community Psychology*, 26, 269-280. doi: [10.1002/\(SICI\)1520-6629\(199805\)26:3<269::AID-JCOP8>3.0.CO;2-Q](https://doi.org/10.1002/(SICI)1520-6629(199805)26:3<269::AID-JCOP8>3.0.CO;2-Q)

Holton, J. (2007). The Coding Process and Its Challenges. In A. Bryant, & K. Charmaz (Eds.), *The SAGE Handbook of Grounded Theory* (pp. 265-290). London: SAGE Publications Ltd.

Hoppe, T., Graf, A., Warbroek, B., Lammers, I. & Lepping, I. (2015). Local governments supporting local energy initiatives: Lessons from the best practices of Saerbeck (Germany) and Lochem (The Netherlands). *Sustainability*, 7, 1900-1931. doi:[10.3390/su7021900](https://doi.org/10.3390/su7021900)

Howard, A., Nelson, D., & Sleight, M. (2011). Predictors of Beliefs About Altruism and Willingness to Behave Altruistically. *Psi Chi Journal of Undergraduate Research*, 16, 168-174.

Hudson, V. M., Ballif-Spanvill, B., Caprioli, M. & Emmett, C. F. (2017). The heart of the matter: the security of women, the security of the states. *Military Review*, 19-34.

Ibarra, L. F. (2012). Bureaucracy, Distribution and Social Change: A Critique of Colombian Statelessness. *Universitas*, 125, 121-148.

Illback, R. J., Bates, T., Hodges, C., Galligan, K., Smith, P., Sanders, D. & Dooley, B. (2010). Jigsaw: Engaging communities in the development and implementation of youth health services and supports in the Republic of Ireland. *Journal of Mental Health*, 19, 422-435. doi: [10.3109/09638231003728141](https://doi.org/10.3109/09638231003728141)

Imber-Black, E. (1988). *Families and larger systems: a family therapist's guide through the labyrinth*. New York: The Guilford Press.

Institute of Medicine and National Research Council (2002). *Community Programs to Promote Youth Development*. Washington: The National Academies Press.

<https://doi.org/10.17226/10022>.

Instituto Nacional de Estatística (2003). *Folha Informativa da RIIBES*, 43, 2-24.

[http://www.ine.pt/ine\\_novidades/semin/FI\\_RIIBES\\_43](http://www.ine.pt/ine_novidades/semin/FI_RIIBES_43).

Israel, B. A., Eng, E., Schulz, A. J., & Parker, E. A. (Eds.). (2005). *Methods in community-based participatory research for health*. San Francisco: Jossey-Bass.

Jack, G. (2000). Ecological influences on parenting and child development. *British Journal of Social Work*, 30, 703– 720. [doi: 10.1093/bjsw/30.6.703](https://doi.org/10.1093/bjsw/30.6.703)

Jonhson, A. G. (1997). *The gender knot: Unravelling our patriarchal legacy*. Philadelphia: Temple University Press.

Jordan, J. (2008). Commitment to connection in a culture of fear. *Women & Therapy*, 31, 235-254. [doi: 10.1080/02703140802146423](https://doi.org/10.1080/02703140802146423)

Kabeer, N. (1999). Resources, agency, achievements: Reflections on the measurement of women's empowerment. *Development and Change*, 30, 435-464. [doi: 10.1111/1467-7660.00125](https://doi.org/10.1111/1467-7660.00125)

Kelly, J. G., Ryan, A. M., Altman, B. E., & Stelzner, S. P. (2000). Understanding and changing social systems. In J. Rappaport & E. Seidman (Eds.), *Handbook of community psychology* (pp.133–157). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Kendall, S. Rodger, J. & Palmer, H. (2010). *Redesigning Provision for Families with Multiple Problems – An Assessment of the Early Impact of Different Local Approaches*.

Department for Education. (Research Report DFE-RR046). [doi: https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/181692/DFE-RR046.pdf](https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/181692/DFE-RR046.pdf)

Klapwijk, A. & Van Lange, P. A. (2009). Promoting cooperation and trust in “noisy” situations: The power of generosity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96, 83 – 103. doi: [10.1037/a0012823](https://doi.org/10.1037/a0012823)

Knabb, J. J., Welsh, R. K. & Alexander, P. (2012). Towards an integrated view of necessity of human interdependence: Perspectives from theology, philosophy and psychology. *Journal of Spirituality in Mental Health*, 14, 166-180. doi: [10.1080/19349637.2012.697370](https://doi.org/10.1080/19349637.2012.697370)

Kreber, C. (2010). Courage and compassion in the striving for authenticity: States of complacency, compliance and contestation. *Adult Education Quarterly*, 60, 177-198. doi: [10.1177/0741713609349933](https://doi.org/10.1177/0741713609349933)

Krueger, R. A. (1998). *Developing questions for focus groups*. Los Angeles: Sage.

Krueger, R. A., & Casey, M. A. (2009). *Focus groups: A practical guide for applied research*. Los Angeles: Sage

Kruger, D. J., Fisher, M. L. & Wright, P. (2014). Patriarchy, male competition and excess male mortality. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 8, 3-11. doi: [10.1037/h0097244](https://doi.org/10.1037/h0097244)

Krumer-Nevo, M. (2003). What helps in help? A new look at help for women in deep, long-term economic and social deprivation. *Families in Society*, 84, 169–178. doi: [10.1606/1044-3894.99](https://doi.org/10.1606/1044-3894.99)

Krumer-Nevo, M. Weiss-Gal, I. & Monnickendam, M. (2009). Poverty-Aware Social Work Practice. A Conceptual Framework for Social Work Education. *Journal of Social Work Education*, 45, 225- 243.

Landau, J. (2007). Enhancing Resilience: Families and Communities as Agents for Change. *Family Process*, 46, 351-365.

Lawthom, R. (2011). Developing learning communities: Using communities of practice within community psychology. *International Journal of Inclusive Education*, 15, 153-164.

Lazarus, S., Bulbulia, S., Taliep, N., & Naidoo, A. V. (2015). Community-based participatory research as critical enactment of community psychology. *Journal of Community Psychology*, 43, 87–98. doi: [10.1002/jcop.21689](https://doi.org/10.1002/jcop.21689)

Leahy, M. M., O'Dwyer, M. & Ryan, F. (2012). Witnessing stories: Definitional Ceremonies in narrative therapy with adults who stutter. *Journal of Fluency Disorders*, 37, 234-241. doi: [0.1016/j.jfludis.2012.03.001](https://doi.org/0.1016/j.jfludis.2012.03.001)

Lee, M. Y., Greene, G. J., Hsu, K. S., Solovey, A., Grove, D., Fraser, J. S., Washburn, P. & Teater, B. (2009). Utilizing Family Strengths and Resilience: Integrative Family and Systems Treatment with Children and Adolescents with Severe Emotional and Behavioral Problems. *Family Process*, 48, 395-416. doi: [10.1111/j.1545-5300.2009.01291.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2009.01291.x)

Lehrner, A., & Allen, N. E. (2008). Social change movements and the struggle over meaning-making: A case study of domestic violence narratives. *American Journal of Community Psychology*, 42, 220-234. doi: [10.1007/s10464-008-9199-3](https://doi.org/10.1007/s10464-008-9199-3)

Li, J., & Julian, M. M. (2012). Developmental relationships as the active ingredient: A unifying working hypothesis of “what works” across intervention settings. *American Journal of Orthopsychiatry*, 82, 157–166. doi: [10.1111/j.1939-0025.2012.01151.x](https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.2012.01151.x)

Livezeanu, I. (2003). *The poverty of post-communist contemporary history in Romania*. Washington: The National Council for Eurasian and East European Research.

Llobet, V., Litichever, C. & Magistris, G. (2012). La construcción del “beneficiario” en los programas sociales dirigidos a niñas, niños y adolescentes en el área metropolitana bonaerense. *Revista Ciencias Sociales*, 138, 77-92.

Lord, J. (n.d.). *What kind of world do you want?* [www.whatkindofworld.com](http://www.whatkindofworld.com)

Lord, J., & Hutchison, P. (1993). The process of empowerment: Implications for theory and practice. *Canadian Journal of Community Mental Health*, 12, 5–22. doi: [10.7870/cjcmh-1993-0001](https://doi.org/10.7870/cjcmh-1993-0001)



Lykes, M. B., Blanche, M. T., & Hamber, B. (2003). Narrating survival and change in Guatemala and South Africa: The politics of representation and a liberatory community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 31, 79–90. doi: [10.1023/A:1023074620506](https://doi.org/10.1023/A:1023074620506)

Madsen, W. C. (2007). *Collaborative therapy with multi-stressed families* (2nd ed.). New York: The Guilford Press.

Madsen, W. C. (2009). Collaborative helping: A practice framework for family-centered services. *Family Process*, 48, 103-116. doi: [10.1111/j.1545-5300.2009.01270.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2009.01270.x)

Magnavita, J. J. (2012). Advancing clinical science using system theory as the framework for expanding family psychology with unified psychotherapy. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1, 3-13. doi: [10.1037/a0027492](https://doi.org/10.1037/a0027492)

Mancenido, Z. (2011). Why cooperate? The place of strong reciprocity in the evolution of human altruism. *The ANU Undergraduate Research Journal*, 3, 29-45.

Maner, J., & Gailliot, M. (2007). Altruism and egoism: Prosocial motivations for helping depend on relationship context. *European Journal of Social Psychology*, 37, 347-358.

Mantilla, L. (2013). Al margen del poder y de la comunidad: La “cultura política” del clientelismo. *Espiral*, 20, 39-66.

Marques, R. & Ferraz, D. (2015). *Governança integrada e administração pública*. Lisboa: INA editora.

Marsh, D. R., Schroeder, D. G., Dearden, K. A., Stemin, J. & Sternin, M. (2004). The power of positive deviance. *BMJ*, 329, 1177-1179. doi:[10.1136/bmj.329.7475.1177](https://doi.org/10.1136/bmj.329.7475.1177)

Martin, R. L., & Osberg, S. (2007). Social entrepreneurship: The case for definition. *Stanford Social Innovation Review*, Spring, 28–39.

Martiskainen, M. (2017). The role of community leadership in the development of grassroots innovations. *Environmental Innovation and Societal Transitions*, 22, 78-89. doi: [10.1016/j.eist.2016.05.002](https://doi.org/10.1016/j.eist.2016.05.002)

Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50, 370-396.

Mateus, A., Silva, C. Mateus, J., Romão, J., Ferreira, N. & Gouveia, S. (2013). *A cultura e a criatividade na internacionalização da economia portuguesa*. Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais.

<http://www.portugal.gov.pt/media/1325076/20140131%20sec%20estudo%20cultura%20internacionalizacao%20economia.pdf>

Maton, K. I. (2000). Making a difference: The social ecology of social transformation. *American Journal of Community Psychology*, 28, 25-57. doi: [10.1023/A:1005190312887](https://doi.org/10.1023/A:1005190312887)

Maton, K. I. (2008). Empowering community settings: Agents of individual development, community betterment, and positive social change. *American Journal of Community Psychology*, 41, 4-21. doi: [0.1007/s10464-007-9148-6](https://doi.org/0.1007/s10464-007-9148-6)

Maton, K. I. & Salem, D. A. (1995). Organizational characteristics of empowering community settings: A multiple case study approach. *American Journal of Community Psychology*, 23, 631-655. doi: [10.1007/BF02506985](https://doi.org/10.1007/BF02506985)

Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Duarte, C. (2012). *Other as Shamer: Versão Portuguesa e propriedades psicométricas de uma medida de vergonha externa*. Manuscrito submetido para publicação.

Marx, K., & Engels, F. (1969). *Manifesto of the Communist Party*. Moscow: Progress Publishers.

Mazutis, D. (2014). Supererogation: Beyond positive deviance and corporate social responsibility. *Journal of Business Ethics*, 119, 517-528. Doi: [10.1007/s10551-013-1837-5](https://doi.org/10.1007/s10551-013-1837-5)

McBride, A. M., Brav, J., Menon, N., & Sherraden, M. (2006). Limitations of civic service: Critical perspectives. *Community Development Journal*, 41, 307-320. doi: [10.1093/cdj/bsl010](https://doi.org/10.1093/cdj/bsl010)

McMillan, D. W. & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23. doi: [10.1002/1520-6629\(198601\)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I](https://doi.org/10.1002/1520-6629(198601)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I)

McPherson, M., Smith-Lovin, L. & Brashears, M. E. (2006). Social isolation in America: Changes in core discussion networks over two decades. *American Sociological Review*, 71, 353-375. doi: [10.1177/000312240607100301](https://doi.org/10.1177/000312240607100301)

Melo, A. T. & Alarcão, M. (2011). Integrated family assessment and intervention model: A collaborative approach to support multi-challenged families. *Contemporary Family Therapy*, 33, 400-416. doi: [10.1007/s10591-011-9168-0](https://doi.org/10.1007/s10591-011-9168-0)

Melton, G. B. (2010). Angels (and neighbors) watching over us: Child safety and family support in an age of alienation. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1, 89-95. doi: [10.1111/j.1939-0025.2010.01010.x](https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.2010.01010.x).

Mendes, J. M. (1996). Características da cultura portuguesa: Alguns aspectos e sua interpretação. *Revista Portuguesa de História*, 1, 47-65.

Mendonza, L. P. (2012). Autonomía, solidaridad y reconocimiento intersubjetivo: Claves éticas para políticas sociales contemporáneas. *Revista de Estudios Sociales*, 42, 13-26. doi: [10.7440/res42.2012.03](https://doi.org/10.7440/res42.2012.03)

Miller, D. (1999). *Principles of Social Justice*. Cambridge: Harvard University Press.

Minas, M., Anglin, J. P. & Ribeiro, M. T. (in press). Building Reciprocity: The dialectic processes of creating a Grounded Theory and the emergence of a theoretical framework. *Qualitative Research in Psychology*. doi: [10.1080/14780887.2017.1392669](https://doi.org/10.1080/14780887.2017.1392669)

Minas, M., Ribeiro, M. T. & Anglin, J. P. (in press). Trajectories in the path of reciprocity: A theoretical framework for collaborating with socio-economically disadvantaged communities. *American Journal of Orthopsychiatry*. doi: [10.1037/ort0000239](https://doi.org/10.1037/ort0000239)

Minas, M., Ribeiro, M. T., & Anglin, J. P. (2017a). *Building reciprocity: From safety net to social transformation programs*. Manuscript submitted for publication.

- Minas, M., Ribeiro, M. T. & Anglin, J. (2017b). *Social and Community Program Approaches to Participants: Exploring Best Practices*. Manuscript submitted for publication.
- Minas, M., Ribeiro, M. T., Anglin, J., Alves, B. & Melo, J. (2017). *ComParte: A social program rooted in the dynamics of reciprocity*. Manuscript submitted for publication.
- Minich, L., Howe, S., Langmeyer, D., & Corcoran, K. (2006). Can community change be measured for an outcomes-based initiative? A comparative case study of the success by 6<sup>®</sup> Initiative. *American Journal of Community Psychology*, 38, 183-190. [doi: 10.1007/s10464-006-9078-8](https://doi.org/10.1007/s10464-006-9078-8)
- Minkler, M., Garcia, A.P., Rubin, V. & Wallerstein, N. (2012). *Community-based participatory research: A strategy for building healthy communities and promoting health through policy change*. Berkeley: Policy Link.
- Monteiro, A. (1996). A avaliação nos projectos de intervenção social: Reflexões a partir de uma prática. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 22, 137-154.
- Montero, M. (2009). Community action and research as citizenship construction. *American Journal of Community Psychology*, 43, 149-161. [doi: 10.1007/s10464-008-9224-6](https://doi.org/10.1007/s10464-008-9224-6)
- Moreira, J., & Canaipa, R. (2007). Escala de provisões sociais: Desenvolvimento e validação da versão portuguesa da Social Provision Scale. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 2, 24.
- Moreno-Jiménez (2016). Citizen participation according to causal perceptions of third-world poverty, belief in a just world and gender system justification. *Australian Journal of Psychology*, 68, 82-90. [doi: 10.1111/ajpy.12093](https://doi.org/10.1111/ajpy.12093)
- Morkel, E. (2011). A participatory approach to healing and transformation in South Africa. *Family Process*, 50, 486-502. [doi: 10.1111/j.1545-5300.2011.01376.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2011.01376.x)
- Morton, K. (1995). The irony of service: Charity, project and social change in service-learning. *Michigan Journal of Community Service Learning*, 2, 19-32.

Morvaridi, B. (2012). Capitalist philanthropy and hegemonic partnerships. *Third World Quarterly*, 33, 1191-1210. doi: [10.1080/01436597.2012.691827](https://doi.org/10.1080/01436597.2012.691827)

Myerhoff, B. (1982). Life history among the elderly: Performance, visibility and remembering. In J. Ruby (ed.), *A Crack in The Mirror. Reflexive perspectives in anthropology*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Myerhoff, B. (1986). Life not death in Venice: Its second life. In V. Turner & E. Bruner (eds.), *The Anthropology of Experience* (pp. 261-286). Chicago: University of Illinois Press.

Najman, J., Hayatbakhsh, M., Clavarino, A., Bor, W., O'Callaghan, M. & Williams, G. (2010). Family Poverty Over the Early Life Course and Recurrent Adolescent and Young Adult Anxiety and Depression: A Longitudinal Study. *American Journal of Public Health*, 100, 1719 – 1723.

Neal, J. W. (2014). Exploring empowerment in settings: Mapping distributions of network power. *American Journal of Community Psychology*, 43, 394-406. doi: [10.1007/s10464-013-9609-z](https://doi.org/10.1007/s10464-013-9609-z)

Neal, J. W., & Neal, Z. P. (2011). Power as a structural phenomenon. *American Journal of Community Psychology*, 48, 157-167. doi: [10.1007/s10464-010-9356-3](https://doi.org/10.1007/s10464-010-9356-3)

Nelson, G., Lord, J., & Ochocka J. (2001). Empowerment and mental health in community: Narratives of psychiatric consumer/survivors. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 11, 125-142. doi: [10.1002/casp.619](https://doi.org/10.1002/casp.619)

Nelson, G., Prilleltensky, I., & MacGillivray, H. (2001). Building value based partnerships: Toward solidarity with oppressed groups. *American Journal of Community Psychology*, 29, 649–677. doi: [10.1023/A:1010406400101](https://doi.org/10.1023/A:1010406400101)

Nelson, G., & Prilleltensky (2010). *Community psychology. In pursuit of liberation and well-being*. 2<sup>nd</sup> Edition. New York: Palgrave.

Nissen, L. B., Merrigan, D. M. & Kraft, M. K. (2005). Moving mountains together: Strategic community leadership and systems change. *Child Welfare*, 84, 123-140.

Nygreen, K. (2006). Reproducing or challenging power in the questions we ask and the methods we use: A framework for activist research in urban education. *The Urban Review*, 38, 1-26. doi: [10.1007/s11256-006-0026-6](https://doi.org/10.1007/s11256-006-0026-6)

Ochieng, C. M. O. 2007. Development through Positive Deviance and Its Implications for Economic Policy Making and Public Administration in Africa: The Case of Kenyan Agricultural Development, 1930–2005. *World Development*, 35, 454–479. doi: [10.1016/j.worlddev.2006.04.003](https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2006.04.003)

OECD Better Life Index (2012).  
<http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/portugal-pt/>

Oetzel, J.G., Villegas, M., Zenome, H., White, H. E., Wallerstein, N. & Duran, B. (2015). Enhancing stewardship of community-engaged research through governance. *American Journal of Public Health*, 105, 1161-1167. doi: [10.2105/AJPH.2014.302457](https://doi.org/10.2105/AJPH.2014.302457).

O'Leary, Z. (2004). *The essential guide to doing research*. London: SAGE.

Oxfam (2014). *Working for the few. Political capture and economic inequality*. Oxford: Oxfam International.

Paludo, S. & Koller, S. (2004). Inserção ecológica no espaço da rua. In S. H. Koller (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 219-244). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Parra-Cardona, J. R. (2007). Elder abuse and neglect in latino families: An Ecological and culturally relevant theoretical framework for clinical practice. *Family Process*, 46, 451-470.

Payne, R. (1996). *A framework for understanding poverty*. 4<sup>th</sup> Edition. Highlands: Aha Process.

Peirson, L. J., Boydell, K. M., Ferguson, H. B., & Ferris, L. E. (2011). An ecological process model of systems change. *American Journal of Community Psychology*, 47, 307-321.

[doi: 10.1007/s10464-010-9405-y](https://doi.org/10.1007/s10464-010-9405-y)

Pérez, M. A. (2007). La nueva desigualdad social. *Problemas del Desarrollo*, 38, 41-68.

Pernice-Duca, F. (2010). Family network support and mental health recovery. *Journal of Marital and Family Therapy*, 36, 13–27. [doi: 10.1111/j.1752-0606.2009.00182.x](https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00182.x)

Peterson, N. A., Speer, P. W. & McMillan, D. W. (2008). Validation of a brief sense of community scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36, 61-73. [doi/10.1002/jcop.20217](https://doi.org/10.1002/jcop.20217)

Peterson, N. A. & Zimmerman, M. A. (2004). Beyond the individual: Toward a nomological network of organizational empowerment. *American Journal of Community Psychology*, 34, 129-145. [doi: 10.1023/B:AJCP.0000040151.77047.58](https://doi.org/10.1023/B:AJCP.0000040151.77047.58)

Pickett, K. E. & Wilkinson, R. G. (2015). Income inequality and health: A causal review. *Social Science Medicine*, 128, 316-326. [doi: 10.1016/j.socscimed.2014.12.031](https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.12.031)

Pigg, K. E. (2002). Three faces of empowerment: Expanding the theory of empowerment in community development. *Journal of the Community Development Society*, 33, 107–123. [doi: 10.1080/15575330209490145](https://doi.org/10.1080/15575330209490145)

Piketty, T. (2014). *Capital in the twenty-first century*. Cambridge: Harvard University Press.

Porto Canal (2016). 86% dos Jovens Portugueses sentem-se marginalizados pela crise. 41% “empurrados” a emigrar. <http://portocanal.sapo.pt/noticia/91066>

Prilleltensky, I. (2005). Promoting well-being: Time for a paradigm shift in health and human services. *Scandinavian Journal of Public Health*, 33, 53-60. [doi: 10.1080/14034950510033381](https://doi.org/10.1080/14034950510033381)

- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2013). *A ascensão do sul. Progresso humano num mundo diversificado*.  
<http://www.un.cv/files/HDR2013%20Report%20Portuguese.pdf>
- Quaghebeur, K., Masschelein, J. & Nguyen, H. H. (2004). Paradox of participation: giving or taking part? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 14, 154-165. doi: [10.1002/casp.776](https://doi.org/10.1002/casp.776)
- Quintão, C. (2011). O terceiro sector e a sua renovação em Portugal. Uma abordagem preliminar. *IS Working Papers*, 2, 1-18.
- Rank, M. R., Yoon, H. & Hirschl, T. A. (2003). American poverty as a structural failing: Evidence and arguments. *Journal of Sociology and Social Welfare*, 30, 3-29.
- Rappaport, J. (1977). *Community psychology. Values, research and action*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Rauer, A., Karney, B. & Wei Hou, C. (2008). Relationship Risks in Context: A Cumulative Risk Approach to Understanding Relationship Satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 70, 1122-1135. doi: [10.1111/j.1741-3737.2008.00554.x](https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2008.00554.x)
- Ribner, D. S., & Knei-Paz, C. (2002). Client's view of a successful helping relationship. *Social Work*, 47, 379–387. doi: [10.1093/sw/47.4.379](https://doi.org/10.1093/sw/47.4.379)
- Riger, S. (1992). Epistemological debates, feminist voices: Science, social values, and the study of women. *American Psychologist*, 47, 730–740. doi: [10.1037/0003-066X.47.6.730](https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.6.730)
- Rivera, R. & Santos, D. (2016). Civic and political participation of children and adolescents: A lifestyle analysis for positive youth developmental programs. *Children & Society*, 30, 59-70. doi:[10.1111/chso.12118](https://doi.org/10.1111/chso.12118)
- Rober, P., & Seltzer, M. (2010). Avoiding colonizer positions in the therapy room: Some ideas about the challenges of dealing with the dialectic of misery and resources in families. *Family Process*, 49, 123–137. doi: [10.1111/j.1545-5300.2010.01312.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01312.x)



Rodriguez-Bailon, R., Bratanova, B., Willis, G. B., Lopez-Rodriguez, L., Sturrock, A. & Loughan, S. (2017). Social class and ideologies of inequality: How they uphold unequal societies. *Journal of Social Issues*, 73, 99-116. [doi: 10.1111/josi.12206](https://doi.org/10.1111/josi.12206)

Rojano, R. (2004). The practice of community family therapy. *Family Process*, 43, 59-77. [doi: 10.1111/j.1545-5300.2004.04301006.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2004.04301006.x)

Romero, O. (2003). *The violence of love*. Farmington: The Bruderhof Foundation.

Rothman, L. (2009). Child Care and Poverty Reduction: Where's the Best Fit? *Our Schools, Our Selves*, 18, 181 – 187.

Ruesga, G. A. & Puntenney, D. (2010). *Social Justice Philanthropy: An initial framework for positioning this work*. New York: Ford Foundation Working Group on Philanthropy for social justice and peace.

Rusbult, C. E., & Van Lange, P. A. (2003). Interdependence, interaction, and relationships. *Annual Review of Psychology*, 54, 351–375. [doi: 10.1146/annurev.psych.54.101601.145059](https://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145059)

Russell, S. & Carey, M. (2002). Remembering: Responding to commonly asked questions. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work*, 3. [http://narrativepractices.com.au/attach/pdf/Remembering\\_Common\\_Questions.pdf](http://narrativepractices.com.au/attach/pdf/Remembering_Common_Questions.pdf)

Salamon, L. M., Sokolowski, S. W. & Geller, S. L. (2012). Holding the fort: Nonprofit employment during a decade of turmoil. *Nonprofit Employment*, 39. [http://www.thenonprofitpartnership.org/files/ned\\_national\\_2012.pdf](http://www.thenonprofitpartnership.org/files/ned_national_2012.pdf).

Sandler, J. (2007). Community-based practices: Integrating dissemination theory with critical theories of power and justice. *American Journal of Community Psychology*, 40, 272-289. [doi 10.1007/s10464-007-9131-2](https://doi.org/10.1007/s10464-007-9131-2)

Santos, F. (2012). A positive theory of social entrepreneurship. *Journal of Business Ethics*, 111, 335-351. [doi: 10.1007/s10551-012-1413-4](https://doi.org/10.1007/s10551-012-1413-4)

Sayago, R. (2008). Participação: Olhar para fora ou olhar para dentro? *Ra Ximhai*, 3, 543-558.

Secor-Turner, M., Sieving, R., Garwick, A., Spratt, R., & Duke, N. (2010). Culturally sensitive community engaged research with African American young women: Lessons learned. *Journal of Community Health Nursing*, 27, 160 –172. doi: [10.1080/07370016.2010.494456](https://doi.org/10.1080/07370016.2010.494456)

Sen, A. (1982). *Poverty and Famines*. Oxford: Claredon Press.

Sen, A. (1999). *Development as freedom*. New York: Anchor Books.

Sen, A. (2000). Social exclusion: Concept, application, and scrutiny. *Social Development Paper*, 1. <http://www.adb.org/publications/social-exclusion-concept-application-and-scrutiny>

Shinn, M. & Perkins, N. T. (2000). Contributions from organizational psychology. (Eds.), In *Handbook of community psychology* (pp. 615-641). New York: Krumer Academic/Plenum Publishers.

Shipler, D. K. (2004). *The working poor: Invisible in America*. New York: Knopf.

Silverstein, R., Bass, L., Tuttle, A., Knudson-Martin, C. & Huenergardt, D. (2006). What Does it Mean to be Relational? A Framework for Assessment and Practice. *Family Process*, 45, 391-405. doi: [10.1111/j.1545-5300.2006.00178.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2006.00178.x)

Simmons, B. L. (2013). Organizational Characteristics of Happy Organizations. *Wellbeing*, 3, 1–18. doi: [10.1002/9781118539415.wbwell023](https://doi.org/10.1002/9781118539415.wbwell023)

Simões, M.M. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional dos Testes das Matrizes Coloridas de Raven* (Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação, Universidade de Coimbra).

Simpson, B. & Willer, R. (2007). Altruism and indirect reciprocity: The interaction of person and situation in prosocial behavior. *Social Psychology Quarterly*, 71, 37-52. doi: [10.1177/019027250807100106](https://doi.org/10.1177/019027250807100106)

Sluzki, C. E. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistémica*. Barcelona: Gedisa.

Sluzki, C. E. (2010). Personal social networks and health: Conceptual and clinical implications of their reciprocal impact. *Families, Systems & Health*, 28, 1-18. doi: [10.1037/a0019061](https://doi.org/10.1037/a0019061)

Smith, A. (1982) [1759]. D.D. Raphael & A.L. Macfie, ed. *The Theory of Moral Sentiments*. Liberty Fund.

Smith, A. (1977) [1776]. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. University of Chicago Press.

Smith, E. P., Osgood, D. W., Caldwell, L., Hynes, K. & Perkins, D. F. (2013). Measuring collective efficacy among children in community-based afterschool programs: Exploring pathways towards prevention and positive youth development. *American Journal of Community Psychology*, 52, 27-40. doi: [10.1007/s10464-013-9574-6](https://doi.org/10.1007/s10464-013-9574-6)

Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.

Sousa, L. (Ed.). (2008). *Strengthening vulnerable families*. Hauppauge: Nova Science.

Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S. & Grilo, P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi Editores.

Sousa, L. & Ribeiro, C. (2005). Percepção das Famílias Multiproblemáticas Pobres sobre as Suas Competências. *Psicologia*, XIX, 169-191.

Sousa, L., Ribeiro, C. & Rodrigues, S. (2006). Intervention with multi-problem poor clients: Towards a strengths-focused perspective. *Journal of Social Work Practice*, 20, 189-204. doi: [10.1080/02650530600776913](https://doi.org/10.1080/02650530600776913)

Sousa, L. & Ribeiro, S. (2012). The collaborative professional: Towards empowering vulnerable families. *Journal of Social Work Practice*, 26, 411-425. doi: [10.1080/02650533.2012.668878](https://doi.org/10.1080/02650533.2012.668878)

Sousa, L., & Rodrigues, S. (2009). Linking formal and informal support in multiproblem low-income families: The role of the family manager. *Journal of Community Psychology*, 39, 649-662. doi: [10.1002/jcop.20313](https://doi.org/10.1002/jcop.20313)

Sousa, S. (n.d.). *As Instituições Particulares de Solidariedade Social num contexto de crise económica*. IPI Consulting Network Portugal.

[http://www.ipi.pt/files\\_upload/documentation/201205081611030.Estudo\\_CNIS-BCP\\_Parcial.pdf](http://www.ipi.pt/files_upload/documentation/201205081611030.Estudo_CNIS-BCP_Parcial.pdf)

Speer, P. W., & Hughey, J. (1995). Community organizing: An ecological route to empowerment and power. *American Journal of Community Psychology*, 23, 729–748. doi: [10.1007/BF02506989](https://doi.org/10.1007/BF02506989)

St. George, S., & Wulff, D. (2006). A postmodern approach to teaching family therapy as a community practice. *Journal of Systemic Therapies*, 5, 73-83. doi: [10.1521/jsyt.2006.25.4.73](https://doi.org/10.1521/jsyt.2006.25.4.73).

Stout, L. (1996). *Bridging the class divide and other lessons for grassroots organizing*. Boston: Beacon Press.

Strauss, A. L., & Corbin, J. M. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park: Sage Publications.

Sullivan, W. M. (2011). Interdependence in American society and commitment to the common good. *Applied Development Science*, 15, 73-78. doi: [10.1080/10888691.2011.560809](https://doi.org/10.1080/10888691.2011.560809)

Sultana, A. (2011). Patriarchy and women's subordination: A theoretical analysis. *The Arts Faculty Journal*, 4, 1-18. doi: [10.3329/afj.v4i0.12929](https://doi.org/10.3329/afj.v4i0.12929)

Tacket A., Crisp, B. R., Nevill, A., Lamaro, G., Graham, M., & Barter-Godfrey, S. (Eds). (2009). *Theorizing social exclusion*. New York: Routledge.

Taras, R. C. (2015). *The Road to Disillusion: From Critical Marxism to Post-communism in Eastern Europe*. New York: Routledge.

Trickett, E. J., Beehler, S., Deutsch, C., Green, L. W., Hawe, P., McLeroy, K., Miller, R. L., Rapkin, B. D., ... & Trimble, J. E. (2011). Advancing the science of community-level interventions. *American Journal of Public Health*, 101, 1410-1419. doi: [10.2105/AJPH.2010.300113](https://doi.org/10.2105/AJPH.2010.300113)

Trickett, E. J., Espino, S. R., & Hawe, P. (2011). How are community interventions conceptualized and conducted? An analysis of published accounts. *Journal of Community Psychology*, 39, 576-591. [doi: 10.1002/jcop.20455](https://doi.org/10.1002/jcop.20455)

Tseng, V., Chesir-Teran, D., Becker-Klein, R., Chan, M. L., Duran, V., Roberts, A., & Bardoliwalla, N. (2002). Promotion of social change: A conceptual framework. *American Journal of Community Psychology*, 30, 401-427. [doi: 10.1023/A:1015341220749](https://doi.org/10.1023/A:1015341220749)

Tseng, V., & Seidman, E. (2007). A systems framework for understanding social settings. *American Journal of Community Psychology*, 39, 217–228. [doi: 10.1007/s10464-007-9101-8](https://doi.org/10.1007/s10464-007-9101-8)

Tutu, D. (2004). *God has a dream: A vision of hope for our time*. New York: Doubleday.

Twemlow, S., Fonagy, P. & Sacco, F. (2005). A Developmental Approach to Mentalizing Communities: I. A Model for Social Change. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 69, 265 – 281. [doi: 10.1521/bumc.2005.69.4.265](https://doi.org/10.1521/bumc.2005.69.4.265)

Tyler, T. R. (1999). Why people cooperate with organizations: An identity-based perspective. In R. I. Sutton, B. M. Staw (Eds.), *Research in organizational behavior* (Vol. 21, pp. 201-246). US: Elsevier Science/JAI Press.

Udensi, L. O., Udoh, O. S., Daasi, G. L. & Igbara, F. N. (2012). Community leadership and the challenges of community development in Nigeria: The case of Boki local government area, Cross River State. *International Journal of Development and Sustainability*, 3, 912-923.

United Nations Development Program. (2011). *Scaling up local innovations for transformational change*. New York: Bureau for Development Policy.  
[http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/poverty-reduction/participatory\\_localdevelopment/scaling-up-local-innovations-for-transformational-change.html](http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/poverty-reduction/participatory_localdevelopment/scaling-up-local-innovations-for-transformational-change.html)

Van Lange, P. A. (2000). Beyond self-interest: A set of propositions relevant to interpersonal orientations. *European Review of Social Psychology*, 11, 297-331. doi: [10.1080/14792772043000068](https://doi.org/10.1080/14792772043000068)

Wadsworth, M. & Berger, L. (2006). Adolescents Coping with Poverty-Related Family Stress: Prospective Predictors of Coping and Psychological Symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 57-70. doi: [10.1007/s10964-005-9022-5](https://doi.org/10.1007/s10964-005-9022-5)

Walby, S. (1990). *Theorizing patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell.

Waldegrave, C. (2005). "Just therapy" with families on low incomes. *Child Welfare*, 84, 265-76.

Waldegrave, C. (2009). Cultural, gender, and socioeconomic contexts in therapeutic and social policy work. *Family Process*, 48, 85–101. doi: [10.1111/j.1545-5300.2009.01269.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2009.01269.x)

Walther, S. & Fox, H. (2012). Narrative therapy and outsider witness practice: Teachers as a community acknowledgement. *Educational & Child Psychology*, 29, 2, 10-19.

Wandersman, A. (2009). Four keys to success (theory, implementation, evaluation, and resource/system support): High hopes and challenges in participation. *American Journal of Community Psychology*, 43, 3-21. doi: [10.1007/s10464-008-9212-x](https://doi.org/10.1007/s10464-008-9212-x)

Wann, D. L., Waddill, P. J., Polk, J. & Weaver, S. (2011). The team identification – social psychological health model: Sport fans gaining connections to others via sport team identification. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 1, 75-89. doi: [10.1037/a0020780](https://doi.org/10.1037/a0020780)

Wellman, B. (2005). Community: From neighborhood to network. *Communications of the ACM*, 48, 53-55. doi: [10.1145/1089107.1089137](https://doi.org/10.1145/1089107.1089137)

Wenger, E. (1999). *Communities of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wenger, E. (2010). Communities of practice and social learning systems: The career of a concept. In C. Blackmore (Ed.), *Social learning systems and communities of practice* (pp. 179–198). London, UK: Springer.

White, M. (1999). Reflecting-team work as definitional ceremony revisited. (Ed.). In *Reflections on narrative practice: Essays and interviews* (pp.59-85). Adelaide: Dulwich Centre Publications.

White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. New York: W.W. Norton & Company.

Wijnberg, M. & Reding, K. (1999). Reclaiming a Stress Focus: The Hassles of Rural, Poor Single Mothers. *Families in Society*, 80, 506- 515. [doi: 10.1606/1044-3894.1480](https://doi.org/10.1606/1044-3894.1480)

Wilkinson, R. G. (1996). *Unhealthy societies: The afflictions of inequality*. London: Routledge.

Wilkinson, R. (2004). Why is violence more common where inequality is greater? *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1036, 1-12. [doi: 10.1196/annals.1330.001](https://doi.org/10.1196/annals.1330.001)

Yohalem, N. & Wilson-Ahlstrom, A. (2010). Inside the black-box: Assessing and improving quality in youth programs. *American Journal of Community Psychology*, 45, 350-357. [doi: 10.1007/s10464-010-9311-3](https://doi.org/10.1007/s10464-010-9311-3)

Yunus, M. (2009). *Creating a world without poverty: Social business and the future of capitalism*. New York: Public Affairs.

Zamani, N. J., Smith, G. & Monk, G. (2013). Online forums as definitional ceremonies. *Journal of Systemic Therapies*, 32, 1-18. [doi: 10.1521/jsyt.2013.32.4.1](https://doi.org/10.1521/jsyt.2013.32.4.1)

Zimmerman, M. A. (2000). Empowerment theory: Psychological, organizational, and community levels of analysis. (Ed.), In *Handbook of community psychology* (pp. 43–63). New York: Kluwer Academic/Plenum Press.





## Apêndices

---

Apêndice A: Projeto de doutoramento  
original (junho, 2011)

**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra**

**Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa**

## **Projecto de Doutoramento**

### **Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar**

**Doutoranda:** Maria Minas

**Orientadora:** Prof. Doutora M<sup>a</sup> Teresa Ribeiro

**Co-orientador:** Prof. Doutor José Rubén Parra-Cardona

#### **Título**

Um olhar eco-sistémico sobre a intervenção com famílias pobres multi-desafiadas

#### **Sumário (máximo 150 palavras - 149)**

A realidade social depara-se com dificuldades e contrastes a nível económico, social e cultural, mas também com um enorme potencial humano que, quando estimulado e apoiado, pode levar a mudanças surpreendentes (2,8). A intervenção com famílias multiproblemáticas pobres tem merecido bastante atenção de investigadores, no entanto a realidade actual e os resultados apelam para um maior investimento nesta área. Procurando compreender melhor a realidade destas famílias e aumentar a qualidade e eficácia das intervenções, esta investigação propõe-se “ouvir as vozes” dos diferentes intervenientes no processo, numa abordagem eco-sistémica. Focando “o que resulta”, adoptar-se-á o conceito “famílias pobres multi-desafiadas”. Com recurso a metodologias quantitativas e qualitativas, serão efectuados três estudos de âmbito nacional e internacional que procurarão caracterizar e potenciar as relações entre famílias e rede de apoio actual e potencial (sobretudo primária), considerando os diferentes níveis eco-sistémicos. Por fim, será construído um guia de boas-práticas para a intervenção.

#### **Estado da arte (máximo 500 palavras - 488)**

Para que os modelos de intervenção com famílias multiproblemáticas pobres possam ser eficientes deverão acompanhar as mudanças nas concepções de vulnerabilidade social (18).

As abordagens sistémicas vêm realçando a importância do estudo dos processos relacionais e da expansão da intervenção a múltiplos sistemas (3,12,13,15,17). Waldegrave (2009) afirma que muitos dos problemas que as pessoas experimentam são consequência de diferenças de poder e injustiça. Assim, propõe o investimento no estudo de temas macro e uma menor utilização de abordagens com foco exclusivamente individual ou familiar.

Grande parte dos programas sociais destina-se às famílias multiproblemáticas pobres, mas, apesar dos esforços, a maioria das intervenções não revela resultados positivos duradouros (9,19). As descrições sobre as famílias multiproblemáticas têm realçado os défices em detrimento das competências. Cada vez mais é proposto o reenquadramento da definição destas famílias, destacando capacidades e considerando os elementos do sistema alargado (2,6,7,8,11,12,13,14,17,19). Nesta linha, Summer, McMann e Fuger (1997) propõem o conceito de “famílias multidesafios”, colocando a ênfase na resiliência das famílias e na capacidade de superar situações de vida adversas (*in* 18). As famílias multi-problemáticas não são necessariamente pobres, podendo encontrar-se em qualquer contexto social, cultural e

económico. A pobreza também não implica necessariamente disfuncionalidade, mas pode levar famílias saudáveis a bloquearem, particularmente quando os contextos em que se inserem reforçam a manutenção da sua condição de pobreza e pouco poder (19). Pobreza não equivale a falta de rendimentos, alargando-se à fragilidade da inserção social e da participação comunitária (20). Então, se à característica “multiproblemática” se soma pobreza, os efeitos serão mais prejudiciais (9).

Devem sempre ser considerados os constrangimentos contextuais que limitam as famílias e não simplesmente tomá-las como “incapazes” (8,12,13,14,20). De facto, múltiplas variáveis, espalhadas pelo espaço humano e institucional, contribuem para a criação dos problemas. A solução passará por reunir e envolver essas peças dispersas (9).

As redes de apoio são um elemento fulcral na intervenção familiar (10). A literatura tem destacado, respectivamente às famílias multiproblemáticas pobres, as limitações do apoio, formal e informal. Não obstante, a solidariedade informal é um recurso chave e o seu estudo deve ser uma prioridade (12). Tais famílias atraem a solidariedade informal (a qual fornece um precioso suporte a vários níveis) e combinam estratégias formais e informais para enfrentar dificuldades (18). Esta articulação não costuma ser conhecida pela rede secundária que chega a constranger a rede primária devido à sua presença massiva junto das famílias (1). Quando bem articulado, o apoio relaciona-se com indicadores positivos de bem-estar psicológico (16). A supervisão é também uma ferramenta essencial na intervenção com famílias multiproblemáticas pobres, pois permite identificar passos que potenciam e constroem o apoio (5,9,18).

É, pois, importante aprofundar e coordenar o trabalho em parceria, bem como sublinhar a importância da activação dos recursos da comunidade e do reforço dos sistemas naturais das famílias na intervenção (7,11,12,15). Espera-se que os profissionais sejam terapeutas cidadãos (17), envolvendo a comunidade na intervenção e lutando por uma compreensão e acção colectiva (8,18).

## **Objectivos (máximo 300 palavras - 283)**

### **Gerais**

- Numa perspectiva eco-sistémica, analisar a interface entre famílias pobres multi-desafiadas – redes informais – serviços sociais – comunidade;
- “Dar voz às famílias” para possibilitar intervenções mais compreensivas e colaborativas;
- Conhecer e caracterizar a intervenção com famílias pobres multi-desafiadas a nível nacional e internacional;
- Propor um guião resumo de boas-práticas;
- Contribuir para “libertar” as famílias pobres multi-desafiadas dos rótulos incapacitantes (e.g. problemáticas, destruturadas) assentes em perspectivas deficitárias.

### **Específicos**

#### **Estudo 1**

- Compreender o ponto de vista das famílias pobres multi-desafiadas sobre a sua realidade;

- Identificar recursos e competências na forma como lidam com os desafios que lhes são impostos;
- Promover a interação e acesso das famílias a potenciais redes primárias de suporte social;
- Aplicar a técnica Equipas Reflexivas com Audiências Apreciativas (*in* 14) e verificar se a mesma contribui para valorizar as forças das famílias, revelar às audiências essas mesmas forças e activar potenciais redes de apoio informal.

## Estudo 2

- Fazer um levantamento de boas-práticas na intervenção com famílias pobres multi-desafiadas a nível nacional e internacional;
- Conhecer os projectos *in loco*, de modo a observar e compreender as dinâmicas do seu funcionamento e estratégias de intervenção;
- Analisar as singularidades e pontos em comum entre os diferentes projectos;
- Identificar que abordagens e metodologias estão na base de intervenções bem-sucedidas;
- Conhecer a percepção de profissionais e famílias relativamente à aplicação e eficácia dessas mesmas abordagens e metodologias.

## Estudo 3

- Aplicar a uma amostra de cidadãos portugueses um questionário relativo ao apoio social prestado a famílias carenciadas;
- Compreender as suas percepções (e.g. qual o efeito da pobreza para a sociedade), crenças (e.g. que factores explicam a pobreza), comportamentos (e.g. tipo de apoio prestado);
- Compreender o que potencia e constrange a concretização e sucesso do envolvimento e apoio dos cidadãos portugueses.

## Descrição detalhada (máximo 1000 palavras - 997)

Segundo o relatório da Comissão Europeia (2009) sobre a pobreza e a exclusão social, 79 milhões de pessoas vivem abaixo do limiar da pobreza (16% da população europeia). A pobreza e a exclusão não só afectam o bem-estar dos indivíduos e a sua capacidade para participar na vida da sociedade, mas também o desenvolvimento económico mundial. A União Europeia reforça a importância da responsabilidade colectiva no combate da pobreza. Assim, entre os objectivos para o ano europeu da luta contra a pobreza e exclusão social (2010) incluem-se: a participação dos indivíduos no combate à pobreza; o desenvolvimento de uma sociedade coesa, consciente que todos beneficiamos com a erradicação da pobreza e a inclusão social (4).

Estes dados demonstram que existem muitos campos abertos à investigação nesta área e revelam a importância da produção e circulação de conhecimento, como via de sensibilização e consciencialização da sociedade para a situação de pobreza e exclusão social que muitas famílias enfrentam.

Importa ainda justificar a adopção, neste estudo, da expressão “famílias pobres multi-desafiadas” para descrever as famílias tradicionalmente apelidadas de multiproblemáticas. Dado que cada vez mais emergem investigações que comprovam a utilidade de uma mudança de perspectiva nas intervenções – deslocando o foco dos *deficits*, para as competências, realçando a riqueza e complexidade da vida destas famílias, as pressões externas, forças e recursos que dispõem para lhes dar resposta (18) – considerou-se que optar por esta expressão viria dar consistência aos propósitos do estudo, sintonizando-o com o rumo que a literatura e as abordagens vêm tomando.

Relativamente à amostragem e operacionalização do conceito, serão utilizados os critérios enunciados na descrição de famílias multiproblemáticas (Cancrini, Gregorio e Nocerini, 1997, *in* 18), aos quais acrescentaremos: exposição a múltiplos factores de stress e nível sócio-económico baixo.

Com o intuito de alcançar os objectivos anteriormente traçados, está prevista a realização de três estudos e a elaboração de um guia de boas-práticas para a intervenção com famílias pobres multi-desafiadas. A investigação alinha-se com o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979), pois são contemplados os níveis identificados pelo autor (micro-sistema, meso-sistema, exo-sistema e macro-sistema).

## **Fases do projecto**

### **Fase I – Desenvolvimento inicial**

- Revisão bibliográfica;
- Contactos institucionais;
- Selecção dos instrumentos de recolha de dados.

### **Fase II – Estudo 1 (qualitativo)**

Caracterização da realidade vivida pelas famílias pobres multi-desafiadas (residentes em bairros sociais, sujeitas a realojamento) e sua relação com o contexto envolvente, a partir do relato das mesmas. A recolha de dados terá lugar em dois momentos. Primeiro, através duma adaptação da técnica Equipas Reflexivas com Audiências Apreciativas (14), será promovida uma entrevista com as famílias e a simultânea escuta dos relatos por elementos da sua potencial rede de apoio informal, os quais darão posteriormente um feedback positivo às famílias. Entendemos que uma potencial rede de apoio informal abrange toda a pessoa que partilha o mesmo espaço comunitário com as famílias em estudo, ainda que actualmente não haja interacção ou laços de amizade estabelecidos.

No segundo momento, realizar-se-ão entrevistas individuais a elementos das famílias e pessoas da audiência apreciativa para apurar se o primeiro momento de investigação contribuiu para activar a potencial rede informal e promoveu mudanças nas famílias e pessoas da audiência.

Para os dois momentos está prevista a aplicação prévia, às famílias, do Eco-mapa e do Mapa de rede.

**Amostra:** Famílias pobres multi-desafiadas residentes na área de Lisboa e elementos da sua potencial rede informal.

**Instrumentos de recolha:** Entrevistas semi-estruturadas; Técnica “Equipas Reflexivas com Audiências Apreciativas” (14); Eco-mapa (Hartman, 1995); Mapa de rede (Sluzki, 1996).

### **Fase III – Estudo 2 (qualitativo)**

Observação e análise de diferentes programas de intervenção, nacionais e internacionais, que apresentem resultados positivos duradouros e sejam formalmente reconhecidos como modelos de boas-práticas na intervenção com famílias pobres multi-desafiadas.

Em cada projecto procurar-se-á analisar: abordagens teóricas de base, objectivos, métodos e estratégias, envolvimento de redes formais e informais. A visita a cada projecto terá uma duração não inferior a 15 dias. Posteriormente serão estudadas as singularidades e factores comuns entre projectos.

**Amostra:** Projectos de promoção social, nacionais e internacionais, que intervenham junto de famílias pobres multi-desafiadas. Profissionais de diferentes áreas de formação e famílias destinatárias da intervenção.

**Instrumentos de recolha:** Observação; Análise documental; *Focus-group* com profissionais; Entrevista semi-estruturada às famílias.

#### **Fase IV – Estudo 3 (quantitativo)**

Entendendo todo o cidadão como potencial elemento constituinte de uma rede de apoio informal, neste estudo macro-sistémico procederemos à caracterização das percepções, crenças/valores e comportamentos de cidadãos portugueses face ao apoio a famílias pobres multi-desafiadas. Para compreender que variáveis potenciam ou constroem a concretização e eficácia desse apoio procurar-se-á analisar: consciência das necessidades sociais; nível de preocupação social; predisposição para ajudar; tipos de apoio prestados; estratégias potenciadoras de apoio.

Os resultados serão analisados tendo em conta a influência de variáveis sócio-demográficas.

**Amostra:** Amostra aleatória de jovens e adultos portugueses (18 – 60 anos).

**Instrumentos de recolha:** Questionário sócio-demográfico; Questionário *on-line*.

Nos três estudos será assegurada a confidencialidade dos participantes e solicitado o consentimento informado dos mesmos.

Esta investigação envolverá o tratamento de dados com softwares adequados às metodologias utilizadas: análise de conteúdo (NVivo 8) – 1º e 2º estudo – e tratamento estatístico dos dados (SPSS) – 3º estudo.

No final de cada etapa, proceder-se-á à apresentação e publicação dos dados obtidos.

#### **Fase V – Elaboração do guião de boas-práticas**

Concepção de um guia de boas-práticas para a intervenção com famílias pobres multi-desafiadas, com base nos resultados dos estudos precedentes.

#### **Fase VI – Nova revisão bibliográfica**

Sendo a revisão bibliográfica um elemento transversal a todas as fases, nesta etapa será elaborada uma revisão mais aprofundada, possibilitando a fundamentação da discussão dos resultados e a comparação dos resultados deste estudo com outros anteriormente apresentados.

#### **Fase VII – Redacção da tese e divulgação dos resultados**

Elaboração da dissertação e divulgação dos resultados através da publicação em artigos em revistas científicas ou em comunicações apresentadas ao longo da investigação.

#### **Calendarização**

Janeiro 2010 a Dezembro 2011	Fase I e II (Recolha de dados Estudo 1)
Janeiro 2011 a Dezembro 2012	Fase II (Tratamento de dados Estudo 1) e III
Janeiro 2012 a Dezembro 2013	Fase IV e V
Janeiro 2013 a Dezembro 2014	Fase VI e VII

## Bibliografia (máximo: 20 - 20)

1. Alarcão, M. (1998). Família e Redes Sociais – malha a malha se tece a teia. *Interacções*, 7, pp. 93-102.
2. Ausloos, G. (1996). *A competência das famílias, tempo, caos, processo*. Lisboa: Climepsi Editores.
3. Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
4. Eurobarometer survey on poverty and social exclusion (2009). Luxembourg: Publications Office of the European Union.  
[http://www.2010againstpoverty.eu/extranet/Eurobarometre\\_150DPI\\_091113.pdf](http://www.2010againstpoverty.eu/extranet/Eurobarometre_150DPI_091113.pdf)
5. Fernández-Ballesteros, R. G. (2001). *Evaluación de programas: una guía práctica en ámbitos sociales, educativos y de salud*. Madrid: Editorial Síntesis, S. A.
6. Fraenkel, P. (2006). Engaging families as experts: Collaborative family program development. *Family Process*, 45, 237–257.
7. Freedman, J. & Combs, G. (2009). Narrative Ideas for Consulting with Communities and Organizations: Ripples from the Gatherings. *Family Process*, 48, 347-362.
8. Garcia, M. & McDowell, T. (2010). Mapping Social Capital: A Critical Contextual Approach For Working With Low-status Families. *Journal of Marital & Family Therapy*, 36, 96-107.
9. Gómez, E., Muñoz, M. M. & Haz, A. M. (2007). Familias Multiproblemáticas y en Riesgo Social: Características e Intervención. *Psyche*, 16, 43-54.
10. Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em rede – Serviço Social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
11. Imber-Black, E. (1988). *Families and larger systems: a family therapist's guide through the labyrinth*. New York: The Guilford Press.
12. Landau, J. (2007). Enhancing Resilience: Families and Communities as Agents for Change. *Family Process*, 46, 351-365.
13. Lee, M. Y., Greene, G. J., Hsu, K. S., Solovey, A., Grove, D., Fraser, J. S., Washburn, P. & Teater, B. (2009). Utilizing Family Strengths and Resilience: Integrative Family and Systems Treatment with Children and Adolescents with Severe Emotional and Behavioral Problems. *Family Process*, 48, 395-416.
14. Madsen, W. C. (2007). *Collaborative therapy with multi-stressed families (2ª ed.)*. New York: The Guilford Press.
15. Parra-Cardona, J. R. (2007). Elder Abuse and Neglect in Latino Families: An Ecological and Culturally Relevant Theoretical Framework for Clinical Practice. *Family Process*, 46, 451-470.



16. Pernice-Duca, F. (2010). Family Network Support and Mental Health Recovery. *Journal of Marital & Family Therapy*, 36, 13-27.
17. Rojano, R. (2004). The practice of Community Family Therapy . *Family Process*, 43, 59-77.
18. Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S. & Grilo, P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi Editores.
19. Sousa, L. & Ribeiro, C. (2005). Percepção das Famílias Multiproblemáticas Pobres sobre as Suas Competências. *Psicologia*, XIX, 169-191.
20. Waldegrave, C. (2009). Cultural, Gender, and Socioeconomic Contexts in Therapeutic and Social Policy Work. *Family Process*, 48, 85-101.



## Apêndice B: Linha do tempo

	2011	2012
Estudo 1	Preparação	Recolha
Grounded Theory		Análise
Estudo 2		Preparação
Estudo 3		
ComParte		
Viagens		EUA, México

	2013	2014
Estudo 1	Recolha	
Grounded Theory	Análise	Testar a Teoria
	Escrita	
Estudo 2	Recolha	
Estudo 3	Preparação	Recolha
ComParte	Ponderação inicial	Proc. Participativo
Viagens	Colômbia, EUA	Tailândia, República Checa, Polónia, Noruega, Espanha

	2015	2016
Estudo 1		
Grounded Theory	Testar a Teoria	
	Escrita	
Estudo 2		
Estudo 3	Recolha	Escrita
ComParte	Encontros entre alunos e decisores	ComParte & Educação
Viagens	Moçambique	São Tomé

	2017
Estudo 1	
Grounded Theory	Escrita
Estudo 2	
Estudo 3	Escrita
ComParte	
Viagens	Chile



## Apêndice C: Roteiro das Viagens



<p><b>Abr - Jul 2012</b></p> <p>Recolha Transcrições</p> <p>Locais: EUA (East Lansing, Nova Iorque, Raleigh, Miami), Canadá (Toronto) e México (Cidade do México)</p>	<p><b>Out - Dez 2012</b></p> <p>Recolha Transcrições</p> <p>Locais: Brasil (Florianópolis, Rio de Janeiro, João Pessoa e São Paulo) e Colômbia (Bogotá)</p>	<p><b>Fev - Mai 2013</b></p> <p>Recolha Análise Testar teoria</p> <p>Locais: Colômbia (Bogotá), EUA (Raleigh, East Lansing, Nova Iorque)</p>	<p><b>Out - Dez 2013</b></p> <p>Partilha result. - 1 conferência Análise Testar teoria Escrita art.</p> <p>Locais: Brasil (Florianópolis, São Paulo, São Salvador)</p>	<p><b>Fev - Mai 2014</b></p> <p>Partilha result. - 2 conferências Recolha-Análise Testar teoria</p> <p>Locais: República Checa (Praga), Tailândia (Bangkok, Mae Hong Son), Noruega (Oslo), Polónia (Sejny), Espanha (Valência)</p>	<p><b>Ago - Set 2014</b></p> <p>Partilha result. - 1 conferência Análise Testar teoria Escrita art.</p> <p>Locais: Argentina (Buenos Aires), Brasil (Fortaleza, Belém)</p>	<p><b>Out 2014</b></p> <p>Testar teoria Formação /ComParte</p> <p>Locais: Noruega (Oslo)</p>
<p><b>Out - Dez 2014</b></p> <p>Partilha result. - 2 formações Testar teoria Escrita de artigos</p> <p>Locais: Índia (Nova Delhi), Tailândia (Mae Hong Son), Hong Kong</p>	<p><b>Fev- Abril 2015</b></p> <p>Testar teoria Escrita art.</p> <p>Locais: Moçambique (Maputo, Matola, Ilha de Moçambique)</p>	<p><b>Abr 2015</b></p> <p>Testar teoria Formação /ComParte</p> <p>Locais: Noruega (Oslo)</p>	<p><b>Ago - Set 2016</b></p> <p>Escrita tese</p> <p>Locais: São Tomé (Cidade, São João Angolares)</p>	<p><b>Fev 2017</b></p> <p>Escrita tese</p> <p>Locais: Chile (Santiago)</p>		





## Apêndice D: Crônicas do blogue Lugares

### Comuns

As crónicas deste blogue representam o lado informal da tese, que começou a ser escrito, de forma natural, à medida que as luzes, impressões e reflexões iam acontecendo. Acredito que a dissertação fica mais rica ao combinar estes dois tons de integração e análise da experiência e observações... Todas as publicações no blogue contaram com o consentimento e envolvimento das pessoas e programas envolvidos. A ideia de as crónicas apresentarem nomes, caras e serem acompanhadas de fotografias foi dos próprios participantes, que mostraram gosto, orgulho e sentido em partilhar as suas histórias. As páginas que se seguem apresentam uma seleção de crónicas. Para consultar todas as crónicas, em especial as que recorrem ao formato vídeo basta seguir este link: [www.lugarescomunss.blogspot.pt](http://www.lugarescomunss.blogspot.pt).

Estas foram as palavras escritas mais a quente, mais próximas do que foi visto e sentido, mais repletas de emoção. Espero que o leitor possa desfrutar e ser afetado pela incursão nas próximas páginas e seja possível preencher com mais tonalidades a narração que vem sendo apresentada.

...

22.10.2012 | **Motivações**



De diversos lugares, encontros e perspectivas, de um processo de investigação-ação resulta a vontade de pôr em comum o que os sentidos captam e interrogam. No foco estão as relações comunitárias, não se dispensando notar nos processos socioeconómicos que influenciam o seu

bem-estar. Numa mistura de impressões lúdicas e mais formais, assente numa atitude de curiosidade e abertura para olhar e ouvir, falar de lugares comuns é descrever histórias de todos, que nos inter-relacionam e aproximam...

Este blogue nasce de uma investigação em psicologia clínica sistémica, cujo objetivo é explorar como é que pode ser promovido o bem-estar e a conexão social, a noção de bem-comum, dando especial atenção a comunidades que se debatem com desvantagens socioeconómicas e discriminação.

Passados 3 meses de viagem a visitar projectos sociais reconhecidos como boas-práticas de trabalho comunitário e superação da pobreza na América do Norte e estando a começar uma nova etapa de visitas, desta vez na América do Sul, chegou o momento de pôr em palavras as aprendizagens, ressonâncias e ideias ouvidas, condensando neste espaço vários encontros e pontos de vista sobre temas que nos implicam a todos.

Como dizia o padre Vilson hoje numa reunião de rede de Justiça: "Quando nós assumimos esta causa, de ter esta sensibilidade profunda de compaixão, de que esse adolescente (vítima de violência) é outro lado meu... E sendo outro lado meu eu não posso ficar indiferente. É esta consciência que nos dá a capacidade mobilizar, unir..."

23.10.2012 | **Múltiplas frentes**



O [Instituto Padre Vilson Groh](#) tem como objetivo formar redes e parcerias formais empenhadas na causa da promoção da justiça social. Nas palavras de um empresário que colabora com o instituto, a articulação de redes tem como objetivo “aproximar o morro e o asfalto”, numa lógica *win-win*.



Um olhar microscópico, neste contexto, não satisfaz tais aspirações, apenas limita a sua concretização. O segredo parece estar numa acção focada em objectivos (ideais até), a criação e mobilização de redes, união de esforços para poder chegar mais longe. Contar, então, efetivamente com os parceiros, colaboradores e com as comunidades também participantes, isto é partir de uma base de confiança, que convida a todos a canalizarem os seus recursos a favor da causa.

Cheguei há 4 dias e já participei em muitas reuniões e visitei vários projectos. Ainda assim, tenho a certeza que estou longe de conhecer o todo. Entre outras frentes que estão por descobrir, reúnem-se redes no âmbito da justiça, do planeamento do território, com vista a informar e influenciar políticas sociais e gerar mudanças necessárias no sistema, um grupo de empresários que se juntam para refletir sobre gestão e mística, programas na escola, no ATL com envolvimento das famílias, promove-se o desporto como fomento da solidariedade, alternativo à ociosidade dos adolescentes e envolvimento no tráfico de drogas, investe-se na qualificação e inserção profissional, no apoio a moradores de rua, acolhimento de crianças e jovens, defesa à vítima de violência, etc.

Utopia é uma palavra que não condiz com o que tenho encontrado por aqui. Vejo sim pessoas comprometidas com as suas comunidades, que levam objectivos e projectos para a frente. E o

crescimento, mudança, adesão estão à vista para comprovar que “crer e fazer (em conjunto) é poder”!



23.10.2012 | **Incursão a outras bandas do morro**



Tenho na cabeça uma fila longa de tópicos e apontamentos em lista de espera para partilhar, mas hoje decidi "colar" aqui as notas de campo de uma incursão que acabámos de fazer ao

Pastinho – uma área mais acima, no morro, há 1 hora atrás (19h30). O estilo da descrição é informal e procura expressar o retrato do que apreendi, sem elaborações:

- A propósito de uma pergunta que fiz sobre as grandes antenas que se veem no cimo do morro... Tive esta resposta do padre Vilson: “Esse é um assunto onde queremos começar a dialogar. Há uma grande riqueza na comunicação. Estamos a pensar quando vamos reunir com eles para discutir como tirar partido/aproveitar esse potencial.”
- No pastinho, já de noite, encontrámos uma série de mulheres (adultas e crianças) e alguns rapazes a trabalhar numa construção. Viemos a saber que estavam a construir há um mês um futuro grémio feminino – uma sala multiusos, para benefício dos moradores. O padre Vilson ofereceu-se para participar nas reuniões e para apoiar no que fosse necessário, associando-se àquela iniciativa. A reflexão que fez quando saíamos de lá: “A energia sai dos poros...”



- Na 1ª reunião com os meninos do Pastinho – o grupo mais recente do Procurando Caminhos (um projecto que combate o envolvimento dos jovens no tráfico de drogas, promovendo o espírito de grupo, a noção de autoria sobre a vida e da possibilidade de escolha, através do desporto - [ver vídeo](#)), que a partir de hoje, para além das atividades de ocupação dos tempos livres já a decorrer, passará a reunir-se quinzenalmente, uma das primeiras perguntas feitas pelo padre Vilson foi: “O que é que gostavam de fazer? Sobre o que é que gostavam de conversar?” que suscitou, entre outras, esta espontânea resposta: “Queremo-nos unir”. Na continuação da conversa o pd. Vilson comentou que eles serão os futuros líderes daquela comunidade.

- O Guga (educador e professor do Procurando Caminhos) pergunta: “O que é o Procurando Caminhos para vocês?” e eles respondem: “É uma oportunidade de optarmos por uma vida boa que conduza a um emprego estável e de não entrarmos por maus caminhos”. Este intercâmbio levou à partilha de outras ideias: Pd Vilson: “- Posso escolher os caminhos.” Menino: “- Por isso é que é bom ter o grupo, porque o grupo ajuda.” Pd Vilson: (Pegando na ideia importante e honesta que o menino partilhou) “- Porque é importante o grupo?” Meninos: “- Para ajudar.” “- Para aconselhar.” “- Para ir buscar quando um de nós está no mau caminho...”
- As perguntas feitas e a atitude dos adultos pareciam gerar a participação de todos...
- E continuava a troca... Guga: (dirigindo-se para um menino) “Tu tem cara de ser um líder bom!”... Pegando nessa deixa comentou-se que estarem a participar no projecto, a tirar partido desta oportunidade de coesão e aprendizagem, vai permitir que depois contagiem e puxem/envolvam outros meninos.
- Voltou-se ao tema do que eles gostariam de fazer nas reuniões de 15 em 15 dias e mais feedbacks se fizeram ouvir: “Não podemos ficar livres em casa, o dia tem que ter atividades...” O padre quis perceber melhor o que o rapaz estava a dizer e ele continuou: “Antes do projecto ficávamos fechados em casa, sem nada para fazer e agora acordamos e temos logo atividades para ir!”
- E continuava o desafio e convite: “Digam-nos todas as vossas ideias!”
- Aí os meninos falaram que gostavam de fazer surf na areia! (Um aparte: dou por mim a comunicar com expressões brasileiras!)
- O padre Vilson partilhou também a ideia de pegar na entrevista que o Jared fez ao Filipe (o Jared é um voluntário/investigador que já esteve a visitar/colaborar nos projectos por 2 vezes, durante 3 meses, a última delas recentemente e o Filipe é um novo educador/monitor e vizinho destas crianças), onde o Filipe partilhou coisas da sua vida e da comunidade, pensando que o testemunho dele – sendo-lhes próximo, poderia ser uma boa base de reflexão/discussão. (Leva-me a pensar: esta iniciativa constante de pôr em ligação e em comum as experiências e os recursos... Daria que falar.)
- Toda a conversa foi focada nos objectivos, pautando fasquias altas. Exemplo disso foi quando o João (um empresário que faz parte de um dos grupos/redes que funcionam na “órbita” do IVG – empresários e mística – que assistiu à reunião informalmente e que hoje mesmo assumiu um maior comprometimento com a causa do projecto, integrando o conselho fiscal da ACAM – Associação dos Amigos da Casa da Criança do



Morro do Mocotó) disse: “E depois até podemos ir jogar (futebol) fora!”. A motivação e interesse dos meninos brilhava na cara deles. Estavam a absorver tudo ao máximo.



- A reunião terminou com umas bolachas e suco e um balanço muito positivo. Foi patente o entusiasmo geral. Reforçámos a atitude positiva do grupo, o facto de valorizarem e “quererem agarrar a oportunidade com unhas e dentes” (partilhando também eu com eles as nossas expressões de Portugal) e quão longe a vontade deles os vai levar.

Já a caminho de casa, fomos naturalmente partilhando a nossa visão de como correu a reunião, que acabou por servir de avaliação:

- Reforçou-se a resposta positiva que o discurso centrado nas metas e fasquias altas potenciou. Em relação à ideia lançada de poderem chegar a ir jogar fora, o João disse:

“Nós temos que fazer isso, não é tão difícil”... (Este comentário tem para mim muito sumo e significado. Fala subliminarmente de capital social, da mobilização de recursos da sociedade civil. De como aquilo que parece inacessível e impossível de atingir para uns, pode estar à distância de um telefonema para outros e de como isso pode ser convertido em mais-valia...)

- O Guga sublinhou o balanço positivo da reunião e a boa atitude dos meninos e acrescentou a importância de cumprir e concretizar aquilo que é posto em palavras.

Numa "avaliação da avaliação" posso dizer que me marcou muito a postura e palavras daqueles que dinamizaram o encontro – eu própria me senti motivada e desejosa de aderir – e os olhos e ouvidos arregalados e fixos dos meninos, imersos naquele encontro.

## 24.10.2012 | **Motivações II**

Neste espaço espero ir descrevendo, de maneira informal, o processo de investigação que venho percorrendo há mais de um ano. Assim, o que vai emergindo nos encontros e conversas/"recolha de dados" é aqui posto à disposição de quem estiver interessado, acessível à comunidade em geral e não apenas à científica! Desejo não reduzir a sabedoria e experiência partilhada pelos participantes e colaboradores deste projecto aos estritos formatos e regras dos artigos científicos. Para que o percurso de doutoramento não seja isolador e não sinta o longo tempo de trabalho de casa e análise de dados como alienador.

Esta é uma das vias encontradas para procurar consistência entre os valores, objectivos e princípios que fundamentam e movem a investigação e a minha atitude e participação cívica – a maneira como devolvo este gigante privilégio de acesso a tanta sabedoria (a noção de *give back* que neste percurso tem ganho tanto sentido): perspectivas e experiências familiares, culturais e comunitárias tão diferentes, mas também com tanto em comum, *know-how* de projectos sociais com trabalhos muito inovadores, etc...

Não pretendo assim esperar mais uns anos, pelo produto final – artigos e tese, para poder começar a partilhar. O processo é certamente mais rico do que o fim em si mesmo e senão o tornasse mais público arriscava-me a confinar esta profunda aprendizagem a um minúsculo núcleo de pessoas que vão acompanhando e olhando por dentro este processo de investigação...

Colo aqui um pequeno excerto de uma entrevista, no contexto de outro estudo que conto vir a apresentar proximamente. Acho que remata bem estes apontamentos:

"Eu acho que há uma necessidade básica que todos nós temos que é exatamente o partilhar, não é? Partilhar emocionalmente. Porque hoje é difícil isso acontecer e como te digo, nós no fundo temos a noção que somos muito próximos, mas os códigos sociais afastam-nos muitas vezes. E quando nós estamos neste tipo de conversa, gera-se uma grande proximidade entre as pessoas em geral, para além do nível social e das diferenças culturais, etc., há um fundamento humano, de facto temos um... quando estamos predispostos a isso. E o conjunto, a camada de códigos sucessivos que nós temos na vida quotidiana afasta-nos muito disso. E a sensação com que eu saí foi exatamente essa, quer dizer se parares um bocadinho e tiveres paciência para ouvir alguém, mesmo que diferente de ti, és capaz de ganhar alguma coisa. És capaz de colher alguma coisa que te seja útil, mesmo que tipo “eh pá, este tipo não tem um bom carro” ou “tem uns sapatos rotos e não me vai ensinar nada”. Não, pode ensinar de facto alguma coisa."

Os comentários recebidos sobre o blogue vieram comprovar que este movimento vale a pena. Agradeço muito e continuo.

## 24.10.2012 | Casa cheia

Festa das famílias no [CEDEP](#). Acontece uma vez por ano, um evento em que os pais e filhos se reúnem para jogar em conjunto, participando em atividades (gincanas) juntos. As crianças parecem muito contentes, assim como os pais, que também se mostram participativos e divertidos nos jogos. Lá dentro, há mesas decoradas para as famílias se sentarem, foram feitos discursos, entregues diplomas e servido um super-lanche.



A sala cheia fala por si.



No fim, surpreendida com a adesão dos pais, a pensar em tantos projectos que procuram envolver as famílias, mas não têm o sucesso pretendido, perguntei ao padre como se conseguia aquela adesão. A resposta foi automática: Os pais aderem porque o espaço é seu. Trabalhamos nisso, para que sintam parte deste projecto.

26.10.2012 | Ouvi dizer...

Horizontes de bem-estar:



Principais obstáculos:



Estilos relacionais satisfatórios:



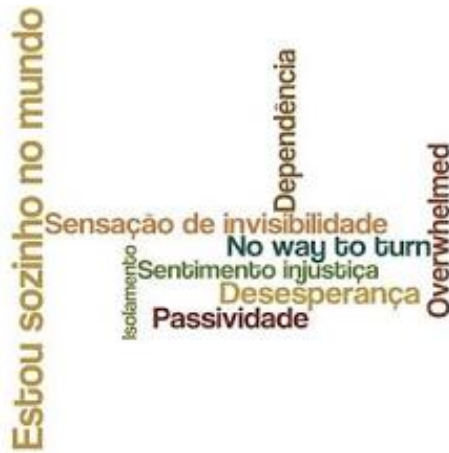
Estilos relacionais insatisfatórios:



Sentido de agência:



Sentimentos de impotência:



## 12.11.2012 | Entrelaçamento de sonhos

No "planejamento" do [Instituto Vilson Groh](#) duas expressões, para mim, resumiram e conciliaram um encontro rico em discussão:

"Casa de todos"

"Cidade Única"





Feita uma avaliação em que cada participante comentou o sentimento que levava da reunião, como é costume, houve uma troca de abraços.

## 13.11.2012 | Disponibilidade 24 horas por dia

Desde que cheguei ao Brasil, há um mês atrás, estive a viver em Florianópolis, no morro de Mont Serrat. Fui recebida pelo padre Vilson e por todas as pessoas que com ele convivem e trabalham. Tenho tido o privilégio de acompanhar de perto o seu quotidiano e dos projectos, de assistir impressionada à maneira pouco comum como as redes estão interligadas, coordenadas e a caminhar no mesmo sentido, à afinidade entre profissionais e líderes comunitários, entre as suas maneiras de estar e linguagens, de aprender muito ...

Venho hoje aqui disponibilizar o que me tem marcado. A ideia a priori é descrever algumas facetas/dimensões que parecem impregnar estes ares. Parto da referência do padre Vilson, da sua postura e compromisso de vida, e mais à frente espero completar com exemplos de atitudes de outros amigos e companheiros seus.

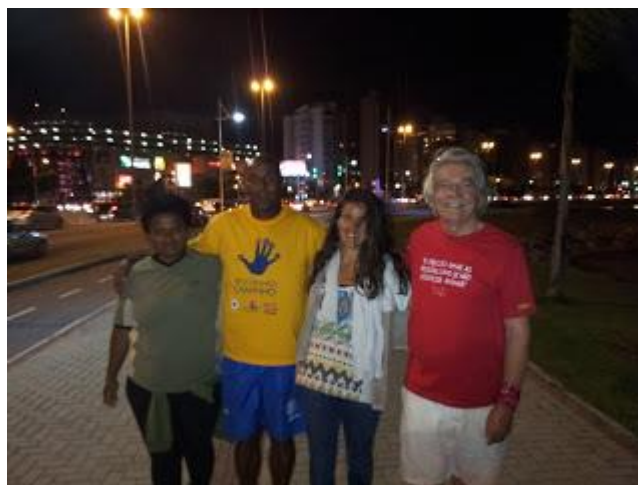
Há mais de 30 anos a viver e trabalhar na periferia, o padre Vilson tem-se juntado às causas destas comunidades. Em conjunto têm desenvolvido uma rede articulada e de estruturas e projectos que geram oportunidades e envolvimento social.

### DISPONIBILIDADE, INTERLIGAÇÃO, VISÃO e MÍSTICA...

24 horas por dia de dedicação e trabalho pelas causas sociais, pelos interesses e bem-estar principalmente daqueles que vivem em condições mais desfavorecidas. Uma vocação e um compromisso postos em ações constantes e concretas. Alguém dizia e assino por baixo “nunca vi uma pessoa tão ocupada que acha sempre um momento para estar”. Todo o instante é de abertura ao encontro, a possibilidades de projectos e novas ligações e conexões. De um passeio espontâneo ao fim da tarde, juntando-se um grupo heterogéneo composto por um padre, um educador, uma ex-moradora de rua (actualmente também funcionária dos projectos), uma estudante portuguesa e um voluntário da Costa Rica, nasce a ideia de criar grupos de caminhada. Das visitas de voluntários de vários países ao projecto nasce a ideia de fazer uma casa internacional. De uma missa de 7º dia de um rapaz bastante novo que morreu com cancro, estando a Igreja “a transbordar de juventude”, é feita uma dinâmica e lançado o convite aos jovens para virem trabalhar na periferia em nome do amigo. De uma festa de

casamento “chique” surgem novas parcerias com empresários... Um empresário que se coloca à disposição para colaborar no que for preciso é convidado, um mês depois da sua iniciativa, para dinamizar e ser responsável pela reunião de planejamento da instituição... Através da sua atuação e comunicação nas distintas frentes, [como já descrevi noutro “capítulo”](#), leva a sua experiência vivida e “encharcada”, palavra que tantas vezes usa, de um contexto para outro contexto, de uma forma cativante, que põe em ligação e esbate preconceitos. Assim, os estudantes que o ouvem numa conferência, são conduzidos imaginariamente numa visita guiada pelo morro, conhecem crianças e sabem das suas histórias felizes e infelizes, percebem-se conectados... E conta também aos seus companheiros do morro coisas que ouviu dizer a pessoas mais favorecidas, algumas delas fortemente ligadas a causas sociais, como a D. Maria Amélia que dizia que “a pior tragédia na nossa vida não é a morte ou perda de alguém, mas a perda de esperança na vida e nos outros” ... E continua... A mesa no “café da manhã” ou jantar tem sempre lugar para mais um. Um adolescente que procura o padre para lhe pedir ajuda porque quer sair do tráfico é convidado para trabalhar a ajudar outros meninos a saírem ou nem chegarem a entrar. A toda a hora e em todo o lado aproveita para convidar pessoas a envolverem-se e participarem nesta causa de todos, da tal cidade comum. Acho que dá para fazer uma ideia...

Para o padre o seu trabalho só é possível graças à mística. A mística é para ele fundamental para equilibrar o ritmo, para calibrar a disponibilidade, para impregnar de sentido de missão as 24 horas. Assim, parece impossível, mas não deixa de criar ao longo do dia vários momentos de retiro!



Passeios



Poderia descrever muitas, muitas mais situações e tenho também uma lista de exemplos de atitudes que tenho assistido por parte dos profissionais que trabalham com o padre Vilson, que mostram como é partilhada uma mesma cultura e postura. Descrevo algumas:

O Leo, empresário e hoje em dia membro da direção do IVG, ofereceu as bicicletas que faltavam para o projecto do menino que descrevi na [“incursão a outras bandas do morro”](#) poder concretizar-se. O Willian confrontou/questionou um rapaz com quem trocou ideias casualmente num seminário e que falava da pobreza de uma maneira impessoal e pejorativa e convidou-o a ir com ele visitar o morro. O Guga que levou um participante do Procurando Caminho que está a voltar-se para o mundo do tráfico a lanchar em casa do padre e lhe perguntava “o que é que é para ti a vida? O que é para ti viver bem?”. O Diego, que começou como participante e hoje em dia é educador do Procurando Caminho e colabora num projecto empreendedor de conserto e criação de pranchas de surf, quando lhe perguntaram se se sentia parte do Procurando Caminho respondeu “Claro! Visto a camisola todo o dia!” Referia-se a vestir a camisola literalmente. E até contou de vez em quando desafia a sua equipa de futebol a utilizar a t-shirt do Procurando Caminho como equipamento e comentou “assim eles veem que nós somos um desafio para eles”.



A t-shirt do Diego

Para encerrar esta descrição deixo uma música funk ([ver vídeo](#)) que por aqui se ouve diariamente e cujas palavras ouço tantas vezes que até serviram para o título. Fica a deixa para outro dia desenvolver um bocado mais uma reflexão sobre culturas....

05.02.2013 | **Em retrospectiva**

Porque este blogue começou a ser escrito a meio de um percurso de visitas a projectos sociais que tinha começado 5 meses antes, porque ficaria incompleto se não ficassem aqui registados esses primeiros passos, decidi abrir parênteses. Enquanto penso retrospectivamente tomo consciência de um fio condutor que liga as experiências e fundamenta o que agora estou a ver, como estou a ver, onde estou...é um exercício útil e saboroso que terei gosto em partilhar.



Projectos visitados até agora

Procurarei fazer um resumo dos sítios por onde fui passando e do que me chamou mais a atenção em cada projecto, de uma maneira muito subjetiva, tendo por narradores os sentimentos que foram sendo suscitados e as ideias daí geradas...

## 12.02.2013 | KIPP – Knowledge is Power Program

Maio 2012\_NY (The Bronx e Harlem)

O KIPP (Knowledge is Power Program) era talvez o projecto que na América do Norte tinha mais vontade de conhecer. As fontes que produziram esta expectativa foram o site da [Ashoka](#) – onde descobri a existência da organização – e o [site institucional do KIPP](#). A ideia que levava era a de que ia encontrar escolas de alta qualidade e sem limites para a

criatividade, criadas e vocacionadas para oferecer educação e futuro promissores a crianças e jovens que vivem em condições de pobreza e falta de oportunidades... A ideia não estava aquém da realidade, mas respirar aqueles ares, absorver com todos os sentidos o extraordinário trabalho que é desenvolvido nas escolas KIPP deixou-me... comovida (pela positiva, sentir-me identificada e mobilizada pela causa deles), esperançada...

Esta foi a primeira vez que me senti invadida por uma forte impressão de que não há impossíveis. Depois desta, a mesma sensação já me surpreendeu mais vezes, o que me agrada muito e faz desejar que se torne convicção. Vou tentar explicar-me melhor, há coisas que a cabeça não imagina ser possível acontecer e serem construídas até as ver ou ousar formular o desejo... É uma lição e um alento ver que sonhos que nos ocorrem na imaginação nalgum lugar já têm vida própria!

Vou tentar compor o que tanto me impressionou:

Três coisas encheram-me os sentidos simultaneamente, quando entrei naquela escola (a escola onde o KIPP começou), *middle school* – 5º ao 9º ano, no Bronx. A primeira, a estética – a decoração do espaço fazia entrar numa dimensão diferente – de possibilidades. Desde as paredes, às salas, às *t-shirts* dos alunos, tudo ... levava a desejar dar o melhor e mostrar o melhor... inspirava. Senti isso na pele. Ao mesmo tempo, a informalidade e braços abertos com que fui recebida pelo Nick (a minha visita foi imprevista – o coordenador das escolas de NY que estava em Brooklin nessa manhã enganou-se na marcação e agendou o encontro para o Bronx, por isso não estavam à minha espera). E a seguir e aí sim, contra todas as expectativas, o silêncio... A escola é muito pequena, um andar apenas com mais ou menos 15 salas coladas umas às outras. Os professores dão aulas de portas abertas, enquanto filas de alunos acompanhados por professores circulam no corredor. Se não estivesse lá não acreditava no silêncio e calma que se faz sentir e é constante durante o dia. Por estranho que pareça com esta descrição, o ambiente não tem nada de entediante. No "(KIPP II)" disponibilizo algumas notas das observações que fiz para dar uma ideia mais clara.

Passo a mostrar algumas fotografias que captei do espaço e depois continuo:



Outras frases que fui encontrando e registrando:

"Team always beat individual!"

"Do you try very hard even after you fail or get frustrated?"

"It's not magic, it's just hard work"

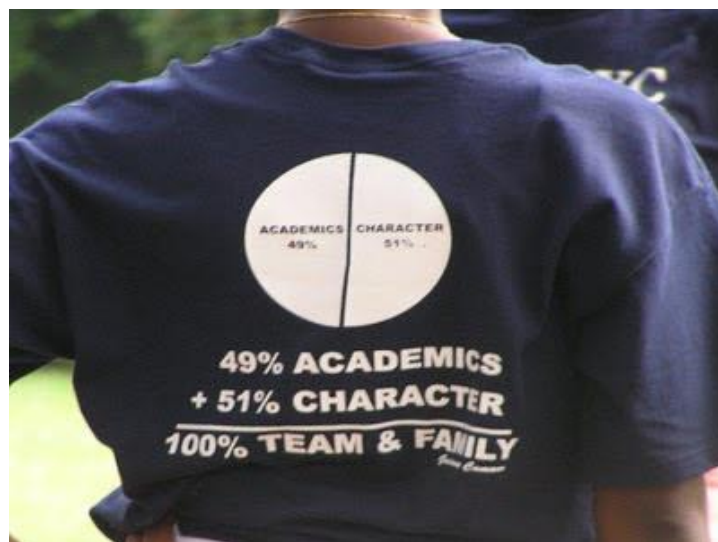
"Work hard. Be nice."

...

Ainda que não estivessem à minha espera, puseram-me completamente à vontade, passaram-me um papel para a mão com a planta da escola e os horários dos alunos e disseram que podia assistir às aulas que quisesse sem pedir licença aos professores. Achei tão estranha aquela indicação que no princípio estava muito relutante para entrar e sair das salas e esperava que o professor olhasse para mim e me fizesse sinal de autorização, mas depois percebi que ali era tão normal terem todos os dias visitas que nem alunos, nem professores davam por nós e, como em cada sala que entrei havia sempre outras pessoas a observar, percebi que seria impossível dar aulas se interrompêssemos cada vez que entrássemos ou saíssemos. Peculiar.

Não há ninguém que esteja ligado àquela escola (funcionários, professores, famílias e alunos) e não tenha o mesmo objetivo: “KIPP alumni climbing the mountain to and through college”, que os alunos escalem a montanha até e pela Universidade. Não há limites para a altura das metas, desde que os alunos não se esqueçam que para chegar lá têm que dar constantemente "o litro" e se lembrem que as metas são coletivas.

A aprendizagem centra-se em 49% *academics* (conteúdos letivos) e 51% *character* (formação humana).



A sua metodologia fundamenta-se numa investigação que identificou *character strengths* (traços/atributos de carácter) que estão na base de uma personalidade bem-sucedida (feliz, assertiva) e selecionaram as 7 *character strengths* que consideraram mais



relevantes para trabalhar com os alunos. Estes traços de carácter são trabalhados de formas muito explícitas e também implícitas e é com base neles que é feita a avaliação de cada aluno.



Já vai longa a descrição e não cheguei à parte que me foi transmitida como a mais importante – a qualidade dos professores e o seu amor à camisola. É o trunfo. Quanto aos alunos, o contexto e história de obstáculos e falta de oportunidades daquelas crianças, contrasta profundamente com a sua postura e atitude, com as histórias de vida que estão a escrever e aquelas que ainda vamos ouvir falar... Uma coisa muito interessante nestes alunos é "as unhas e dentes" com que agarram a oportunidade que sabem que é preciosa. O facto de não terem nada de "mão beijada" na vida permite-lhes valorizar muito a porta que o KIPP lhes abre e, também eles, vestem a camisola com grande compromisso. (Ver testemunho em baixo)

O ideal teria sido conseguir sintetizar mais, mas sempre que decido escrever sobre o KIPP nunca me consigo conter. Interpreto esta “incapacidade” como um bom sinal, porque o KIPP tem muito que se lhe diga.

## 26.02.2013 | KIPP – Notas de campo

Abro este *post* com excertos de uma crónica que escrevi quando visitei o KIPP ([aqui disponibilizo o artigo completo](#) - na altura escrevi para a minha família e amigos, descrevendo não só o projecto mas também o meu olhar sobre os lugares novos que fui conhecendo e o que aprendia ao ser acolhida por famílias que até então não conhecia):

**11 de maio de 2012**

“Desta vez tenho vontade de me centrar em duas ideias que, em diferentes contextos, foram sobressaindo: perseverança /*grit* e força de vontade.

São duas de 7 ideias muito fortes que este programa fomenta. E os resultados? Estão à vista, são palpáveis e mensuráveis, são um “escândalo” positivo. (...) As KIPP funcionam mais ou menos como as nossas escolas privadas (independência e autonomia nos currículos, se bem que neste caso são escolas públicas, ainda que alternativas), mas são criadas para servir os mais desfavorecidos, aqueles que não podem pagar um ensino de qualidade. Isto é, nestas escolas entram as crianças mais pobres das comunidades circundantes. E toda a estrutura, todo o *staff*, cada professor, mas também cada pai e cada aluno, estão profundamente comprometidos com a missão de que cada estudante vá para a faculdade, se licencie, que aspire à excelência, não só a nível académico, mas também humano. (...) Não sou boa em estatística e não vou inventar muito, mas segundo o que me lembro de ter visto hoje no site deles (...), nos EUA só 8% de estudantes *low-income* chegam à faculdade. E segundo a minha memória, 75% dos *KIPPsters* licenciam-se (o que lhes abre portas para o futuro que nunca antes imaginaram). Não são só os resultados. Ter estado um dia naquela escola deixou-me perceber e respirar aqueles ares de forte motivação, de grande estímulo – nas fotografias que partilhei podem ver como a estética também ajuda. (...)

Este era um dos projectos que estava mais curiosa de conhecer e também, até agora, aquele que fico com mais vontade que, de alguma maneira, chegue a Portugal..."



## NOTAS DE CAMPO

**Observação aula 6º ano – Reading (Middle School - The Bronx)**

Estão 9 alunos na sala e, para além da professora, encontram-se também na sala três visitas (onde me incluo).

Os alunos mostram-se animados e entretidos. Falam, dizem piadas. Não estão a portar-se mal, mas no princípio não ouviam a professora. Quando a professora quis começar a aula bateu palmas num ritmo específico, aos que eles automaticamente responderam noutro ritmo, ficando a seguir mais silenciosos.

Depois disso, a professora fez um *countdown* para todos se prepararem para começar a aula. Esse exercício pareceu contribuir para que os alunos se concentrassem e fizessem total silêncio. A aula começa com uma leitura conjunta de um texto do livro de leitura. A professora lê a maior parte e em cada frase faz silêncio num determinado momento e eles completam em conjunto, acrescentando expressão e tonalidade à leitura. No meio da leitura a professora pedia para os alunos representarem as expressões que estavam a ler (por ex.: susto). Eles tinham, desde o início, uma pergunta para responder: *why does Louisa return home?* Foi-lhes dado um papel amarelo onde eles teriam de responder. Mais à frente, na leitura, fizeram um intervalo para discutir o que queria dizer uma palavra: “impostor”. Depois dos alunos darem as suas opiniões a professora pediu exemplos de filmes ou livros que conhecessem que abordassem esse conceito. Os alunos participaram entusiasticamente.

[Nota: Parece haver um constante estímulo da criatividade dos alunos e um apelo à sua participação, a que deem a sua opinião. O comportamento descontraído dos alunos mostrava que estavam à vontade, ainda que respeitosamente. Pela sua atitude nota-se que estão muito envolvidos e parecem divertidos com o conteúdo e dinâmica da aula.]

É uma sala típica de aula. A diferença em relação às salas de aula correntes é que esta tem várias fotografias de alunos antigos a fazerem viagens e diferentes frases e imagens motivadoras.

### **Observação aula 2º ano - Elementary School (Harlem)**

Quatro crianças deixaram as tarefas que estavam a fazer para nos virem dizer olá e darem-nos um aperto de mão. Soubemos depois que eles tinham sido designados nesse dia com essa tarefa. Acolher as visitas faz parte das tarefas habituais que eles têm na sala de aula. O



objetivo dessa tarefa é que os alunos aprendam desde pequenos *social skills*, tais como relacionarem-se com mais velhos, ser bem-educados, postura, olhar nos olhos...

Na sala têm musica muito calma a tocar e num volume baixo. Os alunos estão silenciosos. A professora fala baixo com eles. Estão sempre duas professoras com eles nas aulas. Uns alunos estão no computador, outros a ler, outros a desenhar e vão trocando.

Uma vez por mês, nos Sábados, na *Elementary School*, os pais vão à escola e participam numa atividade comum preparada para eles (por ex. plantar árvores no jardim).

No KIPP *Infinity Elementary* encontrávamos alguns professores com alunos (grupos pequenos, de 3 ou 4 alunos) sentados no chão, no corredor, fora da sala. (...)

#### **Para finalizar alguns comentários de um professor...**

"So, the purpose of KIPP Academy is to demonstrate that there are children everywhere capable of learning and achieving success. We have something that we say: "demographics is not destiny". Ok, so "demographics is not destiny" is at the core of what we believe. Sometimes people say that if a student is poor, if they come from a single mother family, or are from an ethnic minority group, then they don't have the same ability to succeed. And what we would say is no, maybe there's not equal access to education, or maybe there aren't the same sorts of professional networks that you were speaking about, there's not the same possibilities, resources to improve their lives, but once you get people access to opportunities then they are the same, they have the same capabilities, as anyone else."

"So, I think..aa, one of the things that.. do you know the word misconception? So, a common misconception is that every person that lives in a tough neighborhood in America is poor or has no possibilities in life. That's not true. Basically, in America the way it... often times if a neighborhood's population is black or brown for the most part, then people say it's a ghetto and a lot of white Americans are afraid of it, but what they don't know if they have never been to these places is that you've got lots of prosperous hard-working people that live in these neighborhoods, they are just not rich, you know, so they cannot afford, and maybe don't want to live somewhere expensive. But it doesn't mean that they are not ethical, moral, productive members of society... Yes, there's the reality of living in a tough area, and our kids here have

less opportunities and know they are not going to get second chances the way a kid from a wealthy background would."



## 27.02.2013 | Fundación Laudes Infantis – Continua construcción de vidas y sueños



Para apresentar a [Fundação Laudes Infantis](#), começo por partilhar excertos de um texto que escrevi depois de ter passado uma semana em Bogotá ([ver artigo completo aqui](#)) que pode explicar porque decidi voltar e ficar a colaborar com a Fundação durante um mês:

Bogotá, 7 de dezembro de 2012

Bogotá não deixa de me chocar com o tamanho, com a dimensão... com a quantidade de pessoas... Segundo o último censo que foi feito são 8 milhões de habitantes. (...) A estrutura da

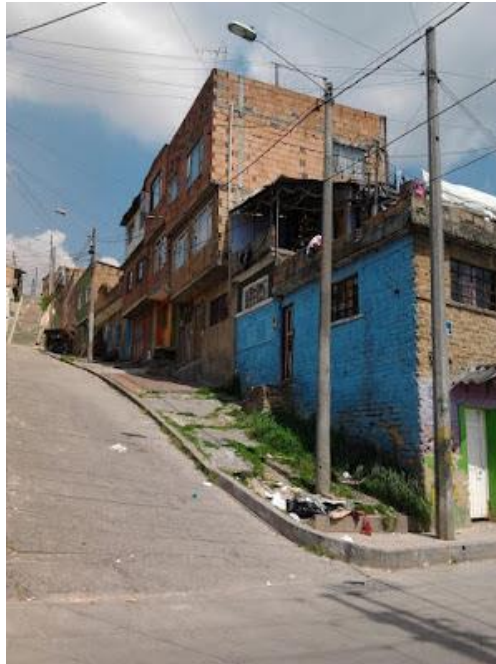
cidade é dividida por estratos – do 1 ao 6, consoante a média do rendimento dos habitantes dessa zona. Segundo me disseram, esta organização gera uma grande segregação. Em geral, na zona sul da cidade concentram-se os estratos mais baixos e nas montanhas os que estão na base da hierarquia. Foi nessas zonas que a organização Laudes Infantis se implantou e tem vindo crescendo – Ciudad Bolívar e Usme. Estima-se que essas localidades alberguem cerca de 3 milhões de pessoas, na sua maioria *desplazadas* das zonas rurais, por causa da guerrilha. Diferente do Brasil, em que uma das principais problemáticas é o tráfico de drogas, na Colômbia essa é uma questão secundária, isto é, o narcotráfico subsidia o conflito central – a guerrilha, que dura quase há um século e que parece continuar longe de ter um termo. Perguntei porquê. Disseram-me que há muitas pessoas com muito poder que se beneficiam com ela. (...)



Naquela conversa de boas-vindas, a Jackie (fundadora) perguntou-me o que entendia por pobreza. A pergunta apanhou-me de surpresa, pensei em falta de oportunidades, falta de expectativas... A Jackie disse-me o que pensava: “pobre é aquele que não sonha”.

Vou tentar resumir em poucas palavras o que trago comigo dos dois dias em Rafael Uribe (comunidade onde o projecto está a iniciar) e em Ciudad Bolivar (comunidade onde o projecto decorre há 13 anos)...

### **Rafael Uribe Uribe**



Acompanhando o Beimar, um senhor com uma história de vida com pano para mangas, “aprendi por osmose”. Respira comunidade. Com ele fui percebendo do que é que o trabalho social se trata. Deixar-se transformar e influenciar na relação, desenvolver e descobrir um projecto de vida, não ser protagonista, para que cada pessoa possa ser protagonista da sua



própria mudança, vermo-nos cidadãos... Cada uma destas palavras condensa muitas atitudes, princípios e valores que vi serem naturalmente vividos e transmitidos pelo Beimar. A resposta da comunidade que até então não nos conhecia? Dar-nos as boas-vindas e envolverem-se desde o início na construção do projecto. No primeiro dia que fui conhecemos as crianças e famílias vizinhas, no segundo dia tinham trazido ferramentas para cortar a relva e sumos para matarmos a sede ao longo do dia e juntos avançámos com a limpeza do futuro espaço do projecto. Para celebrar o bom trabalho em equipa fechámos a jornada a jogar futebol! Nesses dias pude ver os pequenos/grandes passos dados quando se inicia um projecto, desde a sua origem e base, com a comunidade. Começou com muita escuta, espírito de partilha, reciprocidade e disponibilidade, principalmente.



## Ciudad Bolívar



Quando voltava de autocarro para casa, depois da visita ao bairro Bella Flor onde a Fundação Laudes Infantis nasceu, pensava que estranho era que a zona mais à margem de Bogotá, onde poucos transportes chegam e as infraestruturas faltam foi a zona a que mais me liguei e onde me senti melhor. Ter estado ali foi para mim um abanão. Naquelas montanhas consideradas em tantos aspectos perigosas e não recomendadas a turistas, pude ver como a confiança leva longe, como os impossíveis são mitos. Os espaços comunitários: coloridos, com gosto, alegres... A quase 3000 metros de altura, um autocarro entre paredes, decorado de maneira artística...lá dentro revela-se uma estação de rádio local – vim a saber que tinha sido ideia de alguns jovens, tornada realidade. Crianças com 9 anos, pequenos grandes líderes comunitários, assumem responsabilidades importantes no projecto. Perguntei a um deles que função desempenhava como líder. Disse-me que era coordenador do “banco de trueque”. Perguntei-lhe o que fazia. Explicou-me que quando uma pessoa chegava a ouvia e depois perguntava-lhe “que sabes hacer? ¿Que te gusta?”. Nessa metodologia da troca (troca afetiva que convida à reciprocidade) assenta tudo o que pude ver construído, tanto o especto dos espaços, a forma como os decoram e os enchem de simbolismo e significado, como (e penso que essencialmente) o fortalecimento das pessoas, da confiança, do sentido de capacidade e responsabilidade, de cidadania...

Contavam-me que as pessoas destas comunidades são tidas e têm-se como inválidas, inúteis, pensam que não servem para nada, que são um estorvo. Então, acostumam-se a pedir, ficam



preguiçosas. E assim chegam à Laudes Infantis, a pedir. Aí é-lhes feita a pergunta “O que tens para dar?”. A resposta mais típica é “nada, não sei fazer nada.” Podem perguntar depois, “- O que é que costuma fazer no dia-a-dia?”. “- Pouco saio de casa, só cozinho para o meu marido e filhos”. “- Então poderia organizar um curso de culinária para as crianças?”. Pode parecer mentira, mas o que é hoje uma grande e muito reconhecida organização começou com estes simples passos. E não tem parado de crescer. Os testemunhos das pessoas que têm feito parte deste processo são dignos de ser publicados (mais um propósito para as próximas edições do blogue!).



Voltei para casa a sonhar, parecia que choviam ideias.

Para ver com os próprios olhos recomendo o vídeo disponibilizado no post "[Em retrospectiva](#)", na secção da Fundação Laudes Infantis. Acho muito bem conseguido.

## 13.02.2013 | Laudes Infantis – O líder que há em cada um

Aquilo que mais encontro quando visito as comunidades onde a Fundação Laudes está a crescer são líderes. Líderes de todas as idades. Com 7 anos já trocam aprendizagens, já organizam *talleres* e têm grupos de participantes que coordenam. Até aos avós ninguém fica de fora. São líderes de mão cheia, como aqueles que desejamos ver a representar os nossos países e a educar as novas gerações. Desde pequeninos aprendem que ser líder é ser uns para os outros, estar ao serviço, multiplicar as aprendizagens e as capacidades...

São todos estes líderes que assumem a coordenação dos trabalhos da Fundação em cada comunidade. Onde a Laudes Infantis chega não se vai mais embora, mas quem veste a camisola são as pessoas que já lá estavam antes, são elas que assumem a responsabilidade de aproximar e potenciar as suas comunidades.



A espiral representa a continuidade, as possibilidades concentradas nos sonhos

**Surpreendeu-me o que aconteceu nos primeiros dois encontros com um grupo de alunos de 11º ano que foram desafiados a participar num *taller* de liderança que lançámos, na nova comunidade onde Laudes acabou de chegar.**

1º encontro: Apresentação – Sonhos? – Sonhavam alto! Manifestavam vontade de aprender e tirar um curso para poder vir a contribuir para o país e para as suas comunidades.



2º encontro: Desafio de representarem de forma totalmente livre o que é para eles a liderança numa só peça/obra/demonstração – uma hora para preparar.

Este desafio tinha um objetivo explícito e outro implícito: queríamos que o *taller* começasse com o mote e participação deles, que fossem os participantes a dar o tom e a refletir com total liberdade sobre o significado que liderança tem para eles. Implicitamente também esperávamos que se confrontassem com o impasse de terem que organizar-se entre 16 pessoas para chegar a uma apresentação que espelhasse as suas ideias e perspectivas, tendo que assumir lideranças e, supúnhamos, gerir conflitos para conseguir atingir o objetivo que lhes tinha sido proposto como atividade inaugural...

O resultado foi surpreendente e muito animador para todos. Prepararam uma peça de teatro de meia-hora. O argumento era bastante representativo das suas preocupações e sonhos. Retratavam a rotina de duas famílias que viviam em Bogotá “em mundos completamente diferentes” – uma família favorecida e outra desfavorecida. Exploravam a maneira como interagiam e como estavam interligadas. Finalmente, uma catástrofe natural – terremoto – leva a que todos tenham que reorganizar-se e reagir, sendo posta à prova a sua solidariedade e capacidade de liderança.

Registei alguns comentários dos participantes, quando refletimos sobre aquele exercício e o seu conteúdo. Acho que são uma amostra do que um processo de desenvolvimento de lideranças pode gerar:

“Los colombianos somos muy recursivos.”

“Ayudar a los demás es como ayudarse a si mismo porque también podemos necesitarlo.”

“Cuando se trabaja en equipo, cuando se trabaja en grupo... cuando cada uno aporta un poquito... podemos hacer cosas pequeñas como esta, pero también cosas mucho más grandes... ¡Se pueden lograr grandes cosas!”

“Aprendí que todos aquí somos líderes. Somos líderes en creatividad...”

“En la familia de los ricos siempre hay personas de buen corazón.”

“Unidos jamás seremos vencidos.”



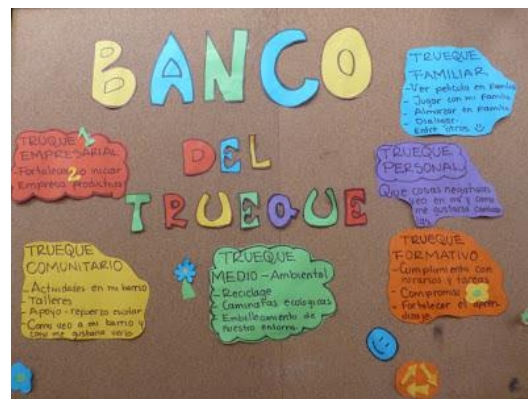
## 04.03.2013 | Laudes Infantis – Entrar num espaço mágico

Citando a coordenadora da Escuela de Formación Laboral con Enfoque Empresarial da Fundação Laudes Infantis em Usme: “Cuando vine acá por la primera vez pensé que estaba entrando en un lugar mágico”. Quando me contou tive a impressão que a Paola tinha acabado de ler o meu pensamento!

### As redondezas



### A escola vista por dentro



"En casa hacemos trueque constantemente...Ya son mis hijos que me lo recuerdan."



Salamandra: "Porque le cae un dedito, le cae la cola y ella se vuelve a recuperar por si sola"



Espaço para representação - preparar a entrada no mercado de trabalho



Os trabalhos feitos nos *talleres* coordenados por "mini-líderes"



O símbolo da família



Corte e costura para geração de ingresso

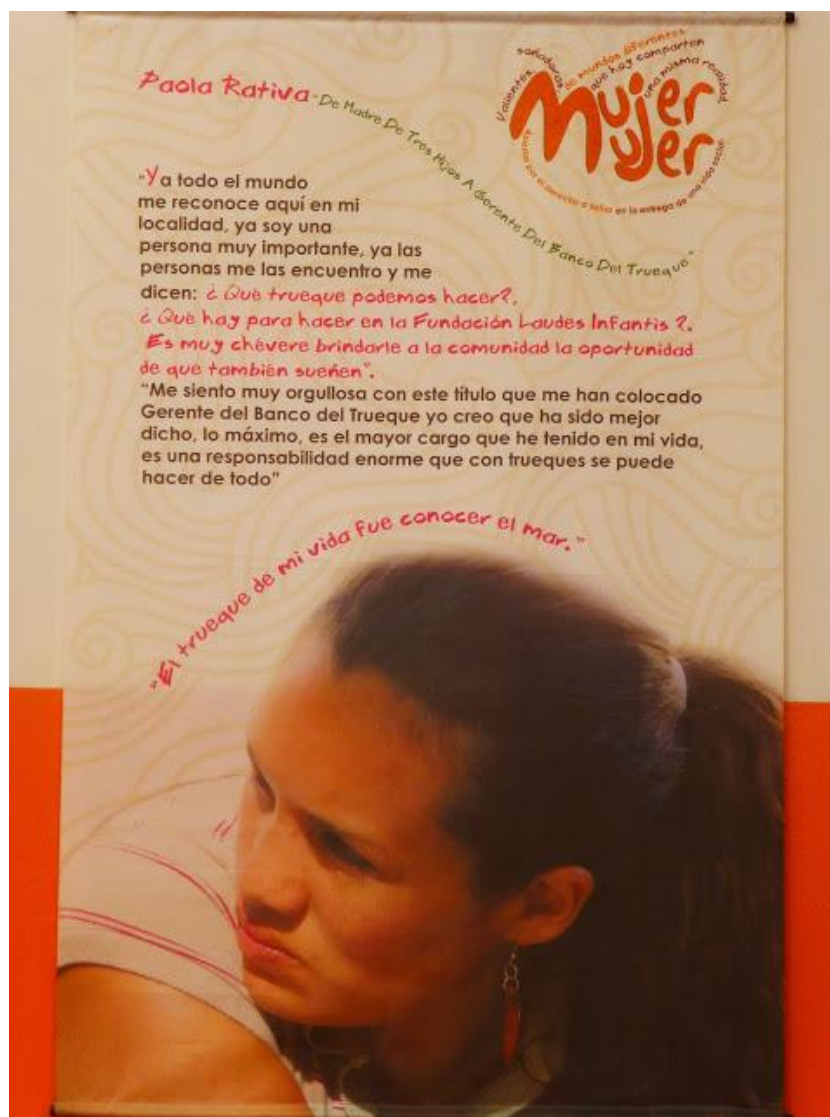




Onde as crianças se juntam para estudar



A vista por entre espirais - o símbolo da continuidade



Testemunho da Coordenadora

15.03.2013 | Circo Volador – Observação participante

Junho 2012\_Cidade do México

Este *post* é uma versão resumida da crónica que escrevi em junho de 2012 (versão completa [aqui](#)).



Antes de chegar ao México todas as pessoas me diziam que era muito perigoso, para ter cuidado. Um polícia em NY chegou a dizer-me que gostava de ir ao México, mas não ia porque tinha medo. Em vez de hostil encontrei uma cidade muito hospitaleira. Como verdadeiros latinos, os mexicanos são calorosos a receber, bem-dispostos. Na Cidade do México vi contrastes e diversidade. É uma cidade que parece que contém várias lá dentro: os "Champs Élysées" de Paris, as favelas do Brasil, espaços muito europeus, outros muito norte americanos, outros muito marroquinos... Só a Cidade do México tem o dobro das pessoas que há em Portugal inteiro... Pode notar-se no metro, onde a expressão "sardinhas enlatadas" se aplica literalmente a pessoas.



O projecto do Circo Volador tem muito que se lhe diga. Não é um circo, mas um centro de workshops de arte (e desporto) e cultura. Oferece a oportunidade de aprendizagem não formal e profissionalização para quem não vai à escola e para quem vai. Um ambiente *underground*, que pretende ser a expressão daquilo que os jovens a quem se dirige querem que seja, que procura atrair a inclusão e assim traduzir-se em diversidade. Um espaço que se define por não olhar a aparências, que convida à liberdade de cada um para ser quem

é, como é. O que me cativou mais? Fácil, as pessoas e as aulas. A exigência e qualidade do que os “maestros” ensinam e como ensinam. A aproximação lenta e a imersão naquela cultura para mim alternativa. Ter a oportunidade de fazer uma observação participante num contexto de desporto foi outro ponto alto! As aulas de dança aérea eram uma tortura e um espetáculo. Treinava quatro dias por semana e dois dias a aula durava 4 horas e fazia-se um aquecimento militar nas primeiras duas horas. Resultado, ainda hoje me doem os músculos e naquela altura parecia uma vítima de guerra, completamente de rastos fisicamente.



Tema da decoração "o purgatório" – pintado por um jovem que pretendeu expressar as perspectivas de vida da sua geração, no México



Graffiti | Identidade do bairro - O mercado das flores





Taller de Cartonería y Alebrijes



Taller de Danza Aérea



Rádio - Tolerancia Zero

...

Passado quase um ano, o que é que ficou mais gravado na memória?

A maneira como me abriram as portas e entregaram ao projecto, considerando-me "uma deles" enquanto lá estivesse. Deram-me a oportunidade de participar em todas as atividades que quisesse, tinha carta branca. Como aluna, em duas semanas aprendi coisas que antes de chegar ao Circo Volador nem sabia que existiam... Pude sentir na pele como as expectativas dos professores em relação aos participantes eram altas, como se criava naturalmente um espírito coeso de grupo, como respondemos quando acreditam nas nossas capacidades e nos desafiam a "dar o litro". Pude viver o ambiente daquele espaço e perceber o significado que está por detrás daquele estilo de expressão artística, da cultura, da forma de vestir e de estar. Não me esqueço do que uma participante me disse "visto-me assim porque não quero relacionar-me a partir da aparência".



Primeiras aulas



Progressos finais





A minha peça de cartonería



Depois de assistir à "lucha libre" - Com talleristas e participantes do Circo Volador



Maestros de danza aérea

## 31.03.2013 | Circo Volador – Amor à camisola

Falaram-me de amor à camisola - profissionais e participantes. Todos falavam orgulhosamente da sua pertença ao Circo Volador. Contavam que gostam de se dizer parte daquele projecto, que a sua identidade se identifica e ganha estrutura com a identidade do projecto. A ligação àquela organização mostra alguma coisa deles próprios, daquilo que gostam e querem transmitir ao mundo. Todos sentem o Circo Volador como seu, reflexo do seu contributo, uma marca que é visível e tem impacto na Cidade do México.

Fiquei a pensar nas Organizações sociais (IPSS, ONGs) em Portugal. Há amor à camisola? Há um sentimento de orgulho partilhado por participantes e profissionais? "Eu sou participante/utente/cliente da instituição X". O que é que essa afirmação diz sobre a minha identidade e posição/papel na sociedade?

O amor à camisola parece dizer muito da qualidade de uma organização. Não quero perder de vista a importância de potenciar este sentimento (de orgulho) de pertença.

## 31.03.2013 | Circo Volador – Inter-change-makers

À conversa com o fundador do Circo Volador - Hector Castillo, entre muitas ideias que me chamaram a atenção, uma destacou-se particularmente... Atingir objectivos que visam o bem-estar social e comunitário é um trabalho conjunto. Nas palavras do fundador, é um desafio para *inter-changemakers*:

O sea, no es "yo cambio a la gente", eso no existe, los *changemakers*, ¿no? Yo no creo en los *changemakers*. Yo creo que el cambio tiene que ser un cambio reciproco. Propongo un cambio y tú me cambias y entonces más que cambio se vuelve un intercambio, ¿no? Y entonces, *inter-changemakers* me parece mejor como término, ¿no? Porque el otro es muy soberbio "I am a *changemaker*, don't be...". "I am an inter-changemaker", yo cambio también. La gente lo tiene que tener claro, ¿no? Entonces el primer *tip* es: no creas que eres un *changemaker* (...) Escuchar de los otros es lo primera regla que les propondría. La básica, la fundamental, porque a partir de ahí viene, viene todo lo demás, ¿no? Pues eso tiene que ver un poco con humildad, tiene que ver un poco con sensibilidad, tiene que ver un poco con paciencia."

## 31.03.2013 | Circo Volador – Mestre-aprendiz-mestre-aprendiz

A primeira vez que entramos num *taller* do Circo Volador, se não formos diretamente apresentados ao "maestro" por alguém, vamos demorar até descobrir quem é. O maestro é outro no grupo, tem a idade próxima à dos participantes e também entrou no Circo Volador, habitualmente, como aprendiz. A lógica é de partilha do conhecimento - participantes e *talleristas* alternam os papeis de aprendizes e maestros constantemente. O ambiente é por isso de confiança e humildade, de troca. O Circo Volador está preparado para criar condições para cada participante desenvolver as suas capacidades e talentos. Dá a oportunidade a todo o aluno que se quer converter em *tallerista* de abrir a sua própria aula, escolher livremente a temática e responsabilizar-se pela coordenação e liderança da turma. Os professores não vêm de fora. São esses alunos entusiastas que encontram na arte/dança a sua paixão e assumem a continuidade dos talleres ou lançam novos.

Resumiria assim a maneira como captei a visão do projecto: que todo aquele que faz parte do Circo Volador se torne cada vez mais mestre e aprendiz. Este talvez seja um dos segredos do forte amor à camisola que lá encontrei...



## 09.04.2013 | Middle Class Express



Maio 2012\_Raleigh, Carolina do Norte

Este post é uma versão resumida da crônica que escrevi há um ano (versão completa [aqui](#)).

Entreguei a carta de agradecimento que se segue à equipa de profissionais que me recebeu de braços abertos no Wake County Human Services, em Raleigh. Esta é a maneira mais genuína que me ocorre para vos fazer chegar notícias da etapa que passou:

*To all that so kindly have hosted me and made me feel at home in a place so far from my country, to all passionate professionals that I had the privilege to meet and learn from, to Wake County Human Services and his big-hearted director, I want to say thank you so much. The way I can show how I appreciated these two weeks and everything that Wake County Human staff did for me is to tell you what I learned. I am also willing to put in practice somehow what this journey is teaching me.*

*I learned that all human being can build "other life": if I believe and feel that the person who comes to me asking for help has a great potential, has dreams, deserve to go forward in life and has the power to do it, windows of hope can be opened, can be enhanced...*

*I learned about leadership, that I should try to find what motivates every person that I work with.*

*I learned that change needs persistence, and persistence, and persistence.*

*I learned that complex challenges take a team of mad and trusty people to address them. And even if you don't know for sure how to address the poverty and exclusion cycle it's worthy to try! Collaboration, great expectations, motivation (find the spark) are needed. Also goals, progressive incentives and social policies updating...*

*And to let others affect you and teach you it's also a way of connecting with people, and let their sense of power be developed!...*

*It was a privilege to be surrounded for such inspiring people.*

*Thank you so much for everything that you share with me!*

(Um ano depois estou de volta, desta vez para fazer uma formação intensiva em *Life-coaching* - que é o segredo do programa MCE. Tem muito que se lhe diga em próximos capítulos.)

## 15.04.2013 | Middle Class Express – Human capital development

O Wake County Human Services, em Raleigh, Carolina do Norte é um departamento semelhante à Segurança Social, em Portugal. Tem definida a seguinte missão:

*Wake County Human Services, in partnership with the community, will anticipate and respond to the public health, behavioral health and the economic and social needs of Wake County residents. We will coordinate and sustain efforts that assure safety, equity, access and well-being for all.*

Se bem que são grandes as intenções dos profissionais que ali trabalham, muitos descrevem a sensação de impotência ao olhar para a recorrência de problemas e necessidades daqueles que os procuram com mais frequência. Antes de chegar o novo diretor, que veio revolucionar o sistema e a visão daquela organização, consideravam-se uma *safety net* (ou boia de salvação), procuravam providenciar os recursos básicos para garantir a sobrevivência e as necessidades básicas dos cidadãos que serviam. Com a chegada do diretor novo, Ramon Rojano, uma proposta foi lançada: a linguagem e objetivo transversal a todos os serviços passaria a ser o *Human Capital Development*. Por *Human Capital Development* entende-se a criação de uma cultura de oportunidade e conexão, onde todos os profissionais acreditam que cada cidadão merece viver uma vida plena e deve aspirar a metas de bem-estar, tendo potencial para as prosseguir. Assim os profissionais estão comprometidos não apenas com a sobrevivência, mas com os projectos de vida e bem-estar dos seus cidadãos. É neste contexto que o Middle Class Express surge como ferramenta: "the goal is not to fight poverty, but to build middle class".





Em resumo e com algum detalhe, como é que esta ideia nova está a fazer a diferença na forma de abordar os serviços sociais:

A IDEIA - ir mais longe do que a *safety net*... numa instituição equivalente à Segurança Social. **Todos os seres humanos merecem ter uma vida plena.** O papel dos serviços sociais é serem parceiros (partilhando recursos, num percurso de mútua aprendizagem) na construção de projectos de vida desejados, individual e socialmente.

O CAMINHO - ***Life-coaching* e *networking*.** *Life-coaching* é oferecido gratuitamente a todos os cidadãos que pretendam formular objectivos e investir o seu esforço e perseverança para os atingir. *Life-coaching*, habitualmente disponível para poucos (chefes e líderes com poder económico), é oferecido a todos, começando pela base. O *coach* faz um compromisso de 5 anos com o participante, disponibilizando-se para o acompanhar na prossecução dos seus objectivos, tendo em conta 8 indicadores (emprego, finanças, educação formal, formação e competências, *mindset*, acesso a recursos, estilos de vida saudáveis, comunidade e família). Algumas sessões de *life-coaching* são feitas em grupo e são também propostas diferentes atividades de convívio e formação. No grupo os participantes têm a oportunidade de partilhar recursos, multiplicar boas ideias e encontrar confiança e suporte para continuar a lutar pelos seus objectivos.

O COMBUSTÍVEL - **sonhos** ("see it, smell it, taste it, claim it" - "how does it look like?") e **esforço** ("investing in yourself" - "participants are going to put work in what they think is important"). "Here is where you are, here is where you want to be, how are we going to do to get there?"

A DIFERENÇA - **profissionais com visão e comprometidos com a causa**. Respeitam e valorizam as diferenças dentro da equipa e com os participantes. Dessa forma complementam-se e aprendem uns com os outros.

## 25.04.2013 | **Balanço das viagens**

De volta a Portugal. Depois de três etapas a viajar por lugares antes desconhecidos, a ser recebida em grande parte por pessoas que nunca tinha visto e não sabia que existiam, faço um balanço.



Sair sozinha, "à aventura", tem tanto de desejado como de sensação de risco e imprevisibilidade. O desconhecido gera em mim atracção e reticência. Vulnerabilidade não se pode negar que faz parte da condição de viajante - sou despistada, vou sozinha. Voos seguidos, cidades desconhecidas, novas regras, espaços (muitas vezes tidos por inseguros) e culturas, estar dependente da ajuda e apoio de pessoas que não conhecia. A consciência da possibilidade da morte está mais presente. Isto muda a maneira de estar e pensar.

Ao longo da viagem superam-se os motivos que me levaram a desejá-la e a concretizá-la. As aprendizagens sucedem-se, são muito gratificantes. Impressões de agradecimento e serenidade tornam-se o pano de fundo. O meu modo de funcionar muda completamente - a vida agitada fica em Portugal e passo a assumir a responsabilidade de tudo o que faço. Fora dos meus círculos e ambientes habituais encontro espaço para descobrir o que gosto e desgosto genuinamente, longe de convenções. Porque o ritmo de vida muda, assim como os cenários, dou por mim a ter mais ideias e pistas em relação ao projecto de vida. Estou mais atenta e em contacto com o que me realiza. Assim, olho para estes meses em que estive fora como temporadas em que desfrutei de uma grande tranquilidade, liberdade e descoberta de coerência.

Se a ideia de viajar sozinha metia algum respeito ao imaginar, na prática revelou-se uma espetacular surpresa. A disponibilidade e atenção para reparar no que me rodeava, a "desproteção" que permitiu conhecer o bom fundo de tantas pessoas que me ajudaram, o treino de capacidades subdesenvolvidas por não ter ninguém a quem "me encostar"...

Em viagem, as situações de contraste exponenciam-se. Deixamos para trás a zona de conforto e assim abrimo-nos à diversidade. É tão curioso encontrar afinidades fortes com pessoas que vivem a mais de 8000 km de distância como aprender com estilos e histórias de vida radicalmente diferentes da nossa. Nestas trocas os preconceitos são desmontados, novas perspectivas são integradas e uma linguagem comum expande-se.

Ir ao encontro de diferentes contextos e culturas também traz muitas novidades a que não posso ficar indiferente. Conhecer as condições de vida nas montanhas de Bogotá e na periferia das cidades brasileiras, os costumes nos EUA, ouvir diferentes linguagens, perspectivas e versões da história, descobrir heróis locais....faz perceber como todos nos inter-relacionamos. Esta consciencialização, aproximação da diferença, leva-me a situar no mundo, a perceber os privilégios que ganhei sem mérito e que me permitiram ser quem sou. Assim cresce um desejo de co-responsabilização na construção do bem-comum.

Resumindo as principais descobertas da viagem:

- O que gostamos a sério e não porque os outros aprovam ou desaprovam;

- O espaço e tempo para sermos mais criativos e nos dedicarmos ao que queremos dedicar-nos;
- A positividade da diversidade e diferença;
- A boa vontade das pessoas...
- A alegria de viver na simplicidade e busca de coerência;
- A conexão entre as pessoas, a responsabilidade uns pelos outros.



17.09.2013 | [A Pressley Ridge nas palavras da Tina](#)



Conhecemos a Tina numa reunião de acompanhamento da Pressley Ridge. A sua simpatia e abertura levou-nos a encontrar com ela mais vezes e, mais tarde, a desafiá-la para publicarmos parte de uma conversa que nos marcou. A Tina é participante da Pressley Ridge. Fala-nos com emoção e com o conhecimento de causa de quem vive e sente na pele o que conta:

### **À primeira vista - acolhimento**

*Digamos que, senti como se fosse um porto de abrigo... Sei lá davam-me sempre aquela força ou faziam-me ver que, da maneira como eu me estava a sentir, porque eu sentia-me muito mal e sentia que, sei lá, era uma inútil e não servia para nada. Sentia-me um lixo ou algo, que não sou capaz de fazer nada, que não sou capaz de cuidar dos meus filhos ou de lhes dar um futuro como deve ser. Então dizem-me que a vida nunca foi fácil... Quem tinha dito isso é mentira, a vida foi sempre... foi com obstáculos e, lá está, nós temos sempre de superá-los e tentar alcançar os nossos objectivos. Temos de fazer planos, um de cada vez, definir prioridades e tentar reorganizar a minha vida porque estava numa autêntica bola de neve. Ainda está, mas já está menos, com a ajuda delas, porque se fosse sozinha não ia conseguir. Ajudaram-me, digamos assim, a chegar a várias instituições, que não sabia, que podia ter aquela ajuda. Não me perguntaram porquê ou como ou como é que eu me deixei chegar àquela situação, ajudaram-me, ou digamos que estão ainda a ajudar-me, a levantar do chão, mais do que a minha própria família.*

*E depois estão sempre com um sorriso. Elas têm a vida delas, têm os problemas delas e não sei quê e depois chego aqui e elas estão sempre de braços abertos para apoiar. Qualquer uma delas, porque há outras que eu nem sei os nomes e dizem "olá tudo bem?" E eu fico assim um bocado, também não conheço, mas sei que é daqui. Mas chegam todas e não sei... é como abrir os braços. Não sei explicar, é mais isso, sentimos um porto de abrigo.*

### **Potencial na mira - encorajamento**

*Porque no momento em que eu própria duvidei de mim, elas nunca desistiram e diziam, dizem e ainda continuam a dizer que eu tenho capacidades para tal ou até para muito mais, que elas sabem que eu tenho capacidades para mais, que eu posso chegar muito mais além. Mesmo quando eu digo "ai não consigo ou desisto ou fico por aqui", elas "mas porquê, se tu consegues chegar mais? Tu não és de ficar assim". Mas é aquela coisa da luta, esforcei-me um bocadinho, mas já estou cansada mas, lá está, nunca se alcança nada sem se ter uma grande luta.*

## **Sonhar ou não sonhar - foco nas metas**

*Consegui tirar o 9º ano já tenho o certificado. Comecei o 12º, o meu filho adoeceu... Ainda não conclui, mas estão-me sempre a dizer "vais ter de concluir, vais chegar mais a frente. Continua, segue atrás dos teus sonhos". Tanto que eu já disse, "eu não tenho sonhos pode ser objectivos?". Ela disse "não, toda a gente tem sonhos, há que tentar alcançá-los".*

*Quero ir à luta. E elas dão o incentivo para andar à procura!*

*A minha autoestima agora não está muito, está outra vez em baixo, mas já melhorou. Fiquei um pouco mais aberta em relação a conversar com pessoas, a falar, a confiar. Quer dizer com os nervos talvez fique com um pé atrás... Aprendi a controlar a minha raiva, bastante, e a respirar muito, aprendi muito em relação a isso. Aproveitar muito os momentos com os meus filhos, cada cinco minutos, entre o comer está no fogão e estão a fazer os trabalhos, estamos a brincar. Às vezes até sou pior do que eles, deitada ali no chão. Esses momentos é que me fazem lembrar "olha a Tina queria ser educadora de infância, a Tina"... Digamos que me falta a alegria mas pronto agora aos poucos... Fiquei muito fechada, ressentimentos... Fiquei com muita mágoa. Portanto o sentimento mau ainda está cá, mas está a libertar aos poucos. Antes não falava, não tinha relação.*

*Antes de ter os meus filhos, mil e uma ideias, "termino a escola, compro um jipe, dou a volta ao mundo"... Parou, estacionou. Por isso é que eu digo que gostei muito do teu trabalho, porque gostava de estar em cada parte e ter essa experiência de vida. Também estacionou...*

## **Sabedoria na colaboração - participação e autoria**

*Não sei explicar, mas pronto, digamos... é como ter uma criança digamos de dois anos, três anos. Ela pensa que não sabe se alimentar sozinha, quer dizer sabe-se alimentar sozinha, certo? Olha, está ali a papa e a criança está à espera que... sabe que está ali a papa, tem fome, mas está à espera que lhe ponham na boca. É o que eu encontro aqui, digamos que, elas dizem temos que fazer assim, assim, assim e assado, "tens de organizar a tua vida e isto, isto e isto, objectivos? E etapas?", mas não fazem "ai coitadinha da Tina, deixa-me ajudar-lhe a fazer isto, deixa-me ir buscar-lhe os papéis e não sei quê porque ela é uma coitadinha". Ajudam a procurar os meus objectivos, mas não é eu chegar aqui e encontrar a papinha toda feita.*

*Também tem de dar aquele gozo de eu lutar e sentir que eu lutei para aquilo que eu quis e cheguei ali acima e venci porque lutei e ter aquele gozo de ter aquilo que é meu.*

*Eu cheguei aqui parecia uma babona com o meu certificado do 9º ano a mostrar-lhes e elas "ganda festa" e não sei quê. E então? Soube tão bem, estava maluca, não queria que aquilo dobrasse, assim toda feliz! Mas é assim, dá outro gosto à vida lutar do que, digamos, ter a papinha toda feita porque, lá está, é aprender a dar valor às coisas. Lá está, é como pagar uma conta da luz. Se for a minha mãe a pagar é "deixa lá estar aceso", agora quando for eu a pagar, que eu sei que dói no meu bolso, "ah olha aí que ainda está de dia e custa um bocado e não sei quê" ou penso "tive de trabalhar até chegar aquele valor para poder pagar a luz". É outra coisa, também damos mais valor às coisas e à vida digamos assim.*

*Eu venho com a pá, trago a areia e eles dão o cimento ou a água misturamos todos. Elas têm as informações e dizem "podes ir aqui ou ali", não é elas irem comigo ou elas vão me buscar. É também deixar-me lutar um pouco para eu sentir que estou a fazer algo de útil para mim. Não é "elas dali fizeram-me isto e eu coitadinha senti-me bem" e não sei quê. Toda a gente, se lhes forem sempre fazendo as coisas, acomoda-se, fica acomodada. Toda a gente gosta de mordomia, mas mordomia a mais enjoa, acho eu.*

#### **Poder dos encontros - ouvir e valorizar o feedback**

*Inv: usando a escala aqui da PR como é que entraste nesta entrevista e como é que saís?*

*Tina: Agora soltei uma gargalhada, portanto já está melhor! Sei lá, lá está, foi o desabafar um bocadinho de nada com pessoas com quem eu não estou no meu dia-a-dia, mas já me fez, sei lá é uma data de coisas ao mesmo tempo, já me fez sentir que vou conseguir resolver os problemas que eu tenho, que vou conseguir dar mais atenção e cuidar dos meus filhos, que se calhar não sou assim tão má pessoa como penso que sou e que vou alcançar os meus objectivos. E sei lá, estou no nove. Quase dez.*

Desde o Lugares Comuns um grande obrigado, Tina, por este contributo. Os nossos encontros foram marcantes e influenciaram-nos a vários níveis - surpreendeu-nos a transparência, coragem e força da expressão deste testemunho que atingiu a nossa sensibilidade e consciência. Graças à tua confiança a oportunidade de aprendizagem e consciencialização fica à disposição de todos.

## 17.11.2013 | Um ano depois, tudo igual e tudo diferente

06-11-2012 (Ano passado)

Um mês em Floripa, a viver no Morro de Mont Serrat, mais concretamente acolhida numa casa de abrigo de crianças e jovens. A partilhar quarto. A fazer parte da casa.

O morro é um entre muitos “picos” que existem em Floripa que foram povoados por famílias que construíram as suas próprias casas. Como dizia uma moradora, existe um preconceito por parte da população que não vive nos morros – pensam que viver na periferia equivale a ser traficante, bandido, violento, pobre, entre outras ideias feitas por quem nunca pisou estas bandas. Existe sem dúvida tráfico de drogas, um dos problemas críticos da ilha. Tráfico que é alimentado e patrocinado por diferentes sectores da sociedade.

Conto a minha perspectiva, de quem só conhece Florianópolis há 17 dias e a vê desde o cimo do morro, por dentro, mas por fora também.



Tenho conhecido muito boas pessoas, pessoas com iniciativa, pessoas comprometidas e com causa. Inspiradoras e contagiantes.

Na rua há sempre gente e há também muitas pipas no ar (papagaios). Não são só as crianças a brincar, também brincam os adultos. As pessoas cumprimentam-se ao passar na rua, são pacíficas e respeitosas com quem passa e prestáveis para explicar alguma coisa. Circulam



várias vezes carros da polícia, com os “policiais” frequentemente de arma em punho e apontada para as pessoas que estão a passar na rua. Assim foi como, pela primeira vez, vi uma arma ser apontada para mim, com o polícia de dedo no gatilho. As senhoras mais velhas da comunidade queixam-se disso, não percebem porque apontam armas contra elas, têm medo de uma bala perdida, que disparem sem querer.

20-11-2012

O mês voou, os dias eram compridos... Mais suspiros, arrepios e lágrimas no canto do olho do que é costume. É difícil resumir um mês tão intenso, tantas pessoas que me transmitiram tanto com as suas histórias, as suas raízes, expressões, silêncios... que “abanaram” a minha sensibilidade. Vivências que as minhas referências de realidade e experiência não permitem conceber, não dá para fazer ideia do que é estar na pele, não compreendo o que pode levar a acontecer... porque existe...? Por exemplo, o grupo de rapazes que conheci na casa de semi-liberdade, que tinham entre 14 e 18 anos e cometeram algum crime que os levou até ali... São crianças, mas no corpo deles já está impressa uma longa história –nas tatuagens, cicatrizes, expressão... São crianças com sentido de humor, que vibram a fazer desporto, que têm talentos, interesses, vitalidade... Mas que nasceram em ambientes que me ultrapassam. Claramente o ambiente em que nascemos e crescemos tem muito de contrastante... O que eles já viveram, antes de fazerem 14 anos (mais novos que o meu irmão mais novo), não faço a menor ideia, mesmo quando eles me contam não consigo sequer imaginar. Cresceram em ambientes de violência, em que atentaram contra eles de diversas maneiras, daquelas que gostava de pensar que só acontecem nos filmes. Diante de mim via-os com olhos a brilhar, com potencial, mas até ali sem muitas oportunidades.

Fui embora a custo. Estava a aprender a ouvir outras pulsações de vida, abafadas, desentendidas. Ouvir e sintonizar-me com este sentido de pertença, coletivo, atraiu-me muito. Sentia-me a transformar. Foi uma grande oportunidade, mergulhar naquela realidade e acompanhar o padre Vilson e todos os parceiros.



.....  
17-11-2013 (Hoje)

Uma semana em Floripa, perspectiva de por aqui ficar dois meses, a viver no Morro de Mont Serrat, acolhida numa casa de abrigo de crianças e jovens. A partilhar quarto. A fazer parte da casa.

Antes estive em São Paulo, num congresso latino-americano de abordagens colaborativas cujos ecos espero partilhar proximamente.

O acolhimento incrível soa-me a familiar quando chego. Rotinas são outras, na casa de acolhimento muitas crianças saíram e outras entraram. O à vontade construído durante o mês que passei por aqui no ano passado não se perdeu, partimos daí para mais cumplicidade. Em cada encontro e troca aprofundamos e assim esta primeira semana marca-me fortemente pela partilha de histórias.

Impressiona-me como em 5 minutos me contam coisas pessoais que fazem experienciar anos luz de distância entre as nossas histórias de vida... Ainda adolescente, HIV, cresceu na rua, tem vários filhos - dois abortos, um foi dado para adopção e outro recém-nascido. - Abortos? - Sim, na rua os policiais espancavam-na e assim acabava perdendo as crianças... Mostra-me a sua

pele - várias cicatrizes que conta serem marcas de agressões da sua mãe e, depois, de automutilação... É uma criança, com voz e olhar de criança, que já deu à luz mais crianças. Somos vizinhas agora. De novo tantas emoções e perguntas me assaltam... No meu bairro as histórias são outras.

Impressionam-me também as reações quando me perguntam a minha história... Já no ano passado me tinham perguntado: "E você, também cresceu numa favela?" - "Não, no meu país não há favelas." - "Ah, então isso deve ser muito chato!!"... Desta vez, surgiu numa conversa em que falávamos sobre as nossas famílias e apelidos (alcunhas) contar que os meus pais, quando era pequenina, diziam que me tinham encontrado num caixote do lixo - senti-me mal depois, porque contei a história como anedota, mas elas acreditaram imediatamente e não teve piada. E com uma amiga de 8 anos da casa de acolhimento, enquanto íamos a caminho da praia, fazia-me um inquérito exaustivo: "Tem pai vivo? Mãe viva? Irmãos vivos? Filhos vivos?"

Mais dois pequenos apontamentos sobre a semana anterior no congresso em São Paulo, que se ligam a histórias, cultura e linguagem.

Sinto que cheguei ao Brasil quando, depois de apresentar um workshop, num contexto que estou acostumada a que seja formal, não saem da sala sem me darem um abraço.

Durante o congresso havia coisas que sentia e pensava e que até gostava de transmitir, mas "não tinha palavras"... E então alguém ao meu lado expressava coisas que fazem parte da língua portuguesa, mas que em Portugal soariam estranhas: "Sinto-me bem neste congresso porque aqui tudo é transmitido e preparado com tanta amorosidade..."; "A sua postura e maneira de comunicar é de uma doçura...".

Espero descrever proximamente como vi ser criado num congresso um clima tão informal e emocional. Gostava de levar para casa esse estilo destemido e genuíno de estar profissionalmente.

30.11.2013 | Aprendendo a colaborar no International

## Summer Institute

23 de junho de 2012

Seguem-se reflexões que escrevi enquanto assimilava as aprendizagens. Combino com imagens que retratam o estilo do encontro - congruente com a teoria e também facilitador da vontade de aprender e participar:

As abordagens colaborativas são, para além de uma forma de terapia, uma filosofia de vida e podem ser aplicadas tanto a empresas, como à educação, como a outros contextos. Partem do princípio que são os encontros e as conversas que moldam quem somos, a maneira como olhamos para nós e para os outros. Sendo o nosso quotidiano preenchido de conversas, então o quotidiano e a nossa qualidade de vida devem ser muito influenciados pela qualidade das nossas conversas (interiores e exteriores)...



É cultivada por esta abordagem uma postura de “*not-knowing*” / “não conhecer” / abertura perante o outro e perante cada novo acontecimento. Cada acontecimento novo é em grande medida desconhecido, nunca é igual a outro passado (e depende de nós dispor-nos a ver o que é diferente) e também não conhecemos o que outra pessoa vive, a maneira como sente. Não conhecemos a sua perspectiva, só a nossa. Somos então desafiados a exercitarmos a capacidade de acolher cada momento com curiosidade, cada encontro sem pensarmos que

aquilo que faz sentido para nós deve fazer para os outros, sem querermos impor ideias ou corrigir... Com respeito e vontade de ouvir o outro como ele gostava de ser ouvido...

Na base desta “filosofia” está uma convicção profunda de que cada pessoa é uma fonte de criatividade e de sabedoria imensa. Então, cada conversa pode ser veículo para a descoberta de possibilidades, para emergirem novas ideias. Uma lógica de abertura e do que chamam “generatividade”, por oposição a um movimento que leva a encerrar múltiplas perspectivas em convenções, classificações, verdades ou razões. Considera-se também que toda a aprendizagem e desenvolvimento é coletivo e para isso, mais do que ter ideias feitas, seja qual for o contexto da interacção, ganhamos em construir em conjunto e incluir a voz de todos no processo.



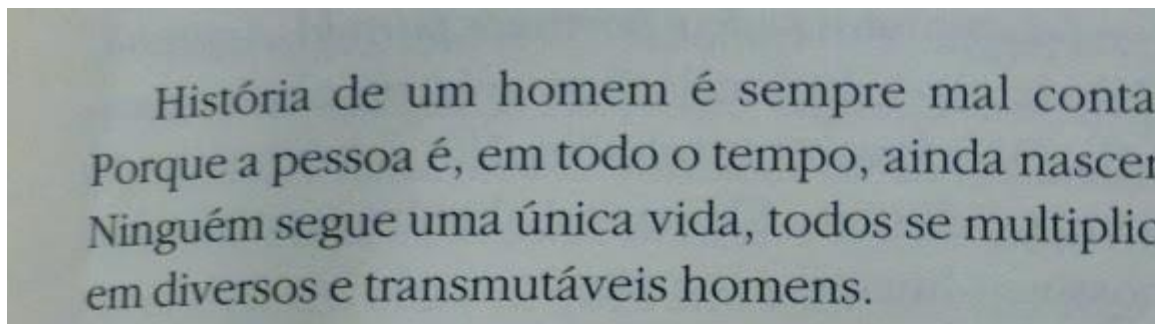
Ao procurarmos ter este respeito e genuíno interesse pelo outro estamos a abrir espaços enormes para que a liberdade de cada um se desenvolva, para que a criatividade cresça, para que o conhecimento se construa. Procura-se assim desenvolver um clima de aceitação, de acolhimento e de um olhar para o potencial que há em cada momento e encontro, um olhar desperto para as surpresas.

Nesse espírito, o ambiente do curso era bem descontraído e próximo. Velhos e novos, peritos e caloiros, todos nos sentíamos parte e notávamos que a nossa participação era importante. Sentíamos-mos convidados a contribuir, sem medo de dizer asneiras ou alguma coisa “errada”. Todas as ideias eram bem-vindas. Cada participante, coordenadores e professores incluídos, estava lá para aprender.



Crónica completa: <https://www.facebook.com/notes/maria-minas/digress%C3%A3o-phd-vi/10150911744577409>

## 07.12.2013 | Ecos do Congresso Internacional de Terapias Colaborativas



Do livro Cada Homem é uma Raça (Mia Couto)

Partilho o que vi e ouvi que fiquei com vontade de pôr em comum e relembrar do congresso. Intercalo com imagens e vídeos que mostram o espírito familiar gerado num contexto (in)formal.

Alguns apontamentos tirados, sem editar ou filtrar:

### Harlene Anderson (EUA)

- *Dynamics sustainability* – As pessoas normalmente concentram-se nas soluções, resoluções... *on the content outcomes*... Mas o que é realmente importante é o desenvolvimento, o processo que ganha uma vida própria. É o contínuo processo de transformação!

### Adela Garcia (Argentina)

- Estamos num período mais democrático, as receitas falharam e começa a haver mais abertura para ouvir outras vozes.



Apanhado das ressonâncias do congresso (contributos de todos os participantes)

**Sheila McNamee (EUA)**

- Não é comum participar numa conferência que é *really fun* e que ficamos com vontade de participar em todas as conversas e levamos tanta coisa para casa...
- Estamos sempre à procura de commonality, universality... Who has the truth? Which is the better perspective? We have to embrace what we see in front of us – diversity, complexity!
- Agreement is about similarity! Put aside the idea of agreement, post-pone that as a goal, as a desire and instead try to achieve new ways of understanding.... Somehow together we coordinate a pattern where we find a sense of moving forward together. In the face of difference, from the collaborative perspective, how do we do this?

- Public Conversations project ([site](#)):
  - They invite people with very different points of view and the first question they ask is "how are you connected with the issue?" And the second: "What is your position?"
  - Um dos projectos põe em conjunto Israelitas e Palestinos num fórum (têm um “ódio” grande entre si). O que é que acontece quando se põem estas pessoas em conjunto? O que acontece é que as pessoas começam a falar! Começam a perguntar: who did you lose to the war? O que é que fazes? – começam a falar como seres humanos e não como Palestinos ou/vs Israelitas. Não muda os conflitos, mas permite que haja conversas construtivas sobre o conflito. É o princípio da mudança. You don’t know where the conversations will lead.
- Coordinate multiplicity – A ideia é criar um espaço onde a multiplicidade pode coexistir. Gerar curiosidade entre uns e outros em vez de procurar o consenso (pensamento único/homogéneo).

### **Conversa com Juan Paillié**

Algumas perguntas que orientam os encontros no Public Conversations Project:

- 1) Tu historia personal con el tema (falar de si próprio)
- 2) Que es lo que está en el corazón de este asunto? ¿Que es lo que te impulsa?
- 3) Puntos grises - coisas que não tenho claras, dúvidas que tenho em relação ao tema.

O objetivo não é chegar a consenso, é trabalhar em conjunto para melhorar condições de vida sociais e colaborar para o bem-comum.

### **Adela Garcia (Argentina)**

- Acción política de nuestras prácticas. No oponer las diferencias... En nuestros países hay todavía una ausencia de palabras – todo se arregla eliminando al otro, con descalificaciones o tiros... O nosso trabalho é importante.







"América conectada" pintura de Vanessa e Martin Alfonso ao longo do congresso

#### **O que levo do congresso – ressonâncias pessoais em ideias-chave**

- Irreverência
- Articulação entre identificação e diversidade
- Balanço entre processo e resultados



Grupo rodas de conversa

### **Expressão peculiar brasileira**

“Eu ressona com isso”

07.12.2013 | **Ubuntu**



(Google images)

UBUNTU... Ouvi e comecei a descobrir o seu significado há um ano. Explorei e li mais e selecionei dois vídeos que ficaram arquivados em rascunho, até hoje. Acho que nunca o espírito/filosofia/significado contido numa palavra me tinha impactado tanto e feito sentir tão identificada... A nível de aspirações de fundo, de sentido de vida. Desde logo me pareceu que

"Ubuntu" tocava a essência do que estou a estudar - a conexão social, o bem-estar coletivo, a superação da pobreza - era uma chave profunda de leitura, envolvimento e acção. O espírito e vida daqueles que têm dado corpo (e o corpo) ao Ubuntu torna esta expressão tão carismática e cativante. Mandela deixa-nos este legado e a prova de que é possível vivermos plenamente em espírito Ubuntu...

*Avancemos em direção a um futuro glorioso de uma nova sociedade em que as pessoas valham não em razão de irrelevâncias biológicas ou de outros estranhos atributos, mas porque são pessoas de valor infinito, criadas à imagem de Deus*

Desmond Tutu

## 14.12.2013 | Sessões com audiências apreciativas – o quê?

Estava pendente, desde que o blogue foi inaugurado, apresentar o projecto que implementámos na primeira etapa de recolha do doutoramento: Sessões com Audiências Apreciativas. Hoje é o dia!

*As nossas relações... O que é que nos permitem? Que vantagens nos trazem?*

*Como seria a vida de uma família se não tivesse outras pessoas a quem recorrer?*

(Uma família respondeu que essa era a sua realidade, não era um cenário imaginário.)

Conversando a partir destas perguntas, desafiámos os participantes a envolverem-se num projecto de investigação que pretendia aprender e desenvolver estratégias para fortalecer o espírito comunitário.



### **Origem e propósitos da metodologia**

Esta metodologia foi iniciada por Barbara Myerhoff (1982, 1986), uma antropologista que procurou encontrar uma forma de quebrar o círculo de invisibilidade e isolamento experienciado por comunidades judias no sul da Califórnia. Para tal, propunha a famílias judias e a alguns cidadãos que se encontrassem numa sessão onde as famílias partilhavam a sua experiência de vida, enquanto os cidadãos ouviam, deixando-se envolver, devolvendo depois às famílias o que tinham sentido e experienciado. Todos os participantes reconheciam, no fim da sessão, que os encontros eram gratificantes e aproximadores. As famílias judias reencontravam-se com a sua identidade e história, dando-se conta do seu valor, ao verem que era útil a outros.

Ao aprofundar o conhecimento desta metodologia acreditámos que tinha um forte potencial para promover conexão, inverter padrões habituais de influência e desconstruir preconceitos, promovendo que novas maneiras de olhar para o próprio e outros pudessem ser experimentadas. Dessa maneira, a participação no projecto poderia beneficiar todos os envolvidos...

### **Participantes**

Os participantes das sessões – uma família (habitualmente representada por dois elementos) e 2 participantes da comunidade (audiência apreciativa) – tinham em comum a pertença a uma mesma instituição (escola, creche, IPSS), mas não faziam parte da rede social uns dos outros e provinham de contextos socioeconómicos diferentes.



### **Estrutura da sessão**

A particularidade desta metodologia é que propõe que não exista diálogo fluído entre família e audiência, nas primeiras etapas. Alternadamente, uns falam e outros escutam (permitindo que as ideias sejam desenvolvidas e ouvidas sem interrupções). A sessão inicia num estilo mais formal e “regrado” e progressivamente ganha contornos de proximidade e espontaneidade:

1º | Conversa com a família (a audiência escuta): A família narra a sua história/experiência de vida, com a ajuda de perguntas lançadas pelos investigadores, enquanto os elementos da audiência estão atentos ao que os chama a atenção e o que podem aprender com a experiência da família e podem vir a aplicar nas suas vidas.

2º | Conversa com a audiência (a família escuta): *Feedback* sobre o que pensaram e sentiram enquanto estiveram a assistir, partindo da sua experiência pessoal.

3º | Conversa com a família (a audiência escuta): reações e impressões sobre o que ouviram: A família diz como foi ouvir o que os outros participantes estiveram a partilhar.

4º | Todos conversam sobre a sessão e finalizamos com um lanche.

### **Papel da audiência**

A audiência deveria ouvir a família contar a sua história não com uma atitude avaliativa, mas, pelo contrário, perguntando-se o que estava a aprender, como estava a ser influenciada por aquele testemunho. Deveria questionar-se:

*O que capta mais a minha atenção? / Do que estou a ouvir, o que me está a mover/tocar? O que me passa pela cabeça? / O que é que estou a aprender? O que é que me serve de ajuda?*



## **Partes soltas de conversas**

### Famílias

*Foi muito bom, sinto-me bem a saber que transmiti coisas aos outros. Há coisas que eu falei que vão aproveitar (risos). Acho que já aproveitam...só que não se lembram...as pessoas fazem sempre...só que. Foi bom, sinto me orgulhosa por isso.*

*Olhe o que eu penso, tanto os comentários tanto da B. como a L., fazem-me pensar que eu consigo lutar ainda mais do que aquilo que tenho feito até agora. Senti que deram me muita força, muito apoio, muita garra para continuar...*

*Ela me fez... Quando ela me disse que, que, que estava querendo desistir, aa, eu vi que eu tinha conseguido, não todos os meus objectivos, mas pelo menos alguns tinha conseguido, entende. Claro que não me realizei profissionalmente, aa, não...não me realizei em determinadas coisas. Mas tinha dois filhos que eram dois tesouros e que através deles eu me sentia realizada. Apesar de não ter concluído aquilo que eu planejei para a minha vida.*

*Acho que estou a fazer qualquer coisa boa.*

### Audiências

*Globalmente o clima criado que permitiu que aquelas pessoas que não se conheciam falassem assim da sua vida, acho que é uma coisa fantástica, terapêutica... Acho que é... Ou seja é um sinal de esperança, de confiança. Que as pessoas são, que as pessoas têm coisas muito boas dentro delas.*

*Isto é uma gente, afinal eu às vezes queixo-me da vida e esta gente tem coisas muito mais difíceis.*



*A C. e as pessoas que vêm viver para Portugal, vindo de países onde conseguem ser felizes baseados na humildade... Já nos esquecemos de ser felizes baseados na humildade e é importante irmos contactando com isso... Nós vivemos numa profunda depressão... nem saber bem do que... não sabemos bem explicar porquê que estamos deprimidos, porque estamos tristes... mas porquê 'tens que comer? tens'. 'Tens onde dormir? tens...' 'tens o que vestir? Tens' 'então realmente onde é que está o teu problema...? E não sabemos bem... Como disse eu sentia as vezes quase como um embaraço...quando começo a ouvir histórias de vida com dificuldades realmente sérias, e eu começo a pensar 'mas...ontem não dormiste a pensar exatamente em que mesmo?' Já nem me lembro qual era a minha preocupação...e é importante pensar nisso, para assentar nas coisas fundamentais. O que eu levo daqui... acho que é importante ouvirmos histórias de vida diferentes, com outro nível de dificuldade, quanto mais não seja valorizarmos aquilo que temos de bom e conseguimos. Às vezes temos e desvalorizamos. (...) Não estejas sempre a pensar que aquilo que não tens é o que te faz realmente falta.*

*Esta experiência para mim tem sido muito curiosa, porque eu não sou naturalmente uma pessoa especialmente de partilha de sentimentos, verbalizando aquilo que seja não...sou mais reservado, mais fechado, mais conceptual, em relação as relações... e isto para mim é muito emocionante, faz-me baixar a guarda, ao fim ao cabo baixa me a guarda tira me da defensiva, e falamos e sentimos e se for preciso escorre-nos uma lagrimazinha...e ficamos com a voz assim...que é uma coisa que tento controlar muito...sou uma espécie de fanático do controlo...e esta experiência deixa-nos mais a vontade... e isso é bom de vez em quando, porque ser fanático do controlo é muito exigente...*

## 22.12.2013 | Sessões com Audiências Apreciativas – na pele da investigadora

A fusão entre a minha pele e a da investigadora... Uma reinvenção, em dois sentidos - de mim e da investigação, porque ambas fomos influenciadas. Reinvenção múltipla, porque trabalhávamos em equipa.

A mim a investigação trouxe estrutura, regras orientadoras a seguir, o desafio de aprender a



interrogar e a fazer silêncio para ouvir a fundo, acompanhando os fios condutores do que era partilhado com todos os sentidos. Implicou sair dos meus lugares conhecidos e de conforto, a tantos níveis. Para poder ir às especificidades da prática, antes fez-me pensar no que me inquietava, no que desejava contribuir e trazer de novo para a sociedade e também para a minha vida. Inesperadamente, começou (e promete continuar) a questionar a minha coerência, o sentido de investigar, que surpreendentemente andava de braço dado com o sentido de viver e com causas descobertas e por descobrir...

À investigação acho que peguei o meu estilo. Tinha que correr por gosto, procurar o bem-comum, sair do convencional e do formal, incluir o lúdico, abrir horizontes. Supostamente delimitada, perdeu as rédeas no meu incontido desejo de tudo abarcar e integrar. Depois de ter sonhado, a investigação era irremediavelmente desencaminhada sendo convencida de que, com energia e vontade, se podia. Recorrente é a maneira de tudo resolver a intuição, fundamental o "encharcamento"/conexão/encontro/acção e constante o entusiasmo.

Esta fusão expressou-se nos modos escolhidos para estar e fazer: investigação-acção e observação participante. Assim, teoria e prática, reflexão e interacção, objetividade e subjetividade encontravam-se, complementando-se.

Estar na pele de investigadora nas Sessões com Audiências Apreciativas...

Enquanto ouvia

Assistir e testemunhar a beleza de histórias nunca ouvidas assim - de maneira tão próxima, concreta. Deixar-me marcar pela transparência e simplicidade...

*E quando estou muito danada, muito, muito, muito, não tenho com quem falar, tenho lá dois bonecos. Não se riam agora por causa disso e atão os bonecos ouvem-me, mas não falam, não é? E então eu pego neles e eu falo, falo, falo, falo, falo e é para ali que eu desabafo e falo com os bonecos, vou-me embora feliz da vida e os bonecos ficam lá, não respondem nada, não é? E é assim que se ultrapassa muita coisa.*

Sendo-me dado a conhecer daquela maneira, sentia o peso e tocava a dimensão do sofrimento do outro, afligindo-me e inquietando-me. Depois de partilhado, pertencia-nos. Não podia continuar igual, como se não tivesse estado envolvida naquela troca.

*Vocês estão a ver que eu deixei de existir, eu estou quase... Eu não participo em minha casa, não faço papel, eu não faço. Aquilo que me dão... eu se gastar um tostão a minha mulher zanga. Eu sou homem, eu é que deveria sustentar, deixei de ser homem em casa. Não sou, em casa não sou homem, eu passei a ser mulher. Isso dói, isso de vez em quando dói.*

Comoção. Arrepiar-me constantemente com a maneira como as pessoas falavam a partir de dentro, sem filtros nem defesas. Ter um nó na garganta, sentir-me muitas vezes na iminência de extravasar além das lágrimas discretas.

*Mesmo no hospital, eu quando chegava lá as vezes, diziam que o 'l. passou muito mal', e encontrava tubos por todos os lados... Elas achavam que eu era uma pessoa muito corajosa. Ficava mesmo triste, mas pensava assim no meu coração 'apesar de tudo ele vai sobreviver'. Eu sempre pensava assim, eu olhava assim, chegava, sentava na cadeira, ficava assim a olhar e pensava 'se o l. passou, então vai continuar'. Tenho muita fé, apesar de agora não ir à Igreja, eu penso muito positivo, não sou de 'ai coitada de mim'. Já pensei em morrer... mas digo assim 'não, não vou morrer'. Outro dia a minha colega disse assim, chegou no trabalho e disse 'tenho vontade de me matar ...', eu disse 'então não fazias filhos!' 'agora que tens filhos, queres morrer?!'*

Estando diante de pessoas com quem tinha estado poucas vezes, impactava-me a maneira como nestes encontros se comunicava a um nível emocional que saía completamente dos moldes quotidianos. O que faria que nos encontrássemos àquele nível, que nos pudéssemos ligar assim, rompendo costumes?

*... ela é uma estrela, uma estrela que brilha para o l., para o marido e para as colegas. É uma colega que eu gostava de ter, quando estou lá no 'ahhhhm'...(risos). Uma luz, uma estrela talvez, que brilha, aquece, dá luz, protege, faz crescer, com tudo o que a luz e a estrela quer dizer... muito honestamente.*

Olhar com outros olhos – depois de olhar nos olhos. E então sentir e compreender mais a visão/experiência do outro. E então substituir preconceitos pela surpresa do extraordinário, da beleza que está quando vemos além das palas que impomos ao olhar...

*Por vezes a gente pega por não conhecer as pessoas. A gente se isola e pega por não conhecer as pessoas, por não conhecer mais a fundo. As pessoas têm... no fundo, no fundo, apesar de parecerem maus, quando a gente se aproxima, quando a gente dá amor, elas acabam por ceder, elas acabam por mostrar o melhor delas...a maneira de...usa... determinadas pessoas ou determinadas coisas para afastar os outros que é para não, para não deixar que as pessoas reconheçam aquele lado mais, digamos frágil, delas. Então são agressivas. Mas é uma maneira de se defender. Entende... E quando elas conhecem as pessoas mais a fundo, e as pessoas dão amor a elas, elas se sentem mais relaxadas, mais à vontade, para mostrar o lado bonito que elas tanto querem esconder.*

Então, a cada encontro sentia a minha responsabilidade crescer, assim como me dava conta com maior clareza dos privilégios a que tenho acesso, dos contrastes na distribuição dos mesmos, nos obstáculos que são impostos a pessoas que têm uma capacidade de trabalho, humanidade, entrega, generosidade que me deixam a um canto. Esta consciência trazia mais inquietação, portanto, transformação e motivação.

*Mas mesmo assim, só de pôr luz, água, gás em dia eu fiquei feliz da vida. Porque? Porque para o mês que vem já sei que não tenho corte de luz, não tenho de água, não tenho de gás o que vier é outras, outras despesas. E olhe, só que eu tenha comer para eles eu já não, não haja dinheiro, mas que haja comer para eles eu estou contente e costuma-se dizer “só que eles tenham um teto para viver, estou-me cá ralando para o resto”. Eu tento olhar um dia de cada vez, porque se eu for a fazer as contas e metendo lá na minha cabeça eu não consigo. E então eu tento pôr para trás das costas e vou fazendo assim as contas a um dia ou outro. É assim que eu vou tentando ultrapassar. Mas é com muita força de vontade.*

Enquanto perguntava

O desafio de fazer perguntas que despertassem o desejo de soltar o que de melhor a pessoa tinha dentro e à sua volta. Questionar o outro de maneira a abrir possibilidades de co-construção.

*Sim, tornar as pessoas mais sensíveis aos problemas das outras que têm vergonha de contar. Porque hoje em dia, acho que hoje em dia o mundo funciona assim, com questões já formadas, com respostas já formadas. A pessoa necessita, mas eles já têm a resposta para dar e acho que isso não é, não nos ajuda de forma alguma, pelo contrário. Agora se eu vir, é o que eu costumo*

*dizer, quando há uma questão que tem cabeça, tronco e membros, portanto vai-se ao fundo da questão e provavelmente aí nós seremos muito mais bem tratados do que infelizmente hoje em dia somos.*

Desse ato de perguntar e escutar aquelas novidades, surpreendida e impressionada, nasciam mais questões. Então instintivamente questionava-me. Crescentemente ia aprendendo a interrogar o que “sempre foi assim”.

Enquanto lanchávamos

Tendo chegado ao fim da parte estruturada do encontro lanchávamos/ceávamos, num registo de maior espontaneidade. Depois de duas horas a viver por dentro fortes emoções, a vontade de também nos envolvermos na partilha era grande e a curiosidade dos outros também. Então, naturalmente deixávamos vir ao de cima o que tinha mexido connosco.

Pediram-me para refletir, num workshop que apresentei, o que é que o investigador fazia para as pessoas se sentirem à vontade e não precisassem de estar à defesa naquele encontro...

Ainda não sei descrever. Acho que nos sentíamos em casa ali, em cada encontro estávamos com grande gosto e transparência. Com simplicidade.

05.01.2014 | Despedidas



31-12-2013

Nos últimos dias estranhei não estar mentalizada que a hora de me despedir estava a chegar. Estaria insensível ou sobrelotada com a intensidade de tudo o que aqui recebi?

Hoje a manhã de despedida correu com razoável naturalidade até aos 15 minutos antes de entrar no carro do padre Vilson. Quando pedi a todos os meus irmãos emprestados da casa de acolhimento para nos juntarmos porque tinha uma coisa para lhes ler antes de lhes dar um abraço caí em mim. Parecia, como eles, uma criança, sem conseguir conter a emoção, tendo que ser ajudada na leitura.

Ainda estou abalada pelo embate da despedida. Acostumei-me à confusão, aos abraços, aos gritos, à música estridente, ao choro, às brincadeiras, às explosões, às palavras muito feias e às muito bonitas, a “aprontarem”, ao colo. Uma ligação crescente com a família da casa de acolhimento foi ganhando espaço em mim durante estes dois meses e, de repente, dizemos adeus. E a vontade é, em certa medida, contrária.

Vou sentir muita falta da familiaridade vivida em todo o espaço do morro. Sabemos o nome uns dos outros – os vizinhos, os que jogamos no parque, os que fazemos parte dos projectos. Ali sentimo-nos parte do mesmo. Não sei explicar, mas há alguma coisa que nos aproxima e faz sentir-nos ligados uns aos outros. Neste espírito comunitário senti-me em casa, estava à vontade fosse para andar descalça, fosse o que fosse. Respirava a sensação de liberdade. Sentia-me bem-querida por todos e cativavam-me numa forte empatia.

Era talvez a simplicidade que principalmente mexia comigo. Nela, a humanidade parecia sobressair - qualidades e defeitos ficavam à mostra. Assim, tudo mais cru. Atraía e desconcertava.

04-01-2014

Mais episódios gravados.

Estávamos a desenhar o que nos apetecia numa grande tela de papel cenário no chão. Ele desenhava a mão e ocorreu-me desafiá-lo: “acrescenta como marca uma palavra que tenha a ver contigo”. Prontamente alinhou, escrevendo “ostentação”. Surpreendeu-me. Não imaginava sequer que uma criança de 8 anos soubesse da existência dessa palavra. “O que quer dizer ostentação?”, perguntei. “É ter carro, dinheiro, meninas, colares, óculos, roupa de marca, este estilo [fez uns gestos “radicais”], como no funk”... A conversa continuou, trazendo

só novidade para o meu lado. Depois vim a saber que a nova corrente de funk ostentação enaltece as demonstrações de riqueza como ideal e afirmação de poder.

No parque, enquanto outras equipas jogavam, perguntaram-me: “Você está morando no abrigo? Como é que é viver no casarão?” Fiquei a saber que morar num abrigo – casa de proteção de crianças e jovens – podia ser visto como um luxo.

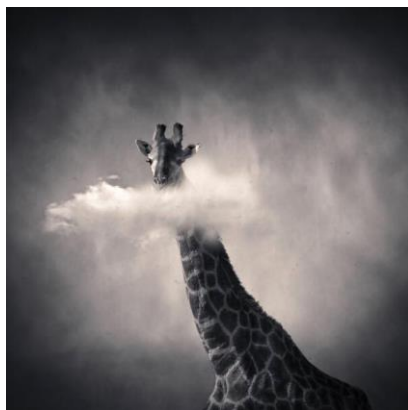
Comentei que não conhecia nenhuma cachoeira no Brasil. Dias depois disseram-me que tinham organizado um passeio para me apresentarem às cachoeiras. Fomos. Uma trilha de uma hora fez esquecer que estávamos na cidade... Lá em cima, onde a natureza está em bruto o Adelir pensava em alto – “como a vida é bonita e simples”.



Tudo isto e tanto que fica por contar faz com que não volte para casa igual. Vou ainda mais agradecida.

## 28.05.2014 | **Preconceito do preconceito**

Com vontade de poder ir partilhando algumas reflexões e inquietações despertadas pela experiência do quotidiano, é inaugurada assim outra secção no blogue. Pretendemos, num registo simples, colocar experiências pessoais em comum que nos levantam perguntas. Fazemo-lo a duas vozes, a que expõe e a que, sobre o que é exposto, se questiona...



(Google images)

À medida que me dou conta da variedade de preconceitos que me toldam a visão e procuro ativamente desmontá-los, vou apercebendo-me de algumas coisas curiosas:

- 1) Ganhar consciência e “pôr a nu” o preconceito parece ser meio caminho andado para o enfraquecer.
- 2) Vou percebendo que o preconceito serve para separar. Comigo atua como uma forma de convencimento que me leva a pensar que “nós” ou “eu” estamos a pensar/dizer/fazer bem, enquanto encontro motivos para “legitimamente” reprovar alguma coisa nos “outros”.
- 3) Sempre que acho que me estou a libertar, descubro uma nova forma, mais elaborada, a limitar-me.

Foi assim que comecei a dar por mim a cair numa forma original de julgar “os outros” ...

Sempre que identifico no discurso ou atitude de alguém à minha volta uma palavra ou ideia preconceituosa – aquelas associadas socialmente a formas de racismo, classicismo, etc. – quando dou por mim estou absorvida com os meus botões a pensar naquilo que me distingue dessa pessoa e me coloca numa posição de “mais esclarecimento”.

Tem sido importante para mim aperceber-me deste fenómeno para relativizar as minhas certezas e não dar o exercício de desconstrução de preconceitos por superado e consumado. Por notar este processo em mim também me vou apercebendo que não estou sozinha. Há uma semana participei numa conferência chamada “Living Responsibly” onde pessoas cheias de aspirações de bem-comum e desejo de boa cidadania se juntaram. Também lá notei como muitas vezes, sem dar por isso, encarrilávamos em discursos em tom nós (os bonzinhos/justiceiros) versus eles (os que deviam mudar). Assim, resolvi comentar as experiências de desafio pessoal e realizações sobre o “preconceito do preconceito”. A reação foi de identificação e tive a sensação que, depois de lhe darmos nome, o registo da conversa mudou.

29.10.2014 | Em que lado estamos?



(Google images)

Numa conferência de psicologia comunitária senti inquietação quando do palco lançaram, a propósito de uma série de tópicos polarizados, esta pergunta: “de que lado estamos?”. Era colocada de um lado a psicologia dominante/tradicional, de outro a psicologia comunitária. À boleia, outros polos: norte ou sul, direita ou esquerda, opressor ou oprimido, conformidade ou insurgência... E defendiam que o bom psicólogo comunitário deveria assumir de que lado está.

A linguagem polarizada despertou-me uma certa resistência e divisão. Não me sentia identificada. Era como se ao ter que escolher um lado só estivesse a assumir parte de mim.

Deixava de poder combinar diferentes alternativas. Ao mesmo tempo, posicionar-me de um lado parecia implicar assumir e sublinhar divergências com o outro. Na verdade, várias vezes aconteceu identificar-me com um lado e assim desidentificar-me do outro. Nesta identificação - desidentificação sinto-me dividida e a dividir. O apelo lançado pareceu-me alimentar segregação e compartimentação. Se na sala nos fosse pedido para assumirmos publicamente um lado, passaríamos a estar divididos. Pareceu-me que, por exemplo, se nalgum especto mostrasse afinidade com a direita poderia comprometer a minha integração naquele grupo. Com a imaginação quebrei as regras da pergunta lançada. Em vez de escolhermos lados, indaguei o que poderia acarretar conceber formas de conciliação e combinação daquelas diferentes possibilidades. Perguntei-me: (Porque) Temos de optar por um lado ou o outro? Serão tão incompatíveis? E se em vez de "ou" pensarmos em "e"? Uma combinação dos dois lados?



Entre os valores e propósitos mais prezados na psicologia comunitária estão a justiça social e o bem-estar coletivo. Será que nos aproximamos deles quando nos propormos a escolher um lado/privilegiar uma parte? E os pontos em comum? E a riqueza da diversidade?

Ocorreu-me (vagamente) uma expressão a propósito de olharmos para a vida como sendo branca ou preta... e da realidade se jogar nos cinzentos! Se perante o que é complexo separarmos, reduzirmos parece-me que limitamos a liberdade e a criatividade. Esquecemos a gradação e as múltiplas possibilidades da combinação das cores. Assim, em vez de cultivarmos a convivência entre vários olhares, culturas e credos clivamo-nos uns contra os outros... Talvez seja no reconhecer os cinzentos que todos nos encontramos!

Se pretendendo contribuir para o desenvolvimento e transformação de estruturas e convenções continuarmos a adotar formas de nos relacionarmos assentes na polarização e verticalidade, penso que em vez de conseguir converter, acrescentando criatividade e novas possibilidades de bem-comum, estaremos redundantemente a inverter – de um lado para o outro, alternando quem ocupa as posições de topo e de sujeição, como “uma pescadinha de rabo na boca” ...

E que reações provocaria perguntar antes: como cultivamos a integração e coexistência?

Nota: Nesta crónica “defendi” o lado da integração sobre o da fragmentação. Mas também este não é absoluto, nem melhor, nem se aplica a todas as situações... E sozinho pode perder o valor e o encanto. Também é necessário, por vezes, fragmentar para organizar(mos)/compreender(mos). Talvez o segredo esteja (sempre?) no balanço – entre os polos!

## 24.02.2017 | Estrelas

Um mês de hibernação em puro Verão, no Chile.

Luzes refletidas durante a passagem.

Ver além, sob vários pontos de vista.

Braços abertos

*Ver além do conhecido*

Recebida em registo familiar, por duas pessoas que com quem é fácil e faz bem-estar perto. O Hugo, amigo do forró (e do tango, e do judo, e de Rabo de Peixe); astrofísico, dedicado ao estudo das galáxias-além-via-láctea (do que pude apanhar)... A Maria - a primeira sensação é de nos conhecermos de sempre - estudou biologia celular e molecular e é encantada por tudo e mais alguma coisa, em particular por comunicação de ciência (aprender e pôr a circular conhecimento, de uma maneira simples e cativante – e.g. criar de raiz vídeos como este). Estão a trabalhar no ALMA - Atacama Large Millimeter Array. E eu, com atenção seletiva às relações humanas J

Este alinhamento de personalidades e de histórias de vida, deu muito que considerar.

A identificação básica. A admiração com a maneira de pensarem e de estarem na vida. A gratidão pela super-generosidade/acolhimento/ aceitação. O extravasar de horizontes por perceber o Universo a partir dos “macroscópios” que usam. O sentido da vida.

Desfrutei e aprendi com a simplicidade, versatilidade e generosidade para partilhar (o que sabe e o que tem) do Hugo. E com a Maria, fiel e igual a si própria, a curiosidade profunda, a coragem e energia ir à descoberta, a liberdade e de abraçar o que quer e de dizer não ao que não quer. Dos dois, a genialidade e arte de combinarem paixões, ciências e mundos.

Na companhia deles, olhar para as estrelas, para a lua, para a natureza era com um bocadinho mais de consciência. Uma espécie de processo de “cair a ficha” em relação ao Tamanho e Complexidade e Mistério do Universo e ao nosso e meu tamanho, em perspetiva.

Retiro

*Ver além dos limites*

Mas a maior parte do tempo foi passada sozinha e quieta, numa espécie de bolha que permitiu uma imersão no que precisava de investimento: o doutoramento, o ritmo pausado, o foco. É incrível o poder do retiro. Sintoniza com o que nos vai por dentro, com a criatividade e associação de ideias, com a atenção, com a natureza...

Para tirar o máximo partido deste “parenteses” decidi não dançar, não fazer exercício, diminuí o tempo dedicado ao ComParte e passei grande parte do tempo em casa, a escrever artigos.

Da rotina só mantive o tempo de reflexão/oração diário, ao ar livre, com o bônus de poder dar mergulhos na piscina J Feito este intervalo de quase tudo o que mais gosto de fazer, senti-me muito bem! Surpreendi-me então a notar que não preciso do que pensava precisar para me realizar. De novo, a *relatividade*, as possibilidades sem fim que existem para além do que agora concebemos.... Ganho a impressão de que, se deixasse de poder viver o que agora vivo por gosto, a vida proporcionaria oportunidades de descobrir encantos novos.

Neste ambiente propício, finalmente começo a vislumbrar a meta da entrega da tese!  
...Emocionante sentir mais perto de se concretizar a “missão cumprida” de pôr a circular e ver ter impacto o que me foi ensinado e tanto me transformou.

Saltos de fé

*Ver além das certezas*

Ainda estou a aterrar e chega a notícia de uma doença na família.

Voltas e mais voltas à cabeça, às emoções, à vida, ao que estava tomado como adquirido... Reflexos da distância, da Fé, da bolha, da bagagem, dos contrastes nas sensibilidades e reações. Volto à imagem do nosso lugar no Universo (partículas ínfimas a transformar, fazer parte e ser transformadas pelo Todo?). Volto a impressionar-me com o fenómeno da Existência, com o valor das pessoas, dos que me são particularmente queridos – como os pais, com a espetacularidade da natureza, a infinidade do Universo, com a transformação e continuidade da Vida. Apodera-se a paz e a Confiança (como pano de fundo).

Agora volto, um bocado assustada com o banho de realidade, de frenesim e de sobreposição de responsabilidades, papéis e relações com que gostava de partilhar o meu melhor. Já sei que há um período de adaptação/confusão e depois terei de engrenar noutra velocidade  
cruzeiro...

Ideias soltas

- A justaposição e peculiar equilíbrio entre a dinâmica de “estar bem onde estou”, que pelos vistos tanto me caracteriza, com o bichinho da vontade de IR, que implica mudança, na tentativa de numa vida viver muitas vidas.

- “O ser humano não é (nem de perto nem de longe) o centro do Universo...” – *Aonde pode levar conceber a realidade a partir daqui?*

- Sobre a confiança: “Só podemos ver o essencial com os olhos do coração e da fé” – *ouvi duas vezes e ficou a ressoar.*

Fico-me com reticências...



A via láctea - fotografia da Maria Corrêa Mendes



Apêndice E: Guião de dinamização de  
Sessão com Audiências Apreciativas – 1º  
estudo

## **Guião para a dinamização da Sessão com Audiências Apreciativas**

### INTRODUÇÃO

- Apresentar objectivos e estrutura
- Perguntar se podemos gravar
- Confidencialidade – definir em conjunto o que querem que fique no grupo e o que acham que deve ser levado lá para fora. Combinar no final.
- Dúvidas?
- Apresentação das pessoas
  - Dizer o nome e porque aceitaram participar na sessão

### ENTREVISTA À FAMÍLIA (CONTADORES)

#### 1. Conhecer como a família se formou e o seu dia-a-dia habitual

- Onde cresceram?
- Quando se conheceram? História da formação do casal?
- Rotina e tarefas/funções?
- Episódio divertido? Alguma coisa que se costumam rir uns com os outros.
- Melhor fase?
- O que consideram que a família tem de melhor? Quando pensam na vossa família, do que é que se orgulham mais?

#### 2. Superação de desafios/dificuldades

- Pensar numa fase difícil que tenham ultrapassado. (não precisam de contar qual foi)
- Como ultrapassaram?
- O que ajuda a manter a união e a força para fazer frente às adversidades? Como costumam ultrapassar? Que estratégias/soluções?
- Como é que normalmente olham para as adversidades, o que pensam sobre elas?
- O que têm aprendido? O que é que a experiência tem ensinado?
- Acham que se precisarem de apoio há/contam com pessoas com disponibilidade para ajudar?
- A quem recorrem quando precisam de ajuda? A quem recorreriam em primeiro lugar?
- Há algum tipo de apoio/ajuda que sintam que precisam e que actualmente não têm?

- O que consideram ser um apoio profissional/institucional de sucesso? (Já tiveram alguma experiência? Como foi?)
- Desejo (cada um pode formular um desejo)
- O que é preciso acontecer para se aproximarem da concretização desses desejos? Como podem alcançar os vossos objectivos?

### 3. Conjuntura actual/tempos atuais/crise

- Quais consideram ser as principais questões/preocupações a nível social e económico que afectam actualmente as famílias portuguesas?
- De que modo é que essas questões têm impacto na vossa família?
- Forças descobertas na adaptação?
- Oportunidades?

### 4. Valores familiares

- Que valores são mais importantes para a vossa família?
- Que talentos atribuiria a cada elemento da sua família? Perguntar a cada um.
- Lema familiar?
- Se as pessoas que vos conhecem vos pudessem definir com uma frase, o que diriam?
- Se pudesse transmitir a outros aquilo que considera mais importante acerca da sua vivência, o que seria?
- Como imagina a sua família daqui a uns anos?

## FEEDBACK AUDIÊNCIA

### 1. Atenção/expressão

- O que chamou mais a atenção/tocou?
- O que vos ocorreu/pensaram enquanto ouviam essas coisas?
- Como é que o que ouviram influenciou a maneira como olham para a família, como influenciou a ideia que fazem acerca deles?
- Imagem: Surge-vos alguma imagem que caracterize a ideia que fazem da família/aquilo que consideram que eles valorizam?



## 2. Ressonância Pessoal

- Ouvir a experiência da família levou-vos a refletir sobre a vossa própria vida?
- O que é que associaram à vossa vida? Especificar. Porquê?
- Que pontos em comum?
- Percepções novas?

## 3. Transporte

- O que é que essa nova compreensão/perspectiva pode acrescentar/ter acrescentado à vossa vida?
- O que gostariam de levar convosco/aplicar?

### *FEEDBACK DA FAMÍLIA (CONTADORES)*

- Como é que foi ouvir os comentários dos participantes?
- O que mais chamou a atenção?
- O que fez pensar acerca da vossa vida?
- Novas ideias/conclusões/perspectivas a que chegaram?

### CONVERSA INFORMAL

- Alguma coisa que gostassem de dizer e que ainda não tenham dito.
- O que acharam da experiência?
- O que levam desta sessão? O que foi mais marcante?
- Lanche



Apêndice F: Guião de entrevistas semi-  
estruturadas com participantes – 2º estudo

### **Entrevistas semi-estruturadas com participantes**

- Como conheceu o programa/instituição?
- Porque decidiu frequentá-lo e porque continua a participar?
- Como descreve a instituição?
- O que considera que funciona melhor?
- Quais considera as maiores vantagens de participar neste programa? A que níveis este projecto/instituição tem contribuído para a melhoria das suas condições de vida e de bem-estar?
- Acha que este programa tem influência na sua família e na comunidade em geral? De que maneira? Como é que tem influência?
- Que apoio recebe?
- Que mudanças identifica em si desde que começou a participar no projecto? A que atribui a origem das mudanças?
- Como imagina que teria sido a sua vida se não tivesse conhecido este projecto? Olhando para trás/5 anos, o que é que mudou?
- Quais são as suas principais necessidades/preocupações?
- Em que situações se sente mais participante neste projecto? De que maneira contribui?
- Como descreve os profissionais? E a relação que tem com eles?
- Que características mais valoriza num bom profissional?
- O que é para si um apoio eficaz?
- O que é que considera que poderia melhorar no projeto?
- O que é necessário acontecer para este apoio deixar de ser necessário e terminar?
- O que é que uma instituição deve ter para considerar que desenvolve um bom trabalho?
- Já sentiu orgulho por ver o seu nome associado a um projecto social? Quando é que sentiu algo parecido? Que características tem um projecto que o leve a sentir orgulho por fazer parte?





Apêndice G: Guião de entrevistas semi-  
estruturadas com profissionais – 2º estudo

### **Guião de entrevista semi-estruturada a profissionais**

- Se o projecto pudesse falar o que diria acerca de si mesmo?
- Em que princípios/pilares/valores em que assenta o vosso trabalho?
- Quais são os objectivos do vosso projecto? Qual é a vossa missão?
- Que traços destacaria mais se tivesse que descrever a vossa metodologia e forma de intervir?
- Como descreveria os indivíduos/famílias/comunidades que acompanha e apoia?
- Como definiria as relações que estabelecem no projecto – entre a equipa de trabalho e com as famílias que acompanham?
- Quais pensa serem os elementos-chave para o sucesso do vosso programa?
- O que considera que vos distingue relativamente a outros projectos de intervenção na mesma área?
- De que modo asseguram a sustentabilidade financeira do programa?
- Que “truques” transmitiriam a alguém que estivesse a montar um projecto semelhante ao vosso?
- Quais são as maiores dificuldades e constrangimentos? Como é feita a gestão?
- Como é que medem e como consideram que pode ser medido o sucesso e eficácia do programa?
- O que considera ser uma intervenção eficaz e uma intervenção de sucesso?





Apêndice H: Guião de dinamização de  
focus-groups – 2º estudo

### **Guião de dinamização de Focus Groups**

- Boas vindas – Agradecer a colaboração, explicando que estarão a beneficiar a investigação e a disseminação de boas-práticas
- Apresentar a estrutura do encontro e os propósitos da investigação e do Focus Group
- Informações, orientações e consentimentos (duração do encontro; distribuição equilibrada dos tempos de antena; procurar focar o tema; autorização gravação; consentimento informado; preenchimento questionário sociodemográfico)
- Perguntas e Respostas
  - Imaginem que este programa conseguia falar, o que diria acerca de si mesmo?
  - Como descreveriam os indivíduos/famílias/comunidades que acompanham e apoiam?
  - Como definiriam as relações que estabelecem no projecto – entre a equipa e com os participantes?
  - Podem dizer-me cinco aspetos positivos deste programa?
  - Desde que começaram a trabalhar neste programa, que lições têm aprendido?
  - Imaginem que estavam a convidar alguém para participar no projeto. O que lhe diriam?
  - Exemplos de casos que considerem bem-sucedidos?
  - Que conselhos dariam a uma equipa que pretendesse lançar um projecto de intervenção com famílias socialmente e economicamente vulneráveis?
- Resumo – o dinamizador sintetiza e devolve aos participantes o que emergiu no diálogo;
  - É um resumo adequado?
  - Gostariam de acrescentar alguma coisa?
- Encerrar a Sessão
  - Comentários finais?
  - Agradecer



# Apêndice I: Protocolo de Investigação – 3º estudo

## Protocolo de Investigação



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



investigação para a qual pedimos a sua colaboração realiza-se no âmbito do Doutoramento em Psicologia Clínica e Intervenção Familiar de Maria Minas, num programa interuniversitário entre as Faculdades de Psicologia das Universidades de Lisboa (UL) e Coimbra (UC), e do Mestrado Integrado em Psicologia de Rita Ferreira, da FPUL, ambos sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro.

Tem como principais objectivos identificar experiências e factores que promovem o desenvolvimento social de indivíduos, famílias, comunidades e programas, bem como conhecer e desenvolver estratégias de superação de pobreza, conexão social e bem-estar individual e coletivo.

Especificamente, com este questionário procuramos:

- Conhecer as perspectivas dos cidadãos portugueses em relação ao seu papel e posição na sociedade;
- Analisar a satisfação, sentido de comunidade e redes de apoio dos cidadãos portugueses;

A Fundação Portuguesa de Ciência e Tecnologia (FCT) considerou que esta investigação tem interesse nacional, pelo que a financiou.

Todo a investigação decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia, particularmente no que se refere à confidencialidade da informação recolhida.

A sua participação, através da resposta ao conjunto de questionários que se segue, é voluntária. A resposta a todas as questões deverá demorar cerca de 25 minutos.

Leia atentamente as instruções específicas de cada questionário e tenha sempre em conta que não existem respostas certas nem erradas. É a sua perspectiva que queremos conhecer.

Para preencher o questionário deverá ter idade igual ou superior a 18 anos.

É necessário que preencha todas as questões para que as suas respostas possam ser consideradas. Se necessitar de interromper o preenchimento do questionário, poderá guardar as suas respostas e continuar a responder mais tarde.

A sua participação é fundamental, pois vai permitir-nos conhecer as percepções dos cidadãos portugueses em relação a vários aspectos relevantes, o que permitirá, *a posteriori*, informar e fundamentar ações que visem o bem-estar individual e coletivo. Esperamos, também, que o facto de contribuir com o seu tempo e opiniões seja gratificante e uma oportunidade positiva de reflexão

Agradecemos muito o seu contributo.

Ao aceitar preencher os questionários que se seguem, declara que participa voluntariamente nesta investigação, da responsabilidade das investigadoras Maria Minas e Rita Ferreira, e que tomou conhecimento dos objectivos do estudo e do carácter anónimo e confidencial das respostas.

Aceito participar na investigação:      Sim ☐ Não ☐

## ESV

(Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985)

---

### Instruções:

De seguida, encontrará cinco afirmações, relativas ao modo como encara a sua vida, com as quais poderá concordar ou discordar. Usando a escala de 1 a 5 que se segue, indique o seu grau de acordo com cada item, fazendo um X na opção que melhor traduza a sua opinião.

---

1 – Discordo muito

2 – Discordo um pouco

3 – Não concordo nem discordo

4 – Concordo um pouco

5 – Concordo muito

	1	2	3	4	5
De muitas formas, a minha vida está próxima do meu ideal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As condições da minha vida são excelentes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estou satisfeito(a) com a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Até agora, tenho tido as coisas importantes que quero na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se pudesse viver de novo, não mudaria quase nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## EPS

(Cutrona e Russell, 1987)

---

### Instruções:

Ao responder ao próximo conjunto de questões, pense nas suas relações actuais. Usando a escala apresentada em baixo, faça um X no número que indica o grau de concordância relativamente à sua relação actual com essas pessoas, não contando com as pessoas que vivem consigo. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o





quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

**1 – Discordo fortemente**

**2 – Discordo**

**3 – Concordo**

**4 – Concordo fortemente**

	1	2	3	4
Há pessoas com as quais posso contar para me ajudarem se eu necessitar realmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto que não tenho relações próximas com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não há ninguém a que eu possa recorrer para me aconselhar em alturas de stress.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há pessoas que contam comigo caso precisem de ajuda.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há pessoas que apreciam as mesmas actividades sociais que eu.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras pessoas não me vêem como competente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto-me pessoalmente responsável pelo bem-estar de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto-me parte de um grupo de pessoas que partilham as minhas atitudes e crenças.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Penso que as outras pessoas não respeitam as minhas competências e capacidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se alguma coisa me corresse mal, ninguém me ajudaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho relações próximas que me dão um sentimento de segurança emocional e de bem-estar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há alguém com quem eu poderia falar acerca de importantes decisões na minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho relações nas quais a minha competência e habilidade são reconhecidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não há ninguém que partilhe os meus interesses e preocupações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não há ninguém que realmente conte comigo para o seu bem-estar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há uma pessoa digna de confiança a quem eu poderia recorrer para me aconselhar se estivesse a ter problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Sinto uma forte ligação emocional com pelo menos uma pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não há ninguém com quem eu possa contar para me ajudar se eu necessitar realmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não há ninguém com quem eu me sinta confortável a falar acerca dos meus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há pessoas que admiram os meus talentos e capacidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto falta de um sentimento de intimidade com outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não há ninguém que goste de fazer as coisas que eu faço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há pessoas com quem eu posso contar numa emergência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguém tem necessidade de que eu me preocupe com ele/ela.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### EBSC

(Peterson, Speer & McMillan, 2008)

#### Instruções:

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense numa comunidade da qual faça parte (e.g. bairro, grupo desportivo, grupos culturais ou de fé). Usando a escala apresentada em baixo, faça um X no número que indica o grau de concordância relativamente à sua actual relação com a comunidade em que pensou, excluindo as pessoas que vivem consigo. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

**1 – Discordo fortemente**

**2 – Discordo**

**3 – Concordo**

**4 – Concordo fortemente**

	1	2	3	4
Consigo obter o que necessito nesta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esta comunidade ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Sinto-me como um membro desta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pertenço a esta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se quiser posso colaborar com o que se passa nesta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas desta comunidade influenciam-se umas às outras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto-me ligado(a) a esta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho bons laços com outros nesta comunidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

### ENCEI

(Gilbert, P., Broomhead, C., Irons, C., McEwan, K., Bellew, R.,  
Mills, A., Gale, C., & Knibb, R., 2007)

#### Instruções:

Tendo em conta a escala que apresentamos de seguida, responda ao próximo conjunto de questões fazendo um círculo no número que corresponde à frequência com que se identifica com cada afirmação. Por exemplo, se considerasse que nunca pensa que “para ser valorizado tenho de lutar para ser bem-sucedido”, assinalaria 0 no item 1.

Nunca 0 1 2 3 4 Sempre

	0	1	2	3	4
Para ser valorizado pelos outros tenho de lutar para ser bem-sucedido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se cometer erros sei que as outras pessoas continuarão a gostar de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A vida é uma competição.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas julgam-me pelo bom desempenho que tenho, em comparação com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ganhe ou perca, as pessoas aceitam-me de qualquer maneira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nunca senti que o meu lugar na sociedade estivesse seguro, por isso tenho de lutar para mostrar que sou digno dele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros vão aceitar-me mesmo que eu falhe.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Tenho que conseguir o que os outros conseguem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas aceitam-me sem me compararem com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se não me esforçar para ser bem-sucedido, vou ser deixado para trás (ultrapassado) por toda a gente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quer seja bem-sucedido ou falhe, as pessoas valorizam-me sempre enquanto pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas comparam-me com os outros para ver se estou à altura deles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Preocupo-me com a possibilidade de falhar, pois isso significa que não sou capaz de acompanhar e competir com os outros ao longo da vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Luto para conseguir coisas de forma a que os outros não me vejam como inferior.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se falhar em alguma coisa, sei que as outras pessoas me vão ajudar a tentar novamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A aceitação é algo que tem que se fazer por merecer e pela qual se tem que competir com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Para subir na vida, tenho de competir com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se eu não estiver à altura na aparência e no desempenho, os outros vão ignorar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se não me esforçar para ter êxito, serei visto como inferior em comparação com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas que não conseguem competir são vistas como fracas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mesmo que seja bem-sucedido os outros nunca consideram que é suficiente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas aceitam-me quer eu tenha ou não sucesso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ser competitivo dá-me o direito de viver.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros têm que ver o meu sucesso, caso contrário, ele não serve de nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Somos amados por aquilo que somos, e não por aquilo que alcançamos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ganha-se respeito a superar os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Só competindo e acompanhando o ritmo dos outros é que não vou ser deixado para trás.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

---

**Instruções:**

Gostaríamos agora de conhecer os motivos pelos quais as pessoas se sentem sob pressão para competir. Seguidamente estão uma série de questões que o avaliam, cada uma começando com "Se não competir com os outros para ter sucesso...". Por favor, faça um círculo no número que melhor descrever o grau em que concorda ou discorda de cada afirmação.

---

*Se não competir com os outros para ter sucesso...*

**Não Concordo   1   2   3   4   5   6   7   8   9   10   Concordo Completamente**

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Não vou avançar na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vou deixar escapar oportunidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vou ficar atrás dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas não vão reparar em mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas não se vão interessar muito por mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas vão passar por cima de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas vão esquecer-se de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros vão rejeitar-me activamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros vão afastar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros vão criticar-me e envergonhar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros vão fazer de tudo para me excluir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

---

**Instruções:**

Responda ao próximo conjunto de questões, fazendo um círculo no número que melhor indica a frequência com que se identifica com cada afirmação. Por exemplo, se



Antipático	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Mais simpático
Rejeitado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Aceite
Diferente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Igual
Sem talento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Mais talentoso
Mais fraco	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Mais forte
Inseguro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Mais seguro
Indesejável	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Mais desejável
Não atraente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Mais atraente
Um desajustado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Um ajustado

### OAS

(Goss, Gilbert, & Allan, 1994)

#### Instruções:

Esta escala tem como objectivo perceber o que as pessoas pensam acerca do modo como os outros as vêem. De seguida é apresentada uma lista de afirmações que descrevem sentimentos ou experiências referentes à forma como sente que os outros a vêem (visão que os outros têm de si). Leia atentamente cada uma das afirmações, e assinale com um X o número que indica a frequência com que sente ou experiencia o que está descrito na frase.

Nunca	Raramente	As vezes	Frequentemente	Quase sempre
0	1	2	3	4

	0	1	2	3	4
Sinto que as outras pessoas não me vêem como sendo suficientemente bom/boa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Penso que as pessoas me desprezam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras pessoas deitam-me muitas vezes abaixo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto-me inseguro(a) acerca das opiniões dos outros sobre mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



As outras pessoas olham-me como se eu não estivesse à altura deles (as).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras pessoas vêem-me como se eu fosse pequeno(a) e insignificante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras pessoas vêem-me como se eu fosse uma pessoa defeituosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas vêem-me como pouco importante em relação aos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras pessoas procuram os meus defeitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas vêem-me a lutar pela perfeição mas acham que não serei capaz de alcançar os meus objectivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acho que os outros são capazes de ver os meus defeitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros criticam-me ou punem-me quando eu cometo um erro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As pessoas afastam-se de mim quando eu cometo erros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras pessoas lembram-se sempre dos meus erros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros vêem-me como sendo frágil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros vêem-me como sendo vazio(a) e insatisfeito(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os outros pensam que há qualquer coisa que falta em mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As outras pessoas pensam que eu perdi o controlo do meu corpo e dos meus sentimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DC

---

#### Instruções:

De seguida, encontrará dez afirmações, relativas ao modo como encara a sua vida, com as quais poderá concordar ou discordar. Usando a escala de 1 a 5 que se segue, indique o seu grau de acordo com cada item, fazendo um X na opção que melhor traduza a sua opinião.

---

**1 – Discordo muito**

**2 – Discordo um pouco**

**3 – Não concordo nem discordo**

4 – Concordo um pouco

5 – Concordo muito

	1	2	3	4	5
Pretendo dedicar a minha vida a uma causa social.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procuro ter um impacto positivo nos outros e na sociedade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procuro ajudar as pessoas mais necessitadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dedico a maior parte das minhas energias a cuidar da minha família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contribuir para o bem-estar das outras pessoas é importante para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Procuro que as minhas acções tenham um impacto positivo nos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pretendo contribuir para a construção de um mundo justo e pacífico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Para mim, ajudar os outros é uma prioridade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participar e contribuir para a sociedade não fazem parte dos meus principais propósitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acredito que cada pessoa deve resolver os seus problemas sozinha.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

---

Para terminar, pedimos-lhe que preencha o seguinte questionário sócio-demográfico.

Obrigado pela sua colaboração.

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

3. Nacionalidade: \_\_\_\_\_

4. Estado Civil: Solteiro ☐ União de Facto ☐ Casado ☐  
Separado ☐ Divorciado ☐ Viúvo ☐

5. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

☐ Menos que o 9º ano ou equivalente ☐ 9º ano ou equivalente  
☐ 12º ano ou equivalente ☐ Ensino superior ☐ Mestr. /Dout.

6. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos? \_\_\_\_\_

Tem filhos? \_\_\_\_\_ Se sim, quantos filhos tem? \_\_\_\_\_

7. Profissão \_\_\_\_\_

8. Dentro das seguintes alíneas, avalie o seu nível económico:

Alto ☐ Médio Alto ☐ Médio ☐ Médio Baixo ☐ Baixo ☐

9. Indique em que distrito ou região autónoma reside \_\_\_\_\_

10. Em que actividades participa actualmente?

☐ Voluntariado ☐ Actividades Desportivas ☐ Escuteiros ☐ Actividades  
relacionadas com a sua religião ☐ Actividades Comunitárias ☐ Nenhuma  
☐ Outra



## Apêndice J: Prova de aceitação de manuscrito 1

## Your Submission ORT-2016-1488R2 - [EMID:4df7a9b2fe8d7637]



Entrada x



**William Spaulding** <em@editorialmanager.com>

para mim



07/11/2016



inglês ▾



português ▾

Traduzir mensagem

Desativar para: inglês x

CC: [wspaulding1@unl.edu](mailto:wspaulding1@unl.edu), [wspaulding@neb.nr.com](mailto:wspaulding@neb.nr.com), [mteresaribeiro@psicologia.ulisboa.pt](mailto:mteresaribeiro@psicologia.ulisboa.pt), [janglin@uvic.ca](mailto:janglin@uvic.ca)

ORT-2016-1488R2

Trajectories on the Path to Reciprocity - A Theoretical Framework for Collaborating with Socio-Economically Disadvantaged Communities  
American Journal of Orthopsychiatry

Dear Mrs. Minas,

I am pleased to tell you that your work has now been accepted for publication in *American Journal of Orthopsychiatry*.


It was accepted on 11/07/2016

APA has a number of required publication forms regarding copyright, conflict of interest, and other matters. You will receive an email from DocuSign requesting electronic signatures for your publication forms. These forms must be signed by all authors prior to your manuscript entering production. If you have questions about this process, please contact manuscript coordinator Sharon Crout at [scrout@clemson.edu](mailto:scrout@clemson.edu).



## Apêndice K: Prova de submissão de manuscrito 2




**Journal of Community & Applied Social Psychology**
<onbehalfof+Orla.Muldoon+ul.ie@i
22 de fev
☆
↶
↷

para mim
▼

inglês
▼
>
português
▼
Traduzir mensagem
Desativar para: inglês
×

22-Feb-2017

Dear Miss Minas,

Your manuscript entitled "Building reciprocity: From safety net to social transformation programs" has been successfully submitted online and is presently being given full consideration for publication in Journal of Community & Applied Social Psychology.

Your manuscript number is CASP-17-038. Please mention this number in all future correspondence regarding this submission.

You can view the status of your manuscript at any time by checking your Author Center after logging into <https://mc.manuscriptcentral.com/casp>. If you have difficulty using this site, please click the 'Get Help Now' link at the top right corner of the site.

Thank you for submitting your manuscript to Journal of Community & Applied Social Psychology.

Sincerely,

Journal of Community & Applied Social Psychology Editorial Office



## Apêndice L: Prova de aceitação de manuscrito 3

11-Oct-2017

Dear Dr. Minas:

Ref: Building Reciprocity: The Dialectic Processes of Creating a Grounded Theory and the Emergence of a Theoretical Framework

Our referees have now considered your paper and have recommended publication in Qualitative Research in Psychology. I had some problems engaging appropriate reviewers but in the end the single review I received came from a very prestigious figure in the qualitative psychology community and, as you can see from the review below, they were very impressed by the quality of the manuscript. I am happy to concur with their recommendation that we accept the paper in its current form and I will now be forward it to the publisher for copy editing and typesetting.

You will receive proofs for checking, and instructions for transfer of copyright in due course.

The publisher also requests that proofs are checked and returned within 48 hours of receipt.

Thank you for your contribution to Qualitative Research in Psychology and we look forward to receiving further submissions from you.

Sincerely,

Dr. David Giles  
University of Winchester

Editor, Qualitative Research in Psychology  
[David.Giles@winchester.ac.uk](mailto:David.Giles@winchester.ac.uk)

Reviewer(s)' Comments to Author:

Reviewer: 1

Comments to the Author

This is a well written and detailed paper that presents a comprehensive insight both to the use of GT and how outcomes are reached. The paper illustrates well the need and challenges of paying careful attention to detail throughout every stage of the process, and highlights very well the value of memoing and personal reflection. I have no suggestions for further strengthening it apart from perhaps putting in a few more paragraphs to break up the density of the text! The style and structure in which it is presented does credit to the content and should be very useful to both novice and experienced researchers embarking or considering embarking on GT studies. The Tables are a useful addition that help to illustrate the process and the GT development.

There are now over 1050 Taylor & Francis titles available on our free table of contents alerting service! To register for this free service visit: [www.informaworld.com/alerting](http://www.informaworld.com/alerting).

*This page lists key information and actions that are required for publication. Other options you may need for this article are listed in the "Additional Actions" area (top right tab).*

**Building reciprocity: the dialectic processes of creating a grounded theory and the emergence of a theoretical framework**  
(ID: 1392669 DOI:10.1080/14780887.2017.1392669)

Journal: Qualitative Research in Psychology (Download Current Citation: [RIS](#) [BibTex](#))

Authors: Maria Minas ([ORCID-0000-0002-9901-073X](#)) , James Anglin & Maria Ribeiro ([ORCID-0000-0002-8314-205X](#)) 



**Your Author Publishing Agreement is complete. You may click the button to access a copy of the agreement.**

**This article is not yet ready for Proofreading. Please check back 02 Nov 2017**

Download

The Production Editor for this journal is John Beeler. ([Contact Production Editor.](#))



Apêndice M: Prova de submissão de  
manuscrito 4

## Re: Article general submission to the Journal of Systemic Therapies



Entrada x



**Jim Duvall** <jimduvall@jstinstitute.com>  
para mim, Pat ▾

20 de jul ☆



inglês ▾



português ▾

[Traduzir mensagem](#)

[Desativar para: inglês](#)

Maria,

This will confirm receipt of your manuscript. It will be sent for reviews soon and should return in approximately 6-8 weeks with the reviewers responses and recommendations. We will contact you at that time.

Thank you for choosing *Journal of Systemic Therapies* for the publication of your paper.

Best regards,

Jim Duvall



Jim Duvall M.Ed., R.S.W.  
CO-DIRECTOR AND EDITOR

---

**JST INSTITUTE**

Home of Journal of Systemic Therapies





Apêndice N: Prova de submissão de  
manuscrito 5

# SOCIAL WORK RESEARCH

**A JOURNAL OF THE NATIONAL ASSOCIATION OF SOCIAL WORKERS**

MANUSCRIPT HOME	AUTHOR INSTRUCTIONS	REVIEWER INSTRUCTIONS	HELP	JOURNAL HOME	LOGOUT
-----------------	---------------------	-----------------------	------	--------------	--------

Manuscript #	SWR-0861-17
Current Revision #	0
Submission Date	2017-10-06 04:18:59
<a href="#">Current Stage</a>	Initial QC Started
Title	Social and Community Program Approaches to Participants: Exploring Best Practices
Manuscript Type	Regular Article
Special Issue	N/A
Corresponding Author	Mrs. Maria Minas (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa)
Contributing Authors	Dr. Maria Teresa Ribeiro , Dr. James P. Anglin
Abstract	<p>This article presents the study of 15 international programs across 9 countries identified as good practices in the collaboration with socioeconomic disadvantaged communities. The best practices recognized by participants, community leaders and professionals are identified and described. Data collection involved in loco observation, semi-structured interviews with participants and professionals, and focus groups with professionals. Thematic analysis was the method chosen to analyze the data. Associated with the best practices, two central perspectives adopted by programs to approach participants were identified: approaching participants as users and approaching participants as contributors. Such approaches were intersected with the best practices and outcomes identified throughout the analysis. Analysis showed that valuing, facilitating the access to resources, showing availability, promoting competences and openness as the best practices associated with approaching participants as users and the main outcome achieved by such programs was participants' improved self-confidence. Respecting programs that approach participants as contributors, participants contributing, encouraging participation, valuing, participants becoming masters and reciprocity were the best practices identified and having an impact was the main outcome achieved by these programs.</p>
Editor In Chief	Not Assigned
Keywords	Best practices, Outcomes, Programs, Users, Contributors
Subject Areas	Community Based Participatory, Community Organization, Evaluation/Program, Family Strengthening, Participants Observation, Practice, Social Development



## Apêndice O: Prova de submissão de manuscrito 6



#### User

You are logged in as...  
**mariaminas**

- [My Profile](#)
- [Log Out](#)

#### Journal Content

Search

Search Scope

Search

Browse

- [By Issue](#)
- [By Author](#)
- [By Title](#)

#### Information

- [For Readers](#)
- [For Authors](#)

# Psychology, Community & Health

[Home](#) [About](#) [User Home](#) [Search](#) [Current](#) [Archives](#)

[Home](#) > [User](#) > [Author](#) > [Active Submissions](#)

## Active Submissions

**ACTIVE** [ARCHIVE](#)

<a href="#">ID</a>	<a href="#">MM-DD SUBMIT</a>	<a href="#">SEC</a>	<a href="#">AUTHORS</a>	<a href="#">TITLE</a>	<a href="#">STATUS</a>
256	09.10.17	EMP_ART	Minas, Ribeiro, Anglin	BOAS PRÁTICAS DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E SOCIAL	Awaiting assignment

1 - 1 of 1 Items

### Start a New Submission

[CLICK HERE](#) to go to step one of the five-step submission process.



ISSN: 2182-438X

[Contact](#)

[Legal Notice](#)



## Apêndice P: Prova de submissão de manuscrito 7



Display 10 ▼ results per page.

Page: 1 of 1 (1 total submissions)



## Apêndice Q: Prova de submissão de manuscrito 8

## Submission Confirmation for ORT-2016-1591R3 - [EMID:a624c2c62f59249e]



Entrada x



**American Journal of Orthopsychiatry** <em@editorialmanager.com>

para mim ▾

5 de jul ☆



inglês ▾



português ▾

Traduzir mensagem

Desativar para: inglês x

Ref.: Ms. No. ORT-2016-1591R3

ComParte: A Social Program Rooted in the Dynamics of Reciprocity

Dear Mrs. Minas,

American Journal of Orthopsychiatry has received your revised submission.

You may check the status of your manuscript by logging onto Editorial Manager at (<http://ort.edmgr.com/>).

Kind regards,

APA asks that you please take a moment to give us your feedback on the submission process, by completing a short survey, available at <http://goo.gl/forms/vkXxacF4Jk>.